



O Brasil possui 1.834 espécies de aves e encontra-se entre os três países do mundo com a maior riqueza de avifauna. Destas, 234 ocorrem exclusivamente em território brasileiro. Do total de espécies de aves que ocorrem no país, 160 constam na Lista Oficial da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção, sendo 15 destas passeriformes ameaçados de extinção registrados nos Campos Sulinos e Espinilho.

Os Campos Sulinos são ecossistemas naturais com alta diversidade de espécies vegetais e animais. São os campos dos biomas Pampa e Mata Atlântica que se estendem sobre amplas regiões do Brasil, Uruguai e Argentina.

É responsabilidade do governo brasileiro, por intermédio do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), o desenvolvimento de estratégias para conhecer e proteger esta riqueza, além de recuperar aquelas espécies ameaçadas de extinção, por meio de diversas medidas, incluindo a elaboração e execução de planos de ação, conforme estabelecido pela Portaria ICMBio nº 78/2009 e pela Portaria Conjunta MMA e ICMBio nº 316/2009.

No Plano de Ação Nacional para Conservação dos Passeriformes Ameaçados dos Campos Sulinos e Espinilho - PAN Campos Sulinos e Espinilho - foram incluídas 22 espécies, sendo que 15 destas são consideradas ameaçadas, entre as quais, cinco consideradas Criticamente em Perigo e 10 delas encontram-se dependentes de estratégias de conservação para a manutenção de suas populações.

O Cardeal-amarelo merece destaque entre estas espécies por sua diminuta população no ambiente natural e necessidade de um Programa de Cativeiro. Ressalto ainda que este PAN consiste no esforço integrado, nacional e internacionalmente, para a conservação de aves dos campos naturais na América do Sul fomentado por meio do “Memorandum de Entendimiento sobre la Conservación de Especies de Aves Migratorias de Pastizales del sur de Sudamerica y de sus Habitats” estabelecido no âmbito da Convenção sobre Espécies Migratórias (CMS).

MARCELO MARCELINO DE OLIVEIRA  
Diretor de Pesquisa, Avaliação e Monitoramento da Biodiversidade

## PLANO DE AÇÃO NACIONAL PARA A CONSERVAÇÃO DOS PASSERIFORMES AMEAÇADOS DOS CAMPOS SULINOS E ESPINILHO

### COLABORAÇÃO



### APOIO



### REALIZAÇÃO



Série Espécies Ameaçadas nº 31



# PLANO DE AÇÃO NACIONAL PARA A CONSERVAÇÃO DOS PASSERIFORMES AMEAÇADOS DOS CAMPOS SULINOS E ESPINILHO

Presidenta  
DILMA ROUSSEFF

Vice-Presidente  
MICHEL TEMER

## MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE

Ministra  
IZABELLA MÔNICA TEIXEIRA

Secretário de Biodiversidade e Florestas  
ROBERTO BRANDÃO CAVALCANTI

Diretor do Departamento de Conservação da Biodiversidade  
CARLOS ALBERTO DE MATTOS SCARAMUZZA

## INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE

Presidente  
ROBERTO RICARDO VIZENTIN

Diretor de Pesquisa, Avaliação e Monitoramento da Biodiversidade  
MARCELO MARCELINO DE OLIVEIRA

Coordenador Geral de Manejo para Conservação  
UGO EICHLER VERCILLO

Coordenadora de Planos de Ação Nacionais  
FÁTIMA PIRES DE ALMEIDA OLIVEIRA

Coordenador do Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Aves Silvestres  
JOÃO LUIZ XAVIER DO NASCIMENTO

### INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE

Diretoria de Pesquisa, Avaliação e Monitoramento da Biodiversidade  
Coordenação Geral de Manejo para Conservação  
EQSW 103/104 – Centro Administrativo Setor Sudoeste – Bloco D – 1º andar  
CEP 70670-350 – Brasília/DF – Tel: 61 3341-9055 – Fax: 61 3341-9068

[www.icmbio.gov.br](http://www.icmbio.gov.br)



# PLANO DE AÇÃO NACIONAL PARA A CONSERVAÇÃO DOS PASSERIFORMES AMEAÇADOS DOS CAMPOS SULINOS E ESPINILHO

Série Espécies Ameaçadas nº 31

**ORGANIZADORA**  
PATRICIA PEREIRA SERAFINI

## **AUTORES DOS TEXTOS**

CLAITON MARTINS-FERREIRA  
GLAYSON ARIEL BENCKE  
CARLA SUERTEGARAY FONTANA  
RAFAEL ANTUNES DIAS  
MÁRCIO REPENNING  
RODRIGO VARGAS DAMIANI  
GIOVANNI NACHTIGALL MAURICIO  
ANDROS TAROUÇO GIANUCA  
ISMAEL FRANZ  
CRISTIANO EIDT ROVEDDER  
MARILISE MENDONÇA KRÜGEL

ADRIAN EISEN RUPP  
JEFERSON VIZENTIN-BUGONI  
CRISTIAN MARCELO JOENCK  
BIANCA LUIZA REINERT  
FERNANDO COSTA STRAUBE  
MAURICIO DA SILVEIRA PEREIRA  
MARCOS RICARDO BORNSCHEIN  
DAYSE DIAS  
BIANCA PINTO VIEIRA  
PATRICIA PEREIRA SERAFINI

BRASÍLIA, 2013

# PLANO DE AÇÃO NACIONAL PARA A CONSERVAÇÃO DOS PASSERIFORMES AMEAÇADOS DOS CAMPOS SULINOS E ESPINILHO

## ORGANIZAÇÃO DO DOCUMENTO

Patricia Pereira Serafini

## REVISÃO TÉCNICA

Claiton Martins-Ferreira  
Glayson Ariel Bencke  
Rafael Antunes Dias  
Fátima Pires de Almeida Oliveira  
Marcelo Reis  
Ugo Eichler Vercillo

## PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO

Raimundo Aragão Júnior

## CATALOGAÇÃO E NORMALIZAÇÃO BIBLIOGRÁFICA

Thais Moraes

## SUPERVISÃO TÉCNICA E REVISÃO FINAL

Núbia Cristina B. da Silva Stella  
Mariana Batista Silveira  
Fátima Pires de Almeida Oliveira  
Patricia Pereira Serafini

## FOTOS GENTILMENTE CEDIDAS

Adriano Becker  
Andrew Whittaker  
Andros Tarouco Gianuca  
Carla Suertegaray Fontana  
Glayson Ariel Bencke  
Ismael Franz  
Márcio Repenning  
Rafael Bessa  
Ricardo Zig Koch Cavalcanti  
Rodrigo Vargas Damiani

## MAPAS

Camile Lugarini  
Manuella Andrade de Souza

## CAPA

Kitty Harvill

## APOIO

Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento/PNUD e Projeto PROBIO II/MMA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP  
Bibliotecária responsável: Thais Moraes CRB-1/1922

Plano de ação nacional para a conservação dos passeriformes ameaçados dos campos sulinos e espinilho / Claiton Martins-Ferreira ... [et al.]; organizadora Patricia Pereira Serafini. – Brasília : Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, ICMBio, 2013.

212 p. : il. color. ; 21 cm. (Série Espécies Ameaçadas, 31)

Conteúdo: Claiton Martins-Ferreira – Glayson Ariel Bencke – Carla Suertegaray Fontana – Rafael Antunes Dias – Márcio Repenning – Rodrigo Vargas Damiani – Giovanni Nachtigall Mauricio – Andros Tarouco Gianuca – Marilise Mendonça Krügel – Ismael Franz – Cristiano Eidt Rovedder – Adrian Eisen Rupp – Mauricio da Silveira Pereira – Jeferson Vizontin-Bugoni – Cristian Marcelo Joenck – Fernando Costa Straube – Bianca Luiza Reinert – Marcos Ricardo Bornschein – Dayse Dias – Bianca Pinto Vieira – Patricia Pereira Serafini.

ISBN: 978-85-61842-50-5

1. Preservação, espécie. 2. Abrangência, mapa. 3. Conservação, espécie. 4. Espécies, Brasil. 5. Ameaça, espécies  
I. Título. II. Série.

CDD – 591

## INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE

Diretoria de Pesquisa, Avaliação e Monitoramento da Biodiversidade  
Coordenação Geral de Manejo para a Conservação  
EQSW 103/104, Centro Administrativo, Setor Sudoeste - Bloco D 1º andar  
CEP 70670-350 - Brasília/DF – Tel: 61 3341-9055 – Fax: 61 3341-9068  
<http://www.icmbio.gov.br>  
Impresso no Brasil



# APRESENTAÇÃO

Além de abrigar espécies ameaçadas e migratórias de passeriformes, os campos naturais garantem serviços ambientais importantes, como a conservação de recursos hídricos, a disponibilidade de polinizadores, e o provimento de recursos genéticos. Além disso, têm sido a principal fonte forrageira para a pecuária, abrigam alta biodiversidade e oferecem beleza cênica com potencial turístico importante. A sua conservação, porém, tem sido ameaçada pela conversão em culturas anuais e silvicultura e pela degradação associada à invasão de espécies exóticas e uso inadequado. A biodiversidade e as formas de produção sustentável praticadas sobre os campos naturais no Brasil ainda são pouco conhecidas pelo conjunto da sociedade.

O Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade/ICMBio, nos termos da Portaria Conjunta ICM-MMA nº 316/2009, utiliza os Planos de Ação Nacionais como instrumento da Política Nacional de Biodiversidade visando a conservação de espécies ameaçadas. A Portaria nº 78/2009 do ICMBIO, que dá atribuição aos seus centros de pesquisa e conservação para coordenarem Planos de Ação, e a Instrução Normativa nº 25, de 12 de abril de 2012, estabelecem uma estratégia para elaboração, aprovação, publicação, implementação, monitoria, avaliação e revisão de Planos de Ação nacionais para conservação de espécies ameaçadas de extinção, envolvendo parceiros externos. Estes se responsabilizam pela elaboração e consolidação de informações sobre as espécies e identificação das ameaças e, em oficinas de planejamento participativo, constroem o Plano de Ação Nacional – PAN num acordo coletivo, com diversos parceiros, pactuando-se as ações factíveis necessárias para reduzir as ameaças às espécies, num prazo pré-determinado.

O presente livro oferece à comunidade acadêmica, aos agentes públicos, aos produtores rurais e pecuaristas, às organizações ambientalistas e aos demais interessados uma visão integrada para a conservação das espécies ameaçadas e seus ambientes através de ampla contextualização do Plano de Ação Nacional para a Conservação dos Passeriformes Ameaçados dos Campos Sulinos e Espinilho (PAN Campos Sulinos).

Este documento referência possui duas partes primordiais, uma síntese dos aspectos biológicos e ameaças; e o planejamento pactuado nas oficinas para minimizar estas ameaças (planilha construída com parceiros e colaboradores), incluindo a forma de monitoria de execução do plano (planilha de metas). Todo o livro foi construído buscando a incorporação do planejamento estratégico e operacional durante o processo de elaboração do PAN, com indicação do patamar de mudança do estado de conservação das espécies e indicação clara dos cenários desejáveis; registra também o processo de acordo coletivo e identificação de responsabilidades dos atores envolvendo os tomadores de decisão e setores interessados além de contextualizar a relação causal entre objetivo, metas e ações factíveis com a determinação de indicadores que serão os parâmetros de aferição do alcance do patamar estabelecido e dos procedimentos necessários para o efetivo monitoramento da implementação do Plano de Ação.

Além disso, a implementação do PAN Campos Sulinos e a publicação deste livro também representa o resultado do diálogo e de um esforço integrado, nacional e internacionalmente, para a conservação de aves dos campos naturais na América do Sul, que foi fomentado através do “*Memorandum de Entendimiento sobre la Conservación de Especies de Aves Migratorias de Pastizales del sur de Sudamerica y de sus Habitats*” no âmbito da Convenção sobre a Conservação das Espécies Migratórias Pertencentes à Fauna Selvagem - CMS. Atualmente, representantes da Argentina, Paraguai, Uruguai, Bolívia e Brasil se dedicam a implementar as ações constantes de um Plano de Ação Internacional elaborado conjuntamente e aprovado em 2010. O PAN Campos Sulinos representa o compromisso do Brasil em dar continuidade a estas ações pactuadas internacionalmente.

Esperamos que a disponibilização das informações consolidadas neste livro, assim como a implementação das ações prioritárias nele detalhadas, contribuam para incrementar e manter a integridade dos ecossistemas campestres e demais serviços ambientais, incluindo a manutenção das espécies ameaçadas de aves que estes ambientes abrigam.

Roberto Ricardo Vizentin  
Presidente do ICMBio





# SUMÁRIO

Apresentação.....	5
Lista de Siglas e Abreviaturas.....	8
Lista de Figuras .....	11
Lista de Tabelas.....	14
PARTE I – INFORMAÇÕES GERAIS.....	15
1 - O Plano de Ação.....	17
1.1- Histórico.....	17
1.2- Conceitos e Contextualização .....	18
2 - Espécies Ameaçadas .....	19
2.1 - Mapas de Abrangência do PAN Campos Sulinos e Espinilho.....	20
3 - Os Ambientes e as Unidades de Conservação que abrigam as espécies deste PAN .....	23
3.1- Campos Sulinos e Espinilho.....	23
4- Dificuldades e Objetivos.....	27
5 - Os Táxons .....	29
6 - Ameaças e Vetores de Pressão Compartilhados.....	124
PARTE II – PLANO DE CONSERVAÇÃO .....	127
1 - Planejamento Participativo do PAN Passeriformes Campos Sulinos e Espinilho .....	129
2 - Matriz de Planejamento.....	135
3 - Matriz de Metas.....	151
4 - Estratégias para a conservação do cardeal-amarelo ( <i>Gubernatrix cristata</i> ).....	154
PARTE III - IMPLEMENTAÇÃO DO PLANO.....	155
1- Estratégias de Monitoramento e Avaliação da Implementação do Plano de Ação ....	157
2- Matriz de Monitoria.....	159
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	177
ANEXOS.....	187
Programa de Cativeiro do Cardeal-amarelo.....	188
Portaria nº 78, de 3 de setembro de 2009 .....	190
Portaria conjunta MMA e ICMBIO nº 316, de 9 de setembro de 2009.....	194
Portaria nº 21, de 17 de fevereiro de 2012 .....	196
Portaria de 02 de março de 2012 – Grupo Assessor do PAN Campos Sulinos e Espinilho .....	198
Instrução Normativa nº 22, de 27 de março de 2012.....	199
Instrução Normativa nº 25, de 12 de abril de 2012.....	206



## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

<b>AGEFLOR</b>	Associação Gaúcha de Empresas Florestais
<b>AM</b>	Amazonas
<b>AP</b>	Amapá
<b>APA</b>	Área de Proteção Ambiental
<b>APP</b>	Área de Preservação Permanente
<b>APROPAMPA</b>	Associação dos Criadores de Gado
<b>BA</b>	Bahia
<b>BPAMB/PM PR</b>	Batalhão de Polícia Ambiental/Polícia Militar do Paraná
<b>BPMA/SC</b>	Batalhão de Polícia Militar Ambiental de Santa Catarina
<b>CABM</b>	Comando Ambiental da Brigada Militar
<b>CBRO</b>	Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos
<b>CCS</b>	Campos de Cima da Serra
<b>CEMAVE</b>	Centro Nacional de Pesquisa e Conservação das Aves Silvestres
<b>CETAS</b>	Centro de Triagem de Animais Silvestres
<b>CITES</b>	Convenção sobre o Comércio Internacional das Espécies da Flora e da Fauna Selvagens em Perigo de Extinção
<b>CMS</b>	Convenção sobre a Conservação das Espécies Migratórias Pertencentes à Fauna Selvagem
<b>CGESP</b>	Coordenação Geral de Espécies Ameaçadas
<b>CGFIS</b>	Coordenação Geral de Fiscalização
<b>CNPq</b>	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
<b>COEFA</b>	Coordenação de Gestão do Uso de Espécies da Fauna
<b>COFAU</b>	Coordenação de Gestão do Uso de espécies de Fauna
<b>COIMP</b>	Coordenação de Avaliação de Impactos Ambientais
<b>CONAMA</b>	Conselho Nacional do Meio Ambiente
<b>CONICET</b>	Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (Argentina)
<b>CPLAM</b>	Coordenação de Elaboração e Revisão de Plano de Manejo
<b>CR</b>	Coordenação Regional
<b>COPAN</b>	Coordenação de Planos de Ação Nacionais de Espécies Ameaçadas
<b>DBFLO</b>	Diretoria de Uso Sustentável da Biodiversidade e Florestas do IBAMA
<b>DEFAP</b>	Departamento de Floresta e Áreas Protegidas do Estado do Rio Grande do Sul
<b>DEMAPH</b>	Delegacia de Repressão a Crimes Contra o Meio-Ambiente e Patrimônio Histórico
<b>DF</b>	Distrito Federal
<b>DIBIO</b>	Diretoria de Pesquisa, Avaliação e Monitoramento da Biodiversidade
<b>DIREP</b>	Diretoria de Criação e Manejo de Unidades de Conservação
<b>DILIC</b>	Diretoria de Licenciamento Ambiental



<b>DIPRO</b>	Diretoria de Proteção
<b>DNIT</b>	Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes
<b>DPF</b>	Departamento de Polícia Federal
<b>EMATER</b>	Instituto de Assistência Técnica e Extensão Rural
<b>EMBRAPA</b>	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
<b>ES</b>	Espírito Santo
<b>FARSUL</b>	Federação da Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul
<b>FATMA</b>	Fundação do Meio Ambiente de Santa Catarina
<b>FEPAM</b>	Fundação Estadual de Proteção Ambiental Henrique Luis Roessler
<b>FLONA</b>	Floresta Nacional
<b>FNMA</b>	Fundo Nacional de Meio Ambiente
<b>FZB RS</b>	Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul
<b>FURB</b>	Fundação Universidade Regional de Blumenau
<b>GEEPAA-RS</b>	Grupo Especial de Estudo e Proteção do Ambiente Aquático do Rio Grande do Sul
<b>GO</b>	Goiás
<b>IAP</b>	Instituto Ambiental do Paraná
<b>IBA</b>	Important Bird Area
<b>IBAMA</b>	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
<b>IBGE</b>	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
<b>ICB</b>	Instituto de Ciências Biológicas
<b>ICMBio</b>	Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade
<b>INCRA</b>	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
<b>IUCN</b>	International Union for Conservation of Nature
<b>FUNBIO</b>	Fundo Brasileiro para a Biodiversidade
<b>MA</b>	Maranhão
<b>MAPA</b>	Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento
<b>MCP</b>	Museu de Ciências e Tecnologia da PUCRS
<b>MG</b>	Minas Gerais
<b>MMA</b>	Ministério do Meio Ambiente
<b>MME</b>	Ministério de Minas e Energia
<b>MPE</b>	Ministério Público Estadual
<b>MS</b>	Mato Grosso do Sul
<b>MT</b>	Mato Grosso
<b>OEMA</b>	Órgão Estadual de Meio Ambiente
<b>ONG</b>	Organização Não Governamental
<b>PA</b>	Pará
<b>PAI</b>	Plano de Ação Internacional
<b>PAN</b>	Plano de Ação Nacional
<b>PCH</b>	Pequena Central Hidrelétrica
<b>PPG</b>	Programa de Pós-Graduação
<b>PR</b>	Paraná



<b>PRF</b>	Polícia Rodoviária Federal
<b>PUCRS</b>	Pontifícia Universidade Católica
<b>RAN</b>	Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Répteis e Anfíbios
<b>REBIO</b>	Reserva Biológica
<b>RJ</b>	Rio de Janeiro
<b>RPPN</b>	Reserva Particular de Patrimônio Natural
<b>RS</b>	Rio Grande do Sul
<b>SACC</b>	South American Classification Committee
<b>SAR/SC</b>	Secretaria de Estado da Agricultura e Desenvolvimento Rural de Santa Catarina
<b>SAVE</b>	Sociedade para a Conservação das Aves do Brasil
<b>SC</b>	Santa Catarina
<b>SDS/SC</b>	Secretaria de Estado de Desenvolvimento Sustentável de Santa Catarina
<b>SEBRAE</b>	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
<b>SEMA</b>	Secretaria Estadual do Meio Ambiente
<b>SENAR</b>	Serviço Nacional de Aprendizagem Rural
<b>SEUC</b>	Secretaria Estadual de Unidades de Conservação
<b>SP</b>	São Paulo
<b>TO</b>	Tocantins
<b>UC</b>	Unidade de Conservação
<b>UCPel</b>	Universidade Católica de Pelotas
<b>UDESC</b>	Universidade do Estado de Santa Catarina
<b>UDESSM</b>	Unidade Descentralizada de Educação Superior da UFSM
<b>UFMG</b>	Universidade Federal de Minas Gerais
<b>UFPel</b>	Universidade Federal de Pelotas
<b>UFRGS</b>	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
<b>UFSM</b>	Universidade Federal de Santa Maria
<b>UHE</b>	Usina Hidrelétrica
<b>UNICAMP</b>	Universidade Estadual de Campinas
<b>UNIPAMPA</b>	Universidade Federal do Pampa
<b>UNISINOS</b>	Universidade do Vale do Rio dos Sinos
<b>UNOCHAPECÓ</b>	Universidade Comunitária da Região de Chapecó
<b>ZAS</b>	Zoneamento para a Silvicultura



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Mapa de abrangência do PAN Campos Sulinos e Espinilho incluindo a ocorrência de espécies ameaçadas dos campos sulinos e as Unidades de Conservação.....	20
Figura 2. Mapa de abrangência do PAN Campos Sulinos e Espinilho incluindo a ocorrência de espécies ameaçadas do espinilho e as Unidades de Conservação. ....	21
Figura 3. Mapa de abrangência do PAN Campos Sulinos e Espinilho incluindo a ocorrência de espécies do gênero <i>Sporophila</i> spp. ....	22
Figura 4. Macuquinho-da-várzea ( <i>Scytalopus iraiensis</i> ).....	31
Figura 5. Registros de ocorrência do Macuquinho-da-várzea ( <i>Scytalopus iraiensis</i> ) na área de abrangência do PAN.....	32
Figura 6. Arapaçu-platino ( <i>Drymornis bridgesii</i> ). ....	34
Figura 7. Registros de ocorrência do Arapaçu-platino ( <i>Drymornis bridgesii</i> ) na área de abrangência do PAN.....	35
Figura 8. Rabudinho ( <i>Leptasthenura platensis</i> ) .....	37
Figura 9. Registros de ocorrência do rabudinho ( <i>Leptasthenura platensis</i> ) na área de abrangência do PAN.....	38
Figura 10. Boininha ( <i>Spartanoica maluroides</i> ). ....	40
Figura 11. Registros de ocorrência do Boininha ( <i>Spartanoica maluroides</i> ) na área de abrangência do PAN.....	42
Figura 12. Coperete ( <i>Pseudoseisura lophotes</i> ). ....	44
Figura 13. Registros de ocorrência do Coperete ( <i>Pseudoseisura lophotes</i> ) na área de abrangência do PAN. ....	45
Figura 14. Corredor-crestudo ( <i>Coryphistera alaudina</i> ). ....	47
Figura 15. Corredor-crestudo ( <i>Coryphistera alaudina</i> ) adulto em seu ambiente natural. ....	48
Figura 16. Registros de ocorrência do Corredor-crestudo ( <i>Coryphistera alaudina</i> ) na área de abrangência do PAN. ....	49
Figura 17. João-platino ( <i>Asthenes hudsoni</i> ) no Rio Grande do Sul.....	51
Figura 18. João-platino ( <i>Asthenes hudsoni</i> ) no Rio Grande do Sul. ....	52
Figura 19. Registros de ocorrência do João-platino ( <i>Asthenes hudsoni</i> ) na área de abrangência do PAN. ....	53
Figura 20. Arredio-do-gravatá ( <i>Limnoctites rectirostris</i> ). ....	55
Figura 21. Registros de ocorrência do Arredio-do-gravatá ( <i>Limnoctites rectirostris</i> ) na área de abrangência do PAN. ....	56
Figura 22. Adulto de papa-moscas-do-campo ( <i>Culicivora caudacuta</i> ).....	58
Figura 23. Juvenil de papa-moscas-do-campo ( <i>Culicivora caudacuta</i> ). ....	58
Figura 24. Adulto de papa-moscas-do-campo ( <i>Culicivora caudacuta</i> ) no ninho.....	59
Figura 25. Registros de ocorrência do papa-moscas-do-campo ( <i>Culicivora caudacuta</i> ) na área de abrangência do PAN.....	60



Figura 26. Macho de papa-moscas-canela ( <i>Polystictus pectoralis</i> ).....	63
Figura 27. Juvenil de papa-moscas-canela ( <i>Polystictus pectoralis</i> ).....	63
Figura 28. Fêmea de papa-moscas-canela ( <i>Polystictus pectoralis</i> ) alimentando filhote no ninho. ....	64
Figura 29. Registros de ocorrência do papa-moscas-canela ( <i>Polystictus pectoralis</i> ) na área de abrangência do PAN. ....	65
Figura 30. Macho de galito ( <i>Alectrurus tricolor</i> ).....	68
Figura 31. Macho e fêmea de galito ( <i>Alectrurus tricolor</i> ). ....	69
Figura 32. Registros de ocorrência de galito ( <i>Alectrurus tricolor</i> ) na área de abrangência do PAN. ....	70
Figura 33. Macho de noivinha-de-rabo-preto ( <i>Xolmis dominicanus</i> ).....	72
Figura 34. Juvenil de noivinha-de-rabo-preto ( <i>Xolmis dominicanus</i> ). ....	73
Figura 35. Registros de ocorrência de noivinha-de-rabo-preto ( <i>Xolmis dominicanus</i> ) na área de abrangência do PAN.....	74
Figura 36. Caminheiro-grande ( <i>Anthus nattereri</i> ). ....	77
Figura 37. Registros de ocorrência de caminheiro-grande ( <i>Anthus nattereri</i> ) na área de abrangência do PAN.....	79
Figura 38. Caminheiro-grande ( <i>Anthus nattereri</i> ) no Rio Grande do Sul. ....	80
Figura 39. Patativa-do-sul ( <i>Sporophila</i> aff. <i>plumbea</i> ). ....	81
Figuras 40 e 41. Macho de patativa-do-sul ( <i>Sporophila</i> aff. <i>plumbea</i> ) vocalizando e fêmea no ninho. ....	83
Figura 42. Registros de ocorrência de patativa-do-sul ( <i>Sporophila plumbea</i> ) na área de abrangência do PAN. ....	85
Figura 43. Caboclinho-de-barriga-vermelha ( <i>Sporophila hypoxantha</i> ). ....	89
Figuras 44 e 45. Macho de caboclinho-de-barriga-vermelha ( <i>Sporophila hypoxantha</i> ) e fêmea alimentando os filhotes no ninho.....	91
Figura 46. Registros de ocorrência de caboclinho-de-barriga-vermelha ( <i>Sporophila hypoxantha</i> ) na área de abrangência do PAN. ....	92
Figura 47. Caboclinho-de-papo-escuro ( <i>Sporophila ruficollis</i> ). ....	94
Figura 48. Macho de caboclinho-de-papo-escuro ( <i>Sporophila ruficollis</i> ). ....	95
Figura 49. Registros de ocorrência de caboclinho-de-papo-escuro ( <i>Sporophila ruficollis</i> ) na área de abrangência do PAN.....	96
Figura 50. Caboclinho-de-papo-branco ( <i>Sporophila palustris</i> ).....	98
Figura 51. Registros de ocorrência de caboclinho-de-papo-branco ( <i>Sporophila palustris</i> ) na área de abrangência do PAN. ....	100
Figura 52. Macho de caboclinho-de-papo-branco ( <i>Sporophila palustris</i> ). ....	101
Figura 53. Caboclinho-de-chapéu-cinzento ( <i>Sporophila cinnamomea</i> ).....	103
Figuras 54 e 55. Macho, fêmea e juvenil de caboclinho-de-chapéu-cinzento ( <i>Sporophila cinnamomea</i> ). ....	104



Figura 56. Registros de ocorrência de caboclinho-de-chapéu-cinzento ( <i>Sporophila cinnamomea</i> ) na área de abrangência do PAN. ....	105
Figura 57 e 58. Machos de caboclinho-de-barriga-preta ( <i>Sporophila melanogaster</i> ). ....	108
Figura 59. Fêmea de caboclinho-de-barriga-preta ( <i>Sporophila melanogaster</i> ) alimentando filhote. ....	109
Figura 60. Registros de ocorrência de caboclinho-de-barriga-preta ( <i>Sporophila melanogaster</i> ) na área de abrangência do PAN. ....	110
Figuras 61 e 62. Macho e fêmea de caboclinho ( <i>Sporophila pileata</i> ) ....	112
Figura 63. Registros de ocorrência de caboclinho ( <i>Sporophila pileata</i> ) na área de abrangência do PAN. ...	114
Figura 64. Cardeal-amarelo macho ( <i>Gubernatrix cristata</i> ).....	116
Figura 65. Registros de ocorrência de Cardeal-amarelo macho ( <i>Gubernatrix cristata</i> ) na área de abrangência do PAN. ....	117
Figuras 66 e 67. Veste-amarela ( <i>Xanthopsar flavus</i> ) em destaque em grupo.....	120
Figura 68. Adulto de veste-amarela alimentando filhote ( <i>Xanthopsar flavus</i> ). ....	121
Figura 69. Registros de ocorrência de veste-amarela ( <i>Xanthopsar flavus</i> ) na área de abrangência do PAN. ....	122
Figura 70. Parque Estadual do Espinilho. ....	125



## LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - Espécies-alvo de passeriformes ameaçados com ocorrência na região dos Campos Sulinos e Espinilho (MMA, 2003).....	19
TABELA 2 - Presença das espécies do PAN em Unidades de Conservação.....	24
TABELA 3 - Participantes das Oficinas de Planejamento Participativo, filiação e contato .....	131
TABELA 4 - Objetivos específicos do PAN Campos Sulinos.....	132

# PARTE I

## INFORMAÇÕES GERAIS

Márcio Repenning







# 1. O PLANO DE AÇÃO

## 1.1 Histórico

O presente Plano surgiu da fusão de duas iniciativas, sendo a primeira a elaboração de um Plano de Ação Nacional (PAN) específico para o cardeal-amarelo (*Gubernatrix cristata*) que foi iniciado em 2006 com a realização de diversas reuniões para discussão do tema, contudo, sem a publicação de resultado final das discussões. A outra iniciativa consiste no esforço integrado, nacional e internacionalmente, para a conservação de aves dos campos naturais na América do Sul, que foi fomentada por meio do “Memorandum de Entendimiento sobre la Conservación de Especies de Aves Migratorias de Pastizales del sur de Sudamerica y de sus Habitats”. Atualmente, representantes da Argentina, Paraguai, Uruguai, Bolívia e Brasil se dedicam a implementar as ações constantes de um Plano de Ação Internacional elaborado conjuntamente e aprovado em 2010.

O Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) participou ativamente, no ano de 2010, da elaboração deste Plano de Ação Internacional (PAI) que trata da conservação de espécies migratórias associadas a ambientes de campos naturais no sul da América do Sul. Esta iniciativa está diretamente ligada à Convenção de Bonn ou CMS (Convenção sobre a Conservação das Espécies Migratórias Pertencentes à Fauna Selvagem) por meio do documento “Memorandum de Entendimiento sobre la Conservación de Especies de Aves Migratorias de Pastizales del sur de Sudamerica y de sus Habitats”, assinado em 2008 por quatro países signatários e o Brasil. Dentro deste contexto, e considerando o compromisso assumido pelo Brasil frente a este Memorando, o PAN Campos Sulinos já foi integrado ao PAI desde a sua elaboração, uma vez que a oficina de planejamento participativo deste PAN Campos Sulinos contou com diversos convidados internacionais signatários do Memorando, e o grupo continua fortemente vinculado a esta integração na implementação de suas ações, que contemplam temáticas similares e foco na sinergia e otimização de esforços para a conservação destas espécies compartilhadas entre países.

Este PAI possui como objetivo geral:

**“Trabalhar em conjunto para melhorar o estado de conservação das espécies e seus habitats em áreas de reprodução, migração e/ou concentração não reprodutiva das aves de campos naturais constantes no Memorando de Entendimiento”.** Os táxons abordados neste PAI incluem passeriformes e não passeriformes migratórios: *Numenius borealis*, *Tryngites subruficollis*, *Alectrurus risora*, *A. tricolor*, *Sporophila cinnamomea*, *S. hypochroma*, *S. palustris*, *S. ruficollis*, *Xanthopsar flavus* e *Polystictus pectoralis pectoralis*. O Plano (PAI) vinculado a este memorando possui treze programas e trinta e sete ações ligadas aos seguintes objetivos específicos: 1) Proteção e manejo de habitats; 2) Monitoramento e Pesquisa; 3) Conscientização, Capacitação e comunicação; 4) Políticas Públicas, Legislação e Fiscalização; 5) Fortalecimento Institucional; e 6) Cooperação Internacional.

Além da elaboração do PAI, a fim de permitir e otimizar o diálogo e a troca de informações entre os países que visam implementá-lo, em dezembro de 2010 foi realizado em Assunção (Paraguai), o curso de “Manejo Adaptativo para la Planificación de la Conservación”. Esta capacitação foi parte do projeto internacional de intercâmbio entre os cinco países que fazem parte do Memorando de Entendimiento e capacitou integrantes do ICMBio para adotarem as metodologias padronizadas em seus Planos de Ação Nacionais que abordem as mesmas espécies.

A partir dessas duas propostas, foi sugerida a elaboração de um plano de ação nacional considerando não apenas o cardeal-amarelo ou as espécies migratórias dos campos naturais, mas todas aquelas espécies de passeriformes ameaçadas com ocorrência na área de campos sulinos e espinilho, ambiente submetido a fortes pressões e impactos gerados pela expansão e tecnificação da agricultura, pecuária e outras atividades como o comércio ilegal de espécimes para o tráfico de animais.

O conceito subjacente à proposta é de que uma mesma ação possa beneficiar não apenas uma espécie, mas um conjunto de espécies, uma vez que os fatores de pressão são essencialmente os mesmos para muitas delas.



## 1.2 Conceitos e Contextualização

O Brasil é o país com maior diversidade biológica do mundo, com aproximadamente 120 mil espécies animais, sendo 627 avaliadas como ameaçadas de extinção. É responsabilidade do governo brasileiro, por meio do ICMBio, o desenvolvimento de estratégias para conhecer e proteger esta riqueza, além de recuperar aquelas ameaçadas de extinção, por meio de diversas medidas, incluindo a elaboração e execução de planos de ação, conforme estabelecido pela Portaria ICMBio, nº 78, de 3 de setembro de 2009 e pela Portaria Conjunta MMA e ICMBio nº 316, de 9 de setembro de 2009.

Um plano de ação é a proposição de estratégias de conservação para espécies ameaçadas de extinção. Para tanto, é necessária a organização de informações e a elaboração de um diagnóstico das espécies (biologia, ecologia, taxonomia, distribuição, ameaças, dentre outros) e a realização de oficinas de trabalho com diversos atores institucionais e especialistas que indiquem as ações necessárias para conservação e recuperação das espécies, com os respectivos responsáveis, custos, produtos e indicadores de sucesso da implementação do plano de ação. Todos os procedimentos para a elaboração, aprovação, publicação, implementação, monitoria, avaliação e revisão de planos nacionais para conservação de espécies ameaçadas de extinção encontram-se regulamentados pela Instrução Normativa ICMBio nº 25, de 12 de abril de 2012.

De acordo com a Lista Oficial das Espécies Ameaçadas do Brasil e recomendações de especialistas nos diferentes táxons de passeriformes que ocorrem nos campos naturais brasileiros, foram incluídas 22 espécies candidatas para este PAN. Quinze destas espécies são consideradas ameaçadas na região (MMA, 2003), entre as quais quatro consideradas Criticamente em Perigo, sendo que as espécies Deficiente em Dados (DD) com tendência de declínio populacional e/ou ameaças compartilhadas também foram incluídas (Tabela 1). O mapa de abrangência deste PAN foi definido segundo a distribuição destas espécies nos campos sulinos e espinilho (Figuras 1, 2 e 3).

O número de espécies inclusas e sua alocação em categorias de ameaças podem variar, ainda, quando comparadas listagens produzidas por diferentes entidades em razão da adoção de diferentes critérios para a classificação dos riscos, assim como a escala (global, regional ou local) e os critérios taxonômicos utilizados. A última atualização da lista

oficial ocorreu em 2003 (MMA, 2003), desde então alguns rearranjos taxonômicos foram propostos. Quando consideradas escalas mais reduzidas, observa-se que a situação pode ser ainda mais crítica. Em listas regionais, algumas espécies são consideradas com grau de ameaça ainda maior.

Deve-se considerar que diversos fatores atuam em conjunto causando a redução do tamanho populacional das espécies. Além de componentes de origem antrópica (extrínsecos às espécies) como o crescimento urbano, rural e industrial, pressão de captura para o tráfico, degradação dos habitats, dentre outros. Há também componentes biológicos, intrínsecos a cada uma das espécies que contribuem como agravantes ao risco de extinção. O grau de endemismo, a categoria trófica, a variabilidade genética e características evolutivas podem tornar algumas espécies mais susceptíveis à extinção quando atuam isoladamente ou em conjunto (Grelle et al., 2006). Determinar e quantificar especificamente quais características biológicas de cada uma das espécies as tornam mais vulneráveis e entender como estas interagem entre si e com as componentes de origem antrópica, em diferentes escalas, é um dos grandes desafios para o desenvolvimento bem sucedido de estratégias de conservação (Levin, 1992; Grelle et al., 2006).

Uma estratégia para minimizar os efeitos da perda e fragmentação dos habitats é a criação de áreas protegidas de diversas categorias. Entre os objetivos dessas áreas está a conservação *in situ* da fauna e da flora. Outra estratégia também aplicada é o estabelecimento de corredores de biodiversidade, que visam conectar os remanescentes de vegetação natural e, portanto, minimizar os efeitos da fragmentação.

Muitas das espécies contempladas neste PAN foram registradas no interior de Unidades de Conservação (Tabela 2). A implementação plena destas áreas protegidas é crucial para a efetiva conservação das espécies ameaçadas que abrigam.

Para algumas espécies existem programas de conservação *ex situ*, cujo objetivo é formar populações em cativeiro com espécimes oriundos de diferentes populações, a fim de aumentar a variabilidade genética dos grupos, reduzir os efeitos da depressão por endocruzamento e restabelecer populações em áreas onde a espécie tenha desaparecido por meio de programas de reintrodução (IUCN, 2010). Este é o caso para o cardeal-amarelo (*C. cristata*), espécie em que protocolos padronizados devem ser implementados para a efetividade de programas de criação em cativeiro e reintrodução do táxon (Anexos).



## 2. ESPÉCIES AMEAÇADAS

TABELA 1 – ESPÉCIES-ALVO DE PASSERIFORMES AMEAÇADOS COM OCORRÊNCIA NA REGIÃO DOS CAMPOS SULINOS E ESPINILHO (MMA, 2003). CATEGORIAS: VU- VULNERÁVEL; EN- EM PERIGO; CR – EM PERIGO CRÍTICO; DD – DEFICIENTE EM DADOS.

NOME POPULAR	NOME CIENTÍFICO	CATEGORIA DE AMEAÇA
arapaçu-platino	<i>Drymornis bridgesii</i>	CR
rabudinho	<i>Leptasthenura platensis</i>	CR
coperete	<i>Pseudoseisura lophotes</i>	CR
corredor-crestudo	<i>Coryphistera alaudina</i>	CR
macuquinho-da-várzea	<i>Scytalopus iraiensis</i>	EN
cardeal-amarelo	<i>Gubernatrix cristata</i>	CR
caboclinho-de-papo-branco	<i>Sporophila palustris</i>	EN
caboclinho-de-chapéu-cinzento	<i>Sporophila cinnamomea</i>	EN
caboclinho-de-barriga-preta	<i>Sporophila melanogaster</i>	VU
arredio-do-gravatá	<i>Limnocites rectirostris</i>	VU
papa-moscas-do-campo	<i>Culicivora caudacuta</i>	VU
papa-mosca-canela	<i>Polystictus pectoralis</i>	VU
galito	<i>Alectrurus tricolor</i>	VU
caminheiro-grande	<i>Anthus nattereri</i>	VU
veste-amarela	<i>Xanthopsar flavus</i>	VU
joão-platino	<i>Asthenes hudsoni</i>	DD
caboclinho-de-barriga-vermelha	<i>Sporophila hypoxantha</i>	DD
caboclinho-de-papo-escuro	<i>Sporophila ruficollis</i>	DD
boininha	<i>Spartonoica maluroides</i>	Não consta (VU no RS)
noivinha-de-rabo-preto	<i>Xolmis dominicanus</i>	Não consta (VU no RS)
caboclinho-coroado	<i>Sporophila pileata</i>	Não avaliada
patativa	<i>Sporophila aff. plumbea</i>	Não avaliada



## 2.1 Mapas de Abrangência do PAN Campos Sulinos e Espinilho

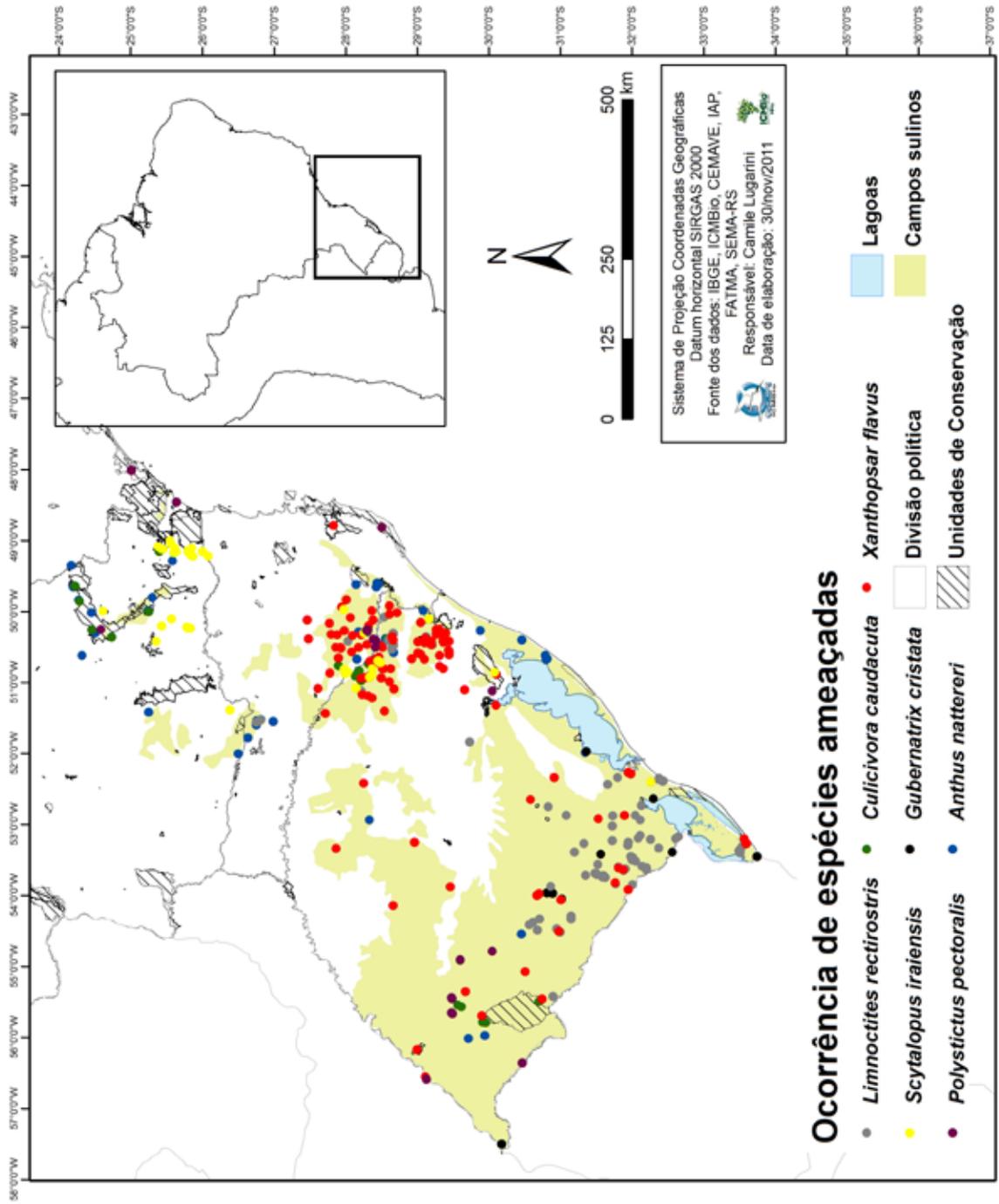


Figura 1 - Mapa de abrangência do PAN Campos Sulinos e Espinilho incluindo a ocorrência de espécies ameaçadas dos campos sulinos e as Unidades de Conservação.

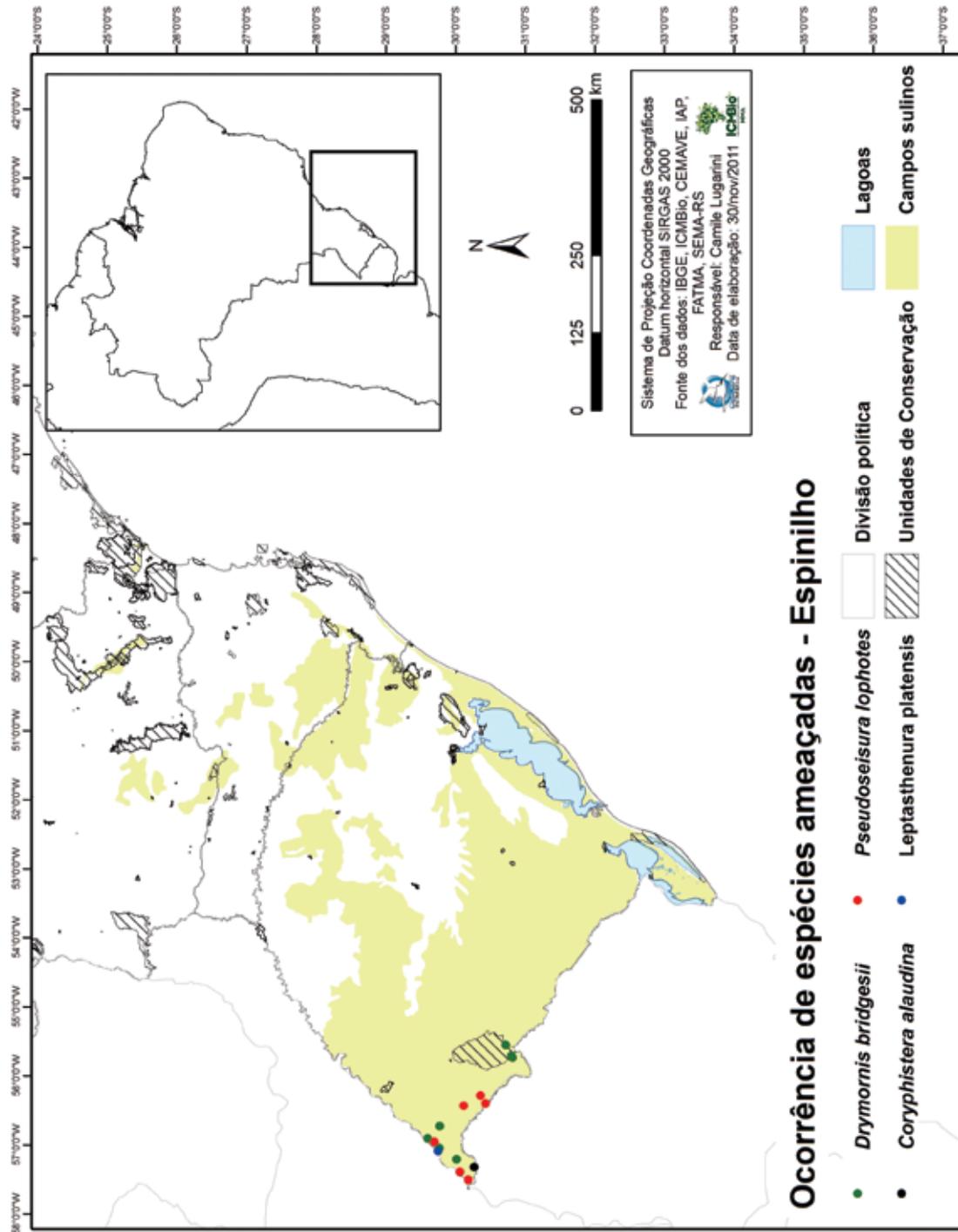


Figura 2 - Mapa de abrangência do PAN Campos Sulinos e Espinilho incluindo a ocorrência de espécies ameaçadas do espinilho e as Unidades de Conservação.



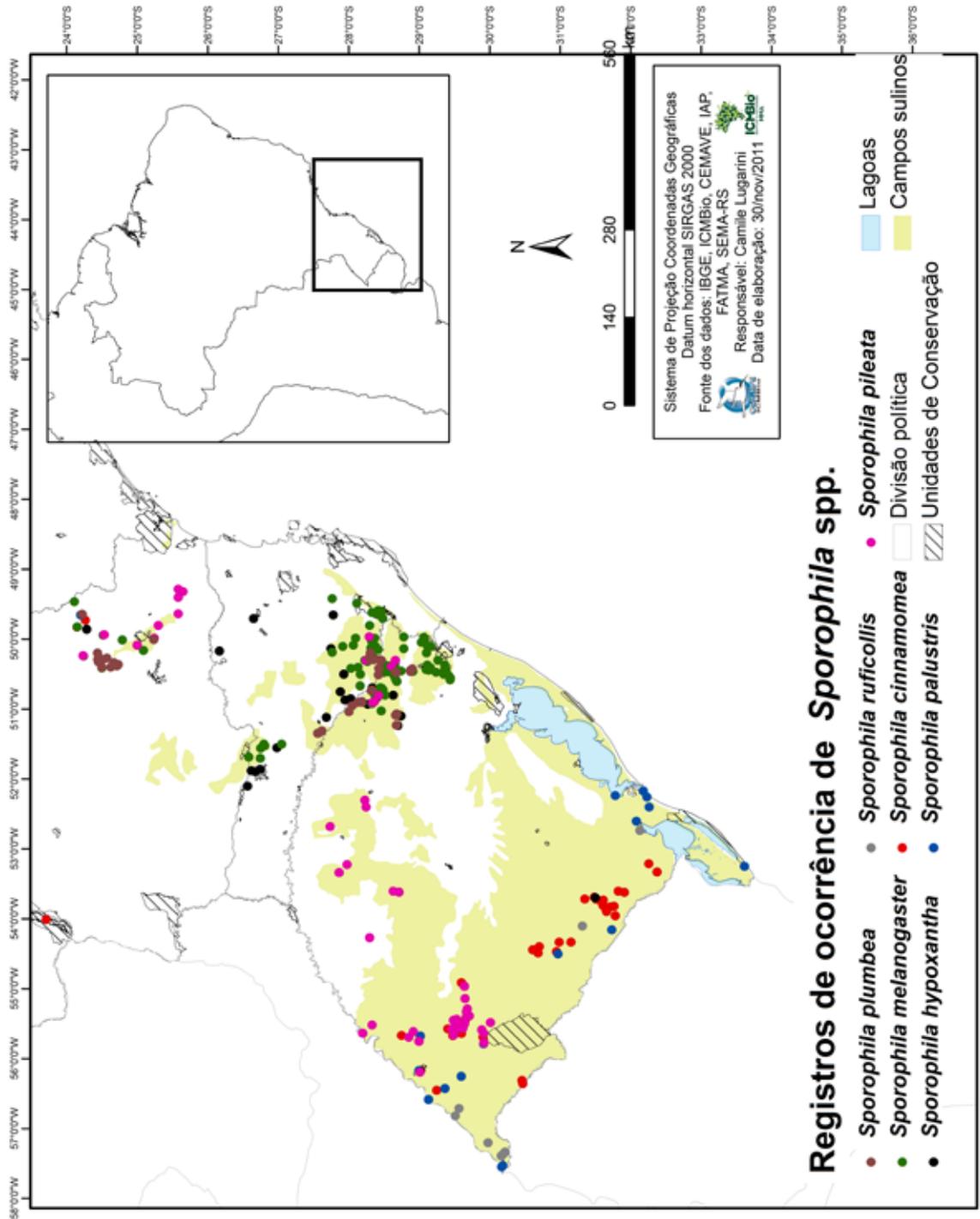


Figura 3 - Mapa de abrangência do PAN Campos Sulinos e Espinilho incluindo a ocorrência de espécies do gênero *Sporophila* spp.



### 3. OS AMBIENTES E AS UNIDADES DE CONSERVAÇÃO QUE ABRIGAM AS ESPÉCIES DESTE PAN

#### 3.1 Campos Sulinos e Espinilho

Os Campos Sulinos são ecossistemas naturais com alta diversidade de espécies vegetais e animais. São os campos dos biomas brasileiros Pampa e Mata Atlântica e que se estendem sobre amplas regiões do Brasil, Uruguai e Argentina (Pillar et al., 2009).

Neste PAN, consideram-se como Campos Sulinos o conjunto ambiental de diferentes litologias e solos, recoberto por fitofisionomias campestres, com tipologia vegetal dominante herbáceo/arbustiva, que recobre superfícies de relevo aplainado a suavemente ondulado; a vegetação das áreas úmidas do extremo sul, junto ao litoral gaúcho, onde se encontram os banhados (ecossistemas alagados); assim como os Campos de Cima da Serra, característicos das regiões de maior altitude nos Estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. A descrição destes ambientes e detalhes sobre seu enquadramento e definições, em relação aos biomas brasileiros, pode ser encontrada em bibliografia específica (Scarano, 2012).

Nas últimas décadas, cerca de metade da superfície originalmente coberta com os campos naturais no estado do Rio Grande do Sul foi transformada em outros tipos de cobertura vegetal. Esse processo aconteceu sem que limites tenham sido efetivamente estabelecidos e aplicados nem pelo poder público nem pela sociedade (Pillar et al., 2009).

Remanescentes de vegetação natural, em forma de mosaico campo-floresta, que ainda apresentam aspecto natural, podem ser encontrados em algumas regiões menos degradadas, apesar das massivas alterações na paisagem que têm ocorrido pela conversão dos habitats para agricultura e silvicultura.

Quanto ao Espinilho, considera-se uma formação silvática campestre (formação parque espinilho) com predominância de espécies lenhosas com espinhos, dentre as quais se destacam várias espécies de algarrobos. Na Argentina, entre o Chaco e La Pampa, se estende formação similar em uma extensa faixa de bosques denominados Espinal. Constituem uma série de subunidades de grande atrativo paisagístico onde se intercalam bosques espessos, quase subtropicais, com planícies com palmares serranos e savanas sobre dunas.

É encontrado em relevos planos pouco ondulados e colinas baixas sobre solos loéssicos e arenosos. Possui uma ampla variabilidade climática: desde um clima subtropical úmido ao norte, até subúmido seco e semiárido no sul. As precipitações são de 1400 mm na região mesopotâmica e 350 mm no sul. Se caracteriza pela presença de bosques baixos com predomínio de árvores do gênero *Prosopis* (algarrobais, nhandubais, caldenais), acompanhados por outros componentes arbóreos. Em geral os componentes vegetais, comuns no Espinal, se encontram em outras províncias do Domínio Chaqueño, especialmente o Chaco, do qual parece uma continuação austral empobrecida.

No Uruguai encontra-se o Campo com Espinilho. Esse sistema segue ao longo do rio Uruguai, em altitudes entre 30 e 400 m, sobre relevo suave. Predominam solos férteis imperfeitamente a mal drenados. O sistema está em duas áreas disjuntas, ambas ao longo do rio Uruguai. O Campo com Espinilho setentrional estende-se do limite norte de São Borja junto ao rio Uruguai, no contato com o sistema Campo de Barba-de-bode, acompanhando o rio em direção sul até a foz do rio Arapey Grande no rio Uruguai. A leste, o limite coincide com a transição dos solos hidromórficos e profundos para os solos rasos do extremo sudoeste do Planalto Meridional basáltico. O Campo com Espinilho meridional do sistema Campo com Espinilho tem seu limite ocidental no rio Uruguai, estendendo-se desde as proximidades da cidade de Salto ao norte à cidade de Carmelo junto ao rio Uruguai, cerca de 60 km a nordeste da cidade de Colonia del Sacramento. No Brasil, o único lugar onde existe esse tipo de vegetação se localiza na ponta oeste do estado do Rio Grande do Sul, na unidade de conservação denominada Parque Estadual do Espinilho. Este parque é uma extensão da província do Espinal, unidade fitogeográfica que descreve um grande arco irregular em território argentino, conforme descrito acima (Marchiori, 2002). Membro do domínio Chaqueño o Espinal se separa da Província Chaqueña pela ausência de espécies do gênero *Schinopsis* (Anacardiaceae) (Marchiori, 2002). Dos seus três distritos fitogeográficos, o do "Nandubay", situado mais ao norte (ou nordeste do arco), inclui o Parque do Espinilho e distingue-se pela associação de *Prosopis affinis* e *P. nigra*. A área do Parque representa o único ambiente de ocorrência de *P. nigra* e *P. affinis* no Rio Grande do Sul e no Brasil.

Menos de 0,5% da área total dos Campos Sulinos estão protegidos em Unidades de Conservação (UC) de proteção integral (Pillar et al. 2009). A maior parte deste percentual está nos mosaicos de Campos e floresta com Araucária,



nos Parques Nacionais dos Aparados da Serra, da Serra Geral e de São Joaquim (norte do RS e SC). Ações de conservação dentro e fora das Unidades de Conservação são urgentes se com elas for possível frear a perda de áreas campestres e evitar

processos de extinção. Ressalta-se que a conservação da biodiversidade dos campos precisa refletir também propriedades ecológicas e processos sucessionais e, portanto, permitir práticas de manejo adequadas (Pillar et al., 2009).

**TABELA 2 - PRESENÇA DAS ESPÉCIES DO PAN EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO.**

ESPÉCIES	UNIDADES DE CONSERVAÇÃO
<i>Alecturus tricolor</i>	PARNA da Chapada dos Guimarães (MT)
	PARNA da Chapada dos Veadeiros (GO)
	PARNA da Serra da Canastra (MG)
	PARNA das Emas (GO)
	PARNA de Brasília (DF)
	PARNA de Ilha Grande (PR/MS)
	PE de Vila Velha (PR)
	APA Gama Cabeça de Veado (DF)
	APA Federal das Ilhas e Várzeas do Rio Paraná (PR)
	APA da Escarpa Devoniana (PR)
	RPPN Campo Alegre (GO)
	REBIO do IBGE (DF)
	ESEC de Itirapina (SP)
	ESEC Águas Emendadas (DF)
SVS da Fazenda São Miguel (MG)	
<i>Anthus nattereri</i>	PARNA da Serra da Canastra (MG)
	PARNA da Serra Geral (RS/SC)
	PARNA de Aparados da Serra (RS/SC)
	PE do Tainhas (RS)
	PE de Vila Velha (PR)
	ESEC de Itirapina (SP)
ESEC de Santa Bárbara (SP)	
<i>Asthenes hudsoni</i>	PARNA da Lagoa do Peixe (RS)
<i>Coryphistera alaudina</i>	PE do Espinilho (RS)
<i>Culicivora caudacuta</i>	PARNA da Chapada dos Guimarães (MT)
	PARNA da Chapada dos Veadeiros (GO)
	PARNA da Serra da Canastra (MG)
	PARNA das Emas (GO)
	PARNA de Brasília (DF)
	PE do Ibitirí (RS)
	PE de Vila Velha (PR)
	PE do Jalapão (TO)
	APA do Ibirapuitã (RS)
	APA do Iraí (PR)
	APA Estadual da Escarpa Devoniana (PR)
	REBIO da Contagem (DF)
	REBIO do Mato Grande (RS)
	ESEC de Itirapina (SP)
ESEC Serra das Araras (MT)	
ESEC de Águas Emendadas (DF)	
ESEC do IBGE (DF)	



ESPÉCIES	UNIDADES DE CONSERVAÇÃO
<i>Drymornis bridgesii</i>	APA do Ibirapuitã (RS)
	PE do Espinilho (RS)
<i>Gubernatrix cristata</i>	PE do Espinilho (RS)
<i>Leptasthenura platensis</i>	PE do Espinilho (RS)
<i>Limnocittes rectirostris</i>	PARNA da Serra Geral (RS/SC)
	PARNA de Aparados da Serra (RS/SC)
	PE do Tainhas (RS)
	REBIO Mato Grande (RS)
	RVS Banhado dos Pachecos (RS)
<i>Polystictus pectoralis</i>	PARNA das Emas (GO)
	PE Guartelá (PR)
	APA do Ibirapuitã (RS)
	ESEC de Itirapina (SP)
<i>Pseudoseisura lophotes</i>	APA do Ibirapuitã (RS)
	PE do Espinilho (RS)
<i>Scytalopus iraiensis</i>	PARNA da Serra Geral (SC)
	PARNA de Aparados da Serra (RS)
	PARNA da Serra da Canastra (MG)
	PARNA da Serra do Cipó (MG)
	FLONA Três Barras (SC)
	APA do Rio Iraí (PR)
	APA do Rio Pequeno (PR)
	RPPN do Caraça (MG)
	RVS Banhado dos Pachecos (RS)
<i>Spartonoica maluroides</i>	PARNA da Lagoa do Peixe (RS)
	PE Delta do Jacuí (RS)
	APA do Delta do Jacuí (RS)
	APA do Ibirapuitã (RS)
	REBIO do Mato Grande (RS)
	ESEC do Taim (RS)
	RVS Silvestre Banhado dos Pachecos (RS)
<i>Sporophila cinnamomea</i>	PARNA da Serra da Bodoquena (MS)
	PARNA das Emas (GO)
	PARNA de Ilha Grande (PR/MS)
	PE do Cerrado (PR)
	APA Ilhas e Várzeas do Rio Paraná (SC)
	APA da Escarpa Devoniana (PR)
	REBIO Mato Grande (RS)
	REBIO do São Donato (RS)
	ESEC de Itirapina (SP)
	RPPN SESC Pantanal (MT)
<i>Sporophila hypoxantha</i>	PARNA de São Joaquim (SC)
	PARNA de Ilha Grande (PR/MS)
	PE do Ibitirirá (RS)
	PE de Vila Velha (PR)
	PE do Guartelá (PR)
	REBIO do São Donato (RS)



ESPÉCIES	UNIDADES DE CONSERVAÇÃO
<i>Sporophila melanogaster</i>	PARNA da Serra da Canastra (MG)
	PARNA da Serra Geral (RS/SC)
	PARNA de Aparados da Serra (RS/SC)
	PARNA de São Joaquim (SC)
	PE do Tainhas (RS)
	PE do Guaterlá (PR)
	APA da Escarpa Devoniana (PR)
	ESEC do Caiuá (PR)
	ESEC de Itirapina (SP)
	ESEC Águas Emendadas (DF)
<i>Sporophila palustris</i>	PARNA das Emas (GO)
	APA do Ibirapuitã (RS)
	PE do Espinilho (RS)
	REBIO do São Donato (RS)
	REBIO do Mato Grande (RS)
	ESEC de Itirapina (SP)
	RPPN Fazenda Rio Negro (MS)
<i>Sporophila pileata</i>	PARNA das Emas (GO)
	PE de Vila Velha (PR)
	PE do Guartelá (PR)
	ESEC de Itirapina (SP)
	REBIO do São Donato (RS)
	REBIO do Ibirapuitã (RS)
<i>Sporophila aff. plumbea</i>	PE do Guartelá (PR)
	PE de Vila Velha (PR)
	ESEC de Itirapina (SP)
<i>Sporophila ruficollis</i>	PARNA das Emas (GO)
	REBIO do Mato Grande (RS)
	ESEC de Itirapina (SP)
	RPPN Fazenda Rio Negro (MS)
	RPPN SESC Pantanal (MT)
<i>Xanthopsar flavus</i>	PARNA da Serra Geral (RS/SC)
	PARNA de Aparados da Serra (RS/SC)
	PE do Tainhas (RS)
	RVS Banhado dos Pachecos (RS)
<i>Xolmis dominicanus</i>	PARNA de Aparados da Serra (RS/SC)
	PARNA de São Joaquim (SC)
	PE do Tainhas (RS)
	PE Vila Velha (PR)
	PE do Guartelá (PR)
	PE de Palmas (PR)
	APA do Banhado Grande (RS)
	APA Estadual da Escarpa Devoniana (PR)
	RVS Banhado dos Pachecos (RS)
	ESEC do Taim (RS)



## 4. DIFICULDADES E OBJETIVOS

O Plano de Ação Nacional para a Conservação dos Passeriformes Ameaçados dos Campos Sulinos e Espinilho adota um novo conceito na elaboração de planos de ação que está sendo utilizado pelo governo brasileiro. Abrange mais táxons, ao considerar um recorte específico; neste caso um recorte geográfico, o qual abrange um dos biomas de grande relevância no cenário nacional. Este PAN foi elaborado sob a premissa de que as ameaças são comuns a diversas espécies e, portanto, assume que uma mesma ação pode beneficiar não apenas uma espécie, mas todo o conjunto de espécies.

O PAN dos Passeriformes dos Campos Sulinos e Espinilho contempla 15 espécies em categorias de risco, duas espécies consideradas quase ameaçadas e três deficientes em dados, mas que apresentam apontamentos negativos quanto ao seu estado de conservação (Tabela 1).

Um plano de ação é, acima de tudo, um pacto entre diferentes atores institucionais para, com base nas ameaças detectadas para uma espécie ou um conjunto delas, estabelecer compromissos e responsabilidades, prazos e indicadores para melhorar a conservação daquela(s) espécie(s) em cinco anos. Dessa forma é necessário considerar os entraves e dificuldades para colocar os planos em funcionamento.

As maiores dificuldades são:

- Envolver os atores que interferem na conservação das espécies tanto positiva como negativamente. A responsabilidade para conservar é de todos e as externalidades negativas provocadas pela interferência nos ambientes naturais têm que ser minimizadas pelos autores;
- Outro problema importante é a organização de informações, pois existe uma grande carência em estudos analíticos dos quadros de ameaças das espécies em um detalhamento que possa viabilizar um plano de ação operacional, realista e factível;
- O grande desafio da implementação dos planos é também a falta de um instrumento de monitoramento e cobrança do andamento das ações propostas nos planos de ação para alterar positiva e significativamente o estado de conservação das espécies.

Para superar as dificuldades enumeradas acima a Coordenação Geral de Manejo para a Conservação/ICMBio elaborou uma nova forma de fazer um Plano de Ação e um processo de capacitação voltado a esta atividade, a qual inclui a preparação de um roteiro metodológico para elaboração, implementação e avaliação dos planos de ação com base no aprendizado institucional e na União Internacional para a Conservação da Natureza (IUCN). É preciso pactuar com diferentes atores o processo de conservação, com metas claras, objetivas, factíveis e realistas. Além disso, os tempos, prazos, custos e indicadores devem ser determinados para o alcance destas metas. É preciso convidar para o compromisso os atores (esferas governamentais, ONGs, universidades, sociedades de profissionais) que podem alterar (melhorar) o quadro de conservação.

Para entender os quadros de ameaças mais detalhadamente foi incorporada, no processo de avaliação do estado de conservação, a revisão da lista de espécies por meio da elaboração de fichas baseadas no modelo da IUCN. Estas são uma descrição detalhada destas ameaças por espécie e permitem, ao final do processo, produzir uma análise de cenários. O ciclo de trabalho começa no processo de avaliação da espécie e sequencialmente, na elaboração do plano de ação, sua implementação, monitoramento da execução das ações propostas e no retorno para a avaliação ou monitoria.

Estes procedimentos têm apresentado bons resultados na execução dos planos já desenvolvidos. Os novos métodos de plano de ação, aplicados desde julho de 2009, agregam para um mesmo plano – além da visão realista e de envolvimento de atores – um número maior de espécies, em uma abordagem que inclui diferentes escalas, como tipologia vegetacional, bacia hidrográfica, acidentes geográficos, estrutura da paisagem e/ou ameaça.

A elaboração de um Plano de Ação Nacional para a Conservação dos Passeriformes Ameaçados dos Campos Sulinos e Espinilho visa promover a conservação e o uso sustentável da biodiversidade por meio da pesquisa e da gestão, proteção, uso público adequado e desenvolvimento socioambiental das comunidades.

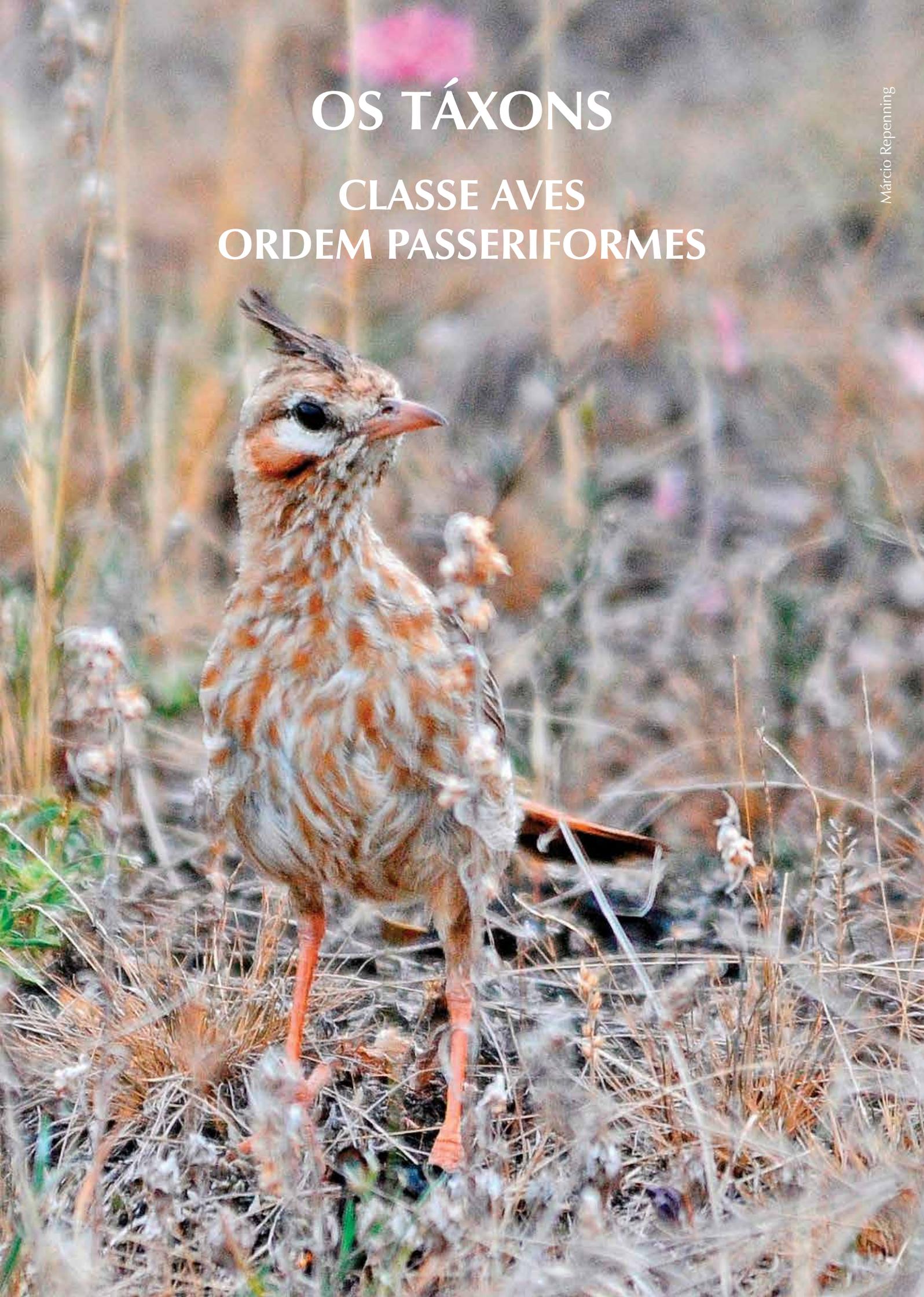
Dessa forma, no sentido de estabelecer uma relação harmônica entre o desenvolvimento



e a conservação da biodiversidade é necessário traçar metas e objetivos, delineando com o máximo de precisão as estratégias de curto e médio prazo para alcançá-los. Adicionalmente, é de suma importância o desenvolvimento de um modelo eficaz que permita avaliar e monitorar em escala local e regional – considerando componentes estruturais, econômicos, sociais, históricos, bióticos e abióticos – os fatores de ameaça e os riscos de forma a minimizar ou anular seus efeitos sobre as populações animais ameaçadas.

A adoção de um modelo eficaz para minimizar as ameaças às espécies vai promover o atendimento ao objetivo do PAN Campos Sulinos e Espinilho, o qual leva em conta o aumento das populações de passeriformes ameaçados e sua manutenção saudável nos ecossistemas abrangidos pelos campos sulinos e espinilho, a redução da perda de habitats, da captura ilegal, e o incremento de sua valorização frente à população humana local.

OS TÁXONS  
CLASSE AVES  
ORDEM PASSERIFORMES







# Scytalopus iraiensis

**Autores:** Giovanni Nachtigall Maurício, Carla Suertegaray Fontana, Marcos Ricardo Bornschein, Bianca Luiza Reinert

## Informações taxonômicas

**Nome Científico:** *Scytalopus iraiensis* (Figura 4)

**Autor/Ano:** Bornschein, Reinert & Pichorim, 1998

**Classe:** Aves

**Ordem:** Passeriformes

**Família:** Rhinocryptidae

**Sinonímia:** inexistente

**Fonte taxonômica:** SACC (2005), CBRO (2011)



Andrew Whittaker

## Nomes comuns

**Português (pt):** macuquinho-da-várzea

**Inglês (en):** Marsh Tapaculo

**Espanhol (sp):** churrín palustre

Figura 4 - Macuquinho-da-várzea (*Scytalopus iraiensis*).

## Avaliação da Espécie

**Categoria atual (MMA 2003) e critério:** EN - B2ab(ii)

**Listas regionais:**

Lista/Ano	RJ (1998)	RS (2002)	PR (2004)	ES (2007)	MG (2007)	SP (2008)	PA (2008)	SC (Ignis)
Categoria	-	-	EN	-	VU	-	-	EN

**Situação mundial:**

IUCN (2010): Em perigo		CITES (2010):
Categoria	Critérios	Não consta
EN	A3c; A4c; B1a+b(i,ii,iii,iv,v); C2a(i)	



## Informações Gerais

**Descrição:** De porte diminuto, mede cerca de 12 cm e pesa aproximadamente 13 g. Distingue-se dos demais membros do gênero *Scytalopus* por apresentar o lado dorsal preto, garganta, peito e ventre cinza-médio e os flancos cinza-escuro. As rêmiges primárias e as primeiras secundárias são de cor sépia. O bico é curto e preto e as pernas são amarronzadas. Não há dimorfismo sexual.

**Biologia e Ecologia:** Habita capinzais de terrenos palustres, estejam estes em várzeas de rios, ao longo de drenagens em regiões de relevo ondulado ou em banhados turfosos. Vive onde a vegetação é alta (de 0,6 a 1,8 m) e de trama extremamente densa, formando uma cobertura tão fechada que a luz do dia quase não penetra. Vive oculto no interior dessa densa cobertura vegetal. Como outros representantes do seu gênero, raramente voa e, quando o faz, dificilmente se desloca por mais de 10 m. Vocaliza ao longo de todo o dia, mas sua atividade vocal é mais intensa nas primeiras e últimas horas do dia. Alimenta-se de artrópodes, como hemípteros e coleópteros. Provavelmente segue o padrão reprodutivo das demais aves do sul do Brasil, nidificando na primavera. Gônadas inativas e muda de penas foram observadas no outono e pouca muda de penas e gônadas ativas no verão. Pouco se sabe sobre seus hábitos reprodutivos.

## Distribuição Geográfica

**Distribuição:** Endêmico do Brasil. Ocorre na metade leste dos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, assim como nas porções sul e sudeste de Minas Gerais (Figura 5).

**Estados:** PR, SC, RS, MG.

**Status:** Residente.

**Ocorrência em unidades de conservação:** Parque Nacional de Aparados da Serra (RS/SC), Parque Nacional da Serra Geral (SC), Refúgio de Vida Silvestre Banhado dos Pachecos (RS), Área de Proteção Ambiental do Rio Iraí (PR), Área de Proteção Ambiental do Rio Pequeno (PR), Floresta Nacional de Três Barras (SC), Reserva Particular do Patrimônio Natural do Caraça (MG), Parque Nacional da Serra do Cipó (MG) e Parque Nacional da Serra da Canastra (MG).

### Mapa de distribuição:

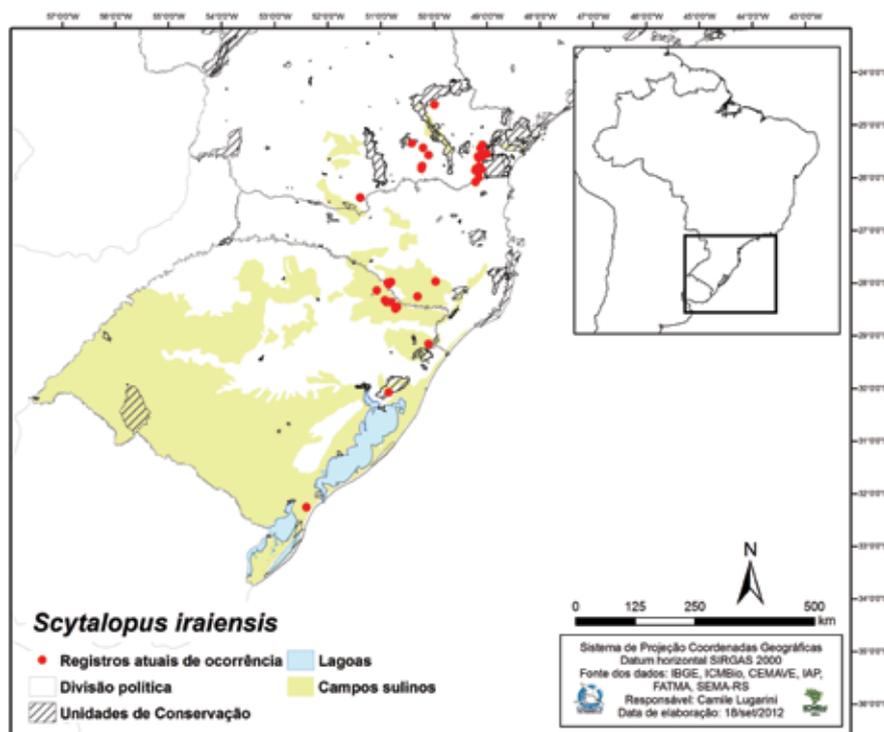


Figura 5 - Registros de ocorrência de macuquinho-da-várzea (*Scytalopus iraiensis*) na área de abrangência do PAN.



## Situação Populacional

**População e tendências:** As populações existentes são pequenas e a maioria encontra-se isolada. Estima-se que 200 pares habitem o Banhado do Maçarico, em Rio Grande (RS). Estima-se que a perda e a fragmentação de hábitat têm levado a um declínio efetivo das populações, uma vez que a espécie tem pouca capacidade de dispersão e, presumivelmente, não é capaz de se deslocar entre fragmentos muito isolados.

### Estimativas populacionais:

Estimativa	Qualidade do Dado	Fonte	Ano
250-999	Pobre	BirdLife International	2011

## Ameaças

**Principais ameaças (atuais):** As principais ameaças para a espécie são a perda e a fragmentação de hábitat. Áreas de várzea são amplamente utilizadas para cultivos agrícolas e pastoris, além de serem visadas para retirada de areia para construção civil. Muitas dessas paisagens abertas são descaracterizadas por queimadas, drenagem, aterros e invasão de espécies vegetais oportunistas. Além disso, áreas de várzea que se situam ao longo de rios são visadas para a formação de barragens para o abastecimento de água de grandes cidades. Este foi o destino da localidade-tipo da espécie, que foi submersa pelo lago da Barragem do Iraí, eliminando uma das maiores populações conhecidas na época.

## Estratégias de conservação

**Ações de conservação existentes no Brasil:** *Scytalopus iraiensis* possui plano específico no Plano de Conservação para Espécies de Aves Ameaçadas no Paraná.

**Medidas para a conservação:** Incentivos a projetos de pesquisa que visem levantar mais informações sobre biologia básica da espécie (dieta, aspectos reprodutivos, comportamento, estimativas populacionais). Realizar o zoneamento econômico de áreas que possuam ambientes de campos e várzeas, a fim de evitar que atividades prejudiciais à espécie sejam implementadas. Submeter os projetos de pequenas barragens nas regiões de ocorrência do macuquinho-da-várzea a um processo de licenciamento que inclua uma avaliação prévia da importância da área para a espécie. Criação e implantação de unidades de conservação públicas e particulares em áreas de ocorrência da espécie, especialmente em locais de maior abundância populacional. Fortalecimento da fiscalização nas unidades de conservação já implantadas. Promoção de atividades educativas junto a proprietários rurais. Incentivos fiscais e reduções de imposto para proprietários que preservam o hábitat da espécie. Maior fiscalização de áreas de APP, como várzeas próximas a regiões de nascente, a fim de coibir qualquer atividade ilegal. Incentivo a criação de Reservas Particulares do Patrimônio Natural em áreas de comprovada ocorrência da espécie. Mapeamento e monitoramento das áreas com registro da espécie. Recuperação dos ambientes degradados onde a espécie potencialmente pode ocorrer. Iniciar processo para criação de uma unidade de conservação contemplando o sistema de banhados/nacentes do rio Santana em Bom Jesus (RS) uma vez que abrigam uma população numerosa em hábitats contínuos com a presença da espécie. Finalização do processo para criação de uma Unidade de Conservação e implementação da mesma no Banhado do Maçarico em Rio Grande (RS), onde há uma das maiores populações contínuas em território nacional.

## Pesquisa

**Especialistas/Núcleos de pesquisa e conservação no Brasil:** Rafael Antunes Dias (UCPel), Giovanni Nachtigall Maurício (GEEPAA-RS/ PUCRS), Marcos Ricardo Bornschein (pesquisador autônomo), Bianca Luiza Reinert (pesquisadora autônoma), Mauro Pichorim (MMA), Marcelo Ferreira de Vasconcelos (PUC MG).

### Principais lacunas de conhecimento:

- História natural, incluindo informação sobre reprodução.
- Demografia e genética de populações.
- Tendências populacionais em longo prazo.
- Plasticidade ecológica, ou seja, qual seria o limite de tolerância da espécie às alterações - antrópicas ou não - em seu hábitat.
- Avaliar a capacidade de dispersão dos indivíduos em áreas onde seu hábitat se encontra fragmentado.
- Aprimorar o conhecimento sobre a distribuição das subpopulações, sobretudo no planalto gaúcho e catarinense.



# Drymornis bridgesii

**Autores:** Claiton Martins-Ferreira, Rafael Antunes Dias, Rodrigo Vargas Damiani

## Informações taxonômicas

**Nome Científico:** *Drymornis bridgesii* (Figura 6)

**Autor/Ano:** Eyton, 1850

**Classe:** Aves

**Ordem:** Passeriformes

**Família:** Dendrocolaptidae

**Sinonímia:** inexistente

**Fonte taxonômica:** CBRO (2011)



Rodrigo V. Damiani

## Nomes comuns

**Português (pt):** arapaçu-platino

**Inglês (en):** Scimitar-billed Woodcreeper

**Espanhol (sp):** chinchero grande, trepador grande

Figura 6 - Arapaçu-platino (*Drymornis bridgesii*).

## Avaliação da Espécie

**Categoria atual (MMA 2003) e critério:** CR - C2a(ii)

**Listas regionais:**

Lista/Ano	RJ (1998)	RS (2002)	PR (2004)	ES (2007)	MG (2007)	SP (2008)	PA (2008)	SC (Ignis)
Categoria	-	CR	-	-	-	-	-	-

**Situação mundial:**

IUCN (2010): Em perigo		CITES (2010):
Categoria	Critérios	Não consta
LC		

## Informações Gerais

**Descrição:** Dendrocolaptídeo grande (29 a 35 cm), com peso em torno de 80 g, de bico longo e curvado para baixo, boné ferrugíneo-escuro, sombrancelha branca, dorso em tons pardos e ventre branco com estrias a partir da base da garganta. Partes nuas com tarso cinza, bico grafite ou cinza-escuro com a base da mandíbula rosada, íris marrom-acinzentada-clara. O canto é uma série rápida de notas altas e estridentes que termina de forma caótica e lembrando um dueto. Também emite um guincho alto ou vários guinchos consecutivos e mais baixos.



**Biologia e Ecologia:** Habita florestas secas e campos com palmeiras espalhadas ou vegetação arbóreo-arbustiva espinhenta do nível do mar a 1.000 m de altitude. No Brasil, foi durante muito tempo registrado estritamente em vegetação de parque espinilho, uma savana de algarrobos, (*Prosopis nigra*), inhanduvás (*Prosopis affinis*), espinilhos (*Acacia caven*) e outras arvoretas espinhentas típicas da extremidade oeste do Rio Grande do Sul. Recentemente registrado a sudeste da área de ocorrência de parque espinilho, na região de Quaraí e Sant'Ana do Livramento (fronteira com o Uruguai), inclusive na área de operação do recém-instalado Complexo Eólico Cerro Chato, onde predominam os campos com arvoretas esparsas e bosques de eucalipto. Também há registros recentes para Uruguaiana, ainda em região originalmente coberta por parque espinilho. A espécie é encontrada solitária, aos pares ou em pequenos grupos. Seu longo bico permite se alimentar de insetos, aranhas e centopeias em fendas de troncos e ramos de árvores e cactos. Também se alimenta no solo em campos com vegetação herbácea baixa, podendo se aproveitar do pastejo do gado para capturar insetos. Ocasionalmente se associa a outras espécies de aves terrícolas típicas de parque espinilho, como o coperete (*Pseudoseisura lophotes*). Não há dados sobre reprodução no Brasil, embora certamente nidifique no país, especialmente se seu estado de residente for levado em consideração. Nidifica em cavidades com profundidade de 20-50 cm situadas a 1,5-2 m de altura em arvoretas e palmeiras, podendo ocupar ocas escavados por pica-paus. A postura, de três ovos, é depositada sobre um leito de folhas ou cavacos e ocorre entre o início de outubro e dezembro. O período de incubação é de 14 dias e os filhotes permanecem no ninho por 21 dias.

## Distribuição Geográfica

**Distribuição:** Distribuído do sul da Bolívia e oeste do Paraguai ao centro-leste da Argentina, Uruguai e sul do Brasil. No Brasil, existem registros somente para o Rio Grande do Sul, mais especificamente para os municípios de Barra do Quaraí, Uruguaiana, Quaraí e Sant'Ana do Livramento (Figura 7).

**Estados:** RS.

**Status:** Residente.

**Ocorrência em unidades de conservação:** Parque Estadual do Espinilho (RS), Área de Proteção Ambiental do Ibirapuitã (RS).

### Mapa de distribuição:

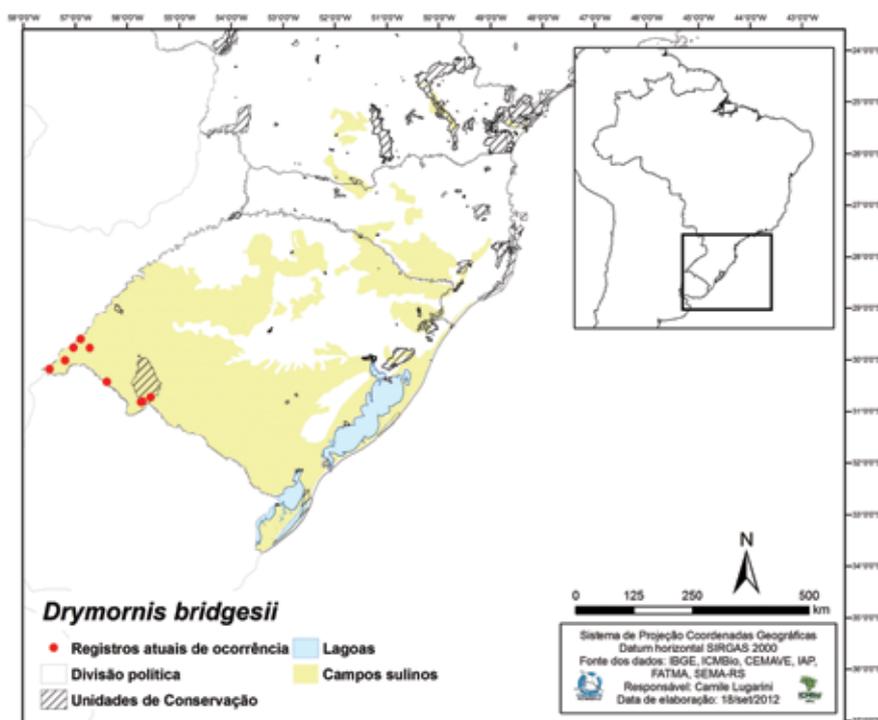


Figura 7 - Registros de ocorrência de arapaçu-platino (*Drymornis bridgesii*) na área de abrangência do PAN.



## Situação Populacional

**População e tendências:** Considerado incomum no Parque Estadual do Espinilho durante as décadas de 1970 e 1980, condição que, aparentemente, perdura até hoje. Registros recentes para Quaraí e Sant’Ana do Livramento sugerem que a espécie possa estar se expandindo a partir do Parque Estadual do Espinilho e/ou do Uruguai e Argentina.

**Estimativas populacionais:** Não existem dados populacionais precisos sobre a espécie.

## Ameaças

**Principais ameaças (atuais):** A destruição e descaracterização das savanas de algarrobos, inhanduvás e espinilhos do oeste gaúcho são as principais ameaças à espécie. Áreas outrora recobertas por essa vegetação foram extensivamente desmatadas para a obtenção de lenha e para dar lugar à pecuária e ao cultivo de arroz. O pastejar do gado e o corte e queima das arvoretas para a “limpeza” do campo impedem a regeneração das arvoretas, contribuindo para isolar os poucos fragmentos que restam. No Brasil, os maiores remanescentes estão localizados no Parque Estadual do Espinilho e somam 1617,14 ha. O corte de grandes árvores da formação espinilho resulta em carência de cavidades para ninho, o que pode ser um importante fator limitante para essa espécie no Brasil.

## Estratégias de conservação

**Ações de conservação existentes no Brasil:** : Não há ações de conservação com foco nesta espécie.

**Medidas para a conservação:** Colocar em prática o recém-elaborado plano de manejo do Parque Estadual do Espinilho. Proteger efetivamente o hábitat da espécie por meio de fiscalização constante, prevenindo desmatamentos adicionais. Aumentar a área de hábitat disponível para a espécie por meio de programas que promovam a recuperação e preservação de áreas de parque espinilho no entorno do Parque Estadual do Espinilho (*P. ex.*, por meio do aproveitamento das savanas de algarrobo, ricas em leguminosas forrageiras, para a engorda do gado ao invés de outras atividades que modificam drasticamente a vegetação como cultivo de grãos e silvicultura). Promover, por meio da educação de proprietários e trabalhadores rurais da fronteira oeste do Rio Grande do Sul, a manutenção de arvoretas velhas e mortas, potenciais para a nidificação da espécie em áreas com fisionomia “parque”. Avaliar os prós e contras da implementação de reservas lineares de parque espinilho ao longo da faixa de domínio das estradas públicas do município de Barra do Quaraí. Divulgar informações sobre a importância ecológica e o estado de conservação do ecossistema de parque espinilho.

## Pesquisa

**Especialistas/Núcleos de pesquisa e conservação no Brasil:** A espécie tem sido observada oportunisticamente, contudo não existem especialistas com estudos focados exclusivamente neste táxon.

### Principais lacunas de conhecimento:

- Estimar o tamanho da população no Parque Estadual do Espinilho e demais localidades com ocorrência da espécie.
- Aprimorar o conhecimento sobre a distribuição do arapaçu-platino no Oeste e Sudoeste do Rio Grande do Sul e avaliar seu grau de isolamento em relação a outras populações da espécie.
- Verificar a influência de imigração de indivíduos de populações argentinas e uruguaias na dinâmica populacional da espécie no Brasil.
- Desenvolver estudos para ampliar o conhecimento sobre a biologia da espécie no Rio Grande do Sul, avaliando, *P. ex.*, a sua capacidade de dispersão por ambientes alterados.
- Avaliar sua dependência em relação à formação parque espinilho e o uso de outras árvores e arvoretas em regiões sem presença dessa formação vegetal.
- Realizar experimentos de exclusão do gado no Parque Estadual do Espinilho visando avaliar o grau de dependência do arapaçu-platino e de outras aves semi-terrácolas ameaçadas em relação ao pastejo.
- Avaliar se registros recentes para Quaraí e Sant’Ana do Livramento se referem à expansão ou extensão de distribuição.
- Mapear os novos pontos de registro da espécie e buscar eventuais novas populações.



# Leptasthenura platensis

Autores: Claiton Martins-Ferreira, Rafael Antunes Dias, Rodrigo Vargas Damiani

## Informações taxonômicas

**Nome Científico:** *Leptasthenura platensis* (Figura 8)

**Autor/Ano:** Eyton, 1853

**Classe:** Aves

**Ordem:** Passeriformes

**Família:** Furnariidae

**Sinonímia:** inexistente

**Fonte taxonômica:** CBRO (2011)



Rodrigo V. Damiani

## Nomes comuns

**Português (pt):** rabudinho

**Inglês (en):** Tufted Tit-Spinetail

**Espanhol (sp):** coludito copetón

Figura 8 - Rabudinho (*Leptasthenura platensis*).

## Avaliação da Espécie

**Categoria atual (MMA 2003) e critério:** CR - B2ab(ii)

**Listas regionais:**

Lista/Ano	RJ (1998)	RS (2002)	PR (2004)	ES (2007)	MG (2007)	SP (2008)	PA (2008)	SC (Ignis)
Categoria	-	CR	-	-	-	-	-	-

**Situação mundial:**

IUCN (2010): Em perigo		CITES (2010):
Categoria	Critérios	Não consta
LC		

## Informações Gerais

**Descrição:** Pequeno furnarídeo, rabilongo dotado de retrizes centrais pontudas que se projetam além das demais, e de topete saliente e pequena faixa supraocular branca. O dorso é cinzento uniforme. O tarso é verde-oliva-escuro e o bico preto com tonalidade clara na base da mandíbula. A íris é marrom. O tamanho varia entre 14 a 17 cm e o peso de 11 a 12 g. O canto é composto por duas notas muito curtas que se transformam num trinado rápido e que acelera até assumir a qualidade quase de um zumbido.



**Biologia e Ecologia:** No Rio Grande do Sul tem sido encontrado unicamente em vegetação de parque espinilho, um tipo de savana restrita à extremidade oeste do Estado e formada principalmente por algarrobos (*P. nigra*), inhanduvás (*P. affinis*) e espinilhos (*A. caven*), dentre outras plantas. No Uruguai e Argentina foi registrado em outros tipos de ambientes abertos dotados de arvoretas e arbustos. No Parque Estadual do Espinilho ocupa tanto savanas de algarrobos em estágios sucessionais avançados como áreas com arbustos esparsos nas bordas da vegetação de parque espinilho. É visto isolado, aos pares ou, ocasionalmente, em pequenos grupos contendo jovens e adultos. Movimenta-se ativamente pela ramagem de árvores e arvoretas, procurando alimento nos galhos mais finos e inspecionando a extremidade dos ramos. Alimenta-se de pequenas aranhas e insetos, incluindo ninfas de coleópteros. Nidifica em cavidades, como ocos escavados por pica-paus, buracos em construções humanas e ninhos fechados de outros furnarídeos. A postura ocorre entre setembro e dezembro e filhotes pequenos foram registrados de outubro a dezembro. Evidências reprodutivas no Brasil provêm da primavera. Presumivelmente monogâmico, a postura é de dois a quatro ovos que são incubados durante 14-15 dias. Os filhotes permanecem no ninho por outros 15-16 dias. Não são conhecidas informações quanto à estruturação populacional e genética da espécie.

## Distribuição Geográfica

**Distribuição:** Encontrado em quase toda a Argentina (para o sul até a Província de Chubut), no Uruguai e no extremo sul do Brasil, havendo também alguns registros para o Paraguai. Em território brasileiro ocorre somente no extremo oeste do Rio Grande do Sul. Há um registro histórico de sua ocorrência em Uruguaiana, baseado em exemplares coletados em julho de 1914, e registros atuais para o Parque Estadual do Espinilho e para a Fazenda Espinilho, ambos em Barra do Quaraí (Figura 9).

**Estados:** RS

**Status:** Residente.

**Ocorrência em unidades de conservação:** Parque Estadual do Espinilho (RS).

**Mapa de distribuição:**

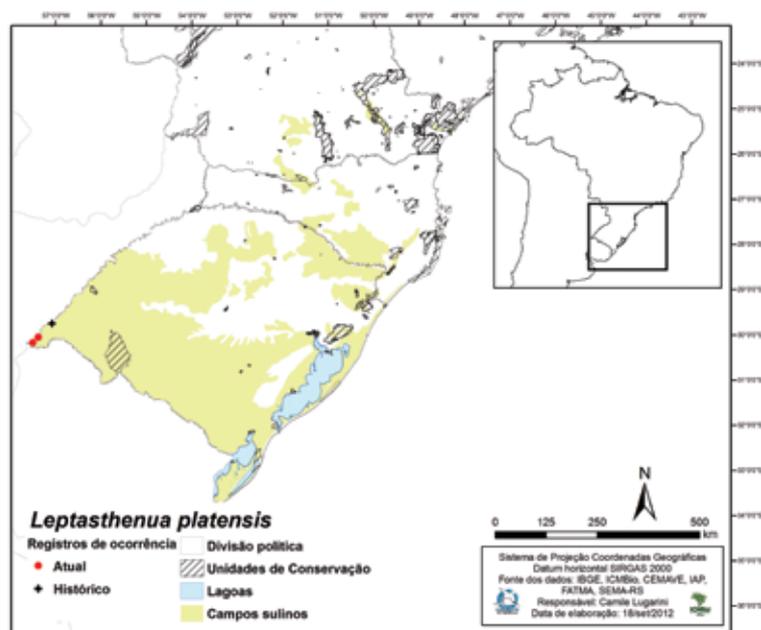


Figura 9 - Registros de ocorrência de rabudinho (*Leptasthena platensis*) na área de abrangência do PAN.



## Situação Populacional

**População e tendências:** Embora fosse considerado comum no Parque Estadual do Espinilho nas décadas de 1970 e 1980, somente seis indivíduos foram detectados nessa unidade de conservação em fevereiro de 2002. Não existem informações sobre a população na Fazenda Espinilho, onde pouquíssimas aves foram registradas em maio de 2001 e fevereiro de 2002.

**Estimativas populacionais:** Somente seis indivíduos foram detectados no Parque Estadual do Espinilho (fevereiro de 2002). Outras estimativas populacionais não estão disponíveis para esta espécie.

## Ameaças

**Principais ameaças (atuais):** A destruição do hábitat pode ser apontada como a principal causa do declínio da espécie no Rio Grande do Sul. As populações que restam no Estado são pequenas e dispõem de pouco hábitat propício, podendo ser rapidamente dizimadas por eventos catastróficos, como grandes incêndios e epidemias, ou pelo esgotamento genético devido à falta de contato com outras populações da espécie, caso isto ocorra. O Parque Estadual do Espinilho, que abriga a maior parte da população gaúcha do rabudinho, é pequeno e inclui apenas pouco mais de 1.500 ha de vegetação de parque espinilho. A área com esse tipo de vegetação na Fazenda Espinilho, além de pequena, sofre o impacto do sobrepastejo pelo gado (que compromete a sua regeneração natural) e encontra-se já bastante invadida pelas lavouras de arroz adjacentes. Por fim, há muita desinformação entre a população local em relação à importância ecológica do parque espinilho, sendo a prática de “limpeza” dos campos usual na região oeste do Estado, o que prejudica as espécies típicas desse ambiente singular.

## Estratégias de conservação

**Ações de conservação existentes no Brasil:** Não há ações de conservação com foco nesta espécie.

**Medidas para a conservação:** Colocar em prática o recém-elaborado plano de manejo do Parque Estadual do Espinilho. Estimular a criação de Reservas Particulares do Patrimônio Natural em áreas privadas com grande concentração de algarrobos e inhanduvás, sobretudo na Fazenda Espinilho. Proteger efetivamente o hábitat da espécie por meio de fiscalização constante, prevenindo desmatamentos adicionais. Aumentar a área de hábitat disponível para a espécie por meio de programas que promovam a recuperação e preservação do ecossistema de parque espinilho no entorno do Parque Estadual do Espinilho (e.g. por meio do aproveitamento das savanas de algarrobo, ricas em leguminosas forrageiras, para a engorda do gado). Promover por intermédio da educação de proprietários e trabalhadores rurais da fronteira oeste do Rio Grande do Sul a manutenção de arvo-retas velhas e mortas, potenciais para a nidificação da espécie em áreas com fisionomia “parque”. Divulgar informações sobre a importância ecológica e o estado de conservação do ecossistema de parque espinilho.

## Pesquisa

**Especialistas/Núcleos de pesquisa e conservação no Brasil:** Não são conhecidos especialistas ou grupos de pesquisa.

**Principais lacunas de conhecimento:**

- Tamanho populacional, estruturação populacional e grau de isolamento em relação às populações dos países vizinhos.
- Estudos sobre história natural e biologia reprodutiva.
- Avaliar a existência de outras populações em Uruguiana e municípios vizinhos.
- Avaliar os prós e contras da implementação de reservas lineares de parque espinilho ao longo da faixa de domínio das estradas públicas do município de Barra do Quaraí.
- Desenvolver estudos para ampliar o conhecimento sobre a biologia da espécie no Rio Grande do Sul.
- Estimar a população do rabudinho no Rio Grande do Sul e avaliar seu grau de isolamento em relação a outras populações da espécie.



# Spartonoica maluroides

Autores: Andros Tarouco Gianuca e Rafael Antunes Dias

## Informações taxonômicas

**Nome Científico:** *Spartonoica maluroides* (Figura 10)

**Autor/Ano:** D'Orbigny & Lafresnaye, 1837

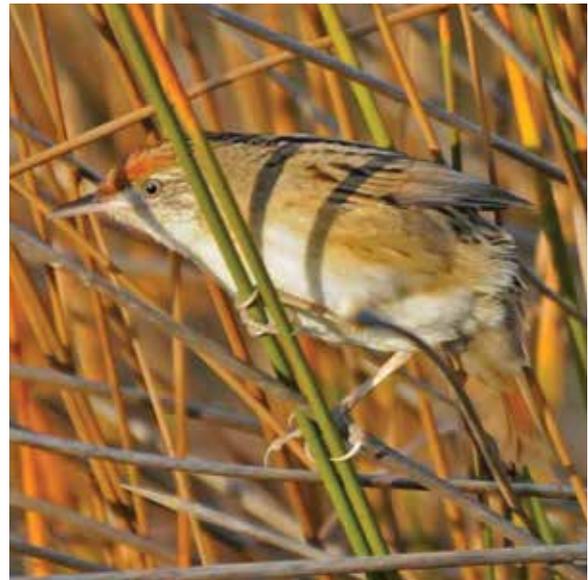
**Classe:** Aves

**Ordem:** Passeriformes

**Família:** Furnariidae

**Sinonímia:** inexistente

**Fonte taxonômica:** CBRO (2011)



Márcio Repenning

Figura 10 - Boininha (*Spartonoica maluroides*).

## Nomes comuns

**Português (pt):** boininha

**Inglês (en):** Bay-capped Wren-spinetail

**Espanhol (sp):** espartillero enano

## Avaliação da Espécie

**Categoria atual (MMA 2003) e critério:** NÃO CONSTA

**Listas regionais:**

Lista/Ano	RJ (1998)	RS (2002)	PR (2004)	ES (2007)	MG (2007)	SP (2008)	PA (2008)	SC (Ignis)
Categoria	-	VU	-	-	-	-	-	-

**Situação mundial:**

IUCN (2010): Em perigo		CITES (2010):
Categoria	Critérios	Não consta
NT	C1; C2a(i)	

## Informações Gerais

**Descrição:** Este pequeno furnarídeo de 14 cm apresenta dorso acanelado fortemente estriado de preto. Na base de suas asas escuras é possível perceber manchas acaneladas quando a ave voa. O mento e região ventral são de um tom claro, quase branco, que vai se tornando acanelado próximo aos flancos e suavemente acinzentado em direção ao peito. A íris cinza-azulada é notável pela tonalidade clara. Dentre as suas características mais marcantes estão a “boina” ferrugínea, que inspirou o nome popular da espécie, e a longa e pontiaguda cauda. Em comparação às fêmeas, os machos possuem bico um pouco mais robusto e a “boina” ferrugínea e a cauda um pouco mais longas. Sua vocalização consiste de um trinado mecânico agudo com intervalos de cerca de 2 segundos.



**Biologia e Ecologia:** Apresenta forte associação com ambientes úmidos cobertos por densa vegetação herbácea de porte elevado, sobretudo onde predominam as plantas *Androtrichum trigynum* (Cyperaceae), *Juncus acutus* (Juncaceae), *Paspalum quadrifarium* (Poaceae), *Spartina* spp. (Poaceae), *Schoeneoplectus californicus* (Cyperaceae) ou *Zizaniopsis bonariensis* (Poaceae). Apesar de ter sido observada também em campos secos com vegetação de grande porte, sua preferência é por locais parcialmente alagados ou inundáveis, tais como marismas e margens de banhados, brejos temporários em depressões das dunas, lagoas e cursos d'água. No estuário da Lagoa dos Patos, habita principalmente marismas temporariamente alagadas com presença de *Spartina densiflora* e *J. acutus* e, com menor abundância, em zonas frequentemente alagadas com *Scirpus olneyi* (Cyperaceae), *S. alterniflora* e *S. maritimus*. Nos campos litorâneos do Rio Grande do Sul e nos brejos alagados das dunas costeiras costuma ocorrer associada à *A. trigynum* e *J. acutus*. É incapaz de habitar locais de capim rasteiro. Na Argentina ficou demonstrado que a espécie depende de, no mínimo 60% de adensamento da cobertura vegetal com mais de 40 cm de altura. Alimenta-se de insetos, principalmente coleópteros, neurópteros e himenópteros. Sua reprodução ocorre na primavera e verão austrais, quando constrói um ninho na porção central de uma touceira de vegetação de grande porte, o qual consiste em uma taça ou plataforma construída de pequenos talos da vegetação seca circundante e cuja base interna é revestida por material macio. As hastes da touceira na qual o ninho é construído fazem parte das paredes e do teto, dando um aspecto globular à sua arquitetura. A postura é geralmente de três ovos, o período de incubação é de 13 dias e os ninhegos permanecem no ninho por 12 dias. Tanto o macho quanto a fêmea desenvolvem placas incubatórias e contribuem para chocar os ovos, criar os filhotes e prover alimentos. O sucesso reprodutivo é de aproximadamente 50%. No Brasil, evidências de reprodução provêm da Várzea do canal São Gonçalo, onde um filhotão foi observado, e na Lagoa Pequena, onde foi encontrado um ninho com filhotes. O local representa o limite norte do estuário da Lagoa dos Patos, e consiste em uma marisma alagada durante praticamente o ano inteiro, coberta principalmente por *S. olney* e por touceiras esparsas de *S. densiflora*.

## Distribuição Geográfica

**Distribuição:** Ocorre na porção central da Argentina, no Uruguai e sul do Brasil, onde só foi registrada para o estado do Rio Grande do Sul, sobretudo na porção da planície costeira meridional, e ocasionalmente na região oeste do Estado. Os municípios gaúchos onde a espécie foi relatada com mais frequência e abundância são Mostardas, Tavares, São José do Norte, Pelotas, Rio Grande e Santa Vitória do Palmar (Figura 11).

**Estados:** RS

**Status:** A espécie é considerada residente em toda a sua área de ocorrência. Contudo, flutuações em abundância ao longo das estações entre locais dentro da sua área de ocorrência sugerem que a espécie realiza deslocamentos, ainda que seus padrões não sejam plenamente compreendidos. Em algumas áreas da Argentina, por exemplo, a espécie parece diminuir em números durante o inverno, período em que é mais abundante na planície costeira do Rio Grande do Sul. Os registros para o setor oeste do estado e nas proximidades de Porto Alegre também provêm do inverno, período no qual a espécie pode ser também registrada no litoral norte do Rio Grande do Sul e banhados com *S. californicus* (Cyperaceae) na Área de Proteção Ambiental e Parque Estadual Delta do Jacuí.

**Ocorrência em unidades de conservação:** Parque Nacional da Lagoa do Peixe (RS); Área de Proteção Ambiental do Ibirapuitã (RS); Refúgio da Vida Silvestre Banhado dos Pachecos (RS); Estação Ecológica do Taim (RS); Reserva Biológica do Mato Grande (RS) e Área de Proteção Ambiental do Delta do Jacuí e Parque Estadual Delta do Jacuí (RS).



## Mapa de distribuição:

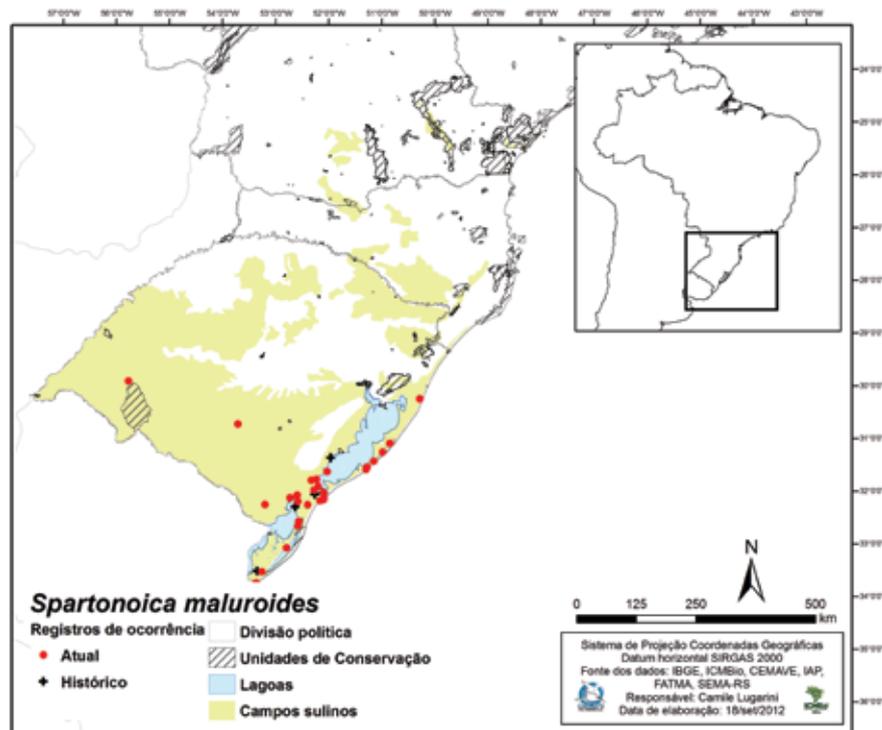


Figura 11. Registros de ocorrência de boininha (*Spartonoica maluroides*) na área de abrangência do PAN.

## Situação Populacional

**População e tendências:** Sua ocorrência é restrita às manchas de hábitat que sustentam as condições ambientais requeridas pela espécie. É considerada escassa no Rio Grande do Sul e, na região da campanha, costuma ser registrada apenas pontualmente. No estuário da Lagoa dos Patos tem sido observada com frequência e pode ser localmente abundante, mas aparenta estar concentrada somente nas marismas melhor conservadas. Também é observada com frequência no Parque Nacional da Lagoa do Peixe, onde uma população expressiva parece ocorrer. Observações recentes de indivíduos territoriais no banhado do Capão Seco, em Rio Grande, e na Reserva Biológica Mato Grande, sugerem que capinzais ao longo da várzea do canal São Gonçalo também possam concentrar uma população reprodutiva. Na Argentina, foi constatado um decréscimo populacional da espécie em resposta à expansão das atividades agropecuárias no século XX, cenário que provavelmente também ocorreu no Brasil. Especula-se que sua população global esteja em declínio gradual.

**Estimativas populacionais:** Informação não disponível para esta espécie.

## Ameaças

**Principais ameaças (atuais):** Os ambientes de capinzal de grande porte requeridos pela espécie são cada vez mais raros no Rio Grande do Sul. Dentre as atividades que descaracterizam, fragmentam ou degradam estes ecossistemas destacam-se o uso do fogo, expansão agrícola (arrozais), o sobrepastejo pelo gado, o florestamento por pinus e eucaliptos (principalmente no entorno do Parque Nacional da Lagoa do Peixe), a invasão de plantas exóticas e a urbanização em áreas costeiras, sobretudo nas proximidades das marismas, principalmente quando representam seu aterramento. A expansão desordenada de balneários, especialmente na região de Rio Grande, São José do Norte, Mostardas e Tavares, ameaça o hábitat da espécie. Uma série de parques eólicos planejados para o litoral do RS pode representar importante ameaça adicional, tanto pela perda e alteração do hábitat e, possivelmente, pela perturbação gerada pelos aerogeradores.



## Estratégias de conservação

**Ações de conservação existentes no Brasil:** Não há ações de conservação com foco nesta espécie.

**Medidas para a conservação:** Limitar o acesso do gado aos campos, dunas e marismas com vegetação de grande porte capazes de suportar populações da espécie. Da mesma forma, impedir o uso constante de fogo nestes ambientes, principalmente na estação reprodutiva da espécie, a partir de rigorosa fiscalização. Criação de unidades de conservação nos locais mais importantes para a espécie, como em marismas do Saco da Mangueira, Ilha da Torotama e da Lagoa Pequena, e na região da várzea do canal São Gonçalo. Regularização da situação fundiária e implementação efetiva e integral do Parque Nacional da Lagoa do Peixe e da Reserva Biológica do Mato Grande. Manter zonas de amortecimento dos impactos do florestamento de eucaliptos e principalmente de pinus, dada a sua forte capacidade invasiva, nas cercanias dos campos litorâneos com presença de juncais de *Androtrichum tryginum* e *Juncus acutus*. Zonear a implantação de parques eólicos no RS. Frear o avanço desordenado de balneários e a invasão de áreas de preservação permanente.

## Pesquisa

**Especialistas/Núcleos de pesquisa e conservação no Brasil:** Não se conhece especialistas neste táxon específico.

### Principais lacunas de conhecimento:

- Estudos sobre a ecologia, biologia e aspectos reprodutivos desta espécie no Rio Grande do Sul, incluindo a identificação das manchas de hábitat que potencialmente possam abrigar outras populações desta espécie e sua averiguação em campo, a conectividade entre essas manchas, o tamanho mínimo das manchas de hábitat requerido para a espécie se reproduzir e se manter e estimativas de tendência populacional.
- Estudos que investiguem os padrões de deslocamento da espécie no RS e entre os países vizinhos com ocorrência da espécie, assim como estabelecer as potenciais rotas de migração, como forma de garantir a manutenção do seu ciclo de atividades vitais.
- A influência de regimes leves de fogo e/ou pastejo no hábitat da espécie deve ser avaliada, visto que se desconhece como o desenvolvimento excessivo da vegetação na ausência total de distúrbio afeta a espécie.



# *Pseudoseisura lophotes*

**Autores:** Claiton Martins-Ferreira, Rafael Antunes Dias, Rodrigo Vargas Damiani, Maurício da Silveira Pereira

## Informações taxonômicas

**Nome Científico:** *Pseudoseisura lophotes* (Figura 12)

**Autor/Ano:** : Reichenbach, 1853

**Classe:** Aves

**Ordem:** Passeriformes

**Família:** Furnariidae

**Sinonímia:** inexistente

**Fonte taxonômica:** CBRO (2011)

## Nomes comuns

**Português (pt):** coperete

**Inglês (en):** Brown Cachalote

**Espanhol (sp):** hornerón, caserote castaño, cacholote castaño



Márcio Repenning

Figura 12. Coperete (*Pseudoseisura lophotes*).

## Avaliação da Espécie

**Categoria atual (MMA 2003) e critério:** CR - B2ab(ii)

**Listas regionais:**

Lista/Ano	RJ (1998)	RS (2002)	PR (2004)	ES (2007)	MG (2007)	SP (2008)	PA (2008)	SC (Ignis)
Categoria	-	CR	-	-	-	-	-	-

**Situação mundial:**

IUCN (2010): Em perigo		CITES (2010):
Categoria	Critérios	Não consta
LC		

## Informações Gerais

**Descrição:** Maior espécie da família (25 a 27 cm, e 90g), com quase o tamanho de uma gralha. Plumagem pardacenta; cabeça, cauda e o sobre marrom avermelhadas. Tarso cinza-escuro, maxila preta; mandíbula cinza-clara com ponta preta; íris cinza-esverdeada a amarelo-pálida. Chamados altos, grosseiros e não musicais; estrofe rouca, prolongada e descendente, normalmente emitido em dueto pelo casal.

**Biologia e Ecologia:** Vive em regiões secas ou semiáridas do centro-sul da América do Sul, sendo registrado do nível do mar até 900 m de altitude, em áreas recobertas por formações vegetais abertas. No Brasil, ocorre principalmente em vegetação de parque espinilho, uma savana de algarrobos (*P. nigra*), inhanduvás (*P. affinis*), espinilhos (*A. caven*) e outras arvoretas retorcidas do extremo oeste do Rio Grande



do Sul. Também há registros para áreas de campo com agrupamentos de arvoretas e grandes arbustos em regiões sem presença da formação parque espinilho. É observado aos pares ou em pequenos grupos que podem conter até cinco indivíduos. Alimenta-se de invertebrados, notadamente besouros e formigas, além de pequenos frutos, sementes e ovos de outras aves. Remexe o chão e o folhiço atrás de comida; também revira esterco, às vezes martelando e arrancando a casca e brotos das arvoretas com o bico. Ocasionalmente busca alimento na companhia de outras aves terrícolas típicas de parque espinilho, incluindo espécies ameaçadas, como o arapaçu-platino (*D. bridgesi*) e o corredor-crestado (*Coryphistera alaudina*). Embora forrageie no chão, geralmente é visto embrenhado nas copas de *Prosopis* spp. Seu ninho é uma grande massa de longos gravetos (50-150 cm de comprimento), medindo entre 45 e 90 cm de largura e pesando entre 2,5 e 5 kg. A câmara interna tem de 20 a 25 cm de diâmetro e se abre para o exterior através de um tubo lateral apoiado sobre um galho horizontal. O ninho é construído entre 4 e 6 m de altura, na copa de uma arvoretas. O coperete é seletivo quanto às espécies de árvores-suporte. No Brasil aparenta nidificar preferencialmente em *Prosopis* spp. É monógamo, reproduzindo-se entre fins de setembro e fevereiro. Os ovos, que variam de 2 a 4, são incubados por ambos os pais durante 18-20 dias. O período de permanência dos filhotes no ninho é de 18-23 dias. Na Argentina, verificou-se que 59% dos ovos postos eclodem; nesse país, o gambá-de-orelha-branca (*Didelphis albiventris*) é o principal predador de ninhos. As evidências de reprodução no Brasil provêm da observação de ninhos na primavera e verão e da coleta de um macho com testículos aumentados em novembro.

## Distribuição Geográfica

**Distribuição:** Vive do sul da Bolívia e oeste do Paraguai ao centro-leste da Argentina, Uruguai e sul do Brasil. No Brasil, foi registrado nos municípios de Uruguaiana e Barra do Quaraí, e mais recentemente em Quaraí e Sant'Ana do Livramento (Figura 13).

**Estados:** RS.

**Status:** Residente.

**Ocorrência em unidades de conservação:** Parque Estadual do Espinilho (RS), Área de Proteção Ambiental do Ibirapuitã (RS).

### Mapa de distribuição:

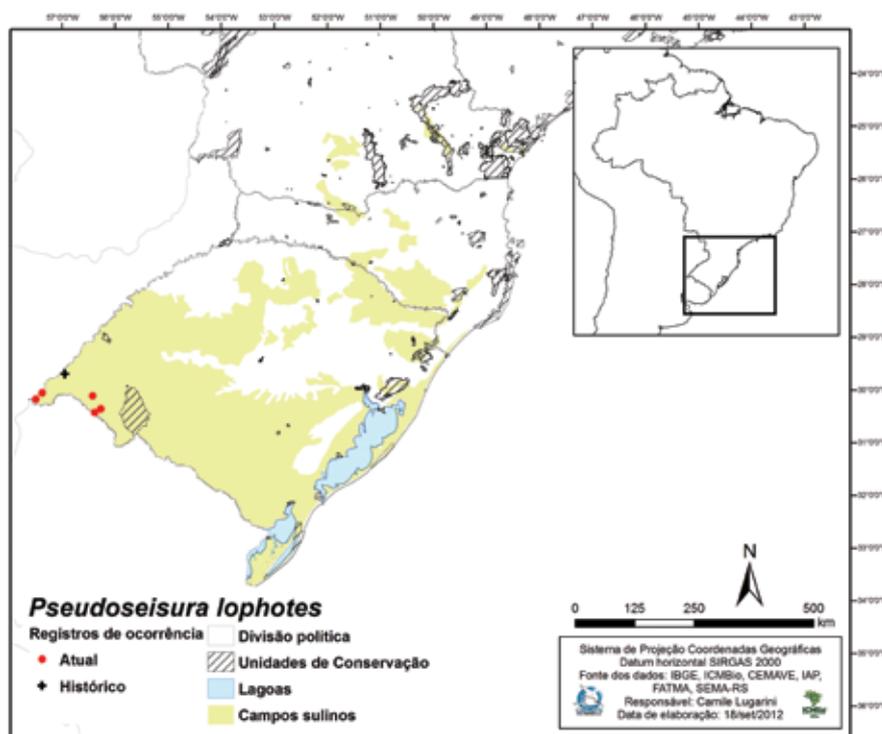


Figura 13. Registros de ocorrência de coperete (*Pseudoseisura lophotes*) na área de abrangência do PAN.



## Situação Populacional

**População e tendências:** Em fevereiro de 2002, 11 pares ou grupos foram detectados no Parque Estadual do Espinilho e outros dois pares foram observados na fazenda Espinilho. A espécie era aparentemente mais abundante no passado, sendo registrada nos arredores de Uruguaiana, ainda nas décadas de 1970-1980. Registros recentes para Quaraí e Sant'Ana do Livramento sugerem que a espécie pode estar se expandindo a partir do Parque Estadual do Espinilho e/ou do Uruguai e Argentina.

**Estimativas populacionais:** 13 pares reprodutivos, conforme informação acima.

## Ameaças

**Principais ameaças (atuais):** O coperete aparentemente está ameaçado pela destruição e descaracterização das savanas de algarrobos, inhanduvás e espinilhos do oeste do Rio Grande do Sul. Áreas outrora recobertas por parque espinilho foram desmatadas para o estabelecimento de pastagens, lavouras de arroz e obtenção de lenha. O pastejo do gado e o corte e queima das arvoretas para "limpeza" do campo impedem a regeneração da vegetação e contribuem para isolar os poucos fragmentos que restam. Os maiores remanescentes de parque espinilho no Brasil totalizam 1.200 ha e estão localizados no Parque Estadual do Espinilho.

## Estratégias de Conservação

**Ações de conservação existentes no Brasil:** Não há ações de conservação com foco nesta espécie.

**Medidas para a conservação:** É fundamental que o Parque Estadual do Espinilho seja inteiramente implementado e seu plano de manejo posto em prática. Campanhas de educação ambiental que alertem para a importância e singularidade da vegetação de parque espinilho são vitais para assegurar a proteção e recuperação dos remanescentes no extremo-oeste gaúcho. Também é preciso fiscalizar desmatamentos e queimadas e estimular a criação de Reserva Particular do Patrimônio Natural, especialmente na fazenda Espinilho. O grau de dependência da espécie, em relação ao pastejo, deve ser analisado mediante experimentos de exclusão do gado no Parque Estadual do Espinilho. Estudos sobre história natural, abundância, grau de isolamento e dinâmica da população brasileira são igualmente prioritários, visto que a conservação dessa ave de ocorrência marginal no Brasil provavelmente depende de conectividade com populações maiores e mais bem distribuídas do Uruguai e Argentina. É igualmente necessário avaliar as vantagens e desvantagens de estabelecer reservas lineares de parque espinilho ao longo da faixa de domínio de estradas públicas. Também é preciso mapear os novos pontos de registro da espécie e buscar eventuais novas populações em outros setores do oeste do Rio Grande do Sul.

## Pesquisa

**Especialistas/Núcleos de pesquisa e conservação no Brasil:** Glayson Ariel Bencke (FZB/RS); Carla Suertegaray Fontana (Laboratório de Ornitologia/MCP/PUCRS); Jan Karel Felix Mähler Jr. (UFRGS).

**Principais lacunas de conhecimento:**

- Estimar e monitorar o tamanho da população no Parque Estadual do Espinilho e demais localidades com ocorrência da espécie no Brasil.
- Realizar estudos de biologia reprodutiva da população gaúcha da espécie.
- Avaliar se os registros recentes para Quaraí e Sant'Ana do Livramento se referem à extensão ou expansão de distribuição.
- Verificar a influência de imigração de indivíduos de populações argentinas e uruguaias na dinâmica populacional da espécie no Brasil.



# Coryphistera alaudina

Autores: Claiton Martins-Ferreira, Rafael Antunes Dias, Rodrigo Vargas Damiani

## Informações taxonômicas

**Nome Científico:** *Coryphistera alaudina* (Figura 14 e 15)

**Autor/Ano:** Burmeister, 1860

**Classe:** Aves

**Ordem:** Passeriformes

**Família:** Furnariidae

**Sinonímia:** inexistente

**Fonte taxonômica:** CBRO (2011)



Rodrigo V. Damiani

## Nomes comuns

**Português (pt):** corredor-crestado

**Inglês (en):** Lark-like brushrunner

**Espanhol (sp):** crestado

Figura 14 - Corredor-crestado (*Coryphistera alaudina*).

## Avaliação da Espécie

**Categoria atual (MMA 2003) e critério:** CR - B2ab(ii)

**Listas regionais:**

Lista/Ano	RJ (1998)	RS (2002)	PR (2004)	ES (2007)	MG (2007)	SP (2008)	PA (2008)	SC (Ignis)
Categoria	-	CR	-	-	-	-	-	-

**Situação mundial:**

IUCN (2010): Em perigo		CITES (2010):
Categoria	Critérios	Não consta
LC		

## Informações Gerais

**Descrição:** Furnarídeo terrícola de porte mediano (16 cm), com tope frontal escuro acinzentado; partes superiores com estrias acinzentadas e inferiores com estrias marrom-alaranjadas, retrizes externas ferrugíneas e centrais anegradas; tarso marrom-amarelado, maxila marrom-amarelada com ponta escura e mandíbula marrom-amarelada a esbranquiçada; íris marrom-acinzentada-clara. Vocaliza um trinado alto e irregular “rrrru”, equivalente ao seu canto, e frequentemente emitem um chiado áspero quando excitado.



Márcio Repenning

Figura 15 - Corredor-crestado (*Coryphistera alaudina*) adulto em seu ambiente natural.

**Biologia e Ecologia:** Registrado desde o nível do mar até 500 m de altitude em diversas formações vegetais abertas de regiões secas ou semiáridas do centro-sul da América do Sul. No Brasil, está aparentemente restrito à vegetação de parque espinilho, uma savana de algarrobos (*P. nigra*), inhanduvás (*P. affinis*), espinilhos (*A. caven*) e outras arvoretas espinhentas típicas da extremidade oeste do Rio Grande do Sul. Vive em pequenos bandos ou grupos familiares que variam de quatro a sete aves e que podem conter até 20 indivíduos no período não reprodutivo. Consome besouros, formigas, grilos, aranhas e outros invertebrados que encontra no solo, muitas vezes ciscando o chão e remexendo esterco atrás de presas. Embora se abrigue nos arbustos e arvoretas, busca alimento em áreas de vegetação rasteira, podendo se beneficiar da ação de pastoreio do gado. No outono-inverno, ocasionalmente forrageia em bandos mistos com outras aves terrícolas típicas de parque espinilho, inclusive com o coperete (*P. lophotes*), espécie igualmente ameaçada de extinção no Brasil. Residente ao longo de sua distribuição geográfica, provavelmente se reproduz no Brasil entre setembro e janeiro. Constrói um ninho globoso de gravetos espinhosos, medindo de 30 a 100cm de diâmetro, em forquilhas de arvoretas entre 2 e 5m de altura, que pode ser utilizado como dormitório fora do período reprodutivo. A postura, que varia de três a quatro ovos (raramente cinco), ocorre entre fins de setembro e janeiro. Grupos sociais observados no período de reprodução sugerem a existência de auxiliares de ninho ou um sistema reprodutivo não-monogâmico. Ocasionalmente utiliza ninhos de coperete (*P. lophotes*) para nidificar ou pernoitar.

### Distribuição Geográfica

**Distribuição:** Distribuído do sudeste da Bolívia e oeste do Paraguai ao centro-leste da Argentina, incluindo o Uruguai e o sul do Brasil. No Brasil, foi registrado em cinco localidades dos municípios gaúchos de Uruguaiana e Barra do Quaraí. As únicas menções atuais provêm do Parque Estadual do Espinilho e da Fazenda Espinilho, localizadas em Barra do Quaraí (Figura 16).

**Estados:** RS.

**Status:** Residente.

**Ocorrência em unidades de conservação:** Parque Estadual do Espinilho (RS).



## Mapa de distribuição:

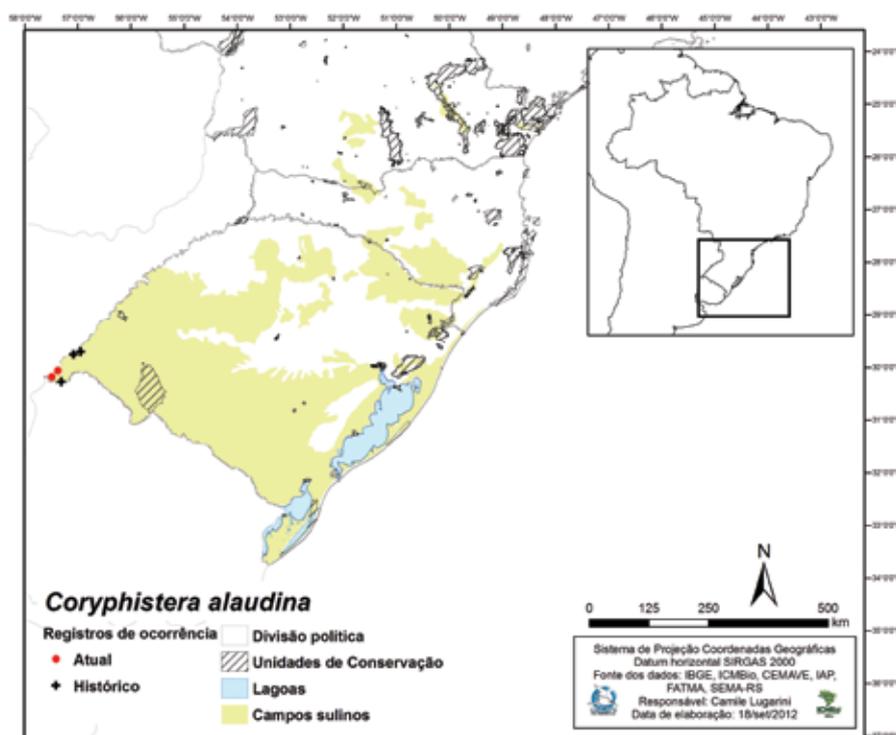


Figura 16 - Registros de ocorrência de corredor-crestudo (*Coryphistera alaudina*) na área de abrangência do PAN.

## Situação Populacional

**População e tendências:** A julgar por coletas realizadas no início do século XX, era aparentemente mais abundante no passado. Nas décadas de 1970 e 1980, foi considerado comum no Parque Estadual do Espinilho. Contagens realizadas nessa unidade de conservação em fevereiro de 2002 revelaram a presença de quatro ou cinco bandos, totalizando apenas 20 indivíduos.

**Estimativas populacionais:** 20 indivíduos no Parque Estadual do Espinilho.

## Ameaças

**Principais ameaças (atuais):** O corredor-crestudo está ameaçado pela destruição e descaracterização das savanas de algarrobos, inhanduvás e espinilhos do Rio Grande do Sul. A vegetação de parque espinilho do oeste gaúcho foi suprimida para o estabelecimento de pastagens e lavouras de arroz e também para a obtenção de lenha. A regeneração é limitada pelo pastejo do gado e pela ação de pecuaristas, que queimam ou cortam a vegetação arbóreo-arbustiva para “limpar” o campo. Os maiores remanescentes no Brasil totalizam 1.200 ha e estão situados no Parque Estadual do Espinilho. O reduzido tamanho dos fragmentos e seu crescente isolamento podem contribuir para comprometer a sobrevivência da espécie em longo prazo.

## Estratégias de conservação

**Ações de conservação existentes no Brasil:** Não há ações de conservação com foco nesta espécie.

**Medidas para a conservação:** Consolidar a implementação do Parque Estadual do Espinilho e colocar em prática o seu plano de manejo são medidas essenciais para a conservação deste furnarídeo. A proteção aos remanescentes de parque espinilho deve ser encorajada por meio de fiscalização contra desmatamentos e queimadas e criação de Reservas Particulares do Patrimônio Natural, especialmente na fazenda Espinilho. Programas de educação ambiental que versem sobre a importância desse ecossistema são fundamentais



para possibilitar um aumento na área de hábitat, disponível mediante a proteção e recuperação da vegetação. Também é necessário avaliar os prós e contras do estabelecimento de reservas lineares de parque espinilho ao longo da faixa de domínio de estradas públicas e determinar o grau de dependência da espécie, em relação ao pastejo, a partir de experimentos de exclusão do gado no Parque Estadual do Espinilho.

## Pesquisa

**Especialistas/Núcleos de pesquisa e conservação no Brasil:** Glayson Ariel Bencke (FZB/RS); Carla Suertegaray Fontana (Laboratório de Ornitologia/MCP/PUCRS); Jan Karel Felix Mähler Jr. (UFRGS).

**Principais lacunas de conhecimento:**

- Estudos sobre história natural, abundância, grau de isolamento e dinâmica da população brasileira, especialmente considerando que a conservação dessa espécie de ocorrência marginal no Brasil depende, provavelmente, de conectividade com populações maiores e bem distribuídas do Uruguai e Argentina.
- Avaliar a existência de populações em outras regiões do oeste gaúcho.



# Asthenes hudsoni

Autores: Andros Tarouco Gianuca e Glayson Ariel Bencke

## Informações taxonômicas

**Nome Científico:** *Asthenes hudsoni* (Figura 17 e 18)

**Autor/Ano:** : Sclater, 1874

**Classe:** Aves

**Ordem:** Passeriformes

**Família:** Furnariidae

**Sinonímia:** inexistente

**Fonte taxonômica:** CBRO (2011)



Andros Gianuca

Figura 17 - João-platino (*Asthenes hudsoni*) no Rio Grande do Sul.

## Nomes comuns

**Português (pt):** João-platino

**Inglês (en):** Hudson's Canastero

**Espanhol (sp):** espartillero pampeano

## Avaliação da Espécie

**Categoria atual (MMA 2003) e critério:** DD

**Listas regionais:**

Lista/Ano	RJ (1998)	RS (2002)	PR (2004)	ES (2007)	MG (2007)	SP (2008)	PA (2008)	SC (Ignis)
Categoria	-	DD	-	-	-	-	-	-

**Situação mundial:**

IUCN (2010): Em perigo		CITES (2010):
Categoria	Critérios	Não consta
LC		

## Informações Gerais

**Descrição:** Mede 17 cm de comprimento. Apresenta coloração das partes superiores ocre-amarelado, tendo o dorso bastante estriado de preto e com duas linhas brancas proeminentes. Os flancos também são estriados, contrastando com o ventre e o restante da parte inferior do corpo, que são de um tom ocre-cinamômeo uniforme, exceto pelo mento amarelo-alaranjado. Manchas acaneladas nas asas são visíveis principalmente em voo. As retrizes são longas e pontiagudas, sendo as duas centrais salientes. O canto inicia com duas notas agudas e espaçadas, que são imediatamente sucedidas por uma série de notas cada vez mais frequentes e aceleradas e que por fim diminuem suavemente até se esgotarem.

**Biologia e Ecologia:** Ocorre em altitudes que variam de zero a 950 m acima do nível do mar. Habita principalmente bordas de áreas úmidas onde ocorre vegetação herbácea de grande porte (e.g., *P. quadrifarium*, *J. acutus* e *A. trigynum*), entremeada por manchas de vegetação rasteira. Esse nível de complexidade estrutural da vegetação herbácea é considerado ótimo para a espécie nidificar, ocultar-se de predadores



Figura 18 - João-platino (*Asthenes hudsoni*) no Rio Grande do Sul.

e buscar alimento, o qual consiste em invertebrados do solo e artrópodos diversos, sobretudo larvas de lepidópteros, coleópteros, ortópteros e himenópteros. No Brasil, tem sido encontrado exclusivamente em campos litorâneos e dunas costeiras. Na maioria das áreas onde sua ocorrência tem sido constatada, as características ambientais são bastante similares: terrenos arenosos recobertos por tufos de *A. trigynum* (Cyperaceae) e/ou *J. acutus* (Juncaceae) entremeados por vegetação rasteira, sobre solos geralmente saturados de umidade. Em Santa Vitória do Palmar, um indivíduo forrageava entre tufos densos de gramíneas com até 30 cm de altura na borda de uma estrada situada dentro de arrozal. Uma covariável importante nas áreas onde a espécie foi observada parece ser uma leve pressão de herbivoria pelo gado, situação que garante a heterogeneidade da vegetação herbácea requerida pela espécie. Seu comportamento recluso dificulta sua visualização, sobretudo quando permanece em silêncio, motivo pelo qual pode facilmente passar despercebido. Apesar da ausência de estudos e relatos diretos sobre a reprodução da espécie no Rio Grande do Sul, a observação de pares de indivíduos adultos durante a estação reprodutiva sugere que o João-platino nidifica no estado.

### Distribuição Geográfica

**Distribuição:** Está, em grande parte, restrito ao bioma Pampa. Ocorre no extremo sul do Brasil, Uruguai e leste da Argentina, meridionalmente até Rio Negro. No Brasil, foi registrado recentemente apenas de forma pontual na planície costeira do litoral médio e sul do Rio Grande do Sul (Tavares, Rio Grande e Santa Vitória do Palmar) (Figura 9).

**Estados:** RS.

**Status:** Foi inicialmente considerado vagante no Brasil. Porém, registros recentes feitos ao longo do ano nos campos litorâneos do Balneário Cassino, em Rio Grande, e no Parque Nacional da Lagoa do Peixe, em Tavares, sugerem que a espécie permanece em território gaúcho durante todas as estações.

**Ocorrência em unidades de conservação:** Parque Nacional da Lagoa do Peixe (RS).



## Mapa de distribuição:

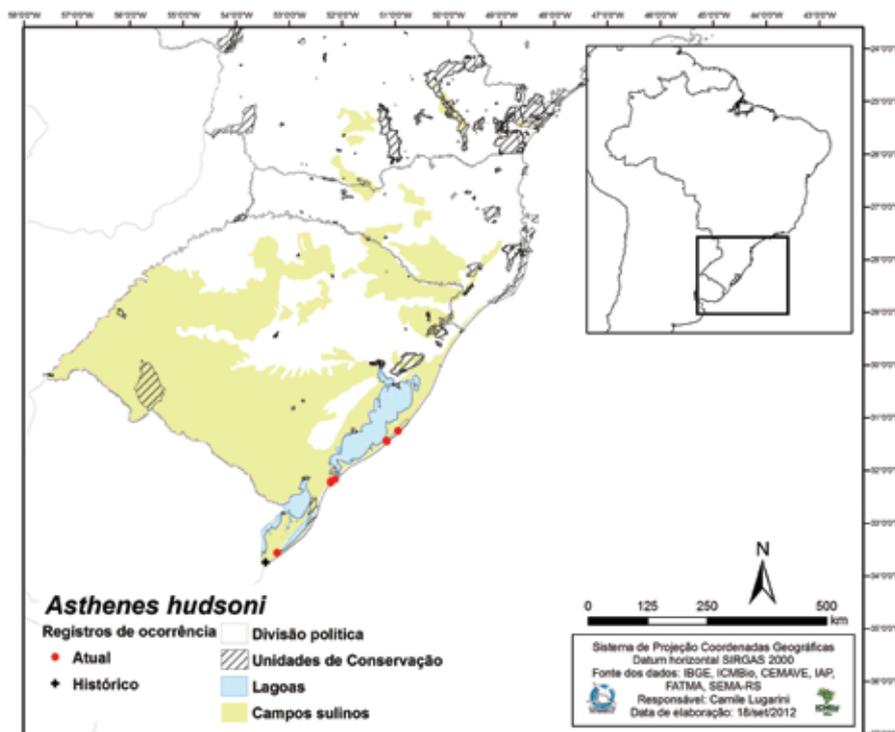


Figura 19 - Registros de ocorrência de joão-platino (*Asthenes hudsoni*) na área de abrangência do PAN.

## Situação Populacional

**População e tendências:** É extremamente raro e apresenta ocorrência muito restrita no Brasil. Desde o primeiro registro, quando um casal foi coletado em Santa Vitória do Palmar em julho de 1964, passaram-se 32 anos até que a espécie foi novamente registrada em território brasileiro, no município de Tavares, em dezembro de 1996. Desde então, novas observações têm sido feitas, principalmente dentro dos limites do Parque Nacional da Lagoa do Peixe. Esses novos registros incluem um grupo de 4–5 pares observados em fevereiro de 2006 e mais dois indivíduos, supostamente um casal, registrados em dezembro de 2008. No Balneário Cassino, um único indivíduo foi observado em todas as ocasiões (novembro de 2008; abril, junho, agosto a outubro de 2009). Em Santa Vitória do Palmar, um indivíduo foi capturado em 17 de junho de 2009. É importante ressaltar que as feições campestres com vegetação de grande porte são extremamente raras na planície costeira gaúcha e que, em decorrência disso, a espécie pode ser incapaz de estabelecer uma população significativa no Brasil. Recentemente, novos registros documentados foram feitos em Tavares, o que faz desse município a área com maior regularidade de ocorrências da espécie no Brasil. Uma vez que o seu habitat continua desaparecendo, a tendência é que a espécie torne-se cada vez mais escassa em território nacional. Na Argentina foi observada uma retração de 50% na área de ocorrência do joão-platino ao longo das últimas décadas, devido ao avanço da fronteira agropecuária sobre os capinzais de grande porte.

**Estimativas populacionais:** Informação não disponível para esta espécie.

## Ameaças

**Principais ameaças (atuais):** Seu habitat, bastante específico e naturalmente restrito no Brasil, está cada vez mais raro em decorrência do sobrepastoreio pelo gado, conversão de campos nativos em cultivos de arroz irrigado e invasão por espécies exóticas (pinus) e a expansão desordenada de balneários. O manejo com arado e fogo, assim como o pastoreio e o pisoteio pelo gado doméstico, causam a simplificação fisionômica e estrutural da vegetação herbácea, resultando em perda de habitat para a espécie. Além disso, a



conversão das feições campestres habitadas pela espécie por sistemas agrícolas, assim como o avanço do cultivo de pínus e eucalipto, sobretudo no entorno do Parque Nacional da Lagoa do Peixe, representam ameaças adicionais. Ao sul da Lagoa do Peixe, e a leste da lagoa Mangueira, em Santa Vitória do Palmar, a invasão dos campos de dunas por pinus está modificando irremediavelmente áreas expressivas de hábitat potencialmente importante para a espécie. Além disso, a expansão desordenada do Balneário Cassino ameaça populações da espécie. A construção de um oceanário irá destruir a área de vida da espécie no local e é desconhecido se hábitats adjacentes serão conservados. Uma série de parques eólicos está projetada para o litoral gaúcho, incluindo áreas onde a espécie ocorre ao sul de Rio Grande (RS). Não se sabe como a perda e fragmentação de hábitat e a eventual perturbação causada por aerogeradores podem afetar a espécie.

## Estratégias de conservação

**Ações de conservação existentes no Brasil:** Não há ações de conservação com foco nesta espécie.

**Medidas para a conservação:** Garantir a manutenção das feições campestres de capinzal alto requeridas pela espécie na planície costeira, a partir da ordenação dos usos do solo, assim como a restauração dos ambientes que continham essas características e hoje se encontram fragmentados e descaracterizados. Coibir o uso de fogo e arado em campos e dunas onde haja predomínio de *A. trygynum* e *J. acutus*, a partir de rigorosa fiscalização. Regularizar prioritariamente as áreas ocupadas pela espécie no Parque Nacional da Lagoa do Peixe e retirar ou manejar adequadamente o gado dentro da unidade de conservação, com ênfase na proteção dos juncais de *A. trygynum* e *J. acutus*. Manter zonas de amortecimento no entorno dos plantios de eucalipto e, principalmente, pinus, dada a sua forte capacidade invasiva, nas cercanias dos campos litorâneos com presença de juncais de *A. trygynum* e *J. acutus*. Zonear a implantação de parques eólicos no Rio Grande do Sul, com especial atenção à preservação dos hábitats da espécie. Coibir o avanço de balneários sobre áreas importantes para a espécie, especialmente na região de Rio Grande, Mostardas e Tavares, além de obrigar a implementação de medidas compensatórias para proteger seu hábitat. Zonear a implementação de parques eólicos no Rio Grande do Sul.

## Pesquisa

**Especialistas/Núcleos de pesquisa e conservação no Brasil:** Informação não disponível para esta espécie.

### Principais lacunas de conhecimento:

- Estudos sobre a ecologia, biologia e aspectos reprodutivos da espécie no Brasil, incluindo a identificação das manchas de hábitat que potencialmente abrigam populações ainda não detectadas.
- Estimativas de população e tendências populacionais, averiguando a conectividade entre as manchas de hábitat remanescente e avaliando o tamanho mínimo das manchas de hábitat requerido pela espécie.
- Verificar se há populações da espécie na região da Fazenda Caçapava, na Estação Ecológica do Taim, e também em São José do Norte e a leste da Lagoa Mangueira.



# Limnortites rectirostris

Autores: Carla Suertegaray Fontana e Rafael Antunes Dias

## Informações taxonômicas

**Nome Científico:** *Limnortites rectirostris* (Figura 20)

**Autor/Ano:** : Gould, 1839

**Classe:** Aves

**Ordem:** Passeriformes

**Família:** Furnariidae

**Sinonímia:** *Limnornis rectirostris*

**Fonte taxonômica:** SACC (2005), CBRO (2011)

## Nomes comuns

**Português (pt):** arredio-do-gravatá,  
junqueiro-de-bico-reto

**Inglês (en):** Straight-billed Reedhaunter

**Espanhol (sp):** pajonalera pico recto,  
pajunalera piquirrecta



Márcio Repenning

Figura 20 - Arredio-do-gravatá (*Limnortites rectirostris*).

## Avaliação da Espécie

**Categoria atual (MMA 2003) e critério:** VU - A4c

**Listas regionais:**

Lista/Ano	RJ (1998)	RS (2002)	PR (2004)	ES (2007)	MG (2007)	SP (2008)	PA (2008)	SC (Ignis)
Categoria	-	VU	-	-	-	-	-	CR

**Situação mundial:**

IUCN (2010): Em perigo		CITES (2010):
Categoria	Critérios	Não consta
NT	Nearly met: C1; C2a (i)	

## Informações Gerais

**Descrição:** Descrição: Possui cerca de 15 cm. Não há dimorfismo entre machos e fêmeas. O dorso é pardo oliváceo, o peito e o ventre são esbranquiçados e as rémiges e a cauda são rufas, esta última terminando em duas pontas. O bico desproporcionalmente longo e reto e a voz – uma série de “ti, ti, ti” terminados em um trinado – são diagnósticos da espécie. Costuma vocalizar no alvorecer e ocaso. Os juvenis apresentam plumagem carregada por uma coloração marrom-alaranjada, base da maxila inferior amarelada ou alaranjada e a íris marrom-acinzentada.

**Biologia e Ecologia:** Vive exclusivamente em áreas úmidas com densa cobertura de gravatás (*Eryngium* spp., especialmente *E. pandanifolium*) localizadas em regiões campestres desde o nível



do mar até cerca de 1.100 m de altitude. É considerada residente ao longo de sua área de distribuição, nidificando de setembro a janeiro. Geralmente faz um ninho fechado, esférico, construído em gravatás com folhas de plantas aquáticas (inclusive gravatás) e gravetos a menos de 50 cm do leito do banhado. Ambos os membros do casal revezam-se na incubação dos ovos, que em geral, são em número de três. Vive sozinho ou aos pares, oculto por entre os gravatás. Alimenta-se de pequenos animais como aracnídeos, coleópteros, hemípteros e himenópteros.

## Distribuição Geográfica

**Distribuição:** Ocorre somente no extremo sul do Brasil; sul e sudeste do Uruguai e nas províncias de Buenos Aires e Entre Rios, na Argentina. Distribui-se de forma esparsa em função da irregularidade na presença de banhados de gravatás (Figura 21).

**Estados:** RS, SC.

**Status:** Residente.

**Ocorrência em unidades de conservação:** Parque Nacional de Aparados da Serra (RS/SC), Parque Nacional da Serra Geral (RS/SC), Parque Estadual do Tainhas (RS), Refúgio de Vida Silvestre Banhado dos Pachecos (RS) e Reserva Biológica do Mato Grande (RS).

### Mapa de distribuição:

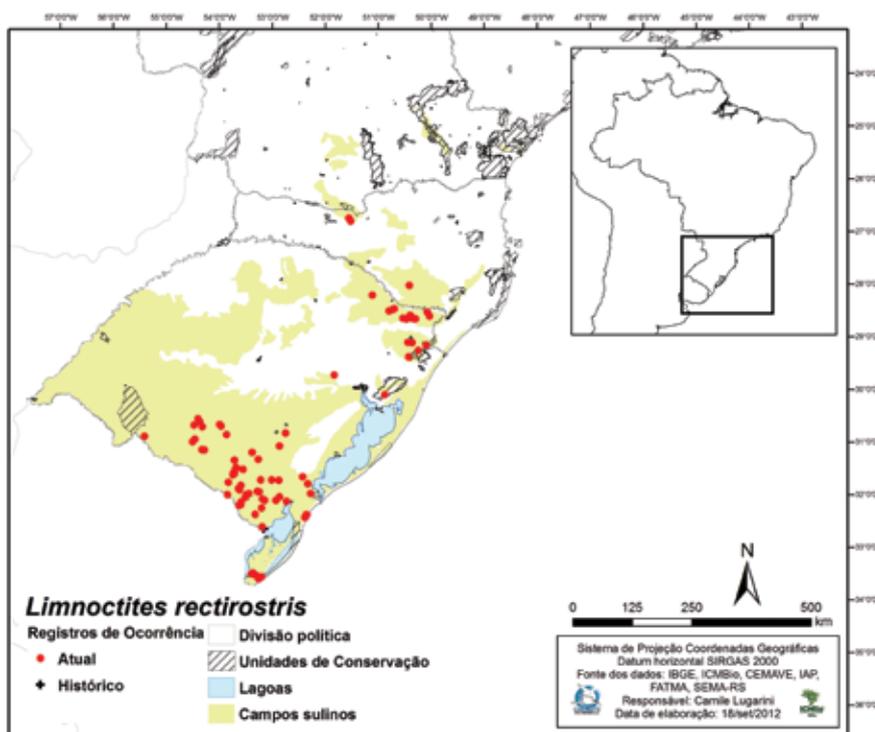


Figura 21 - Registros de ocorrência de arredo-do-gravatá (*Limnocites rectirostris*) na área de abrangência do PAN.

## Situação Populacional

**População e tendências:** O tamanho da população global ainda não foi quantificado. No Rio Grande do Sul as maiores populações ocorrem no planalto nordeste e na Serra do Sudeste. É raro em Santa Catarina.

**Estimativas populacionais:** Informação não disponível para esta espécie.



## Ameaças

**Principais ameaças (atuais):** A destruição e descaracterização dos banhados com gravatás dos quais a espécie depende constitui a principal ameaça. Esses banhados são comumente drenados, aterrados, ou inundados para a expansão de atividades agropastoris. Em áreas de pecuária os banhados são frequentemente queimados e o pisoteio constante do gado altera a estrutura da vegetação. As plantações de pinus e eucalipto, ao redor dos banhados com gravatás, constituem ameaça adicional, pois secam os banhados, aceleram a invasão de arbustos e fragmentam a área de uso da espécie, causando isolamento de populações. Na Argentina, especialmente na província de Buenos Aires, as populações têm sido ameaçadas pela expansão urbana, depósitos de lixo e poluição das águas, além daquelas relacionadas ao pastejo excessivo e a agricultura. No Brasil se desconhece o quanto a urbanização e poluição estão associadas à diminuição da espécie, mas isso pode estar relacionado com a possível retração de sua população no litoral do Rio Grande do Sul. A observação de indivíduos vivendo e inclusive reproduzindo em gravatazais pequenos e bastante alterados, inclusive em beiras de estrada, sugere que a espécie tenha certa tolerância à retração do hábitat.

## Estratégias de conservação

**Ações de conservação existentes no Brasil:** Não há ações de conservação com foco nesta espécie.

**Medidas para a conservação:** Incentivo a projetos que subsidiem avaliações de parâmetros demográficos da espécie, como densidade populacional, taxas de sobrevivência, dentre outros; criação e implementação de unidades de conservação públicas e particulares de campos com extensas áreas de gravatás; fiscalização dessas Unidades; zoneamento econômico-ecológico-turístico nos campos de Santa Catarina e Rio Grande do Sul com o objetivo de limitar o estabelecimento de florestas, açudes e pequenas barragens em áreas de menor importância para esta espécie e outras aves dependentes de banhados. Educação ambiental em áreas de pecuária para coibir a destruição dos banhados de gravatá. Submeter os projetos de pequenas barragens nas regiões de ocorrência de ar-redio-do-gravatá a um processo de licenciamento que inclua uma avaliação prévia da importância da área para a espécie. Os banhados muitas vezes localizam-se em áreas de nascentes e são áreas de preservação permanente; o simples respeito à legislação resolveria muitos problemas referentes a conservação do hábitat da espécie. Incentivos fiscais e reduções de imposto para pecuaristas que preservam campo nativo, reconhecimento do valor ambiental da carne produzida nessas áreas e subsídios para tornar a carne produzida nessas áreas competitiva em termos de mercado.

## Pesquisa

**Especialistas/Núcleos de pesquisa e conservação no Brasil:** Rafael Antunes Dias (UCPel), Carla Suertegaray Fontana (Laboratório de Ornitologia/MCP/PUCRS).

**Principais lacunas de conhecimento:**

- Estudos de história natural e demografia.
- Monitoramento em longo prazo das populações conhecidas.
- Efeitos de atividades agropastoris e industriais sobre as populações conhecidas.
- Avaliar sua tolerância à alteração e fragmentação dos banhados de gravatás.
- Efeitos de poluentes e outros fatores relacionados a expansão populacional humana.



# Culicivora caudacuta

**Autores:** Carla Suertegaray Fontana e Márcio Repenning

## Informações taxonômicas

**Nome Científico:** *Culicivora caudacuta* (Figura 22 e 23)

**Autor/Ano:** Vieillot, 1818

**Classe:** Aves

**Ordem:** Passeriformes

**Família:** Tyrannidae

**Sinonímia:** inexistente

**Fonte taxonômica:** CBRO (2011)

## Nomes comuns

**Português (pt):** papa-moscas-do-campo

**Inglês (en):** Sharp-tailed Grass-Tyrant

**Espanhol (sp):** tachurí coludo



Márcio Repenning

Figura 22 - Adulto de papa-moscas-do-campo (*Culicivora caudacuta*) / Figura 23 - Juvenil de papa-moscas-do-campo (*Culicivora caudacuta*).

## Avaliação da Espécie

**Categoria atual (MMA 2003) e critério:** VU - A2c + 3c

**Listas regionais:**

Lista/Ano	RJ (1998)	RS (2002)	PR (2004)	ES (2007)	MG (2007)	SP (2008)	PA (2008)	SC (Ignis)
Categoria	-	CR	VU	-	VU	EN	-	CR

**Situação mundial:**

IUCN (2010): Em perigo		CITES (2010):
Categoria	Critérios	Não consta
VU	A2c+3c+4c	

## Informações Gerais

**Descrição:** Mede em torno de 10 cm e pesa 8 g. Apresenta dimorfismo sexual muito discreto. A parte superior da cabeça é preta estriada de branco, possui larga sombrancelha branca ou amarelada e uma faixa negra na linha dos olhos. Dorso cor de acanelado-claro estriado de preto e ventre pardo-esbranquiçado com flancos acanelados. A cauda é longa e com penas estreitas. Sua voz é grave, um zumbido anasalado repetido por várias vezes, inclusive em dueto. Os juvenis, antes de completarem a muda pós-juvenil, apresentam plumagem parda homogênea carregada de um alaranjado-acanelado e cauda muito curta. Assim que completam a primeira muda pós-juvenil já começam a adquirir penas pretas e brancas na cabeça, e brancas na garganta, bem como estrias negras no dorso.



**Biologia e Ecologia:** Habita diferentes ambientes abertos (savanas, campos de cerrado, capinzais altos, úmidos ou secos). Na região sul do Brasil é encontrado preferencialmente em capinzais altos e densos onde perambula pelos colmos e inflorescências. No sul do Planalto Meridional tem sido encontrado com maior frequência em ambientes méxicos (brejos ao longo de drenagens naturais) em regiões tão altas quanto 1000 m de altitude, podendo ocupar áreas de campos secos também. Os micro-habitats onde se situam os ninhos podem ser tanto locais com vegetação mais esparsa como locais onde a vegetação herbácea-arbustiva é mais adensada (Figura 24). A reprodução vai de setembro a março, com pico em novembro nos Campos de Cima da Serra. Quando estão excitados, os machos realizam voos curtos e acrobáticos próximos às fêmeas. Tanto o macho como a fêmea participam das atividades de demarcação e defesa de seus territórios reprodutivos. O sistema reprodutivo é monogâmico, caracterizado pela formação de casais que podem receber ou não a ajuda de mais indivíduos (*helpers*) durante a fase de cuidado parental. Ambos os indivíduos participam da construção do ninho. As cópulas iniciam quando os ninhos já se encontram em estado avançado de construção. São colocados três ovos em média. Após a reprodução é comum a formação de grupos familiares que passam a se deslocar além dos limites dos territórios reprodutivos. Sua dieta é baseada, essencialmente, no consumo de pequenos artrópodes. Durante o forrageamento indivíduos buscam por artrópodes na vegetação ou mesmo em capturas em voo. Investe principalmente sobre presas que estão nos ramos, folhas e inflorescências de capins e arbustos. Preferem forragear a meia altura e se deslocando pelos colmos das gramíneas, permanecendo boa parte do tempo inconspícuos em meio à vegetação. Podem inspecionar teias de aranha na vegetação arbustiva a fim de capturar pequenos artrópodes que eventualmente estejam presos ou mesmo preda as próprias aranhas. Ortópteros e coleópteros são itens comuns de sua dieta. Oportunisticamente térmitas também podem ser capturados em voo.



Márcio Repenning

Figura 24 - Adulto de papa-moscas-do-campo (*Culicivora caudacuta*) no ninho.



## Distribuição Geográfica

**Distribuição:** Ocorre no centro da América do Sul, principalmente no cerrado do Brasil central, Bolívia, Paraguai, Uruguai e nordeste da Argentina. Sua distribuição é congruente com as formações campestres, que podem ser descontínuas. Populações reprodutivas foram recentemente descobertas nos encaves de campos de altitude do sul do bioma Mata Atlântica no RS e SC. No bioma Pampa, parece estar restrito à região sudoeste conhecida como Campanha gaúcha. No Paraná, está sendo registrado com frequência em várias localidades diferentes com predomínio de formações de campos associadas a brejos, sobretudo na região conhecida como Campos Gerais do Paraná. As populações reprodutivas do norte do Paraná parecem ter conectividade com populações de áreas vizinhas no estado de São Paulo, como por exemplo, com a população observada nos campos de Itararé (Figura 25).

**Estados:** RS, SC, PR, SP, MG, GO, DF, MS, MT, BA, MA, AM, TO, AP.

**Status:** De forma geral nos três estados do Sul do Brasil parece ser uma espécie sedentária (residente).

**Ocorrência em unidades de conservação:** A região dos Campos de Cima da Serra conta com um registro para o Parque Estadual do Ibitirirá (RS) somente. No Pampa foi registrado na Área de Proteção Ambiental do Ibirapuitã (RS) e Reserva Biológica do Mato Grande (RS). No Paraná existem registros para o Parque Estadual de Vila Velha (PR), Área de Proteção Ambiental do Iraí (PR) e Área de Proteção Ambiental Estadual da Escarpa Devoniana (PR). A espécie também está presente no Parque Estadual do Jalapão (TO), Estação Ecológica de Itirapina (SP), Estação Ecológica de Águas Emendadas (DF), Estação Ecológica do IBGE (DF), Estação Ecológica da Serra das Araras (MT), Parque Nacional das Emas (GO), Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros (GO), Parque Nacional da Serra da Canastra (MG), Parque Nacional de Brasília (DF), Parque Nacional da Chapada dos Guimarães (MT), Reserva Biológica da Contagem (DF).

### Mapa de distribuição:

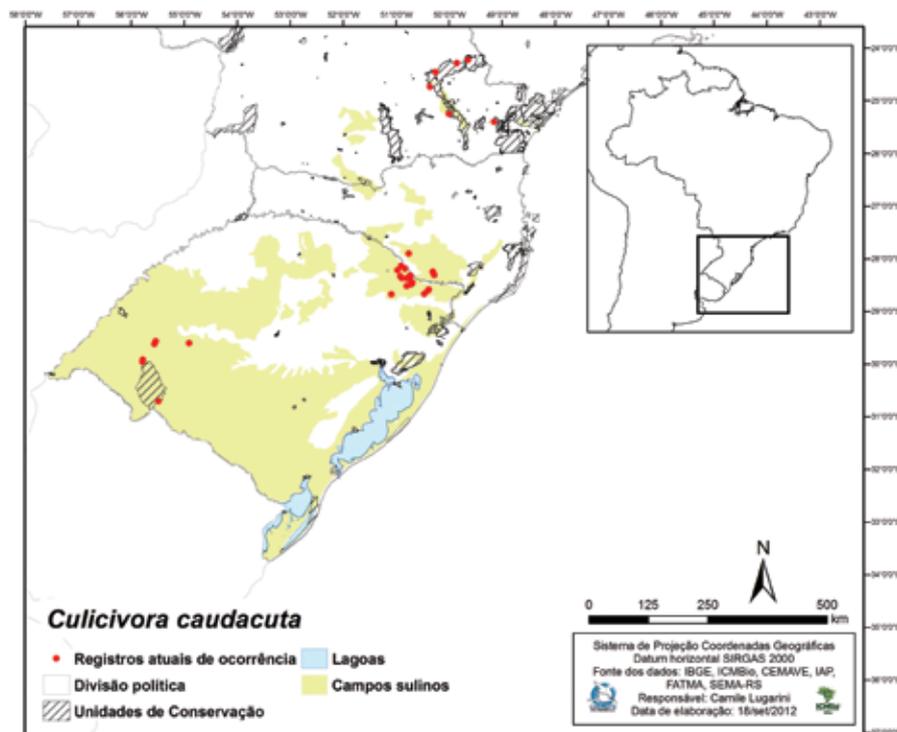


Figura 25 - Registros de ocorrência de papa-moscas-do-campo (*Culicivora caudacuta*) na área de abrangência do PAN.



## Situação Populacional

**População e tendências:** Há uma estimativa prévia sobre o tamanho populacional do papa-moscas-do-campo em escala global. A tendência é que a espécie siga declinando, uma vez que seu hábitat segue sendo paulatinamente suprimido pelas atividades agropecuárias e, mais recentemente, pela implantação de grandes empreendimentos de silvicultura no sul do país.

### Estimativas populacionais:

Estimativa	Qualidade do Dado	Fonte	Ano
10.000-19.999	Desconhecida	BirdLife International	2011

## Ameaças

**Principais ameaças (atuais):** A descaracterização e destruição, ou substituição do hábitat, sem dúvida são as principais ameaças ao papa-moscas-do-campo. O avanço desordenado de monoculturas de grãos (soja, milho, trigo) e a pecuária intensiva certamente tiveram um grande impacto nas populações deste papa-moscas na segunda metade do século passado. Hoje a atividade no sul do país que mais contribui para a eliminação de remanescentes de campos nativos habitados pela espécie é a silvicultura. Na região dos Campos Gerais do Paraná, entretanto, a agricultura mecanizada em larga escala segue suprimindo os últimos remanescentes de campos e drenagens naturais. A supressão de áreas úmidas com vegetação herbácea (brejos, turfeiras, banhados) em meio aos campos naturais, por meio de drenagens ou construção de barragens para o abastecimento e irrigação, constitui ameaça direta ao hábitat desta espécie. A contaminação decorrente do uso de pesticidas em lavouras contíguas aos remanescentes de campos naturais onde a espécie ocorre é uma ameaça provável, embora não tenha sido avaliado ainda.

## Estratégias de conservação

**Ações de conservação existentes no Brasil:** Três projetos abordam esta espécie: “Ecologia, Conservação e manejo de aves endêmicas e ameaçadas da Cadeia do Espinhaço, Minas Gerais”. Laboratório de Ornitologia, Departamento de Zoologia, ICB, UFMG. O Projeto “Biologia Reprodutiva das Aves Endêmicas dos Campos Rupestres e sua Importância na Biologia da Conservação: Renovação (2ª fase)”. Laboratório de Ornitologia, Departamento de Zoologia, ICB, UFMG. E o projeto: “Biologia Reprodutiva de Passeriformes Campestres Ameaçados de Extinção do Sul do Bioma Mata Atlântica, RS, SC”. Laboratório de Ornitologia, Museu de Ciências e Tecnologia, Faculdade de Biociências, PPG em Zoologia, PUCRS.

**Medidas para a conservação:** Criação de uma Unidade de Conservação que contemple os vastos banhados da região de Bom Jesus (RS), a saber: banhado do rio Santana e banhado do arroio Água Branca, os quais possuem as maiores concentrações de casais reprodutivos conhecida para o sul do Brasil. Implementação da proposta de criação da unidade de conservação de proteção integral interestadual chamada Refúgio de Vida Silvestre Corredor Ecológico do Rio Pelotas que já está na fase final do processo e que aguarda, desde 2008 assinatura no Ministério da Casa Civil. Implementação de um programa de assistência rural voltado à pecuária, visando instruir os produtores quanto ao tipo de manejo adequado nas suas propriedades para que sejam capazes de manter áreas de campo nativo e banhados viáveis para populações do papa-moscas-do-campo. Elaboração e implementação de um programa de fomento à criação de Reservas Particulares do Patrimônio Natural (RPPN) para propriedades que mantenham populações de papa-moscas-do-campo. Esse programa teria como base manter as áreas de campo nativo, legalmente delimitadas pela condição de RPPN e viáveis a produção pecuária com utilização de manejo correto a fim de compatibilizar a produção e a conservação da espécie. Implementação de um zoneamento (agricultura, silvicultura e pecuária) padronizado de uso do solo para as regiões de campos nativos dos três estados da região sul do Brasil, seguindo como base a proposta original do zoneamento para a silvicultura no Rio Grande do Sul conduzido pela SEMA/FEPAM do estado. Elaboração e implementação de um programa de recuperação de áreas de cabeceiras onde estão nascentes associadas a banhados, localizadas nas



porções mais altas do Planalto. Elaboração e implementação de um programa de conservação e/ou recuperação do hábitat do papa-moscas-do-campo em áreas onde a espécie potencialmente existia, sobretudo nos Campos Gerais do estado do Paraná e no Pampa. Incentivo do governo para desenvolvimento de projetos de ecoturismo voltados à prática de observação de aves e, concomitantemente, à conservação de seus ambientes naturais, uma vez que o papa-moscas-do-campo é uma espécie de grande interesse para observadores de aves. Submeter os projetos de pequenas barragens nas regiões de ocorrência da papa-moscas-do-campo a um processo de licenciamento que inclua uma avaliação prévia da importância da área para a espécie. Embargo a empreendimentos/projetos com grande impacto à biodiversidade e à paisagem local como, por exemplo, Usinas Hidrelétricas e conjunto de Pequenas Centrais Hidrelétricas (PCHs) do alto rio Pelotas (RS e SC – seguir/cumprir as recomendações da Avaliação Ambiental Integrada realizada recentemente para toda a bacia do Rio Uruguai - MMA 2010) e Tibagi (PR).

## Pesquisa

**Especialistas/Núcleos de pesquisa e conservação no Brasil:** Marcos Rodrigues (Laboratório de Ornitologia/UFGM). Carla Suertegaray Fontana, Márcio Repenning (Laboratório de Ornitologia/MCP/PUCRS). Leonardo R. Deconto e Marcelo A.V. Vallejos.

### Principais lacunas de conhecimento:

- Estudos de demografia da espécie buscando estimar o tamanho real de sua população atual.
- Estudos que avaliem sua capacidade de dispersão em paisagens de campo fragmentadas pela agricultura, sobrepastejo e maciços de árvores plantadas.
- Estudo de filogeografia para entender como estão estruturadas geneticamente as populações de papa-moscas-do-campo.
- Continuidade aos estudos sobre sua biologia reprodutiva no RS e SC e MG e ampliar o conhecimento sobre o tema no PR, visando ter uma compreensão mais geral de sua reprodução.



# Polystictus pectoralis

**Autores:** Márcio Reppening, Carla Suertegaray Fontana e Marilise Mendonça Krügel

## Informações taxonômicas

**Nome Científico:** *Polystictus pectoralis* (Figura 26 e 27)

**Autor/Ano:** Vieillot, 1817

**Classe:** Aves

**Ordem:** Passeriformes

**Família:** Tyrannidae

**Sinonímia:** inexistente

**Fonte taxonômica:** CBRO (2011)

**Subespécie:** *Polystictus pectoralis pectoralis*



Márcio Reppening

Figura 26 - Macho de papa-moscas-canela (*Polystictus pectoralis*) /  
Figura 27 - Juvenil de papa-moscas-canela (*Polystictus pectoralis*).

## Nomes comuns

**Português (pt):** papa-moscas-canela,  
tricolino-canela

**Inglês (en):** Bearded Tachuri

**Espanhol (sp):** tachurí canela

## Avaliação da Espécie

**Categoria atual (MMA 2003) e critério:** VU - A2c + 3c

**Listas regionais:**

Lista/Ano	RJ (1998)	RS (2002)	PR (2004)	ES (2007)	MG (2007)	SP (2008)	PA (2008)	SC (Ignis)
Categoria	-	DD	DD	-	-	CR	-	CR

**Situação mundial:**

IUCN (2010): Em perigo		CITES (2010):
Categoria	Critérios	
NT	Nearly met A3ce; B1 ab (III)	Não consta

## Informações Gerais

**Descrição:** Mede em torno de 9 cm e pesa 8 g. Apresenta claro dimorfismo sexual sendo as fêmeas de coloração pardo-acanelada, cabeça escura, com píleo pouco conspícuo. Os machos adultos chamam atenção pela coloração preta da cabeça e garganta com estrias brancas e um píleo branco contrastante. Os juvenis apresentam plumagem parda homogênea carregada de um alaranjado-acanelado e são indistinguíveis quanto ao sexo.

**Biologia e Ecologia:** Habita diferentes ambientes abertos (savanas, campos de cerrado, capizais altos úmidos ou secos) ao longo de sua ampla distribuição. Na região sul do Brasil, a reprodução é conhecida para o sudeste de Santa Catarina, nos campos da Coxilha Rica e nordeste do Rio Grande do Sul, região conhecida como Campos de Cima da Serra (CCS). Nesta região, a espécie é residente de verão sendo encontrada de outubro a março em (1) campos altos e com pequenos arbustos espalhados (e.g. *Eupatorium polystachyum*, *Vernonia chamadris*, *Baccharis* spp.) e caragatás (*Eryngium horridum*) nas



Márcio Repenning

Figura 28 - Fêmea de papa-moscas-canela (*Polystictus pectoralis*) alimentando filhote no ninho .

porções de terreno declivoso (local onde se situam seus ninhos) e (2) capinzais altos (~2 m) e densos de gramíneas cespitosas (e.g. *Saccharum angustifolium*, *Stipa melanosperma* e *Paspalum guenoarum*) em locais mais aplainados (áreas onde forrageiam). O papa-moscas-canela nos Campos de Cima da Serra, em particular, tem sua distribuição condicionada ao hábitat, ou seja, a espécie ocorre em campos de terrenos montanhosos e muito íngremes, invariavelmente associados aos vales de rios de corredeiras. É encontrada exclusivamente em áreas de baixada, que recortam os terrenos aplainados de topo do planalto, situados na cota de 700 até 900 m de altitude. Essas regiões de vale ou baixadas acentuadas apresentam um microclima muito peculiar e diferenciado daquele observado no alto do planalto. O manejo destes campos destinados à pecuária extensiva e com baixa carga animal permite manutenção dos elementos necessários para que o papa-moscas-canela possa habitar esses ambientes. No Pampa parece estar relacionado com áreas de capinzais altos em ambientes de transição entre brejos e campos secos. Subsiste em pequenos fragmentos relictuais de seu hábitat. Seu sistema reprodutivo é facultativo variando entre monogamia ou poligamia. Os machos são, em geral, encarregados da defesa dos territórios enquanto as fêmeas constroem o ninho e incubam os ovos, que em média são três. Ambos os indivíduos do casal alimentam os ninhegos e juvenis. O período de nidificação é longo, durando as fases de confecção de ninho, postura e incubação e cuidado dos ninhegos, em média 14, 16 e 17 dias, respectivamente. A dieta deste papa-moscas é baseada essencialmente no consumo de pequenos artrópodes. Indivíduos despendem grande parte do seu tempo em atividade de forrageamento buscando por artrópodes na vegetação densa ou mesmo em capturas de insetos em voo. Preferem forragear no estrato mais baixo da vegetação, cerca de 30-60cm do solo, permanecendo inconspicuos em touceiras de capins e pequenos arbustos. Aparentemente, evitam buscar alimento em locais que sofreram a queima recente de campo. Ortópteros e larvas de lepidópteros são os itens mais comuns de sua dieta, que pode ser complementada por aranhas e, oportunisticamente, térmitas.



## Distribuição Geográfica

**Distribuição:** Espécie de ampla distribuição que pode ocorrer desde o extremo norte (Colômbia, Venezuela, Guianas) até o centro sul da América do Sul (Brasil, Bolívia, Paraguai, Uruguai e Argentina). Sua distribuição muitas vezes descontínua se deve à sua grande exigência quanto ao hábitat. Ocorre em formações de encaves de campo do sul do bioma Mata Atlântica, onde recentemente foram descobertas populações reprodutivas (Campos de Cima da Serra, Rio Grande do Sul e Santa Catarina), e no bioma Pampa. No Paraná não há confirmação de sua reprodução e, neste estado, existem poucos registros da espécie para o litoral e região dos Campos Gerais (Figura 29).

**Estados:** RS, SC, PR, SP, MG, GO, DF, MS, MT.

**Status:** O status de ocorrência parece variar ao longo de sua distribuição, sendo considerada ora residente e ora migratória. No bioma Pampa aparentemente existe uma população residente que reproduz na primavera e verão, havendo evidências de incremento de indivíduos advindos do sul no outono e inverno. A população reprodutiva na região dos Campos de Cima da Serra pode ser caracterizada como migrante austral. Características de seus movimentos migratórios tais como rotas e áreas de paradas são pouco conhecidas. Registros escassos de indivíduos no outono e inverno na região dos Campos Gerais do Paraná assim como para o sul de Minas Gerais, região do Triângulo Mineiro (Indianópolis e Nova Ponte), poderiam ser consideradas evidências de indivíduos provavelmente em trânsito. De forma aparentemente dispersa se reproduz em diferentes localidades do Cerrado. No entanto, tais populações parecem não ter status de ocorrência devidamente conhecido.

**Ocorrência em unidades de conservação:** Área de Proteção Ambiental do Ibirapuitá (RS), Parque Estadual Guartelá (PR); Estação Ecológica de Itirapina (SP); Parque Nacional das Emas (GO/MS).

### Mapa de distribuição:

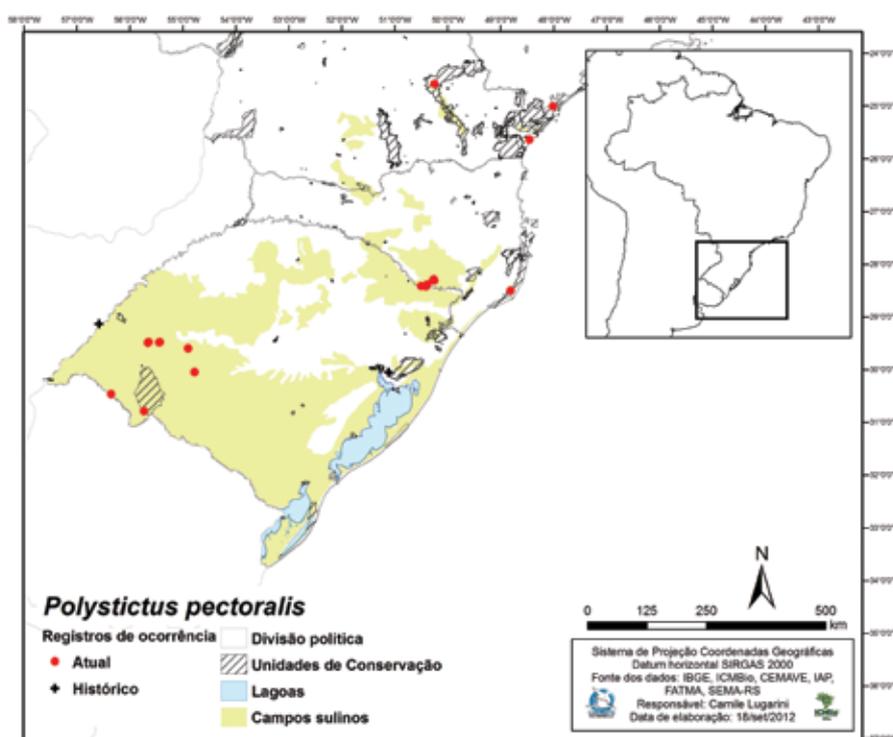


Figura 29 - Registros de ocorrência de papa-moscas-canela (*Polystictus pectoralis*) na área de abrangência do PAN.



## Situação populacional

**População e tendências:** Não há nenhuma estimativa prévia disponível sobre o tamanho populacional do papa-moscas-canela em qualquer região de sua ocorrência no Brasil. Provavelmente a população do Planalto Meridional Brasileiro e do Pampa gaúcho apresenta tendências de declínio em função da destruição de seu hábitat, pois trata-se de uma espécie que necessita de hábitats de campo em bom estado de conservação (campo nativo alto, com baixa carga de gado), ambiente este que vem sofrendo intensa descaracterização e transformação pela expansão de diferentes atividades antropogênicas no sul do país.

**Estimativas populacionais:** Informação não disponível para esta espécie.

## Ameaças

**Principais ameaças (atuais):** Por ser um pássaro muito exigente quanto ao uso de hábitat consequentemente responde negativamente às alterações no mesmo. Por se tratarem de ambientes de fácil conversão para diferentes modos de produção, a destruição ou substituição das formações vegetais abertas (campos, pradarias, cerrados) sabidamente ocorreu de forma intensiva pela ação humana. O avanço desordenado de monoculturas de grãos e a pecuária intensiva certamente tiveram um grande impacto nas populações deste papa-moscas na segunda metade do século passado. Hoje a atividade no país que mais contribui para a eliminação de remanescentes de campos nativos habitados pela espécie é a silvicultura. Empreendimentos de mineração, sobretudo nas áreas presumidas de invernagem (região do triângulo mineiro) e do setor hidrelétrico, também têm parcela importante na eliminação de campos habitados pelo papa-moscas-canela.

## Estratégias de conservação

**Ações de conservação existentes no Brasil:** Projeto Biologia Reprodutiva de Passeriformes Campestres Ameaçados de Extinção no sul do Bioma Mata Atlântica (RS e SC) apoiado pela Fundação Grupo Boticário até 2010 e com intenção de ser futuramente continuado. Laboratório de Ornitologia do Museu de Ciências e Tecnologia da PUCRS. Publicação do Instituto Ambiental do Paraná. Planos de Ação para Espécies de Aves Ameaçadas no Paraná. IAP/Projeto Paraná Biodiversidade (p. 197-229). E finalmente, o projeto “Ações de proteção nas nascentes do rio Uberabinha e bacia do ribeirão Mandaguari na região do Triângulo Mineiro (MG)”, coordenado pelos pesquisadores Gustavo Bernardino Malacco, Khelma Torga, Eurípedes Luciano da Silva Júnior. Este projeto visa conservar esta e outras espécies campestres em área de invernagem.

**Medidas para a conservação:** A população reprodutiva do nordeste do Rio Grande do Sul e sudeste de Santa Catarina provavelmente não ocorre em nenhuma unidade de conservação do sul do país. A medida prioritária por ordem de importância, visando garantir a proteção imediata do papa-moscas-canela no sul do Brasil, é a implementação da proposta de criação da unidade de conservação de proteção integral interestadual intitulada Refúgio de Vida Silvestre Corredor Ecológico do Rio Pelotas que já está na fase final do processo e que aguarda, desde 2008, assinatura na Casa Civil. Outra medida é a criação de uma unidade de conservação que contemple os campos do vale do rio Lava Tudo no município de Lages(SC), na localidade da Coxilha Rica, de onde é conhecida a maior população reprodutiva no sul do Brasil. Elaborar e praticar um programa de fomento à criação de Reservas Particulares do patrimônio Natural para propriedades que mantenham populações de papa-moscas-canela. Esse programa teria como base manter as áreas de campo nativo, legalmente delimitadas pela condição de RPPN e viáveis à produção pecuária com utilização de manejo correto a fim de compatibilizar produção rural e conservação da espécie. Implementação de um zoneamento (agricultura, fruticultura e silvicultura) padronizado em uso do solo para as regiões de campos nativos dos três estados da região sul do Brasil. Seguindo como base a proposta original do zoneamento para a silvicultura no estado do Rio Grande do Sul, conduzido pelos técnicos em meio ambiente da SEMA/FEPAM e pesquisadores colaboradores. Incentivo do governo para desenvolvimento de projetos de ecoturismo voltado à observação de aves de modo a obter um melhor conhecimento e aproveitamento das be-



lezas cênicas nas regiões onde a espécie ocorre, em concordância com projetos de manutenção da biodiversidade local. Embargo de empreendimentos/projetos com grande potencial impacto à biodiversidade e à paisagem local como, por exemplo, Usinas Hidrelétricas (UHE) e conjunto de Pequenas Centrais Hidrelétricas (PCHs) do alto rio Pelotas (RS e SC – seguir/cumprir as recomendações da Avaliação Ambiental Integrada realizada recentemente para toda a bacia do Rio Uruguai - MMA, 2010) e Tibagi (PR). Avaliar com rigor e se necessário embargar empreendimentos que destruam as áreas de nascentes que potencialmente são utilizadas como área de invernagem de populações migratórias da espécie (como empreendimentos de mineração em Minas Gerais).

## Pesquisa

**Especialistas/Núcleos de pesquisa e conservação no Brasil:** Carla Suertegaray Fontana e Márcio Repenning (Laboratório de Ornitologia/MCP/PUCRS e Igré-Associação Sócio Ambientalista), Marilise Mendonça Krügel (UFSM).

### **Principais lacunas de conhecimento:**

- Estudo detalhado sobre seus padrões migratórios utilizando novos métodos (isótopos estáveis, por exemplo) para obter informações sobre suas rotas migratórias nos campos do sul do Brasil e Cerrado.
- Estudo sobre as necessidades de hábitat da espécie ao longo de suas rotas migratórias e nas áreas de repouso reprodutivo com vistas à conservação/restauração de seu hábitat.
- Monitoramento de populações nas áreas reprodutivas e de invernagem, após estas serem conhecidas e mapeadas.
- Estudos de demografia da espécie buscando estimar o tamanho de sua população atual.
- Estudo de filogeografia para entender como estão estruturadas geneticamente as populações de papa-moscas-canela.



# Alectrurus tricolor

Autores: Fernando Costa Straube, Bianca Pinto Vieira, Dayse Dias, Patricia Pereira Serafini

## Informações taxonômicas

**Nome Científico:** *Alectrurus tricolor* (Figura 30)

**Autor/Ano:** Vieillot, 1816

**Classe:** Aves

**Ordem:** Passeriformes

**Família:** Tyrannidae

**Sinonímia:** inexistente

**Fonte taxonômica:** CBRO (2011)



Zig Koch/Natureza Brasileira

Figura 30 - Macho de galito (*Alectrurus tricolor*).

## Nomes comuns

**Português (pt):** galito

**Inglês (en):** Cock-tailed Tyrant

**Espanhol (sp):** yetapá chico

## Avaliação da Espécie

**Categoria atual (MMA 2003) e critério:** VU - A2c + 3c

**Listas regionais:**

Lista/Ano	RJ (1998)	RS (2002)	PR (2004)	ES (2007)	MG (2007)	SP (2008)	PA (2008)	SC (Ignis)
Categoria			EN		VU	CR		

**Situação mundial:**

IUCN (2010): Em perigo		CITES (2010):
Categoria	Critérios	Não consta
VU	A2c + 3c	

## Informações Gerais

**Descrição:** O macho possui cerca de 18 cm (incluindo a cauda). Tem dorso negro, ventre branco, que se estende pela garganta e cabeça, com uma faixa escura incompleta no peito. As asas são brancas com uma faixa acinzentada na ponta das rêmiges e outra negra nas coberteiras, formando um "V" quando em voo. As patas são escuras e o bico curto é róseo. A cauda escura, durante o período reprodutivo, se alarga por duas retrizes medianas transformadas, em um formato semelhante à de um galo. A fêmea mede cerca de 12 cm. Possui coloração parda, com asas e cauda mais escuras. Possui uma linha esbranquiçada superciliar. O ventre é claro, de branco a bege, com uma faixa amarronzada no peitoral. Patas e bicos são como as do macho (Figura 31). Machos imaturos se assemelham às fêmeas.



Rafael Bessa



Figura 31 - Macho e fêmea de galito (*Alectrurus tricolor*).

**Biologia e Ecologia:** Vive em campos naturais de vegetação alta, variando de limpos a sujos e úmidos, apreciando também campos recém-queimados. Os campos onde são encontrados são fortemente caracterizados pela presença de Asteraceae, Cyperaceae e Poaceae que variam de 30 cm a 100 cm de altura. Possui hábitos migratórios que divergem de população para população. Em algumas regiões de Goiás, observa-se o aparecimento de indivíduos entre outubro e abril. Contudo, no Parque Nacional das Emas, a população sofre queda no inverno (junho/julho), mas não desaparece totalmente. Já em Minas Gerais, a espécie permanece na época de seca (agosto/setembro) e desaparece em dezembro. No Paraná, a espécie é encontrada entre outubro a janeiro presumivelmente compreendendo o período reprodutivo para a espécie nesse estado. Na região de Cerrado, a época de reprodução coincide com o período de chuvas. No período reprodutivo, os machos localizam as fêmeas e realizam voos de exibição, batendo as asas lentamente, vocalizando e produzindo sons com as retrizes da cauda eriçada a 90°, quase alcançando a cabeça. Ao fim do *display*, a fêmea escolhe o macho preferido. O ninho é tecido entre o capim seco, no solo, escondido entre as gramíneas. A construção de ninhos inicia em outubro no Cerrado, com eclosão dos ovos até novembro. Após a época reprodutiva, é comum observar bandos se alimentando juntos. Nada se sabe sobre o comportamento parental. Insetívoro, tem preferência por lepidópteros, mas uma fêmea já foi observada alimentando filhotes com pequenos frutos. Para se alimentar, permanece em ramos de gramíneas ou no alto de arbustos, dos quais se lança em voos curtos para a captura de artrópodes. Fêmeas são mais encontradas em partes baixas da vegetação, enquanto machos preferem o topo. Esta espécie possui alta sensibilidade, permanecendo apenas em áreas de campos naturais ainda conservadas. Todavia, pode-se verificar indivíduos utilizando áreas queimadas para forrageio e regiões intactas para refúgio. Em geral, há uma redução de indivíduos depois das queimadas, reaparecendo na rebrota da vegetação.

### Distribuição Geográfica

**Distribuição:** Ocorre somente no centro-sul do Brasil; nordeste da Argentina (Corrientes e Misiones; porém não é registrado desde 1979), Paraguai (Concepción, San Pedro, Cordillera, Caazapá, Itapúa) e Bolívia (La Paz, Beni e Santa Cruz). Distribui-se de forma esparsa pelo Cerrado, em função da irregularidade na presença de campos naturais (Figura 32).

**Estados:** MS, MT, GO, MG, DF, SP, PR, RS.



**Status:** Residente em parte de sua distribuição. Provavelmente um migrante parcial ou mesmo nômade em determinadas localidades de ocorrência.

**Ocorrência em unidades de conservação:** Estação Ecológica de Itirapina (SP), Parque Nacional da Chapada dos Guimarães (MT), Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros (GO), Parque Nacional da Serra da Canastra (MG), Santuário da Vida Silvestre da Fazenda São Miguel (MG), Reserva do Patrimônio Particular Natural Campo Alegre (GO), Parque Nacional das Emas (GO), Parque Nacional de Brasília (DF), Reserva Biológica do IBGE (DF), Estação Ecológica Águas Emendadas (DF), Área de Proteção Ambiental Gama Cabeça de Veado (DF), Parque Nacional de Ilha Grande (MS/PR), Parque Estadual de Vila Velha (PR), Área de Proteção Ambiental Federal das Ilhas e Várzeas do Rio Paraná (PR), Área de Proteção Ambiental da Escarpa Devoniana (PR). Presente em 24% das unidades de conservação de proteção integral que contemplam o Cerrado, sendo raros os registros em locais não protegidos.

### Mapa de distribuição:

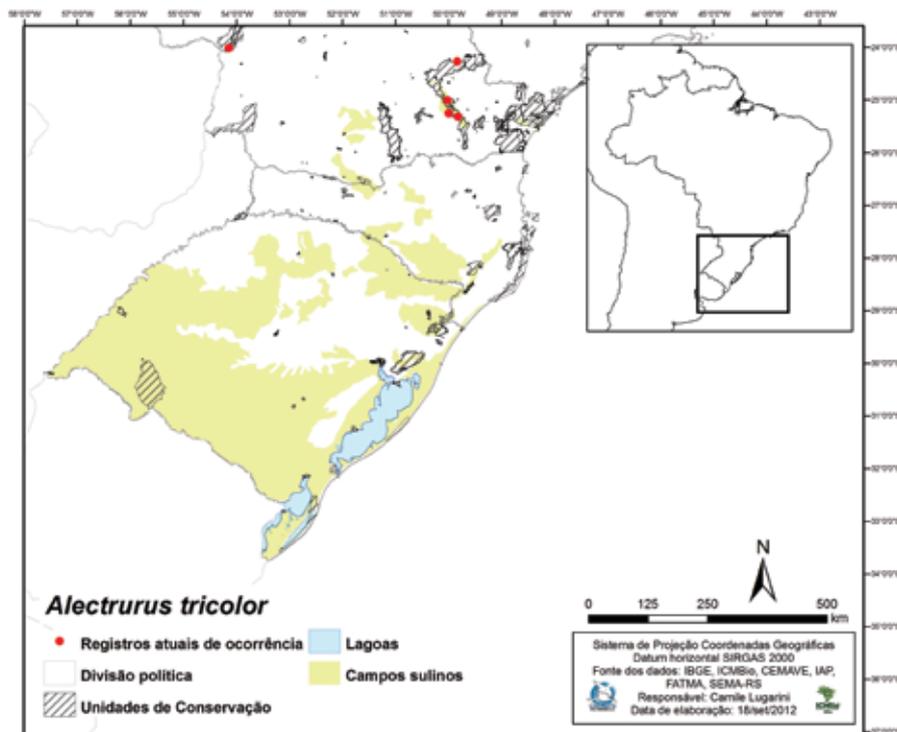


Figura 32 - Registros de ocorrência de galito (*Alecturus tricolor*) na área de abrangência do PAN.

## Situação Populacional

**População e tendências:** O tamanho da população global tem cerca de 15.000 indivíduos, sendo a densidade de 1 ind./km<sup>2</sup> (a menor estimativa entre os tiranídeos). A maioria das populações está isolada e tem apresentado rápido declínio em função da destruição de hábitat.

### Estimativas populacionais:

Estimativa	Qualidade do Dado	Fonte	Ano
10.000-19.999 indivíduos maduros	Desconhecida	BirdLife International	2011



## Ameaças

**Principais ameaças (atuais):** *Alectrurus tricolor* sofreu retração populacional e desapareceu em parte de sua área de ocorrência original, como nos Campos Sulinos do Rio Grande do Sul. A maioria das populações atuais se encontram fragmentadas devido à destruição, fragmentação e descaracterização dos campos naturais pelo avanço da agricultura e da pecuária, as quais também impactam esta espécie pelos efeitos das queimadas para “limpeza” do pasto e pastoreio intensivo.

## Estratégias de conservação

**Ações de conservação existentes no Brasil:** O Plano de Conservação para Espécies de Aves Ameaçadas no Paraná traz objetivos específicos para a espécie, além dos pontos gerais para o grupo como um todo, a exemplo da “Identificação dos principais sítios utilizados pelas espécies migratórias”, “Anilhamento de espécies migratórias e acompanhamento mediante captura e recaptura nos mesmos sítios durante anos consecutivos” e “Avaliação da influência do uso de defensivos agrícolas sobre a entomofauna em campos naturais adjacentes a áreas de cultivo, uma vez que representam o principal item alimentar de várias espécies”.

**Medidas para a conservação:** Inicialmente, é preciso esclarecer questões como o padrão de movimentação das populações; o modo de flutuação dos indivíduos durante o ano; a situação genética dos grupos; as necessidades básicas para reprodução; e o efeito dos tensores, como fogo e pastoreio, sobre a espécie. Tais informações são essenciais para entendimento da viabilidade populacional, em longo prazo, e o desenvolvimento de ferramentas de manejo e conservação. Torna-se, portanto, necessário o incentivo a projetos que subsidiem avaliações de parâmetros demográficos (densidade populacional, taxas de sobrevivência, dentre outros), genéticos e ecológicos. Criação e implantação de unidades de conservação públicas e particulares com extensas áreas de campos naturais. Fortalecimento da fiscalização dessas e das outras Unidades já em funcionamento. Controle e fiscalização das queimadas durante a estação seca. Controle da velocidade de veículos em áreas com a presença da espécie. Atividades de educação ambiental e incentivos fiscais agropecuaristas que preservam campo nativo que mantenha populações do galito. Criação de um selo de certificação para os produtos de agropecuaristas que sejam provenientes destes campos especificamente.

## Pesquisa

**Especialistas/Núcleos de pesquisa e conservação no Brasil:** Raphael Eduardo Fernandes Santos (pesquisador autônomo) e Vivian da Silva Braz (pesquisadora autônoma).

### Principais lacunas de conhecimento:

- Estudos de demografia e genética de populações.
- Estudos de movimentos migratórios e uso de locais de parada da espécie.
- Monitoramento em longo prazo das populações conhecidas.
- Avaliar a influência das atividades agropastoris e urbanas sobre as populações conhecidas.
- Avaliar a influência sobre o galito de queimadas, atropelamentos, poluentes e outros fatores impactantes relacionados ao processo de expansão populacional humana.



# *Xolmis dominicanus*

**Autores:** Carla Suertegaray Fontana, Cristian Marcelo Joenck, Adrian Eisen Rupp

## Informações taxonômicas

**Nome Científico:** *Xolmis dominicanus* (Figura 33)

**Autor/Ano:** Vieillot, 1823

**Classe:** Aves

**Ordem:** Passeriformes

**Família:** Tyrannidae

**Sinonímia:** *Heteroxolmis dominicana*,  
*Xolmis dominicana*

**Fonte taxonômica:** CBRO (2011)

## Nomes comuns

**Português (pt):** noivinha-de-rabo-preto

**Inglês (en):** Black-and-White-Monjita

**Espanhol (sp):** Monjita-overa



Márcio Repenning

Figura 33 - Macho de noivinha-de-rabo-preto (*Xolmis dominicanus*).

## Avaliação da Espécie

**Categoria atual (MMA 2003) e critério:** NÃO CONSTA

**Listas regionais:**

Lista/Ano	RJ (1998)	RS (2002)	PR (2004)	ES (2007)	MG (2007)	SP (2008)	PA (2008)	SC (Ignis)
Categoria		VU						EN

**Situação mundial:**

IUCN (2010): Em perigo		CITES (2010):
Categoria	Critérios	Não consta
VU	A2c; A3c; A4c	

## Informações Gerais

**Descrição:** Possui cerca de 20 cm. Os machos são brancos com as asas e a cauda pretas. As fêmeas possuem as costas, pescoço e dorso da cabeça cinza-pardacenta bordado por uma faixa branca. As asas e a cauda são pretas como nos machos. Os subadultos são semelhantes às fêmeas.

**Biologia e Ecologia:** Vive em casais ou pequenos grupos em campos naturais próximos a banhados. Após o período reprodutivo, bandos de até 70 indivíduos foram registrados no Rio Grande do Sul. Forrageia em campos com vegetação relativamente baixa e com presença de pequenos arbustos, pedras ou outras estruturas salientes usadas como poleiros de observação. Utiliza banhados com vegetação densa de gravatás, ciperáceas e gramíneas para dormir e nidificar. Ocasionalmente alimenta-se em áreas lavradas e plantações contíguas a campos nativos. Costuma



andar com o veste-amarela (*Xanthopsar flavus*) e, em menor proporção, com outras espécies campestres de hábitos semelhantes. Começa a nidificar no final do inverno, em agosto, até fevereiro, fazendo o seu ninho nos banhados entre as folhas de gravatá ou em touceiras de gramíneas. As fêmeas constroem o ninho, incubam os cerca de três ovos brancos e desempenham a maior parte do cuidado com a prole (Figura 34). A incubação dura em torno de 17-18 dias e o período de alimentação de ninhegos dura em média 14 dias. O cuidado parental se estende até os filhotes estarem aptos a procurarem alimento. É comum observá-los acompanhando os pais até o final do verão (fevereiro e março). Seus movimentos no inverno ainda não são bem compreendidos, existindo registros antigos de populações que supostamente realizariam movimentos migratórios. Alimenta-se de insetos que captura em breves descidas ao solo de poleiros mais altos na vegetação, inclusive, de cercas. A dieta é rica em larvas e adultos de coleópteros, lepidópteros e térmitas.

### Distribuição Geográfica

**Distribuição:** Ocorre na porção sul do Paraguai, nordeste da Argentina, Uruguai e extremo sul do Brasil, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e parte do Paraná. No Rio Grande do Sul os registros se concentram na porção dos campos de altitude do Planalto das Araucárias, ocorrendo também no Planalto Médio e na Serra do Sudeste e, em menor frequência, no litoral e porção oeste do estado. Em Santa Catarina a maior população é encontrada no Planalto Serrano, sendo encontrada também nos campos de Água Doce. Populações menores podem ser encontradas nos remanescentes de campos naturais do Planalto Norte. No Paraná existem registros esparsos que acompanham os remanescentes onde originalmente havia campos naturais. Pode ser encontrado próximo a Curitiba, no norte (Sengés) e sul (Palmas) (Figura 35).

**Estados:** RS, SC, PR.

**Status:** Residente, embora possam existir populações migratórias.

**Ocorrência em unidades de conservação:** Parque Nacional de Aparados da Serra (RS/SC), Parque Estadual do Tainhas (RS), Estação Ecológica do Taim (RS), Área de Proteção Ambiental do Banhado Grande (RS) e Refúgio de Vida Silvestre Banhado dos Pachecos (RS), Parque Nacional de São Joaquim (SC), Parque Estadual Vila Velha (PR), Parque Estadual do Guartelá (PR), Área de Proteção Ambiental Estadual da Escarpa Devoniana (PR), Parque Estadual de Palmas (PR).



Figura 34 - Juvenil de noivinha-de-rabo-preto. (*Xolmis dominicanus*).



### Mapa de distribuição:

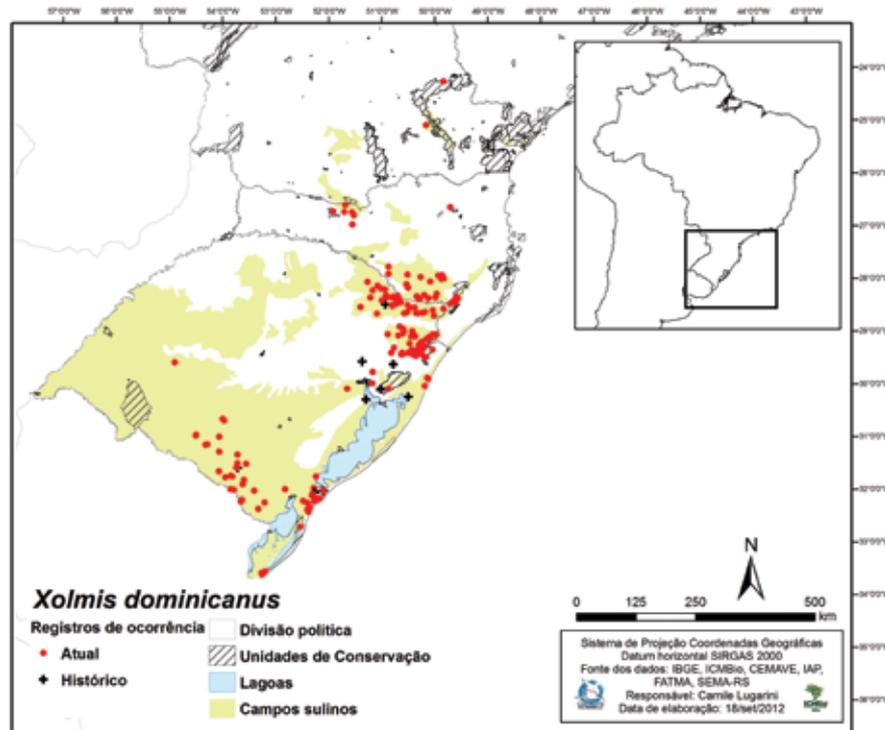


Figura 35 - Registros de ocorrência de noivinha-de-rabo-preto (*Xolmis dominicanus*) na área de abrangência do PAN.

## Situação Populacional

**População e tendências:** Suspeita-se de um rápido e contínuo declínio populacional atuando nas diferentes sub-populações. No Paraguai estima-se que existam no máximo 3.000 indivíduos e que a população vem diminuindo nesse país. Na Argentina uma população disjunta em Corrientes, provavelmente contínua com a do oeste do Rio Grande do Sul, não ultrapassa a quantia de 500-1.000 indivíduos. No Uruguai há redução populacional em alguns locais e colonização em outros. No Rio Grande do Sul não existem censos recentes que permitam avaliar o número de indivíduos no estado, mas as expressivas populações do nordeste permanecem, aparentemente, diminuindo em decorrência da substituição do hábitat campestre por florestal. Outra população grande ocorre nos campos da Serra do Sudeste e Depressão Periférica, entre os municípios de Jaguarão e Arroio Grande até Bagé e Dom Pedrito, onde o recente avanço de plantações de eucalipto provavelmente afetou negativamente esta população. No litoral sul, as maiores concentrações são encontradas na região do banhado do Maçarico, em Rio Grande, onde se estima que haja uma população de várias centenas de indivíduos. Aves isoladas ou pequenos grupos são esporadicamente avistadas em banhados do Refúgio de Vida Silvestre Banhado dos Pachecos e da Área de Proteção Ambiental Banhado Grande, em Glorinha, Santo Antônio da Patrulha, Gravataí e Viamão, e registros pontuais têm sido feitos para as proximidades de Porto Alegre. O número de indivíduos observados nas demais localidades do estado é inexpressivo. Em Santa Catarina a espécie foi considerada Em Perigo com base numa estimativa de redução populacional igual ou acima de 50% [A2ace + B2(ii-iii)]. Não há estimativas populacionais para o Paraná, mas a espécie aparenta estar em declínio associado à perda de hábitat, embora não figure entre aquelas categorizadas como ameaçadas de extinção nesse estado.

### Estimativas populacionais:

Estimativa	Qualidade do Dado	Fonte	Ano
10.000-19.999 indivíduos maduros	ruim	BirdLife International	2011



## Ameaças

**Principais ameaças (atuais):** A destruição e descaracterização dos campos e banhados necessários para o ciclo de vida da espécie constituem as principais ameaças. No Planalto das Araucárias, a rápida substituição dos campos devido ao avanço agrícola (porção oeste) e por plantações e invasões de pinus (porção leste), assim como a drenagem de banhados, são considerados fatores de ameaça importantes. Embora não atinjam diretamente as aves, as queimadas deliberadas realizadas nessa região podem reduzir a oferta de insetos à espécie, devastar os dormitórios e áreas de reprodução e afetar ninhos e jovens quando coincidem com o período reprodutivo. Além de ameaçar ninhos e jovens o pisoteio por animais de criação (bois, cavalos, ovelhas e búfalos) e o sobrepastejo reduzem a densidade da cobertura vegetal na borda dos banhados, o que pode aumentar as taxas de predação de ninhos e, possivelmente, o parasitismo pelo vira-bosta (*Molothrus bonariensis*), pássaro que tem por estratégia reprodutiva depositar seus ovos no ninho de outras espécies de aves, podendo ocasionar a perda da prole do hospedeiro. As elevadas taxas de parasitismo pelo vira-bosta, recentemente verificadas no Uruguai, foram relacionadas em parte à destruição do cinturão de gravatás junto à borda dos banhados pelo gado. No sudoeste do Rio Grande do Sul, onde a maioria das áreas úmidas situadas em várzeas foi destruída para cultivo do arroz, os banhados remanescentes igualmente sofrem com a ação do gado e queimadas. A urbanização ameaça as últimas áreas úmidas significativas na região metropolitana de Porto Alegre, em Pelotas (banhado do Pontal da Barra) e, especialmente, no litoral norte. A construção de barragens em banhados elimina habitats ao converter esses ecossistemas em lagos profundos destituídos de vegetação, conforme verificado em turfeiras do município de Rio Grande, inclusive em alguns trechos do banhado do Vinte-e-Cinco. A drenagem dessa relevante área úmida para exploração mineral da turfa foi cogitada na década de 1990, representando uma ameaça adicional. A recente retirada de aterro dos campos para duplicação da BR 392 e a construção de um aterro sanitário ao lado do banhado também afetaram o ambiente de forrageamento da espécie. Embora a região dos cordões litorâneos permaneça relativamente bem conservada, a expansão do cultivo de pinus no litoral sul pode suprimir a paisagem aberta dessa área considerada prioritária para a conservação da espécie. Uma série de parques eólicos está sendo projetada para a região do banhado do Maçarico e porções da Serra do Sudeste e planalto nordeste do RS. A destruição e alteração do habitat e o distúrbio gerado pelos aerogeradores são potenciais ameaças advindas desses empreendimentos. O plantio de eucalipto destruiu várias áreas de campo importantes para a espécie na Serra do Sudeste. Não se sabe de que forma os inseticidas utilizados nos cultivos de grãos que avançam sobre os campos naturais e banhados podem estar afetando as populações da espécie.

## Estratégias de Conservação

**Ações de conservação existentes no Brasil:** A espécie é mencionada na Lista Vermelha Mundial e Regional (RS e SC) e vem sendo monitorada pontualmente no Rio Grande do Sul (município de São Francisco de Paula) pela Equipe do Laboratório de Ornitologia da PUCRS.

**Medidas para a conservação:** Incentivo a projetos que subsidiem avaliações de parâmetros demográficos da espécie no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, como densidade populacional, taxas de sobrevivência, sucesso reprodutivo, dentre outros. Criação e implementação de unidades de conservação em áreas contínuas de campo e banhado que protejam populações expressivas da espécie, prioritariamente no Planalto das Araucárias, na Serra do Sudeste e no banhado do Maçarico. Implementação do Parque Estadual do Tainhas e redefinição de seus limites de modo a abranger mais habitats propícios à espécie. Submeter os projetos de pequenas barragens nas regiões de ocorrência da noivinha-de-rabo-preto a um processo de licenciamento que inclua uma avaliação prévia da importância da área para a espécie. Coibir a drenagem ilegal de áreas úmidas habitadas pela espécie, aumentando a fiscalização sobre a degradação de banhados nativos. Conter o avanço indiscriminado dos florestamentos com pinus e de eucalipto sobre áreas de campo sujeitando essa atividade a normas técnicas que garantam a conservação da biodiversidade e dos recursos paisagísticos da região. Realizar estudos que apontem alternativas econômicas de exploração dos campos nativos, em substituição às



plantações de árvores exóticas e outros cultivos. Censar e monitorar as populações da noivinha-de-rabo-preto em toda a sua área de ocorrência, especialmente no nordeste e sudeste do Rio Grande do Sul e na Planície Costeira. Coibir e fiscalizar as queimadas, como uma medida preventiva, enquanto estudos específicos sobre as consequências dessa prática não forem realizados. Avaliar o nível de contaminação das populações gaúchas por agrotóxicos. Implementar um programa de educação ambiental para proprietários de terras e população em geral nas áreas de ocorrência da espécie, enfocando a necessidade de conservação e os problemas que afetam a fauna dos campos do Estado. Incentivar a criação de RPPN entre os proprietários de áreas de campo e banhado. Incentivar o desenvolvimento de projetos de ecoturismo voltado a observação de aves (*birdwatching*) em concordância com projetos de manutenção da biodiversidade local. Zonear a implantação de parques eólicos no Rio Grande do Sul.

## Pesquisa

**Especialistas/Núcleos de pesquisa e conservação no Brasil:** Carla Suertegaray Fontana, Márcio Repenning, Cristiano Eidt Rovedder (Laboratório de Ornitologia/MCP/PUCRS), Rafael Antunes Dias (UCPel), Giovanni Nachtigall Maurício (GEEPAA-RS).

### Principais lacunas de conhecimento:

- Censo e monitoramento das populações no Rio Grande do Sul e Santa Catarina e Paraná.
- Estudos sobre migração ou movimentos sazonais de populações.
- Estudos de história natural e demografia.
- Efeitos de atividades agropastoris e industriais sobre as populações conhecidas.
- Efeitos da urbanização sobre as populações próximas a grandes cidades.
- Efeitos de poluentes e outros fatores relacionados à expansão populacional humana.



# Anthus nattereri

**Autores:** Glayson Ariel Bencke, Rafael Antunes Dias, Adrian Eisen Rupp, Fernando Costa Straube, Giovanni Nachtigall Maurício

## Informações taxonômicas

**Nome Científico:** *Anthus nattereri* (Figura 36)

**Autor/Ano:** Sclater, 1878

**Classe:** Aves

**Ordem:** Passeriformes

**Família:** Motacillidae

**Sinonímia:** inexistente

**Fonte taxonômica:** CBRO (2011)



Adriano Becker

Figura 36 - Caminheiro-grande (*Anthus nattereri*).

## Nomes comuns

**Português (pt):** caminheiro-grande

**Inglês (en):** Ochre-breasted Pipit

**Espanhol (sp):** cachirla dorada

## Avaliação da Espécie

**Categoria atual (MMA 2003) e critério:** VU – A3ce

**Listas regionais:**

Lista/Ano	RJ (1998)	RS (2002)	PR (2004)	ES (2007)	MG (2007)	SP (2008)	PA (2008)	SC (Ignis)
Categoria		VU	DD		EN	CR		

**Situação mundial:**

IUCN (2010): Em perigo		CITES (2010):
Categoria	Critérios	
VU	A2c	Não consta

## Informações Gerais

**Descrição:** Pássaro terrícola de porte delgado e plumagem estriada, com tarsos longos e unha do dedo posterior fina e comprida. Apesar do nome, não é notoriamente maior do que outros caminheiros, medindo 14,5 cm de comprimento. Distingue-se de seus congêneres principalmente por ter a plumagem tingida de ocre-amarelado, mais intensamente no peito, flancos e dorso. As estrias peitorais são alongadas, bem demarcadas e relativamente estreitas. A plumagem torna-se desbotada quando gasta (janeiro a março) e a espécie pode ser confundida com outros caminheiros nesse período. O canto geralmente é emitido durante voos de exibição e consiste em gorjeios prolongados de andamento rápido, repetidos enquanto a ave descreve amplos círculos no ar, em voo sustentado e ligeiramente ondulado, após o que se deixa cair até o chão em voo de “paraquedas”, ao mesmo tempo em que emite três ou quatro zumbidos graves.



**Biologia e Ecologia:** Habita campos nativos bem drenados, especialmente de regiões planálticas, mas também em áreas de planície litorânea. É encontrado em campos gramíneos limpos, de relva densa e relativamente baixa (5 a 20 cm de altura) até moderadamente alta (25-40 a 60-80 cm), com ou sem touceiras esparsas de vegetação mais alta e afloramentos rochosos. Em geral, prefere campos com vegetação de porte mais alto e denso do que outros caminheiros, pouco a moderadamente pastoreados. Localmente, pode ocupar campos regenerados em áreas antes cultivadas com arroz e, ao menos temporariamente, pastagens nativas sobressemeadas com forrageiras exóticas, mas não tolera pastagens cultivadas ou plantações. Em regiões de relevo irregular, geralmente ocupa as partes mais elevadas e secas do terreno, como topos e encostas de colinas. Nos cerrados do sudeste do Brasil, onde os campos geralmente possuem vegetação mais alta, a sua presença parece estar associada à existência de áreas de campo recentemente queimadas ou moderadamente pastoreadas. No sul de sua distribuição, contudo, essa associação não tem sido observada e a espécie parece evitar campos recém-queimados (ver adiante). Estimativas de densidade obtidas no norte do Uruguai resultaram em valores de 21 ind/100 ha (IC 95% 14,2-31,1) em campos com baixa pressão de pastejo e de 1,1 ind/100 ha (IC 95% 0,3-4,3) em campos intensivamente pastoreados. O caminheiro-grande é insetívoro, a julgar pelos poucos dados disponíveis, embora sementes e até pequenas flores possam fazer parte da dieta de outros caminheiros. Os voos de exibição, que provavelmente estão relacionados à demarcação territorial e ao acasalamento, são realizados principalmente entre julho e fevereiro. Embora a duração e a altura desses voos variem bastante, a espécie frequentemente permanece cantando no ar por mais tempo e atinge alturas consideravelmente maiores do que os demais caminheiros brasileiros. Informações sobre a sua reprodução são escassas. O ninho é construído no chão e tem a forma de uma taça rasa feita de talos finos de gramíneas e raízes; a postura é de cerca de quatro ovos. Ninhos foram encontrados no Uruguai e na Argentina em outubro e novembro. No Rio Grande do Sul, indivíduos com gônadas desenvolvidas (indicando condição reprodutiva) foram registrados em novembro e janeiro, e uma ave adulta com alimento no bico, acompanhada por dois prováveis jovens, foi observada tardiamente a sudoeste de Alegrete, em final de janeiro.

## Distribuição Geográfica

**Distribuição:** Distribui-se no sul e sudeste do Brasil (do sul de Minas Gerais ao Rio Grande do Sul), sudeste do Paraguai, nordeste da Argentina (principalmente Corrientes) e Uruguai (Salto, Durazno). Nos Campos Sulinos, é encontrado em quase todas as regiões de campos naturais, mas está ausente na maior parte do Pampa gaúcho. No Paraná, a maioria dos registros recentes provém da região dos Campos Gerais (Ponta Grossa, Palmeira, Arapoti e Tibagi). A espécie ocorre ainda na região de Água Doce, no norte de Santa Catarina, e nos campos de altitude do Planalto das Araucárias, tanto no sudeste catarinense quanto no nordeste do Rio Grande do Sul. Nesse último estado, está presente também em diversos pontos espalhados do litoral (Palmares do Sul, Mostardas, campos arenosos a sudoeste de Rio Grande), na Campanha Central (região de Batovi, São Gabriel) e na Campanha Ocidental (a oeste de Alegrete). Não são conhecidos registros para os campos das Missões, Fronteira Oeste, Campanha Meridional, Serra do Sudeste e região de Jaguarão. A espécie conta apenas com registros históricos ou relativamente antigos para Guarapuava e Sengés, no Paraná, e São Lourenço do Sul, Osório e Carazinho, no Rio Grande do Sul. Além disso, a sua ocorrência recente nas regiões de Palmas e Curitiba é mal documentada. É provável que o caminheiro-grande seja hoje extremamente raro ou esteja localmente extinto nessas áreas (Figura 37).

**Estados:** RS, SC, PR, SP, MG.

**Status:** Presumivelmente residente. A maioria dos registros concentra-se no período de primavera e verão, mas a escassez ou ausência de registros durante o inverno parece estar relacionada à menor conspicuidade da espécie nesse período e não a um comportamento migratório. No litoral sul do Rio Grande do Sul, registros obtidos em todas as estações do ano indicam que o caminheiro-grande é residente nessa região. É considerado residente também nos campos de altitude da porção sul do Planalto Meridional. Dados adicionais são necessários para confirmar a situação nas demais regiões. No Uruguai, suspeita-se que emigre após a reprodução, o que poderia ocorrer também com as populações presentes no oeste gaúcho.

**Ocorrência em unidades de conservação:** Parque Nacional da Serra Geral (RS), Parque Nacional de Aparados da Serra (RS/SC), Parque Estadual do Tainhas (RS), Parque Estadual de Vila Velha (PR), Estação Ecológica de Itirapina (SP), Estação Ecológica de Santa Bárbara (SP), Parque Nacional da Serra da Canastra (MG). Não há registros recentes na Estação Ecológica de Itirapina.



### Mapa de distribuição:

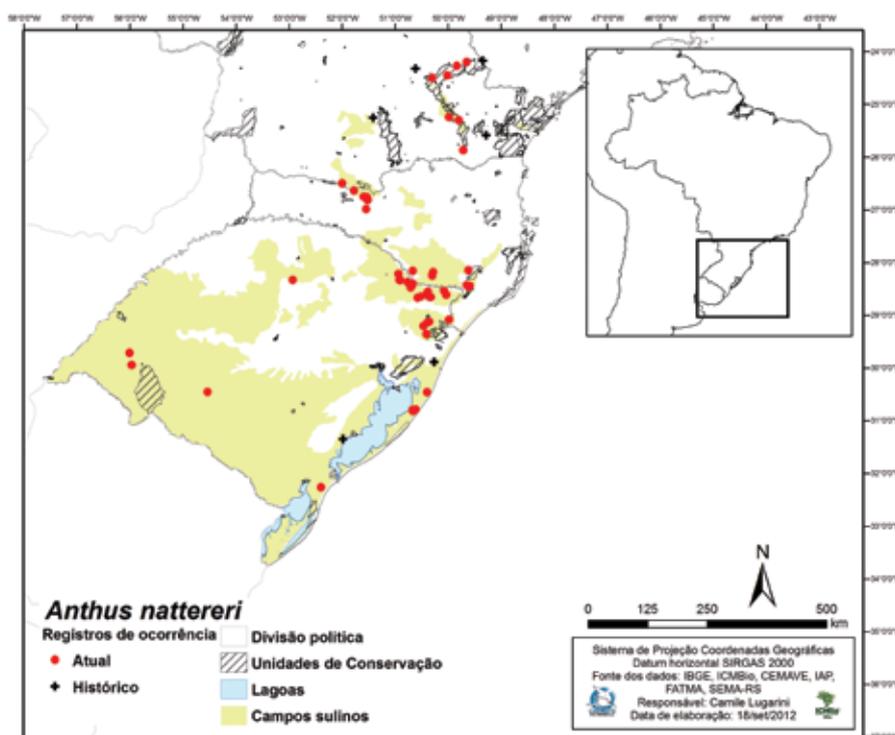


Figura 37 - Registros de ocorrência de caminheiro-grande (*Anthus nattereri*) na área de abrangência do PAN.

## Situação Populacional

**População e tendências:** A descoberta de novas áreas de ocorrência ao longo dos últimos anos e a grande quantidade de registros recentes indicam que a espécie é mais comum e amplamente distribuída do que se pensava, tanto no Brasil como em países vizinhos. Apesar disso, suspeita-se que esteja sofrendo um rápido declínio populacional em razão da contínua perda de habitats. É localmente comum na região dos Campos de Cima da Serra, no nordeste do Rio Grande do Sul e sudeste de Santa Catarina, em áreas onde o seu habitat se mantém contínuo (Figura 38). Essa ampla região abriga uma população significativa e certamente tem importância-chave na conservação global da espécie. Os campos de Água Doce, no meio-oeste de Santa Catarina, também parecem constituir um importante reduto para a espécie na atualidade. Em outras regiões é escasso e tem ocorrência pontual.

### Estimativas populacionais:

Estimativa	Qualidade do Dado	Fonte	Ano
10.000–19.999	Ruim	BirdLife International	2004

## Ameaças

**Principais ameaças (atuais):** A crescente conversão dos campos nativos em áreas de agricultura e silvicultura constitui a principal ameaça a praticamente todas as populações do caminheiro-grande. Na região de Batovi (RS) restam poucas áreas de campo nativo, que deram lugar a monoculturas de soja e, mais recentemente, eucalipto. Nos Campos de Cima da Serra, as pastagens nativas são convertidas em plantações de pinus, soja, batata, milho, hortigranjeiros e forrageiras exóticas, eliminando completamente o habitat da espécie por vastas áreas. O impacto gerado por essas atividades é, na maioria dos casos, irreversível ou dificilmente remediável. Mesmo abandonados, os campos arados ou plantados com pinus não reverterem naturalmente à condição original após o uso, sendo tomados por uma vegetação arbustiva densa, totalmente inadequada à espécie. Nessa mesma região, as queimadas anuais das pastagens, realizadas no final



do inverno, tornam o hábitat da espécie temporariamente indisponível e potencialmente causam impactos demográficos significativos, forçando o abandono dos territórios pelos indivíduos e a reorganização espacial da população após cada evento. As queimadas anuais incidem sobre a quase totalidade dos campos de pecuária da região. Em geral, somente os plantios mais recentes de pinus e as áreas semeadas com forrageiras exóticas ficam livres do fogo servindo como refúgios temporários. A fiscalização é deficiente e os órgãos responsáveis acabam se tornando impotentes diante da grande extensão dos incêndios e da dificuldade de se rastrear sua origem. Nos Campos Gerais do Paraná o cenário é similar, uma vez que os cultivos agrícolas consorciados à silvicultura seguem avançando sobre os últimos remanescentes de campos e áreas úmidas. No litoral médio do Rio Grande do Sul, onde os plantios de pinus estão estabilizados, o problema é a invasão dos campos por essa conífera exótica. Vastas áreas de campos arenosos ao norte da Lagoa do Peixe estão agora tomadas por pinus, principalmente onde não há pastejo pelo gado, o que eventualmente levará à sua total conversão em ambientes sombreados em um espaço relativamente curto de tempo. A taxa de conversão dos campos nativos para uso agrícola (culturas anuais e silvicultura de pinus) também é alarmante na região de Água Doce (SC). As práticas de manejo dos campos de pecuária que atualmente predominam no sul do Brasil também afetam a espécie, ainda que a criação extensiva de gado não seja incompatível com a sua conservação. O pastoreio constante e excessivo altera a estrutura do hábitat, tornando-o pouco propício ao caminheiro-grande que necessita de campos mais altos e densos que outros caminheiros. Por fim, devido ao seu comportamento de cantar e exibir-se em voo, a espécie é propensa a colisões com as pás de aerogeradores em parques eólicos, empreendimentos estes que começam a proliferar no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, inclusive em áreas de ocorrência atual da espécie.



Márcio Repenning

Figura 38 - Caminheiro-grande (*Anthus nattereri*) no Rio Grande do Sul.

## Estratégias de conservação

**Ações de conservação existentes no Brasil:** Não há ações de conservação com foco nesta espécie.

**Medidas para a conservação:** Implementar e fortalecer mecanismos de incentivo (fiscal ou de mercado) à pecuária extensiva sobre campos naturais como forma de garantir a manutenção dos ecossistemas campestres nativos na região. Intensificar a fiscalização à atividade de silvicultura nas áreas de ocorrência da espécie, visando coibir os cultivos irregulares. Elaborar e garantir a plena aplicação de zoneamentos regionais para as atividades de silvicultura e agricultura em regiões de campos naturais. Divulgar e estimular práticas de manejo dos campos nativos que beneficiem a avifauna. Incentivar e subsidiar práticas de manejo alternativas ao uso das queimadas nos campos de pecuária do Planalto Meridional, por meio de políticas locais de longo prazo. Elaborar zoneamento ambiental para nortear o planejamento e o licenciamento ambiental de parques eólicos nos Campos Sulinos, considerando a ocorrência efetiva ou potencial da espécie como fator de vulnerabilidade ambiental. Criar unidades de conservação extensas que protejam paisagens campestres em áreas de ocorrência da espécie.

## Pesquisa

**Especialistas/Núcleos de pesquisa e conservação no Brasil:** Carla S. Fontana e Márcio Repenning (Laboratório de Ornitologia/MCP/PUCRS)

**Principais lacunas de conhecimento:**

- Estudos de biologia reprodutiva.
- Requisitos de hábitat e avaliação da tolerância da espécie ao pastejo em campos de pecuária extensiva.
- Efeitos das queimadas sobre a espécie.



# Sporophila plumbea

**Autores:** Márcio Reppenning e Carla Suertegaray Fontana

## Informações taxonômicas

**Nome Científico:** *Sporophila aff. plumbea* (Figura 39)

**Autor/Ano:** Wied, 1830

**Classe:** Aves

**Ordem:** Passeriformes

**Família:** Emberizidae

**Sinonímia:** inexistente

**Fonte taxonômica:** CBRO (2011)



Márcio Reppenning

## Observações taxonômicas

Por se tratar de uma espécie de ampla distribuição a patativa (*Sporophila plumbea*) apresenta polimorfismo relacionado ao tamanho e coloração, assim como muita variação nas vocalizações conforme as diferentes populações. A população foco deste plano de conservação é a mais meridional, mais robusta que a forma típica do Cerrado e trata-se de um táxon a parte e em vias de receber um nome formal. Será tratada ao longo deste documento como patativa-do-sul ou patativa-de-bico-amarelo (*Sporophila. aff. plumbea*).

Figura 39 - Patativa-do-sul (*Sporophila plumbea*).

## Nomes comuns

**Português (pt):** patativa-do-sul, patativa-de-bico-amarelo

**Inglês (en):** não nomeada

**Espanhol (sp):** não nomeada

## Avaliação da Espécie

**Categoria atual (MMA 2003) e critério:** não avaliada

**Listas regionais:**

Lista/Ano	RJ (1998)	RS (2002)	PR (2004)	ES (2007)	MG (2007)	SP (2008)	PA (2008)	SC (Ignis)
Categoria		CR	VU* Avaliação generalizada para duas populações / espécies diferentes			CR		CR

**Situação mundial:**

IUCN (2010): Em perigo		CITES (2010):
Categoria	Critérios	Não consta
Não avaliada	Não avaliada	



## Informações Gerais

**Descrição:** Apresenta claro dimorfismo sexual, sendo as fêmeas de coloração parda amarronzada com bico variando de um preto amarronzado até o amarelo, conforme a idade. Os machos são cinza-azulados com as rêmiges pretas na porção terminal e brancas na base que formam um espéculo nas asas. O bico dos machos adultos é completamente amarelo brilhante. Os jovens de ambos os sexos apresentam a coloração geral parda, similar às fêmeas até o primeiro ano de vida e o bico escuro. À medida que a idade dos machos vai avançando a coloração do bico vai mudando e já no segundo ano de vida podem apresentar um bico completamente amarelo. O mesmo não ocorre com a plumagem que somente a partir do segundo ano de vida é que começa a sofrer mudanças gradativas na sua coloração, quando as penas pardas vão dando lugar às penas cinza (corpo) ou pretas (asas e cauda). Somente no quarto ano de vida os machos atingem a plumagem cinza-azulada definitiva. Fêmeas podem apresentar penas cinza espalhadas pelo corpo, assim como um espéculo alar branco conspicuo nas asas. Isto ocorre em indivíduos geralmente com mais de quatro anos de idade. As fêmeas mais velhas e os machos de segundo ano podem ser facilmente confundidos pela semelhança fenotípica (pardos com bico amarelo e espéculo alar claro). Entretanto, são diferenciáveis pelo canto territorial, o qual é emitido apenas pelos machos (Figura 40). Todas as outras populações de *Sporophila plumbea plumbea*, incluindo a subespécie *S. p. witheleyana* (norte do rio Amazonas), são de menor tamanho (média de 10 cm) com machos apresentando coloração escura ou frequentemente preta do bico. O padrão geral da cor cinza de machos de populações de bico-preto tende mais para um “cinza-chumbo”. Outra espécie congênere que se assemelha muito à patativa-do-sul é *Sporophila intermedia*. A coloração do bico e o padrão geral da plumagem pode ter certa sobreposição entre as mesmas. Entretanto, *S. intermedia* tem bico ainda mais robusto com a maxila superior mais arqueada e as primárias são proporcionalmente menores, comparativamente às secundárias. Outros *Sporophila* spp. cinzentos como *S. falcirostris* ou *S. schistacea* também podem lembrar a patativa-do-sul, havendo inclusive confusões na determinação entre estas espécies. Contudo, estas duas são espécies florestais com morfologia do bico diferente e dotadas de adaptações para se alimentarem de sementes de bambus.

**Biologia e Ecologia:** A patativa-do-sul é uma espécie que possui grande especificidade quanto ao hábitat. A orografia, a dinâmica hidrológica e o clima são importantes condicionantes na constituição do seu hábitat, sobretudo na região que compreende a área de reprodução ao longo do sul do Planalto Meridional Brasileiro. É encontrada reproduzindo em encraves de campo associados a formações de floresta com araucária (*Araucaria angustifolia*). Reproduz em campos densamente povoados com arbustos altos (i.e. 1,5-3 m), mais comumente *Baccharis* spp., *Myrcia* spp., *Escallonia megapotamica* e *Eupatorium* spp. Árvores baixas e isoladas (e.g. *Quillaja brasiliensis*, *Agarista eucaliptooides*, *Schinus* spp.) destacam-se na paisagem desses campos. Áreas com capinzais se intercalam em mosaico com manchas de arbustos. O micro-hábitat, onde se situam os ninhos dessa patativa, invariavelmente apresenta vegetação arbustiva mais esparsa e solo com pouca cobertura vegetal, uma vez que são locais com afloramentos de rochas em terrenos irregulares e em declive. A escolha e estabelecimento dos territórios está fortemente associada à presença de pequenos arroios ou vertentes com água límpida e corrente. Estes campos arbustivos são encontrados ao longo de encostas íngremes dentro de vales montanhosos nos baixos cursos (foz) de rios ou grandes arroios em cotas de 700 m até 950 m de altitude. Essas regiões de vale ou baixadas acentuadas apresentam um microclima muito peculiar e diferenciado daquele observado no alto do planalto. A orientação solar, combinada com a condição do solo, parece determinar a prevalência desses campos em relação às florestas, as quais são geralmente contíguas ao seu hábitat. Na sua presumida região de invernagem (Triângulo Mineiro) habita áreas abertas do bioma Cerrado em formações localmente conhecidas como campos de murunduns ou campos hidromórficos. São campos altos com arbustos e arvoretas espalhados em terrenos secos ou úmidos situados nas cabeceiras (nascentes) de arroios da região. Os machos de patativa chegam primeiro às áreas de reprodução e prontamente dão início às atividades de demarcação de seus territórios reprodutivos, os quais são plenamente estabelecidos após a chegada de uma fêmea ao local. Deste momento em diante, o macho comporta-se com muita agressividade defendendo a fêmea de outros competidores (machos satélites). A partir do pareamento dos casais o macho segue vigiando a fêmea a poucos metros de distância



durante as atividades de forrageio, sempre mantendo contato por meio de chamados específicos. Os machos é que determinam a escolha do local dos ninhos, entretanto, apenas a fêmea constrói o ninho e assim que o ninho fica pronto iniciam-se as cópulas. A altura dos ninhos pode variar de 0,3 m até dois metros de altura, sendo a grande maioria construídos em asteráceas (e.g. *Eupatorium multicrenulatum*, *E. intermedium*, *Baccharis* spp.) ou *Myrcia bombicina* e *Escallonia megapotamica*. A construção do ninho tem duração média de cinco dias. O ninho é uma taça construída com inflorescências de gramíneas, principalmente *Eragrostis airoides* e *Eragrostis polythricha*, com alicerce e acabamento de teia de aranha (Figura 41). A postura é de dois ovos, em média, que são colocados em intervalos de aproximadamente um dia. A fase de incubação se inicia com a postura do primeiro ovo. A coloração dos ovos varia de branco a azul turquesa com pintas cinza, pretas ou marrons em maior ou menor densidade e tamanho. O formato dos ovos pode variar entre piriforme e ovóide. A incubação dura cerca de 12 dias e os filhotes permanecem no ninho 10 dias, em média, e são alimentados predominantemente pela fêmea nos primeiros dias e depois pelo casal. Ambos se encarregam da limpeza dos ninhos. Assim que deixam o ninho eles permanecem nas imediações dos ninhos mais três dias, em média. O cuidado parental dos “fledglings” é bem definido e a fêmea passa gradativamente a alimentar um dos filhotes enquanto o macho trata de alimentar o outro. Após o terceiro dia já fora do ninho os adultos levam os filhotes para locais com vegetação muito mais densa e alta (capinzais ou arbustais fechados) do que aquela que constitui os locais dos ninhos. Os filhotes permanecem empoleirados imóveis, sendo detectados mais facilmente pelos chamados constantes que emitem. Invariavelmente nestas manchas de vegetação mais densa misturam-se com filhotes de outras espécies congêneres ou de outros emberizídeos, um comportamento interespecífico que aparentemente oferece melhor segurança contra a predação. Os filhotes mostram-se dependentes dos adultos com cerca de 45 dias de vida, idade em que já possuem um bico robusto e apto para descascar sementes. Machos e fêmeas com menos de um ano de idade já são aptos à reprodução. Na temporada reprodutiva seguinte a do seu nascimento eles migram de volta para regiões onde nasceram para tentar efetuar uma primeira reprodução. Em geral, os indivíduos mais jovens ocupam áreas periféricas aos melhores territórios e chegam às áreas reprodutivas cerca de um mês mais tarde que machos experientes. O período reprodutivo coincide com a frutificação em abundância de um conjunto específico de gramíneas



Márcio Repenning

Figuras 40 e 41 - Macho de patativa-do-sul (*Sporophila plumbea*) vocalizando e fêmea no ninho.



(*Piptochaetium* e *Paspalum*) e ocorre de novembro a março. O período de nidificação, ou seja, desde a construção do ninho até o abandono dos ninhos pelos filhotes tem duração de cerca de 27 dias. O sucesso reprodutivo foi estimado em cerca de 30% nos campos da Coxilha Rica Estância do Meio (Lages e São Joaquim, SC) Vacaria e Bom Jesus (RS). A dieta da patativa-do-sul é baseada no consumo predominante de frutos (cariópse) de gramíneas nativas. Realizam dezenas de movimentos característicos de forrageamento para acessar os grãos, os quais invariavelmente são apanhados nas inflorescências eretatas. Cerca de 15 espécies de gramíneas são consumidas regularmente. No entanto, há nítida preferência por *Piptochetium stipoides* e *Paspalum plicatulum*. Nas áreas onde a patativa se reproduz, em sintopia com outros congêneres, é a espécie que explora os grãos maiores. Os filhotes, com aproximadamente 35 dias, já começam a investir sozinhos em inflorescências ricas em grãos, mesmo que ainda recebam alimentação dos adultos. O forrageamento no solo ocorre raríssimas vezes nas áreas reprodutivas, e quando ocorre parece estar associado à ingestão de pequenos artrópodes, grãos de areia ou mesmo fontes alternativas de cálcio como cascas de ovos de outras aves caídos no solo. Durante o período reprodutivo, sobretudo quando estão alimentando a prole, costumam capturar insetos (térmitas) com muita eficiência utilizando-se de voos acrobáticos. Neste período, também inspecionam teias de aranha na vegetação arbustiva seca, a fim de capturar pequenos artrópodes que eventualmente estejam presos nas teias ou as próprias aranhas. Locais que sofrem com a queima de campo claramente são afetados quanto à disponibilidade de comida para a patativa-do-sul. As queimadas anuais são praticadas deliberadamente no RS e SC, nas áreas de reprodução da espécie. Geralmente praticadas nos meses de julho e agosto retardam ou inviabilizam a frutificação das espécies de gramíneas invernais que têm maturação de suas sementes, já no mês de outubro, em condições normais. Estas gramíneas são as que garantem o incremento energético dos indivíduos recém-chegados das áreas de internagem. Se a queima do campo tiver ocorrido de forma muito ampla numa determinada localidade, os indivíduos não reutilizam tal área para reprodução e acabam se mudando, ou talvez não reproduzindo naquele ano, por falta de condições ideais.

## Distribuição Geográfica

**Distribuição:** Endêmica do Brasil, sua área de reprodução compreende uma porção do norte do estado do Paraná até o canto nordeste do Rio Grande do Sul, limitada ao interior do Planalto Meridional. Fora do período reprodutivo conta com poucos registros para o centro do estado de São Paulo, Avaré, Itirapina e Dourados chegando ao sul de Minas Gerais. Seguindo o padrão de migração de outras populações de *Sporophila*, que se reproduzem no sul do Planalto Meridional, é provável que alguns indivíduos cheguem a Goiás e Distrito Federal (Figura 42).

**Estados:** RS, SC, PR, SP, MG, DF.

**Status:** A patativa-do-sul tem hábitos migratórios. A sua migração parece estar associada à disponibilidade de alimento o qual apresenta forte sazonalidade, sobretudo nas áreas de reprodução. Indivíduos começam a chegar nas suas áreas de reprodução em meados de outubro e começam a abandonar estas áreas já em fins de janeiro, desaparecendo completamente das mesmas áreas na primeira semana de março. Registros escassos de indivíduos desta população de patativa, no outono e inverno, indicam que os indivíduos chegam junto com outros congêneres até o sul de Minas Gerais, região do Triângulo Mineiro (Indianópolis e Nova Ponte) e mais ao leste região de Jacutinga (MG). Durante a migração podem formar pequenos bandos interespecíficos com *S. melanogaster*, *S. hypoxantha*, *S. caerulescens* na região sul do Brasil. No Triângulo Mineiro foi observada junto com *S. P. plumbea* (populações de bico preto), *S. caerulescens*, *S. nigricollis* assim como com os caboclinhos *S. bouvreuil pileata*, *S. palustris*, *S. cinnamomea*, *S. hypoxantha* e *S. melanogaster*. Estes locais poderiam ser caracterizados como potenciais sítios de internagem da espécie. O centro do estado de São Paulo, Avaré, Dourados e Itirapina seriam áreas de passagem ou pontos de descanso durante a migração da espécie.

**Ocorrência em unidades de conservação:** Nas áreas de reprodução não tem ocorrência regular em nenhuma UC. Conta com registros de indivíduos provavelmente em trânsito na EE de Itirapina (SP), PE do Guartelá e PE de Vila Velha (PR).



### Mapa de distribuição:

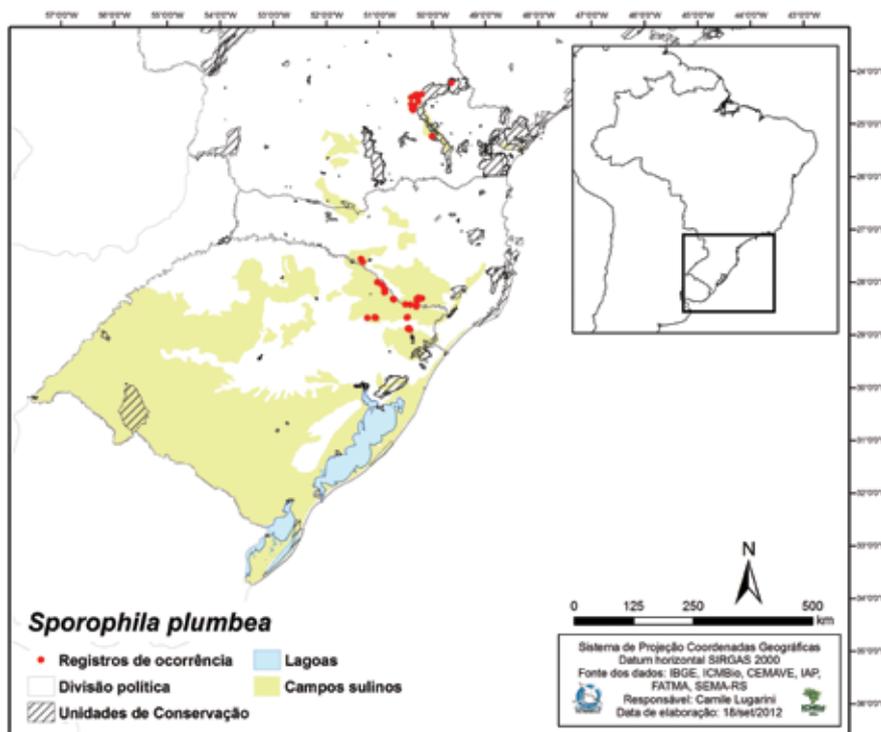


Figura 42 - Registros de ocorrência de patativa-do-sul (*Sporophila plumbea*) na área de abrangência do PAN.

## Situação Populacional

**População e tendências:** Sua grande especificidade em relação ao hábitat reprodutivo faz com que a patativa-do-sul responda negativamente a alterações em seu hábitat. Embora não haja uma estimativa definitiva sobre seus contingentes populacionais, dados primários recentes permitem concluir que se trata do *Sporophila* de menor população no Planalto Meridional. Uma evidência explícita de sua retração populacional nos últimos 50 anos é o histórico de extinções locais em várias regiões dos três estados do sul do Brasil. As causas do desaparecimento da espécie, em diferentes pontos, ora se deu pela transformação do hábitat, ora pela demasiada pressão de captura sobre espécimes silvestres. Testemunho da retração populacional da patativa-do-sul são as coletas de espécimes feitas por naturalistas nos séculos XIX e XX, que viajaram pelos Campos Gerais do Paraná. Emil Kaempfer, em 1930, coletou na Fazenda Monte Alegre, município de Tibagi, localidade onde atualmente a espécie está extinta, uma vez que os campos desta localidade foram completamente substituídos por monoculturas de pinus. Outra documentação de sua retração populacional pode ser revelada pela coleta de cinco indivíduos feita por Johann Natterer, em 1831, para os arredores de Curitiba, região esta onde também se encontra atualmente extinta.

**Estimativas populacionais:** Informação não disponível para esta espécie.

## Ameaças

**Principais ameaças (atuais):** A população meridional de patativa *Sporophila* aff. *plumbea*, vista como uma entidade taxonômica distinta aqui, está numa situação crítica de ameaça, uma vez que não é comum nem numerosa em nenhuma das localidades para a qual é atualmente conhecida. Alta lotação de poteiros (sobrepastejo), implantação de gramíneas forrageiras não autóctones, consorciada com campo nativo são práticas que impossibilitam completamente a manutenção da patativa-do-sul no seu hábitat reprodutivo. Roçadas mecânicas



e queima de campo podem comprometer de forma sazonal a reprodução da espécie dependendo essencialmente da intensidade e periodicidade com que estas práticas são conduzidas. O fogo afeta fundamentalmente a fenologia das gramíneas, enquanto as roçadas afetam mais a estrutura da vegetação (ver alimentação). Assim a prática das queimadas ou roçadas mecanizadas sobre os campos arbustivos habitados pela patativa afeta diretamente sua dinâmica populacional, sobretudo no planalto gaúcho e catarinense. A eliminação por completo de seu hábitat, decorrente de práticas silvo-agrícolas, é a ameaça mais preocupante nas áreas de ocorrência da espécie. Nos últimos 30 anos houve um decréscimo de 25 % das áreas de campos naturais da região Sul, devido à expansão destas atividades. As plantações comerciais destas coníferas exóticas são realizadas com maior frequência, justamente nos campos onde vivem as patativas, por se tratar de locais com solos muito pedregosos e rasos, impróprios para agricultura. Começa a ganhar importância como ameaça à patativa-do-sul plantios de pomares de maçãs, ameixas, peras, dentre outros (municípios de São Joaquim-SC, Vacaria e Bom Jesus-RS). Esses cultivos estão sendo incentivados por assessorias de produção rural locais como uma alternativa mais rentável do que a criação de gado. Os defensivos agrícolas, utilizados de forma indiscriminada e em altas dosagens nos pomares, podem ter efeitos fisiológicos severos sobre esta ave. A constatação de indivíduos moribundos em vias de óbito, com territórios próximos a pomares de maçã, pode ser uma evidência de contaminação por defensivos agrícolas.

No Paraná, a ameaça à patativa-do-sul parece ainda mais dramática. Nas regiões de Tibagi, Arapoti, Jaguaraiava, Ventania, Castro, Ponta Grossa era considerada como espécie comum em algumas localidades. Atualmente, é um dos pássaros mais raros, estando confinada a viver em algumas poucas manchas de campo nativo que sobraram à margem de plantações de soja, trigo, milho, feijão e de árvores (pinus e eucalipto). O relevo, um pouco menos acidentado desta região no Paraná, propicia práticas silvo-agrícolas consorciadas num sistema intensivo de monoculturas que praticamente eliminou os campos nativos da região, conhecida como Campos Gerais do Paraná, principalmente nas porções mais baixas do segundo planalto. Os poucos e diminutos fragmentos de campos potenciais para a manutenção de alguns indivíduos seguem sofrendo com a invasão de espécies exóticas, como por exemplo, propágulos de pinus ou mesmo gramíneas forrageiras como a braquiária.

O problema da perda de hábitat foi constatada nas áreas onde a patativa-do-sul vive fora do período reprodutivo, por exemplo a região do Triângulo Mineiro onde as formações de cerrados e os ambientes de campos associados estão sendo paulatinamente erradicados por conta da implantação de uma infinidade de monoculturas, que vão desde cereais e cana-de-açúcar até plantios de eucalipto, sempre no sistema de monoculturas. Portanto, a perda de hábitat para a espécie ocorre ao longo de toda sua distribuição, o que deve representar um fator de estresse adicional durante seus movimentos migratórios sazonais.

A construção de Usinas Hidrelétricas ou Pequenas Centrais Hidrelétricas é um grave problema para a conservação do hábitat da patativa-do-sul. Isto porque há centenas de empreendimentos deste tipo projetados para o represamento de rios nos quais restaram manchas de seu hábitat, ou seja, as encostas íngremes sujeitas a inundação pelos lagos destes barramentos. Alguns rios mais conhecidos, que apresentam remanescentes de campos muito importantes para a reprodução desta patativa, estão inseridos em tais projetos, como o rio Tibagi (PR), o rio Lava Tudo (SC), o rio Pelotas (RS e SC), o rio Santana e dos Touros (RS), dentre outros. As deficientes avaliações ou estudos sobre a viabilidade ambiental deste tipo de projeto vêm preocupando especialistas biólogos e conservacionistas brasileiros por se tratar de uma região considerada de Alta Prioridade de conservação. Em longo prazo, a mudança na dinâmica hídrica destes rios, com a conversão de ambientes lóticos em lênticos, pode alterar o regime de chuva e umidade nestes vales tendo como consequência uma alteração na composição florística nos hábitats da espécie, ou mesmo consequências diretas na sua reprodução.

Adicionalmente, a captura de espécimes da natureza para abastecer o comércio de aves silvestres castiga as populações silvestres desta patativa de bico amarelo. Embora ilegal esta atividade é praticada com grande intensidade, especialmente no Paraná e Santa Catarina. As capturas são feitas de forma muito seletiva, na qual os machos são muito mais cobiçados em decorrência de seu canto e colorido. Caçadores dessas aves relatam que num único dia de caça podem capturar mais de uma dezena de machos no período em que estes estão com territórios reprodutivos estabelecidos. Por ser muito mais rara que as formas de bico preto encontradas do norte do Paraná, em direção às regiões mais setentrionais do Brasil, a



patativa-do-sul é bastante cobiçada por colecionadores de aves vivas. Assim, logicamente, atinge valores mais altos no mercado clandestino, segundo depoimento de caçadores experientes, gerando um ciclo de perseguição implacável sobre os indivíduos silvestres.

Sabe-se que os machos de patativa-do-sul têm papel importante no cuidado parental dos filhotes, sobretudo quando estes deixam o ninho. Portanto, a captura do macho resulta num impacto adicional no sucesso reprodutivo e recrutamento de jovens da espécie. Em algumas localidades foi constatado que todos os machos com plumagem de adulto haviam sido removidos e nestes locais as fêmeas estavam pareadas com indivíduos machos mais jovens (sem a plumagem definitiva ainda). Acredita-se que, em longo prazo, a influência desse tipo de “seleção” possa ocasionar problemas relacionados ao cruzamento consanguíneo. Segundo relato dos próprios caçadores, a intensa pressão de captura foi e tem sido a responsável direta pela extinção local de algumas populações da patativa-do-sul em determinadas regiões. Eles complementam que precisam ir cada vez mais longe dos centros urbanos para obter êxito na captura de novos indivíduos e comentam, ainda, que a perda de hábitat força as patativas a competirem mais por locais de reprodução, o que facilita as capturas. Um ponto delicado e chave em todo esse processo de captura clandestina de patativas silvestres é a “pseudolegalização” dos indivíduos advindos da natureza por meio da falsificação de anilhas. Essa prática já é de conhecimento das autoridades fiscalizadoras e, portanto, deve ser alvo de medidas imediatas de controle e fiscalização.

## Estratégias de conservação

**Ações de conservação existentes no Brasil:** Projeto “Biologia reprodutiva de Passeriformes campestres ameaçados de extinção no sul do Bioma Mata Atlântica” (Execução: Laboratório de Ornitologia - MCT - PUCRS e ONG Igré, Apoio: Fundação O Boticário de Proteção à Natureza e Neotropical Grassland Conservancy). O referido projeto inclui a indicação de uma área potencial para implantação de UC na região dos Campos de Cima da Serra.

**Medidas para a conservação:** Garantir a proteção dos remanescentes de campos associados às florestas com araucária do sul do Planalto Meridional Brasileiro fazendo valer a lei da Mata Atlântica nº 11.428, com atenção às instruções que tratam especificamente da conservação desse ambiente e sua biota tão ameaçados. Criar um mecanismo com condicionantes eficientes para liberação de licenças ambientais para que os proprietários rurais tratem de cumprir a lei nº 4.771/65 do Código Florestal, averbando áreas de Reserva Legal e Áreas de Proteção Permanente que contemplem ambientes de campo nativo evitando que seja cumprida esta legislação apenas para áreas de floresta. Implementação de um zoneamento (agricultura, fruticultura e silvicultura) padronizado de uso do solo para as regiões de campos nativos dos três estados da região Sul do Brasil. Seguindo como base a proposta original de zoneamento para a silvicultura (ZAS) no estado do Rio Grande do Sul, conduzido pelos setores governamentais de meio ambiente deste estado SEMA/FEPAM. Incentivo do governo para desenvolvimento de projetos de ecoturismo de modo a obter um melhor aproveitamento das belezas cênicas da região em consórcio com projetos de manutenção da biodiversidade local. Embargo de empreendimentos/projetos com grande impacto à biodiversidade e a paisagem local como, por exemplo, Usinas Hidrelétricas do alto rio Pelotas (RS e SC - seguindo à risca a Avaliação Ambiental Integrada realizada recentemente para toda a bacia do Rio Uruguai – MMA, 2010) e Tibagi (PR). Desenvolver um programa de fomento à formação e qualificação de funcionários das áreas de fiscalização, a fim de tornar mais efetivas as ações de combate à captura e ao tráfico de pássaros silvestres. Implementar o projeto de criação da Unidade de Conservação de Proteção Integral interestadual intitulada Refúgio de Vida Silvestre Corredor Ecológico do Rio Pelotas que já está na fase final do processo e que aguarda, desde 2008, assinatura na Casa Civil. Nesta unidade estão contempladas, pelo menos, quatro localidades capazes de manter as populações reprodutivas mais numerosas conhecidas da patativa-do-sul no Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Fazer uma prospecção a fim de implementar novas UC de gestão estadual para preencher uma lacuna quanto à presença de áreas protegidas e contribuir para a construção de uma rede de Unidades de Conservação de Proteção Integral em zonas da porção mais ocidental do planalto gaúcho e catarinense (e.g.; oeste de Vacaria, Esmeralda, Campos Novos), com ênfase para áreas de vegetação de campo e que contemplem



o hábitat da patativa-do-sul. Esta região já se encontra em avançado processo de degradação ambiental decorrente do avanço da fronteira agrícola que se alastra do planalto médio para o leste, e que, portanto, necessita de medidas governamentais imediatas para garantir a proteção de parte do seu ambiente natural. Criação de UC de gestão municipal nos municípios com ocorrência registrada da patativa-do-sul. Esta iniciativa é viável porque os locais onde a espécie ocorre são de grande beleza cênica, com rios, cachoeiras e riachos com águas límpidas, portanto, áreas compatíveis com atividades de turismo e lazer das comunidades regionais. Elaborar e praticar um programa de fomento à criação de RPPN para propriedades que mantenham populações de patativa-do-sul. Esse programa teria como base manter as áreas de campo nativo, legalmente delimitadas pela condição de RPPN e viáveis à produção pecuária com utilização de manejo correto a fim de compatibilizar produção e conservação da espécie. Elaborar e implementar um programa de recuperação de áreas de cabeceiras, onde estão nascentes associadas a banhados, localizadas nas porções mais altas do planalto, uma vez que são estes sistemas que proporcionam a formação de pequenos córregos nos campos de encostas ou vales onde as patativas reproduzem. Elaborar e implementar um programa de responsabilização integral dos empreendedores do setor de silvicultura quanto à remoção de plântulas/mudas de pinus que se alastram, a partir dos plantios comerciais, por meio de sementes anemocóricas de alta capacidade de germinação em áreas de campos nativos. Este processo de invasão de plantas exóticas resulta na descaracterização ou mesmo a perda por completo do hábitat da patativa-do-sul. Elaborar e Implementar um programa de recuperação do hábitat da patativa-do-sul em áreas onde existia e atualmente tem sua extinção confirmada, sobretudo nos Campos Gerais do Paraná (i.e. região de grande maciços florestados com pinus no município de Telemaco Borba ou áreas da Grande Curitiba). Esta ação permitirá avaliar como será a regeneração da vegetação campestre, seus estágios de sucessão, assim como o potencial de recolonização da patativa-do-sul em áreas de campos fragmentados.

## Pesquisa

**Especialistas/Núcleos de pesquisa e conservação no Brasil:** Carla Suertegaray Fontana e Márcio Repenning (Laboratório de Ornitologia/MCP/PUCRS).

### Principais lacunas de conhecimento:

- Nomeação formal da espécie para promover a sua conservação imediata como espécie e não somente como população (em curso).
- Estudo detalhado sobre seus padrões migratórios utilizando novos métodos/tecnologias como uso de localizadores via satélite, isótopos estáveis, dentre outros.
- Estudo sobre as necessidades de hábitat da espécie ao longo de suas rotas migratórias e nas áreas de repouso reprodutivo com vistas à conservação/restauração de seu hábitat.
- Estudo de filogeografia para entender como estão estruturadas geneticamente as populações de patativa-do-sul.
- Estudos de demografia da espécie buscando estimar o tamanho de sua população atual.
- Estudos sobre a influência direta e indireta de práticas agrícolas sobre as populações de patativa-do-sul, como pesticidas, por exemplo.
- Estudos específicos relacionados a genética de populações a fim de saber se há ou mesmo qual seriam de efeitos genéticos decorrentes da captura de espécimes silvestres sobre de patativa-do-sul.



# Sporophila hypoxantha

Autores: Ismael Franz, Márcio Repenning e Carla Suertegaray Fontana

## Informações taxonômicas

**Nome Científico:** *Sporophila hypoxantha* (Figura 43)

**Autor/Ano:** Cabanis, 1851

**Classe:** Aves

**Ordem:** Passeriformes

**Família:** Emberizidae

**Sinonímia:** inexistente

**Fonte taxonômica:** CBRO (2011)



Ismael Franz

Figura 43 - Caboclinho-de-barriga-vermelha (*Sporophila hypoxantha*).

## Observações taxonômicas

Descrita originalmente como subespécie de *Sporophila minuta* (Linnaeus, 1758), foi assim tratada por mais de um século. Atualmente, sabe-se que essas não são espécies irmãs. O tratamento como espécies distintas é amplamente aceito, com base especialmente em notáveis diferenças morfológicas e biológicas e na clara distribuição alopátrica.

## Nomes comuns

**Português (pt):** Português (pt) caboclinho-de-barriga-vermelha, caboclinho-vermelho, caboclinho-roxo

**Inglês (en):** Tawny-bellied Seedeater

**Espanhol (sp):** capuchino canela

## Avaliação da Espécie

**Categoria atual (MMA 2003) e critério:** DD

**Listas regionais:**

Lista/Ano	RJ (1998)	RS (2002)	PR (2004)	ES (2007)	MG (2007)	SP (2008)	PA (2008)	SC (Ignis)
Categoria		CR	NT					

**Situação mundial:**

IUCN (2010): Em perigo		CITES (2010):
Categoria	Critérios	Não consta
LC		



## Informações Gerais

**Descrição:** Pesando em média 9 g e medindo 10 cm, a espécie apresenta coloração parda-cinza nas fêmeas, seguindo o padrão de todos os papa-capins, com um pequeno "espelho" branco aparente nas asas. Os machos têm a parte anterior (ventre-peito, axilas e garganta), bochechas e uropígio ferrugíneo-acanelados, de diferentes tonalidades, de acordo com sua idade. A parte posterior é cinza, cauda e asas (com o mesmo "espelho") são escurecidas. O bico é negro no período reprodutivo. Os jovens assemelham-se às fêmeas, apresentando a cor parda que varia em tons ligeiramente distintos. Machos no período de invernagem realizam uma muda de penas que os cobre parcial ou totalmente com manchas pardas e o bico passa a apresentar tons amarelados), sendo a chamada plumagem de eclipse, que pode lhes dar a aparência de fêmea ou jovem. Machos com o dorso inteiramente ferrugíneo-acanelado e apenas uma boina cinza, informalmente chamados de "uruguaya", representam uma forma adicional no padrão de coloração da espécie. Seu melodioso canto é composto de notas suaves, mas de modulação e estrutura complexas. A principal população reprodutiva do Brasil ocorre nos campos associados às florestas com araucária do Planalto Meridional. Essa apresenta características vocais que a distingue das demais, além de ser alopátrica em relação às outras populações reprodutivas da espécie.

**Biologia e Ecologia:** De hábitos estritamente campestres, o caboclinho-de-barriga-vermelha habita capinzais altos e banhados de vegetação densa. Embora a preferência por banhados seja mencionada na literatura como uma característica geral da espécie, nos Campos de Cima da Serra (RS e SC), Campos de Água Doce (SC) e Campos Gerais (PR) também habita extensas parcelas de campos secos em terrenos íngremes. Esses são caracterizados por um estrato inferior ralo, estrato médio composto por densos aglomerados de arbustos, touceiras e *carquejas* e estrato superior formado por caraguatás (*Eryngium horridum*), pendões altos de gramíneas e arvoretas esparsas, como o canudo-de-pito (*Escallonia megapotamica*) e o guamirim (*Myrcia bombycina*). A estruturação e composição vegetacional no estrato médio representa um fator importante na seleção de sítio reprodutivo. Comumente os campos ocupados pela espécie situam-se em propriedades particulares e são destinados à pecuária extensiva. São vistos também em áreas abertas nas margens de rios e manchas de campos e pastagens cultivadas em beiras de estradas. Forrageia em capinzais altos e sua dieta consiste basicamente de sementes diminutas de capins nativos. Nos Campos de Cima da Serra, foram registradas mais de 20 espécies de poáceas sendo consumidas pela espécie, destacando-se os gêneros *Piptochaetium*, *Paspalum*, *Andropogon*, *Setaria*, *Panicum* e *Sorghastrum*.

A reprodução inicia no final de outubro e segue até o fim de março, na Argentina. No sul do Brasil, há registro de reprodução entre a primeira semana de novembro e a segunda quinzena de março. O ninho é construído a pouca altura, entre 25 e 120 cm do solo, em plantas herbáceas como arbustos dos gêneros *Eupatorium* e *Vernonia* e *carquejas* (*Baccharis* spp.). Apenas as fêmeas constroem os ninhos (a nidificação leva de quatro a dez dias), que têm o formato de um pequeno cesto profundo e são confeccionados com pendões secos e palha e revestidos no interior com fibras finas, usando ainda teia de aranha como reforço. O tamanho de ninhada habitual são dois ovos, podendo ser três. O período de incubação dura 11 ou 12 dias e apenas a fêmea choca. Ninhegos permanecem no ninho por entre nove e 10 dias, sendo alimentados por ambos os indivíduos do casal. Mesmo assim, o cuidado biparental é majoritariamente baseado na ação da fêmea, que alimenta com maior periodicidade os filhotes (Figura 45). Apresentam fidelidade aos sítios reprodutivos, principalmente os machos, que defendem territórios em áreas previamente selecionadas, podendo ser próximas de seu local de nascimento.



Figuras 44 e 45 - Macho de caboclinho-de-barriga-vermelha (*Sporophila hypoxantha*) e fêmea alimentando os filhotes no ninho.

## Distribuição Geográfica

**Distribuição:** Dentre os caboclinhos, é a espécie de distribuição mais ampla nas regiões central e sul da América do Sul. Ocorre da Bolívia, Argentina, Paraguai e Uruguai ao Brasil, onde se distribui desde o Rio Grande do Sul até Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, São Paulo e Minas Gerais. Recentemente, a espécie foi vista no sudeste do Pará. A população reprodutiva que melhor se conhece no Brasil é alopátrica em relação às demais e ocorre desde o nordeste do Paraná (Campos Gerais) até o nordeste gaúcho e sudeste catarinense (Campos de Cima da Serra), passando pelo núcleo de campos de Água Doce e Palmas, na divisa entre Santa Catarina e Paraná. Não há confirmação de atividade reprodutiva nos campos do bioma Pampa (Figura 46).

**Estados:** RS, SC, PR, SP, MS, MT, GO, MG.

**Status:** Realiza movimentos migratórios, se deslocando para o sul do Brasil em novembro para reproduzir, e retornando antes da chegada do frio (final de fevereiro a início de abril) às áreas de invernagem, ainda não totalmente conhecidas, mas possivelmente situadas no Brasil central. Indivíduos da população do Planalto Meridional brasileiro (determinados por meio da vocalização) foram registrados na região do Triângulo Mineiro compondo bandos mistos juntamente com *Sporophila melanogaster*, *S. pileata*, *S. palustris*, *S. aff. plumbea*, *S. P. plumbea*, *S. caerulescens* e *S. nigricollis*. Em algumas regiões da Argentina e no Paraguai a espécie é residente.

**Ocorrência em unidades de conservação:** Reserva Biológica do São Donato (RS), Parque Estadual do Ibitirí (RS), Parque Nacional de São Joaquim (SC), Parque Estadual de Vilha Velha (PR), Parque Estadual do Guartelá (PR) e Parque Nacional de Ilha Grande (PR).



## Mapa de distribuição:

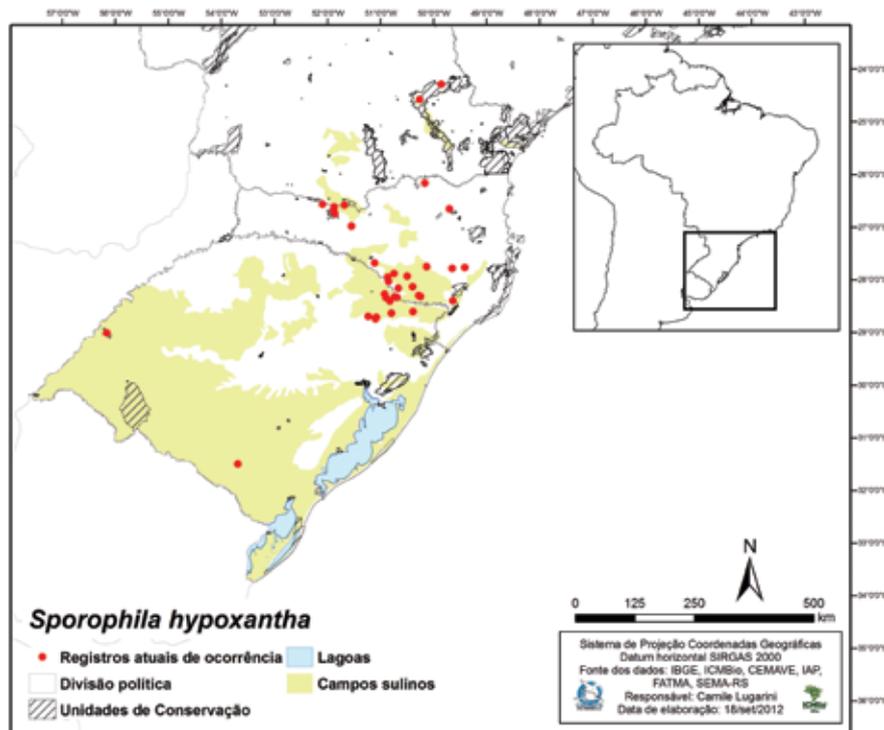


Figura 46 - Registros de ocorrência de caboclinho-de-barriga-vermelha (*Sporophila hypoxantha*) na área de abrangência do PAN.

## Situação Populacional

**População e tendências:** Sua população no Rio Grande do Sul parece estar em constante declínio, especialmente devido à contínua perda e modificação dos habitats naturais, além da forte pressão de captura. Estudos recentes demonstraram que a espécie é altamente sensível, apresentando redução na abundância em resposta à perda de habitat mediada pela exploração dos ambientes naturais. Em terras com mais de 20% de área utilizada para agricultura, a espécie torna-se completamente ausente.

**Estimativas populacionais:** Informação não disponível para esta espécie.

## Ameaças

**Principais ameaças (atuais):** Dada a forte ligação do caboclinho-de-barriga-vermelha com as áreas abertas em bom estado de conservação, tanto para reprodução como para alimentação, a disponibilidade adequada dessas formações faz-se fundamental para a manutenção de populações da espécie. Apesar da urgente necessidade de conservação desses ambientes, eles têm sido negligenciados e substituídos por culturas agrícolas e florestais e impactados pela pecuária intensiva e invasão de espécies exóticas, entre outros fatores. Adicionalmente, é notável sua baixa representatividade em unidades de conservação. Nos Campos de Cima da Serra, algumas das principais atividades que atuam na descaracterização dos ambientes naturais são a silvicultura (especialmente de pinus), a supressão de vegetação pelo alagamento para usinas hidrelétricas, as monoculturas e o consequente uso expressivo de pesticidas (como em macieiras e plantações de milho e batata), a drenagem de brejos e nascentes, a queima não controlada de extensas parcelas de campo e o pisoteio pelo gado. Estas duas últimas, envolvendo a atividade pecuária, aparentemente são as de impacto menos nocivo, embora também sejam potencialmente prejudiciais. Ainda, como tem sido para grande parte das espécies de *Sporophila*, a captura para



comércio ilegal representa uma das principais ameaças. Os caçadores muitas vezes obtêm permissão para capturar caboclinhos e outros papa-capins em propriedades particulares, que são vendidos nos centros urbanos próximos ou levados por caminhoneiros aos destinos finais mais distantes. Trata-se de uma atividade ainda bastante comum no sul do Brasil, constatada, por exemplo, nas cidades de Vacaria e Bom Jesus, no Rio Grande do Sul, Lages e São Joaquim, em Santa Catarina, Tibagi, Jaguariaíva e Arapoti, no Paraná. Por fim, tendo em vista que os caboclinhos permanecem por longos períodos durante o inverno em campos do Cerrado na porção central do país, ou pontualmente em áreas de parada, alimentação e repouso, a modificação e redução destes ambientes representa, igualmente, uma importante ameaça a ser destacada.

## Estratégias de conservação

**Ações de conservação existentes no Brasil:** Projeto “Biologia reprodutiva de Passeriformes campestres ameaçados de extinção no sul do Bioma Mata Atlântica” (Execução: Laboratório de Ornitologia - MCT - PUCRS e ONG Igré, Apoio: Fundação O Boticário de Proteção à Natureza e Neotropical Grassland Conservancy). O referido projeto inclui a indicação de uma área potencial para implantação de unidade de conservação na região dos campos da Coxilha Rica (SC).

**Medidas para a conservação:** Garantir a proteção, em longo prazo, de habitats representativos por meio da criação e manutenção de unidades de conservação em regiões de matriz campestre, principalmente em áreas amplas onde houver constatação de nidificação, no sul do Brasil, mas também nos pontos de invernagem mais significativos. Estimular a proteção voluntária aos caboclinhos em propriedades rurais na região de ocorrência da espécie, além da criação de Reservas Particulares do Patrimônio Natural em áreas de campo nativo. Condicionar o licenciamento de projetos de barragens na região dos Campos de Cima da Serra a uma avaliação prévia da importância da área como habitat da espécie. Avaliar os efeitos de atividades pecuárias, especialmente a queima de campos, sobre a reprodução da espécie, propondo formas alternativas menos prejudiciais. Em áreas úmidas, sugerir a rotação de parcelas de pastagem, possibilitando a recuperação de áreas impactadas pelo pisoteio. Coibir fortemente a captura e o comércio de espécimes por meio de ações de fiscalização mais efetivas e combate à atividade nas regiões mais expressivas. Ainda, utilizar instrumentos de educação para desestimular essa prática, especialmente em áreas rurais, onde é mais comum.

## Pesquisa

**Especialistas/Núcleos de pesquisa e conservação no Brasil:** Ismael Franz, Márcio Repenning, Cristiano E. Rovedder e Carla S. Fontana (Laboratório de Ornitologia/MCP/PUCRS).

### Principais lacunas de conhecimento:

- Estudos referentes ao ciclo de vida da espécie, pois o conhecimento deste ciclo ainda é incipiente. Praticamente todas as pesquisas realizadas até hoje foram conduzidas fora do Brasil, notavelmente no nordeste da Argentina. Estudos recentes revelaram informações até então inéditas em território brasileiro. Mesmo assim, alguns aspectos básicos e de grande relevância, como sua migração anual, ainda permanecem virtualmente inacessíveis.
- Estudos sobre o padrão de ocorrência ao longo da área de distribuição e suas rotas migratórias, incluindo o mapeamento das principais áreas de reprodução e invernagem. Um melhor entendimento sobre seus deslocamentos sazonais representa uma demanda de grande importância no conhecimento para futuras ações de manejo e conservação.
- Estudos que avaliem parâmetros demográficos e viabilidade de sobrevivência das diferentes populações.
- Estudo de filogeografia para entender como estão estruturadas geneticamente essas populações.
- Estudo da variabilidade genética e fenotípica entre as populações desta e de outras espécies de papa-capins, buscando entender sua história evolutiva, seus limites intra e interespecíficos e as relações de parentesco que resultaram na grande diversidade de formas existente.
- Refinamento dos estudos sobre seu *status* taxonômico considerando que algumas particularidades fenotípicas já mencionadas apontam para a possibilidade de existência de espécies ou formas crípticas dentro de *Sporophila hypoxantha*.



# Sporophila ruficollis

Autores: Glayson Ariel Bencke e Rafael Antunes Dias

## Informações taxonômicas

**Nome Científico:** *Sporophila ruficollis* (Figura 47)

**Autor/Ano:** Cabanis, 1851

**Classe:** Aves

**Ordem:** Passeriformes

**Família:** Emberizidae

**Sinonímia:** inexistente

**Fonte taxonômica:** CBRO (2011)



Márcio Repenning

Figura 47 - Caboclinho-de-papo-escuro (*Sporophila ruficollis*).

## Nomes comuns

**Português (pt):** caboclinho-de-papo-escuro, caboclinho-paraguai

**Inglês (en):** Dark-throated Seedeater

**Espanhol (sp):** capuchino garganta café

## Avaliação da Espécie

**Categoria atual (MMA 2003) e critério:** DD

**Listas regionais:**

Lista/Ano	RJ (1998)	RS (2002)	PR (2004)	ES (2007)	MG (2007)	SP (2008)	PA (2008)	SC (Ignis)
Categoria					VU	GR		

**Situação mundial:**

IUCN (2010): Vulnerável		CITES (2010):
Categoria	Critérios	Não consta
NT	Nearly met A2c,d; A3c,d; A4c,d	

## Informações Gerais

**Descrição:** Papa-capim pequeno (10cm), o macho é cinzento ou cinza-azulado por cima; a garganta e o papo são pretos ou marrom-escuros e o resto da região ventral é marrom-alaranjado a castanho-avermelhado, assim como o sobre. A cauda e as asas são escuras, tendo estas um espéculo branco. A fêmea e os jovens têm plumagem pardacenta, sendo basicamente indistinguíveis das fêmeas de outros caboclinhos. Após a muda pós-reprodutiva, uma parcela da população masculina adquire plumagem esmaecida, podendo tornar-se similar às fêmeas (Figura 48). Recentemente foi descrita uma forma relacionada a *S. ruficollis*, com dorso castanho e colar nugal preto, informalmente chamada “caraguatá”.

**Biologia e Ecologia:** Habita campos secos ou úmidos com capins altos, macegas e arbustos. Na Argentina, é encontrado principalmente em campos secos com presença de caraguatás (*Eryngium horridum*), cardos (*Carduus*), carquejas (*Baccharis* spp.) e arbustos isolados (*Acacia caven*,



*Dodonea*), mas também em campos gramíneos mais homogêneos, inclusive inundados. Na Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul, foi observado em beiras capinzentas de estradas e valas com gramíneas altas entre lavouras de arroz irrigado. Nessa região, também foi encontrado em campos secos “sujos” com abundância de caraguatás, em drenagens com vegetação arbustiva esparsa e junto a cursos d’água com vegetação marginal heterogênea, composta por capins, arbustos, gravatás e juncos. No litoral, um par forrageava em um capinzal úmido dominado por *Paspalum urvillei* na beira de uma estrada marginal ao Canal São Gonçalo. Durante a migração e no período não reprodutivo, habita campos limpos, campos inundáveis, capinzais ribeirinhos e savanas de regiões tropicais. De forma geral, ocupa ambientes menos pantanosos do que outros caboclinhos, pelo menos durante o período reprodutivo. Apresenta maior tolerância à modificação da paisagem do que alguns outros representantes do gênero, mas não foi registrado áreas com mais de 60% de conversão agrícola Província de Santa Fé, Argentina. É territorial durante a reprodução, geralmente vivendo em casais. Fora do período reprodutivo, frequentemente associa-se a outras espécies de caboclinhos, formando bandos mistos. Possui regime alimentar especializado, alimentando-se principalmente de sementes que coleta diretamente das hastes de gramíneas nativas. Concentra-se em paradouros com abundante oferta de alimento durante a migração, provavelmente dependendo da disponibilidade e previsibilidade de recursos em tais áreas. O ninho é um cestinho semiesférico de fibras vegetais entrelaçadas, revestido com teias de aranha e fixado a ramos de arbustos, ervas ou touceiras de capim, a pouca altura do solo. A postura é de três ovos e a reprodução ocorre entre dezembro e fevereiro. Não há registro de reprodução no Brasil, mas em 30 de novembro de 2010 uma fêmea de um casal observado em Barra do Quaraí carregava inflorescências de *Eragrostis sp.*, material normalmente usado na construção do ninho. Nessa mesma região, cinco machos adultos observados em janeiro de 2009 (estando pelo menos um deles pareado) apresentaram comportamento territorial e intensa atividade vocal.



Márcio Repenning

Figura 48 - Macho de caboclinho-de-papo-escuro (*Sporophila ruficollis*).

## Distribuição Geográfica

**Distribuição:** Reproduz-se no Paraguai, norte da Argentina (meridionalmente até a região do Prata), oeste do Uruguai e, aparentemente, no extremo sul do Brasil (oeste do Rio Grande do Sul). Como espécie migratória ocorre no extremo sudeste do Peru, Bolívia, sudoeste do Mato Grosso, sul do Amazonas (Humaitá), extremo sudeste do Pará, Pantanal, sul de Goiás, norte de Minas Gerais e São Paulo. A sua extensão de ocorrência durante o período reprodutivo é estimada em 1.370.000 km<sup>2</sup>. Nos Campos Sulinos, era conhecido até recentemente apenas por dois espécimes coletados perto de Uruguaiana durante o período migratório (meados de novembro) e por uma observação na região de Bagé, no Rio Grande do Sul. Em janeiro de 2009, uma pequena população foi descoberta em uma área restrita do município de Barra do Quaraí, no extremo oeste do Rio Grande do Sul, próximo à fronteira com o Uruguai. Observações subsequentes confirmaram a regularidade da espécie nessa área. Outros registros recentes nos municípios de Uruguaiana e Alegrete, durante o período reprodutivo (final de novembro a fevereiro), sugerem que a espécie possa ocorrer em outros pontos da Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul. Adicionalmente, um par aparentemente vagante foi registrado em 7 de fevereiro de 2009 na Planície Costeira do RS, em área adjacente à Reserva Biológica do Mato Grande, em Arroio Grande (Figura 49).

**Estados:** RS, SP, MG, MS, MT, GO, PA, AM.



**Status:** Migratório. Emigra do sul do continente após a reprodução. As datas extremas de ocorrência no Rio Grande do Sul são 18/11 e 19/2. Inverna nos campos e capinzais inundáveis do Pantanal e do Cerrado e sua transição para a Amazônia. Indivíduos em migração (setembro–novembro e março) foram registrados no sul do Paraguai, Minas Gerais (Pirapora, Francisco Sá), São Paulo (Itirapina), Pantanal (diversas localidades) e centro-leste da Bolívia (Santa Cruz). Registros para o meio do período não reprodutivo (julho e agosto) são conhecidos para o norte da Bolívia, sudoeste do Mato Grosso (Vila Bela da Santíssima Trindade) e extremo sudeste do Pará, indicando que as principais áreas de invernagem da espécie podem estar situadas nos campos e savanas das planícies aluviais dos rios Araguaia e alto Madeira (alto Guaporé, Beni).

**Ocorrência em unidades de conservação:** Reserva Particular do Patrimônio Natural SESC Pantanal (MT), Reserva Particular do Patrimônio Natural Fazenda Rio Negro (MS), Estação Ecológica de Itirapina (SP), Parque Nacional das Emas (GO), provavelmente Reserva Biológica do Mato Grande (RS).

### Mapa de distribuição:

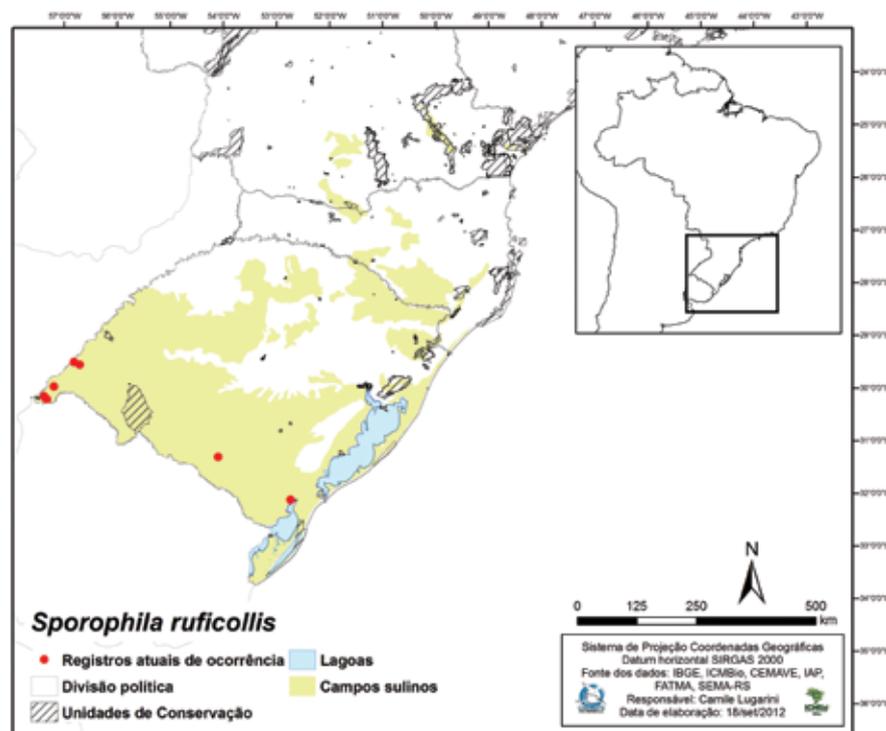


Figura 49 - Registros de ocorrência de caboclinho-de-papo-escuro (*Sporophila ruficollis*) na área de abrangência do PAN.

## Situação Populacional

**População e tendências:** Tamanho populacional não estimado. Suspeita-se que esteja sofrendo declínio lento a moderado em nível global. Como espécie nidificante, apresenta ocorrência marginal no Brasil, sendo pouco numerosa. Na região de Barra do Quaraí, possivelmente dispõe de poucos locais propícios à reprodução, devido à extensiva transformação antrópica da paisagem. Em geral, é escasso em território brasileiro também no período não reprodutivo, mas pode ser localmente numeroso, por exemplo, em Vila Bela da Santíssima Trindade (MT) e Pantanal de Nhecolândia (MS).

**Estimativas populacionais:** Informação não disponível para esta espécie.



## Ameaças

**Principais ameaças (atuais):** A principal ameaça é a crescente perda e degradação dos ambientes campestres e áreas úmidas associadas ao longo de toda a sua distribuição geográfica. Em Barra do Quaraí, os campos já foram extensivamente convertidos em lavouras de arroz irrigado, causando a eliminação e a fragmentação do hábitat original da espécie. Embora *S. ruficollis* possa ocupar ambientes agrícolas, os capinzais existentes entre os arrozais propiciam poucos sítios adequados à reprodução, devido à escassez de arbustos e outras plantas utilizadas como suporte para os ninhos. O emprego de pesticidas e herbicidas igualmente pode estar afetando negativamente a espécie nessa região. Em áreas onde os campos não foram convertidos para o cultivo do arroz, o sobrepastoreio e o manejo inadequado das pastagens nativas impedem ou restringem a formação de capinzais e macegais densos dos quais a espécie depende para sua alimentação, abrigo e reprodução. Além disso, muitas áreas de campos na região de Uruguaiana encontram-se tomadas pela gramínea exótica invasora *Eragrostis plana* (capim-annoni), tornando-se impróprias para os caboclinhos. Fora do período reprodutivo, a eliminação dos campos nativos ao longo das rotas migratórias da espécie representa uma ameaça muito significativa à sua sobrevivência. No estado de São Paulo, mais de 95% da superfície original de campos e campos cerrados foi destruída ao longo das últimas três décadas para dar lugar a pastagens e plantações, e as áreas remanescentes sofrem a invasão por gramíneas exóticas, especialmente *Brachiaria* e *Melinis minutiflora* (capim-gordura). A substituição dos campos por forrageiras exóticas, o uso indiscriminado do fogo e a expansão agropecuária ameaçam importantes áreas de concentração da espécie no Pantanal e no sudoeste do Mato Grosso. Por fim, a captura de exemplares silvestres, para a criação em cativeiro ou para o comércio ilegal de fauna silvestre, pode estar contribuindo para o declínio da espécie em diversas áreas.

## Estratégias de conservação

**Ações de conservação existentes no Brasil:** Não há ações de conservação com foco nesta espécie.

**Medidas para a conservação:** Promover a recuperação de habitats campestres na região de Barra do Quaraí. Identificar e proteger as áreas que abrigam as populações reprodutivas mais significativas. Divulgar e estimular práticas de manejo dos campos nativos que beneficiem a avifauna. Criar unidades de conservação em áreas de concentração não reprodutiva da espécie (P. ex., Campos do Encanto, MT).

## Pesquisa

Especialistas/Núcleos de pesquisa e conservação no Brasil: Informação não disponível para esta espécie.

**Principais lacunas de conhecimento:**

- Área de ocorrência e reprodução no Brasil, assim como requisitos de hábitat.
- Demografia das populações reprodutivas brasileiras.
- Ecologia da migração.
- Biologia reprodutiva.
- Estruturação genética das populações.
- Efeitos de pesticidas sobre as populações que sobrevivem em áreas com intenso uso agrícola (Barra do Quaraí, RS).



# Sporophila palustris

Autores: Giovanni Nachtigall Maurício, Rafael Antunes Dias, Márcio Repenning e Jeferson Vizentin-Bugoni

## Informações taxonômicas

**Nome Científico:** *Sporophila palustris* (Figura 50)  
**Autor/Ano:** Barrows, 1883  
**Classe:** Aves  
**Ordem:** Passeriformes  
**Família:** Emberizidae  
**Sinonímia:** *Sporophila zelichi* Narosky, 1977 (em parte)  
**Fonte taxonômica:** Areta (2008), Aldabe et al. (2009)

## Observações taxonômicas

Inclui *Sporophila zelichi* Narosky, 1977, recentemente considerada sinônimo-júnior de *S. palustris* (Areta 2008; SACC 2011).

## Nomes comuns

**Português (pt):** caboclinho-de-papo-branco

**Inglês (en):** Marsh Seedeater

**Espanhol (sp):** capuchino pecho blanco



Márcio Repenning

Figura 50 - Caboclinho-de-papo-branco (*Sporophila palustris*).

## Avaliação da Espécie

**Categoria atual (MMA 2003) e critério:** Em Perigo (EN) B2ab(ii)

**Listas regionais:**

Lista/Ano	RJ (1998)	RS (2002)	PR (2004)	ES (2007)	MG (2007)	SP (2008)	PA (2008)	SC (Ignis)
Categoria		EN	EN		EN	CR		

**Situação mundial:**

IUCN (2010): Vulnerável		CITES (2010):
Categoria	Critérios	Apêndice I
EN	C2a(i)	



## Informações Gerais

**Descrição:** Assim como outros caboclinhos, possui porte diminuto (c. 10 cm). Os machos apresentam colorido chamativo: coroa, nuca, pescoço dorsal e manto cinzento-azulados; garganta, região auricular e peito brancos, ventre, uropígio e coberteiras inferiores da cauda cor-de-tijolo; asas e cauda anegrados, e as coberteiras das asas são escuras marginadas de acinzentado, havendo um espéculo branco na base das primárias. As fêmeas e juvenis são dorsalmente pardo-oliváceas e ocráceas por baixo, e também exibem espéculo branco nas asas. Após a muda pós-reprodutiva, uma parcela dos machos adquire plumagem pardacenta, podendo tornar-se similar às fêmeas e juvenis. A forma “zelichi”, muito rara, apresenta nuca branca e costas cor-de-tijolo (marrom alaranjado).

**Biologia e Ecologia:** Habita banhados com densa vegetação emergente e capinzais sobre solos úmidos, saturados ou com lâmina d'água de pouca profundidade, sendo o caboclinho mais associado a ambientes palustres, dos quais depende para reproduzir. É granívoro, alimentando-se principalmente de pequenas sementes de gramíneas e ciperáceas nativas. No Rio Grande do Sul, durante o período reprodutivo, o caboclinho-de-papo-branco tem sido observado principalmente aos casais ou em pequenos grupos de três a quatro indivíduos. Nidifica em banhados e nos capinzais úmidos que os cercam. O ninho é uma pequena taça profunda de fibras vegetais construída próxima ao solo e fixada lateralmente a hastes de capins, junco ou moitas de asteráceas e a postura pode ser de até três ovos. As fêmeas são responsáveis pela construção do ninho e incubação dos ovos e o macho auxilia na alimentação dos filhotes até que se tornem independentes. Os filhotes são alimentados predominantemente com sementes de gramíneas que são coletadas próximo ao ninho. O sucesso reprodutivo da espécie foi estimado em 50%, baseado em quatro ninhinhos com dois ovos cada. Na Argentina, um ninho contendo dois ovos foi encontrado em fins de dezembro e filhotes não-emancipados foram observados em fevereiro. No Brasil, o único indício de reprodução referia-se ao registro de um filhotão recém-saído do ninho em 9 de janeiro de 2003 em Rio Grande, Rio Grande do Sul. Recentemente, uma pequena população (pelo menos três casais) foi encontrada reproduzindo na Reserva Biológica do Mato Grande, em Arroio Grande, onde dois ninhinhos ativos foram estudados em dezembro e janeiro de 2008/2009. Neste local, o hábitat reprodutivo é caracterizado pela dominância de *Eryngium pandanifolium* (Apidae) com grande abundância de gramíneas sementíferas. Em 9 de fevereiro de 2010, foi observado um filhotão sendo alimentado por um casal em Santa Vitória do Palmar. Um casal com ninho em fase inicial de construção foi registrado nos primeiros dias de dezembro 2010 no Parque Estadual do Espinilho, Barra do Quaraí. Adicionalmente, ainda no Rio Grande do Sul, machos territoriais foram observados entre dezembro e fevereiro enquanto outro, com gônadas desenvolvidas, foi coletado em fins de fevereiro.

## Distribuição Geográfica

**Distribuição:** É considerado endêmico ao bioma Pampa, com distribuição durante o período reprodutivo restrita ao sul do Brasil (Rio Grande do Sul), Uruguai, nordeste da Argentina e sul do Paraguai, embora sua reprodução nesse último não tenha sido confirmada. Inverna no centro do Brasil, em uma vasta área que inclui parte dos estados da Bahia, Minas Gerais, Goiás, Tocantins, Pará, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, São Paulo e Paraná e, possivelmente, no nordeste do Paraguai (Figura 51).

**Estados:** RS, PR, SP, MG, BA, GO, MT, MS, TO, PA.

**Status:** Rigorosamente migratório, está presente no sul do Brasil (Rio Grande do Sul) durante seu período reprodutivo, que se dá entre o final da primavera e o verão. As datas limites de sua ocorrência no Rio Grande do Sul são 3 de novembro e 4 de abril. Na estação não reprodutiva, é encontrado em capinzais tropicais na região do Cerrado e no Pantanal. Nesse período, reúne-se em grandes bandos mistos com outras espécies do gênero, tendo sido observado nessa situação em capinzais carregados de sementes, por exemplo, no P. N. das Emas (Goiás), ilhas do rio São Francisco (Minas Gerais), região do Triângulo Mineiro, e interior de São Paulo, em setembro, fins de outubro e início de novembro. Indivíduos em migração até áreas de reprodução situadas mais ao sul (ver o item Distribuição) aparecem de passagem pelo Rio Grande do Sul no início de novembro, normalmente em locais onde não costumam ocorrer mais tarde na estação.



**Ocorrência em unidades de conservação:** Área de Proteção Ambiental do Ibirapuitã (RS), Parque Estadual do Espinilho (RS), Reserva Biológica do São Donato (RS), Reserva Biológica do Mato Grande (RS), Estação Ecológica de Itirapina (SP), Parque Nacional das Emas (GO), RPPN Fazenda Rio Negro (MS).

### Mapa de distribuição:

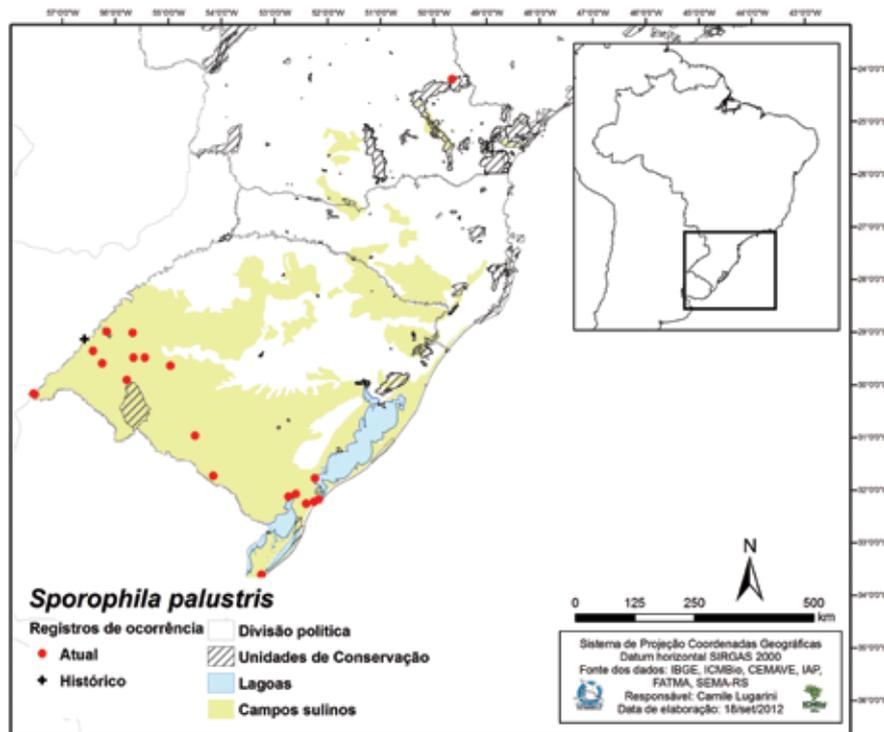


Figura 51 - Registros de ocorrência de caboclinho-de-papo-branco (*Sporophila palustris*) na área de abrangência do PAN.

## Situação Populacional

**População e tendências:** Estima-se que a população mundial dessa espécie de ocorrência local não supere os 2.500 indivíduos. Presume-se que seus números tenham declinado substancialmente na Argentina e, em menor grau, no Uruguai. No Rio Grande do Sul ocorrem populações reprodutoras esparsamente distribuídas, que aparentemente nunca foram contínuas. A maior delas ocupa o litoral sul desse estado, especificamente na região dos cordões litorâneos/Banhado do Maçarico e na várzea do canal São Gonçalo (municípios de Rio Grande e Arroio Grande) (Figura 52). Para a primeira das áreas foi estimada a ocorrência de uma população de 200-300 indivíduos. Populações pequenas ocupam a região da Campanha, valendo destacar aquelas presentes em unidades de conservação como a Reserva Biológica do Ibirapuitã, o Parque Estadual do Espinilho e a Reserva Biológica do São Donato. Assim, a população reprodutora da espécie no Brasil é muito pequena, sendo que é estimado que a mesma tenha declinado em decorrência da perda e descaracterização do hábitat e devido à captura indiscriminada de indivíduos na natureza. Contudo, a falta de estimativas anteriores de tamanhos populacionais para quaisquer de suas áreas de reprodução no Rio Grande do Sul não permite uma inferência objetiva da magnitude do declínio sofrido pelo caboclinho-de-papo-branco no Brasil.

### Estimativas populacionais:

Estimativa	Qualidade do Dado	Fonte	Ano
1000-2499	baixa	BirdLife International (2011)	2000



## Ameaças

**Principais ameaças (atuais):** Ao longo de toda sua área de distribuição reprodutiva, é uma espécie perseguida e capturada por passarinheiros. Na área do Banhado do Maçarico, onde subsiste a maior população conhecida no Brasil, moradores confirmam que a espécie é capturada localmente para manutenção em gaiolas. Embora se estime que a captura de exemplares na natureza seja a principal ameaça para a espécie, a descaracterização e a destruição de seu hábitat aparentam ser mais importantes, tendo sido verificados em distintos setores de sua área de distribuição reprodutiva (litoral e Campanha), potencializando os efeitos negativos da retirada de exemplares das populações naturais. O sobrepastejo pelo gado e a destruição e alteração das áreas úmidas pela rizicultura são as principais ameaças ao seu hábitat reprodutivo. Adicionalmente, a forte expansão e o incremento do uso agrícola na região do cerrado, incluindo o florestamento de vastas áreas de campos nativos e a mineração nas áreas de nascentes está suprimindo hábitat nas áreas de invernagem da espécie, como foi recentemente verificado em uma área de ocorrência da mesma no Triângulo Mineiro. Tal supressão de hábitat na região do cerrado é particularmente preocupante quando se leva em consideração que possivelmente toda a população mundial da espécie depende dos capinzais sementíferos do Brasil central para completar seu ciclo de vida anual. A construção de parques eólicos no litoral do RS, especialmente na região do Banhado do Maçarico, representa ameaça adicional, tanto pela colisão dessa espécie de hábitos migratórios com aerogeradores e linhas de transmissão de energia elétrica, como pela perturbação e eliminação de hábitat gerados por esse tipo de empreendimento.



Márcio Repenning

Figura 52 - Macho de caboclinho-de-papo-branco (*Sporophila palustris*).

## Estratégias de Conservação

**Ações de conservação existentes no Brasil:** Uma proposta de implantação de uma unidade de conservação federal no Banhado do Maçarico começou a tramitar no ICMBio em 2007. A espécie está protegida nas unidades de conservação mencionadas acima. O levantamento fundiário da Reserva Biológica do Mato Grande, em Arroio Grande (RS) está em andamento e consta que a desapropriação das terras desta unidade de conservação, será concretizada em breve; uma vez nas mãos do Estado, e sob administração adequada, a conservação efetiva da biodiversidade da reserva será factível.

**Medidas para a conservação:** Coibir efetivamente a captura de indivíduos na natureza e o comércio ilegal da espécie por meio de ações enérgicas e focalizadas de fiscalização, sobretudo na região de Pelotas e Rio Grande, no litoral sul do Rio Grande do Sul. Implementar campanhas educativas que alertem o público acerca dos efeitos da captura ilegal sobre essa e outras espécies de pássaros silvestres e desestimule a sua compra. Ações neste sentido são urgentes nas comunidades locais na várzea do canal São Gonçalo e podem ser priorizadas, especialmente na Vila de Santa Isabel (Arroio



Grande) e periferia de Pelotas. Divulgar e estimular práticas de manejo dos campos nativos que beneficiem a avifauna. Desenvolver um estudo de longo prazo sobre a migração dos caboclinhos em geral, buscando esclarecer aspectos como sazonalidade de ocorrência, rotas e parados migratórios e a relação dos movimentos com a frutificação de gramíneas nativas. Incentivo a pesquisas que esclareçam quais as características do hábitat são necessárias para a reprodução de *S. palustris* e qual o manejo adequado destas áreas para a manutenção de sua estrutura. Experimentos que incluem queimadas controladas e diferentes intensidade de pastejo devem ser consideradas. Criar unidades de conservação em áreas que abrigam populações reprodutoras significativas e desprotegidas da espécie, tal como no Banhado do Maçarico e na várzea do canal São Gonçalo, entre as localidades de Vila de Santa Isabel (Arroio Grande) e a ilha do Pavão, na foz do rio Piratini. Criar unidades de conservação em áreas de internagem regular dessa espécie, na região do cerrado, em uma estratégia conjunta envolvendo outras espécies dependentes de campos nativos com capinzais. Implementar e fiscalizar intensamente as unidades de conservação onde o caboclinho-de-papo-branco está presente, como está em curso com a Reserva Biológica do Mato Grande. Promover ações amplas voltadas à conservação dos campos e capinzais da região do cerrado onde a espécie tem sido registrada. Restringir as atividades de florestamento na Planície Costeira externa do Rio Grande do Sul, seguindo a proposta original do Zoneamento Ambiental para a Silvicultura (ZAS). Monitorar continuamente as populações gaúchas da espécie, buscando-se localizar populações adicionais eventualmente existentes. Investigar a história natural (incluindo reprodução e alimentação) do caboclinho-de-papo-branco. Zonar a implementação de parques eólicos no RS.

## Pesquisa

**Especialistas/Núcleos de pesquisa e conservação no Brasil:** Rafael A. Dias (UCPel), Jeferson Vinentin-Bugoni (UNICAMP), Fernando Jacobs (UFPel), Giovanni N. Maurício (GEEPAA-RS), Glayson A. Bencke (FZB), Márcio Repenning (Laboratório de Ornitologia/MCP/PUCRS).

### Principais lacunas de conhecimento:

- Parados migratórios regulares da espécie quando em deslocamento das áreas de reprodução para as áreas de internagem e vice-versa;
- Padrão de ocupação das áreas de internagem, incluindo informação sobre abundância, uso de hábitat e tempo de permanência em cada área;
- Informações detalhadas sobre demografia da população reprodutora no Brasil.
- Aprimorar o conhecimento sobre qual a sua real área de reprodução no Brasil (RS).
- Efeitos de pesticidas sobre as populações que reproduzem em áreas contíguas a locais de intenso uso agrícola.
- Definir a estrutura da vegetação onde a espécie reproduz e formas de manejá-la para que a espécie reproduza em anos sucessivos, avaliando o papel do gado e do fogo.



# Sporophila cinnamomea

Autores: Marilise Mendonça Krügel, Rafael Antunes Dias, Glayson Ariel Bencke, Márcio Repenning

## Informações taxonômicas

**Nome Científico:** *Sporophila cinnamomea*

**Autor/Ano:** Sclater, 1878

**Classe:** Aves

**Ordem:** Passeriformes

**Família:** Emberizidae

**Sinonímia:** inexistente

**Fonte taxonômica:** CBRO (2011)

## Nomes comuns

**Português (pt):** caboclinho-de-chapéu-cinzento

**Inglês (en):** Chestnut Seedeater

**Espanhol (sp):** capuchino corona gris



Márcio Repenning

Figura 53 - Caboclinho-de-chapéu-cinzento (*Sporophila cinnamomea*).

## Avaliação da Espécie

**Categoria atual (MMA 2003) e critério:** EN C2a(ii)

**Listas regionais:**

Lista/Ano	RJ (1998)	RS (2002)	PR (2004)	ES (2007)	MG (2007)	SP (2008)	PA (2008)	SC (Ignis)
Categoria		EN	EN			CR		

**Situação mundial:**

IUCN (2010): Vulnerável		CITES (2010):
Categoria	Critérios	Não consta
VU	A2cde+3cde+4cde; C2a(i)	

## Informações Gerais

**Descrição:** Mede 10 cm e pesa 8 g. Apresenta dimorfismo sexual acentuado, sendo o macho adulto de coloração castanho-escuro e boné cinzento, asas e cauda negras, com espéculo branco nas asas; o bico é negro durante o período de reprodução. Alguns machos, após realizarem a muda pós-reprodutiva, adquirem mais penas pardas, podendo ficar com uma plumagem similar a das fêmeas ou dos jovens. A coloração preta do bico típica de indivíduos em atividade reprodutiva é alterada para tons mais discretos, variando para marrom, pardo ou até amarelo desbotado durante o período de repouso reprodutivo. As fêmeas e os jovens seguem o padrão de coloração dos demais caboclinhos, sendo predominantemente pardos com a região ventral um pouco mais clara e com um espéculo branco nas asas.



**Biologia e Ecologia:** Habita campos naturais, banhados e várzeas, sendo considerado dependente ou usuário obrigatório de ambientes campestres. Frequenta áreas com gravatazais (*Eryngium* spp.), capinzais altos, densos e úmidos em meio ao campo ou em áreas pantanosas, ricos em espécies herbáceas nativas das famílias Apiaceae, Asteraceae, Cyperaceae e Poaceae. No Brasil, está presente durante o período reprodutivo em diversos setores do Pampa, desde os campos de Jaguarão e Arroio Grande passando pela região de Candiota e Bagé até Lavras do Sul e Dom Pedrito e também na região oeste entre Quaraí, São Borja e Manoel Viana. Há registros de reprodução também na Argentina, Uruguai e sul do Paraguai. Após a reprodução migra em direção ao Brasil central, invernando principalmente nos campos cerrados. No entanto, pouco se conhece sobre suas rotas migratórias e área de ocorrência durante o período não reprodutivo. No centro do país há registros da formação de grupos heteroespecíficos não reprodutivos com até outras dez espécies do gênero, incluindo *S. hypoxantha*, *S. plumbea*, *S. collaris*, *S. caerulescens* e *S. ruficollis*. É granívoro, especializado no consumo de sementes de gramíneas nativas como as dos gêneros *Paspalum*, *Panicum*, *Setaria*, *Echinochloa*, *Pennisetum*, *Piptochaetium* e ciperáceas como *Rhynchospora*. Supõe-se que seus movimentos migratórios estejam em sincronia com o período de amadurecimento das gramíneas ao longo de sua rota de migração. Os machos costumam cantar intensamente durante todo o período reprodutivo e são encarregados da defesa dos territórios enquanto as fêmeas constroem o ninho e incubam os ovos (Figuras 54 e 55). O ninho consiste em um pequeno cesto construído em pequenos arbustos e preso com teias de aranha, entre 20 a 50 cm de altura do solo, sendo elaborado principalmente com palhas e inflorescências de gramíneas. A postura é de dois ou três ovos. A alimentação dos jovens é realizada tanto pelos machos como pelas fêmeas. Além das sementes de gramíneas os ninhegos podem ser alimentados com pequenos insetos.



Márcio Repenning

Figuras 54 e 55 - Macho, fêmea e juvenil de caboclinho-de-chapéu-cinzento (*Sporophila cinnamomea*).

## Distribuição Geográfica

**Distribuição:** Ocorre no nordeste da Argentina (províncias de Corrientes, Entre Ríos e Buenos Aires), extremo sudeste do Paraguai (departamento de Itapúa), oeste e sudeste do Uruguai (ao longo do rio Uruguai e nos departamentos de Rocha, Treinta y Tres e Cerro Largo) e no sul, sudeste e centro-oeste do Brasil. Em território brasileiro, os registros são para os estados de Goiás (rio Araguaia), Mato Grosso do Sul (Aquidauana, Porto Murtinho, Campo



Grande, Bonito), Minas Gerais (alto rio São Francisco), São Paulo (Itirapina), Paraná (Parque Nacional de Ilha Grande, Arapoti e Jaguariaíva) e Rio Grande do Sul (Bagé, Candiota, Dom Pedrito, Quaraí, Itaqui, Maçambará, São Francisco de Assis, Manoel Viana e Alegrete), entre muitos outros municípios. No Brasil, a espécie se reproduz somente no Rio Grande do Sul, ocorrendo como migratória nas demais áreas (Figura 56).

**Estados:** RS, PR, SP, MG, MS, MT, GO.

**Status:** Migratório. Realiza deslocamentos de longa distância. Os registros para o Rio Grande do Sul são de novembro a abril, após esse período deixa o estado. Em outros países tem sido registrado em agosto e de outubro-novembro até março no Paraguai; outubro-novembro a maio na Argentina; outubro-novembro a fevereiro-março no Uruguai. Como depende de ambientes campestres, o status ao longo de sua área de distribuição está relacionado às condições de conservação desses ambientes e à disponibilidade de alimento. Agregações monoespecíficas com dezenas de indivíduos antecedendo a migração foram observadas em fins de fevereiro. A espécie é rara e com registros pontuais no Paraná, notadamente na primavera e verão, sendo provável que ocorra apenas em trânsito durante suas migrações. O mesmo ocorre no Mato Grosso e na região central de São Paulo, onde passa por Dourados e Itirapina em direção ao sul durante a primavera, formando concentrações consideráveis em determinados anos. Na região do Triângulo Mineiro foi observado em meados de setembro ao lado de outros caboclinhos que também migram para o sul (e.g. *S. palustris*, *S. melanogaster*, *S. hypoxantha* e *S. pileata*).

**Ocorrência em unidades de conservação:** Reserva Biológica Mato Grande (RS), Reserva Biológica do São Donato (RS), Parque Nacional de Ilha Grande (PR/MS), Área de Proteção Ambiental da Escarpa Devoniana (PR), Área de Proteção Ambiental Federal das Várzeas e Ilhas do rio Paraná (PR), Parque Estadual do Cerrado (PR), Estação Ecológica de Itirapina (SP), Parque Nacional da Serra da Bodoquena (MS), Reserva Particular do Patrimônio Natural SESC Pantanal (MT) e Parque Nacional das Emas (GO).

#### Mapa de distribuição:

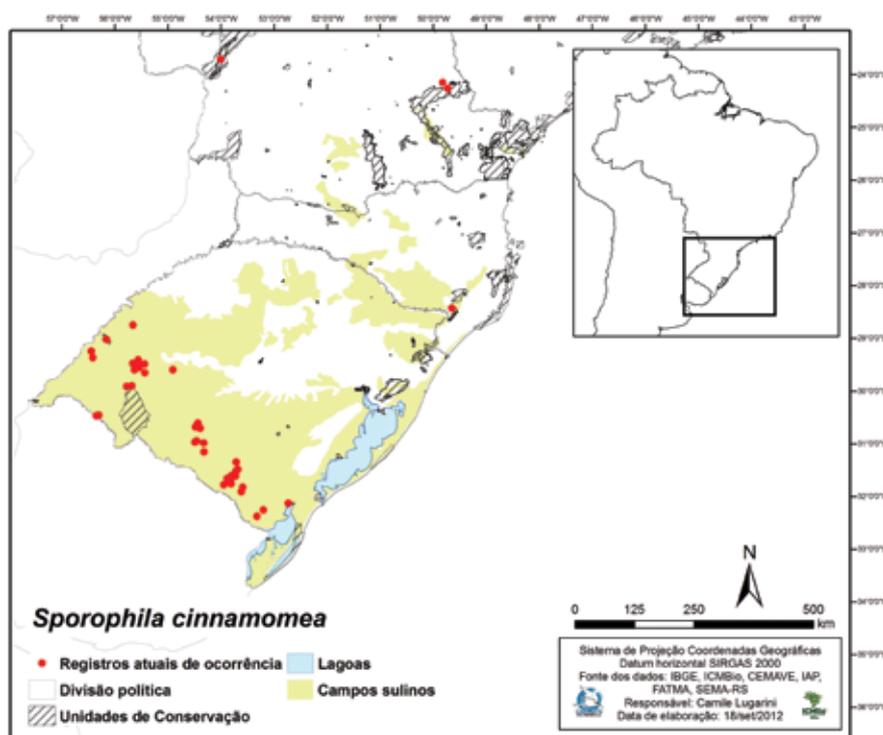


Figura 56 - Registros de ocorrência de caboclinho-de-chapéu-cinzento (*Sporophila cinnamomea*) na área de abrangência do PAN.



## Situação Populacional

**População e tendências:** Apresenta uma população mundial relativamente pequena e está em rápido e contínuo declínio. Há poucos relatos sobre o seu tamanho populacional nas regiões de ocorrência no Brasil. Embora originalmente se assumisse que fosse restrita à região dos campos de Bagé, uma série de registros recentes demonstra que possui ampla distribuição ao longo de toda a região da Campanha Gaúcha. Um contingente importante formando uma população provavelmente contínua ocorre na Serra do Sudeste e Depressão Periférica, entre Jaguarão e Arroio Grande até Candiota, Dom Pedrito, São Gabriel e Quarai, até a região oeste, entre Itaqui, São Borja e Manoel Viana. O número de indivíduos foi estimado em 30 na REBIO de São Donato (RS). Na Reserva Biológica Mato Grande um único indivíduo, aparentemente vagante, foi observado. Em geral, poucos indivíduos são vistos em cada localidade de ocorrência nas áreas de reprodução.

### Estimativas populacionais:

Estimativa	Qualidade do Dado	Fonte	Ano
2500-10000	média	BirdLife International	2000

## Ameaças

**Principais ameaças (atuais):** Por se tratar de uma espécie que habita capinzais altos e densos, seu declínio populacional está relacionado principalmente com a perda de hábitat e/ou descaracterização desses ambientes campestres em decorrência da expansão de monoculturas de grãos, o sobrepastoreio, a drenagem de ambientes úmidos (campos, várzeas e banhados), a prática ilegal das queimadas, a extração de carvão mineral (RS) e a introdução de pastagens de forrageiras exóticas como o capimannoni (*Eragrostis plana*). Com relação à agricultura cabe destacar que o cultivo de arroz em áreas de várzeas, como aquelas ao longo do rio Ibicuí (bacia do rio Uruguai, RS), contribui para a redução das áreas potenciais para a reprodução da espécie. Atualmente, a conversão dos campos naturais em áreas destinadas à silvicultura (*Pinus* e *Eucalyptus*) destaca-se como uma ameaça importante à espécie, especialmente em regiões de ocorrência de sítios reprodutivos no Rio Grande do Sul e nos pontos de parada para alimentação e repouso ao longo de sua rota migratória. Extensas áreas de campo com ocorrência da espécie na Serra do Sudeste e Depressão Periférica foram convertidas em plantações de eucalipto. Somado a isso, o plantio de pinus próximo de áreas campestres propicia a invasão dos ambientes naturais a partir da dispersão anemocórica das suas sementes, com posterior estabelecimento de árvores isoladas ou de grandes adensamentos. Assim como outros representantes do gênero, o caboclinho-de-chapéu-cinzento sofre com a captura e o comércio ilegal para a criação em cativeiro, que incide especialmente sobre os machos. A construção de parques eólicos em alguns setores da Serra do Sudeste pode constituir ameaça adicional, tanto pelo risco de colisão dessa espécie migratória com aerogeradores e redes de transmissão, como pela perda e alteração de hábitat e o distúrbio gerado pelos aerogeradores.

## Estratégias de conservação

**Ações de conservação existentes no Brasil:** Projeto Alianza del Pastizal (BirdLife International em conjunto com SAVE Brasil, Aves Argentinas, Guyra Paraguay e Aves Uruguay); Programa Campos Sustentáveis (SAVE Brasil); Instituto Ambiental do Paraná. Planos de Ação para Espécies de Aves Ameaçadas no Paraná. IAP/Projeto Paraná Biodiversidade; Projeto Caboclinho-de-chapéu-cinzento *Sporophila cinnamomea* (Emberizidae) nos campos nativos do Rio Grande do Sul: ecologia e identificação de áreas prioritárias para conservação apoiado pela Fundação Grupo Boticário entre 2005/2006 e com intenção de continuidade no futuro.

**Medidas para a conservação:** Identificar os principais sítios de reprodução da espécie no Rio Grande do Sul e monitorar em longo prazo as populações reprodutivas já conhecidas. Identificar



os principais sítios de invernagem e locais de parada da espécie ao longo de sua rota migratória. Monitorar as populações nas áreas de invernagem em estudos de longo prazo. Desenvolver estudos sobre a biologia, exigências ecológicas, tamanho das populações, distribuição e *status*. Desenvolver programas de educação ambiental, utilizando o caboclinho-de-chapéu-cinzento como uma das espécies-símbolo para a conservação dos campos do Pampa. Promover o manejo adequado e a conservação dos campos naturais, assim como das áreas de várzeas dos principais rios incluídos em sua distribuição geográfica. Criar e implementar unidades de conservação de proteção integral que incluam extensas áreas de campos naturais no Bioma Pampa. Designar as várzeas do rio Ibicuí (bacia do rio Uruguai) como uma IBA (Important Bird Area), compreendendo parte dos municípios de Manoel Viana e Alegrete. Avaliar a pressão de captura sobre a espécie ao longo de sua área de ocorrência. Criar programas de incentivo financeiro ou fiscal para empresas e proprietários rurais para que mantenham áreas de campos naturais como reserva legal e áreas de preservação permanente, e não apenas remanescentes florestais. Incentivar a criação de Reservas Particulares do Patrimônio Natural entre os produtores rurais que detêm em suas propriedades áreas de campo e banhado. Implementar e fortalecer mecanismos de incentivo (fiscal ou de mercado) à pecuária extensiva sobre campos naturais como forma de garantir a manutenção dos ecossistemas campestres nativos na região. Estabelecer condicionantes para o licenciamento de atividades produtivas em campos nativos, várzeas e áreas úmidas. Fazer avaliações mais rigorosas (órgãos responsáveis de licenciamento) de projetos voltados à construção de barragens ou açudes que comprometam as drenagens naturais, campos úmidos ou brejos em propriedades rurais. Implementar políticas públicas voltadas para o uso, manutenção e conservação dos campos naturais. Zonear a implantação de parques eólicos no RS.

## Pesquisa

**Especialistas/Núcleos de pesquisa e conservação no Brasil:** Carla Suertegaray Fontana e Márcio Repenning (Laboratório de Ornitologia/MCP/PUCRS), Eduardo Carrano (PUCPR), Glayson Ariel Bencke (FZB/RS), Marilise Mendonça Krügel (UDESSM/UFSM), Rafael Antunes Dias (UCPel).

### Principais lacunas de conhecimento:

- Estudos sobre as exigências ecológicas da espécie ao longo de suas rotas migratórias e nas áreas de repouso reprodutivo, com vistas à conservação/restauração de seu hábitat.
- Estudos sobre a associação/dependência entre *S. cinnamomea* e as espécies de gramíneas de que se alimenta, assim como o impacto que a substituição destas por forrageiras exóticas pode causar nas populações, tanto nas áreas de reprodução/invernagem como nos pontos de parada durante os deslocamentos migratórios.
- Monitoramento das populações nas áreas reprodutivas e de invernagem, após estas serem conhecidas e mapeadas.
- Estudos de dinâmica populacional.



# Sporophila melanogaster

Autores: Cristiano Eidt Rovedder, Márcio Repenning, Carla Suertegaray Fontana

## Informações taxonômicas

**Nome Científico:** *Sporophila melanogaster* (Figuras 57 e 58)

**Autor/Ano:** Cabanis, 1851

**Classe:** Aves / **Ordem:** Passeriformes / **Família:** Tyrannidae / **Sinonímia:** inexistente

**Fonte taxonômica:** CBRO (2011)

Carla S. Fontana



Márcio Repenning

Figuras 57 e 58 - Machos de caboclinho-de-barriga-preta (*Sporophila melanogaster*).

## Nomes comuns

**Português (pt):** caboclinho-de-barriga-preta, caboclinho-preto, caboclinho-bico-de-ferro

**Inglês (en):** Black-bellied Seedeater

**Espanhol (sp):**

## Avaliação da Espécie

**Categoria atual (MMA 2003) e critério:** VU – A3c

**Listas regionais:**

Lista/Ano	RJ (1998)	RS (2002)	PR (2004)	ES (2007)	MG (2007)	SP (2008)	PA (2008)	SC (Ignis)
Categoria		VU	VU		VU	CR		VU

**Situação mundial:**

IUCN (2010): Quase Ameaçada		CITES (2010):
Categoria	Critérios	Não consta
NT		



## Informações Gerais

**Descrição:** Possui cerca de 10 cm de comprimento e massa corporal em torno de 9,5 g. Os indivíduos machos, em plumagem final de reprodução, apresentam um padrão geral de plumagem com todo o dorso, bochechas e flancos cinza-azulado; a garganta, o peito, as coberteiras inferiores da cauda e o abdômen na coloração preta. Alguns machos podem apresentar bochecha, flancos e sobre pretos. Uma forma rara denominada informalmente de “xumanxu” apresenta padrão de coloração notavelmente diferente, na qual o macho é praticamente todo preto apenas com o capuz cinza-azulado. Os machos ainda apresentam plumagem de “eclipse”, ou seja, após a muda pós-reprodutiva tendem a aumentar a quantidade de penas pardas no corpo, onde muitos indivíduos podem passar a apresentar coloração semelhante à de fêmeas e jovens. Nesse período também a coloração preta do bico dá lugar a tons de marrom, pardo ou amarelo desbotado. Fêmeas e machos apresentam um espéculo branco nas asas, mais visível quando em voo. Possui uma vocalização muito peculiar, cujo canto tem na introdução dois trinados em sequência, detalhe que a diferencia facilmente dos demais caboclinhos.

**Biologia e Ecologia:** Durante o período reprodutivo habita preferencialmente banhados com gravatás (*Eryngium pandanifolium*) e turfeiras com gramíneas e ciperáceas nos campos de altitude dos territórios catarinense e gaúcho. Em algumas áreas muito pontuais, pode ser encontrada utilizando campos secos com pequenos arbustos esparsos. Nas presumidas áreas de invernagem, habita ambientes abertos em geral capinzais associados a formações de Cerrado. Sua dieta basicamente baseia-se em grãos e frutos secos de capins, ciperáceas e iridáceas (Figura 59). Além disso, na época reprodutiva, os pais também fornecem aos ninhegos insetos. O território reprodutivo é estabelecido pelo macho e defendido por ele, geralmente situa-se em banhados ou no mite de drenagens naturais com os campos limpos. O ninho é um cesto confeccionado com inflorescência de *Eragrostis* spp. e *Eustachys uliginosa* amarrado com teia de aranha. Somente a fêmea é responsável pela construção do ninho, invariavelmente situado a poucos centímetros do solo e fixado em pequenos arbustos ou mesmo em touceiras de gramíneas e ciperáceas. A postura é de dois ovos, raramente três. O tempo entre o início da construção do ninho até a saída dos filhotes dura, em média, 27 dias.



Márcio Reppenning

Figura 59 - Fêmea de caboclinho-de-barriga-preta (*Sporophila melanogaster*) alimentando filhote.

## Distribuição Geográfica

**Distribuição:** Endêmico do Brasil. Toda sua população reprodutiva está confinada aos campos de altitude de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul. Até recentemente, a área de reprodução conhecida da espécie encontrava-se somente restrita ao sudeste de Santa Catarina e ao extremo nordeste do Rio Grande do Sul. Entretanto, em fevereiro de 2010, foi encontrado um contingente importante de indivíduos reproduzindo no núcleo isolado dos campos de altitude da região de Água Doce, no norte catarinense próximo a fronteira com o Paraná (CSF e MR). O caboclinho-de-barriga-preta apresenta um padrão claro de distribuição nos campos de altitude (RS e SC), preferindo os campos mais orientais do planalto basáltico, de altitude mais elevada. Dessa forma, evidencia uma segregação espacial com o congênere caboclinho-de-barriga-vermelha (*S. hypoxantha*), que nesta mesma região está restrito à porção mais ocidental dos campos ou nas calhas de rios, em áreas de menor altitude (Figura 60).

**Estados:** RS, SC, PR, SP, MG, GO, DF, MS.



**Status:** Toda população realiza movimentos sazonais, ocorrendo de abril a setembro principalmente nos capinzais tropicais do Cerrado e, de outubro a março, nos campos de altitude do planalto catarinense e gaúcho. Assim como os demais papa-capins sua migração parece relacionada à disponibilidade de sementes de capins e ciperáceas.

**Ocorrência em unidades de conservação:** Parque Nacional da Serra da Canastra (MG), Parque Nacional da Serra Geral (RS), Parque Nacional de Aparados da Serra (RS/SC), Parque Estadual do Tainhas (RS), Parque Nacional de São Joaquim (SC), Parque Estadual do Guaterlá (PR), Área de Proteção Ambiental da Escarpa Devoniana (PR), Estação Ecológica do Caiuá (PR), Estação Ecológica de Itirapina (SP) e Estação Ecológica Águas Emendadas (DF).

### Mapa de distribuição:

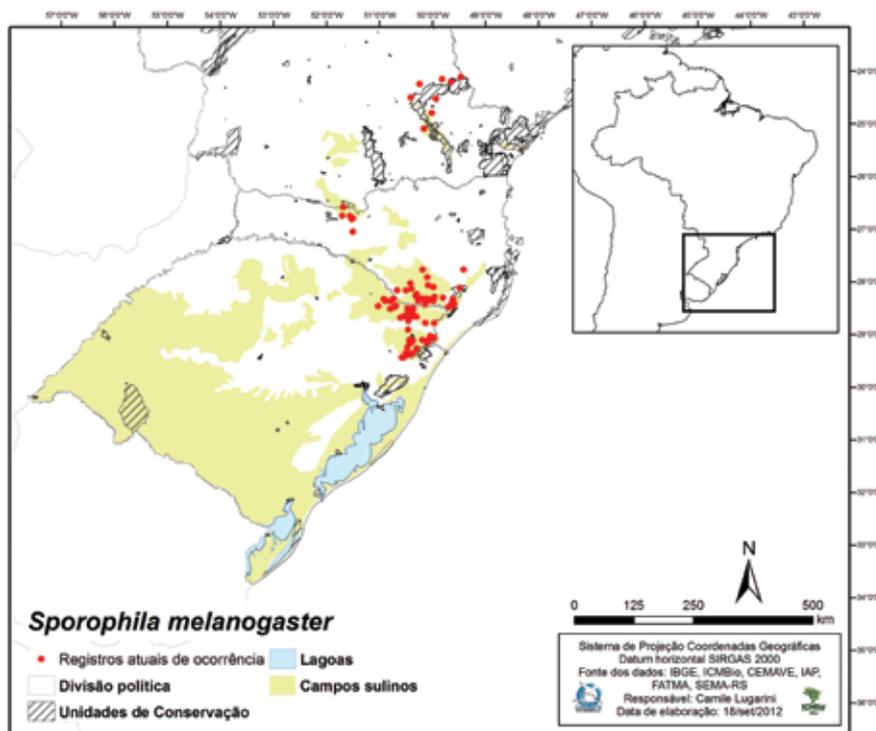


Figura 60 - Registros de ocorrência de caboclinho-de-barriga-preta (*Sporophila melanogaster*) na área de abrangência do PAN.

## Situação Populacional

**População e tendências:** Até o momento a população não foi quantificada. O declínio populacional da espécie parece ocorrer, mas esse dado é baseado apenas na supressão de seu hábitat, principalmente dentro de sua área de reprodução. A retirada seletiva de exemplares silvestres para manutenção em cativeiro e consequente abastecimento do tráfico de aves é outra causa de provável redução populacional.

## Ameaças

**Principais ameaças (atuais):** Os principais fatores de ameaça são a conversão de grandes áreas de campos e brejos associados em lavouras de soja, trigo, milho, pomares de maçã além de monoculturas de espécies arbóreas, em geral pinus e eucalipto. A utilização de agrotóxicos nessas culturas também pode estar afetando esta espécie, uma vez que fragmentos do seu hábitat são contíguos a estas lavouras e, portanto, sujeitos a contaminação direta. A drenagem e construção de açudes nos banhados utilizados durante a reprodução é crescente e também deve estar influenciando



negativamente na perda de área para esta espécie. A pecuária intensiva também acarreta na diminuição de oferta de alimento e locais para estabelecimento de territórios reprodutivos. A prática ilegal de queimadas anuais é mais um fator que acarreta na diminuição da diversidade de espécies vegetais potenciais à utilização como alimento desta espécie, podendo afetar, inclusive, a fenologia de muitas gramíneas. Outro fator que atinge diretamente a população desta espécie é a captura, manutenção em cativeiro e comércio ilegal. A captura preferencial de machos adultos na natureza poderia influenciar negativamente as taxas reprodutivas e contribuir para o aumento de processos de endogamia na população.

## Estratégias de conservação

**Ações de conservação existentes no Brasil:** A espécie está protegida nas unidades de conservação mencionadas acima.

**Medidas para a conservação:** Implementar as unidades de conservação existentes voltadas predominantemente para preservar ambientes abertos nos campos de altitude do sul do Brasil; criar unidades de conservação que contemplem os vastos banhados da região de Bom Jesus (RS), como o Banhado do arroio Água Branca e o Banhado do rio Santana que possuem grande concentração de casais reprodutivos. Implementar urgentemente a proposta de criação da unidade de conservação de proteção integral interestadual intitulada Refúgio de Vida Silvestre Corredor Ecológico do Rio Pelotas que já está na fase final do processo e que aguarda, desde 2008, aprovação na Casa Civil. Implementar um programa de assistência rural voltado à pecuária, visando instruir os produtores quanto ao tipo de manejo adequado nas suas propriedades para que sejam capazes de manter áreas de campo nativo e banhados viáveis para populações do caboclinho-de-barriga-preta. Elaborar e praticar um programa de fomento à criação de Reservas Particulares do Patrimônio Natural para propriedades que mantenham populações do caboclinho-de-barriga-preta, utilizando práticas compatíveis de pecuária e que mantenham áreas de campo nativo. Realizar e implementar um zoneamento (agricultura, silvicultura e pecuária) padronizado de uso do solo para as regiões de campos nativos especificamente para o planalto gaúcho e catarinense, tendo como base o estudo original do zoneamento para a silvicultura no estado do Rio Grande do Sul, conduzido pelos setores governamentais de meio ambiente SEMA/FEPAM deste estado. Elaborar e implementar um programa de recuperação de áreas de cabeceiras onde estão nascentes associadas a banhados, localizadas nas porções mais altas do planalto. Aumentar a fiscalização e rigor nos casos de captura, manutenção em cativeiro e comércio ilegal de indivíduos de caboclinho-de-barriga-preta.

## Pesquisa

**Especialistas/Núcleos de pesquisa e conservação no Brasil:** Carla Suertegaray Fontana, Cristiano Eidt Rovedder, Ismael Franz, Márcio Repenning (Laboratório de Ornitologia/MCP/PUCRS).

Principais lacunas de conhecimento:

- Estudos de demografia da espécie buscando, entre outros aspectos, estimar o tamanho real de sua população atual (principalmente durante a estação reprodutiva, quando a espécie apresenta maior concentração em virtude da utilização de menor área geográfica).
- Estudos de demografia nas unidades de conservação, para estimar a efetividade de proteção de cada área na população do caboclinho-de-barriga-preta.
- Estudos de biologia básica da espécie nas áreas de invernagem e continuar os estudos em sua área de reprodução.
- Estudos visando melhorar o conhecimento dos padrões de migração, com o intuito de detectar áreas importantes para proteção da espécie durante o período de invernagem e ao longo de suas rotas migratórias.



# Sporophila pileata

Autores: Glayson Ariel Bencke, Rodrigo Vargas Damiani

## Informações taxonômicas

**Nome Científico:**

*Sporophila pileata* (Figuras 61 e 62)

**Autor/Ano:** Sclater, 1864

**Classe:** Aves

**Ordem:** Passeriformes

**Família:** Emberizidae

**Sinonímia:** *Sporophila bouvreuil pileata*

**Fonte taxonômica:**

Machado e Silveira (2011)

### Observações taxonômicas

Até recentemente considerada uma subespécie de *Sporophila bouvreuil* (caboclinho), da qual foi separada com base em caracteres da plumagem.

Rodrigo V. Damiani



Márcio Repenning



Figuras 61 e 62 - Macho e fêmea de caboclinho (*Sporophila pileata*).

## Nomes comuns

**Português (pt):** caboclinho, caboclinho-coroado, caboclinho-paulista, caboclinho-dourado

**Inglês (en):** Capped Seedeater

**Espanhol (sp):** Capuchino boina negra

## Avaliação da Espécie

**Categoria atual (MMA 2003) e critério:** O estado de conservação da espécie no país ainda não foi avaliado, tendo em vista o seu recente desmembramento de *Sporophila bouvreuil*, espécie de ampla distribuição e considerada fora de perigo.

**Listas regionais:**

Lista/Ano	RJ (1998)	RS (2002)	PR (2004)	ES (2007)	MG (2007)	SP (2008)	PA (2008)	SC (Ignis)
Categoria		DD	NT			EN		

**Situação mundial:**

IUCN (2010): Vulnerável		CITES (2010):
Categoria	Critérios	Não consta
LC		



## Informações Gerais

**Descrição:** Caboclinho possui cerca de 10 cm, o macho adulto tem as partes superiores pardo-acinzentadas, garganta e colar esbranquiçados, ventre branco amarelado ou bege, boné preto, cauda e asas escuras, estas com um espéculo branco. A fêmea e os jovens são predominantemente pardos, com o lado inferior mais claro, sendo basicamente indistinguíveis das fêmeas de outras espécies de caboclinhos. Após realizarem a muda pós-reprodutiva, alguns machos adquirem uma plumagem mais parda, podendo tornar-se similares às fêmeas. A cor do bico também muda de preto para tons de pardo ou amarelado nesse período.

**Biologia e Ecologia:** Habita capinzais úmidos ou secos e áreas pantanosas com vegetação herbácea densa e variada em paisagens campestres de regiões planálticas, sobretudo em altitudes intermediárias. Tipicamente ocupa ambientes com predomínio de gramíneas e ciperáceas altas e marcante presença de arbustos esparsos sobre solos saturados a encharcados. Também frequenta margens capinzentas de estradas. É territorial durante a reprodução, vivendo em casais ou isolado, mas torna-se gregário durante a migração e o período não reprodutivo, quando frequentemente forma bandos mistos com outras espécies migratórias ou residentes de caboclinhos. Tal como outros representantes do gênero, possui regime alimentar especializado, alimentando-se principalmente de sementes retiradas diretamente das hastas alongadas de gramíneas nativas de crescimento ereto. Concentra-se em paradouros com abundante oferta de alimento durante o período migratório, provavelmente dependendo da disponibilidade e previsibilidade de recursos nessas áreas para completar suas migrações. Seus hábitos reprodutivos ainda são muito pouco conhecidos. No Paraná, ninhos foram localizados em vassouras (*Asteraceae*) e em samambaias *Pteridium* sp. (*Dennstaedtiaceae*), construídos com fibras vegetais entrelaçadas, formando pequeno cesto contendo dois filhotes. Em Itararé (SP), um ninho em construção foi encontrado sobre *Eupatorium serratum* (*Asteraceae*) a 30 cm do solo, em campo arbustivo seco. Em Ipê (RS), um macho alimentava um filhote com sementes da gramínea *P. plicatulum* no final de fevereiro.

## Distribuição Geográfica

**Distribuição:** Ocorre do sul do Mato Grosso e de Goiás, sudoeste de Minas Gerais (região do Triângulo Mineiro) e São Paulo, do sul até o norte e oeste do Rio Grande do Sul, assim como no Paraguai, nordeste da Argentina (Misiones e Corrientes) e, marginalmente, Uruguai (Rivera e Artigas). Nos Campos Sulinos, tem presença regular, nos habitats apropriados, em distintas regiões com predomínio de paisagens campestres. No Paraná, ocupa os Campos Gerais e a porção superior da bacia do rio Iguaçu (região metropolitana de Curitiba). No Rio Grande do Sul, ocorre no setor sudoeste dos Campos de Cima da Serra, no Planalto Médio (região de Passo Fundo e Cruz Alta), nas Missões e na parte norte-central da Campanha, aproximadamente até 30°S. Em Santa Catarina, os registros existentes aparentemente referem-se a indivíduos em migração, não sendo conhecidas populações potencialmente reprodutivas (Figura 63).

**Estados:** RS, SC, PR, SP, MG, MS, MT, GO

**Status:** Migratório. As populações meridionais da espécie evidentemente emigram após a reprodução, mas seus padrões migratórios permanecem em grande parte desconhecidos. No Rio Grande do Sul, os registros concentram-se entre 28/10 e 31/3, mas principalmente entre meados de novembro e fevereiro. O padrão de ocorrência no Paraná é aparentemente similar. Típicas agregações interespecíficas pré-migratórias, em que *S. pileata* era a espécie mais numerosa, foram registradas nos últimos dias de fevereiro em Ipê (RS). Existem registros de bandos ou indivíduos em migração (março-abril e outubro-novembro) para localidades de Santa Catarina (Lajes e São Joaquim), Paraná (Fazenda Santa Rita, Palmeira), Minas Gerais (Triângulo Mineiro) e, aparentemente, São Paulo e Paraguai, indicando que a espécie passa por essas áreas durante seus deslocamentos migratórios. Pelo menos parte desses registros refere-se a aves provenientes dos Campos Sulinos. Pode haver sobreposição parcial entre diferentes populações da espécie durante as migrações, por exemplo, em São Paulo e Minas Gerais. Não se sabe ao certo onde as populações migratórias passam o período não reprodutivo. É provável que migrem para o Cerrado, tal como vários outros caboclinhos. Registros desse período (maio-setembro) são conhecidos para o Paraguai, Misiones (Argentina) e Mato Grosso do Sul.



**Ocorrência em unidades de conservação:** Parque Estadual de Vila Velha (PR), Parque Estadual do Guartelá (PR), Reserva Biológica do São Donato (RS), Reserva Biológica do Ibirapuitã (RS), Estação Ecológica de Itirapina (SP) e Parque Nacional das Emas (GO).

### Mapa de distribuição:

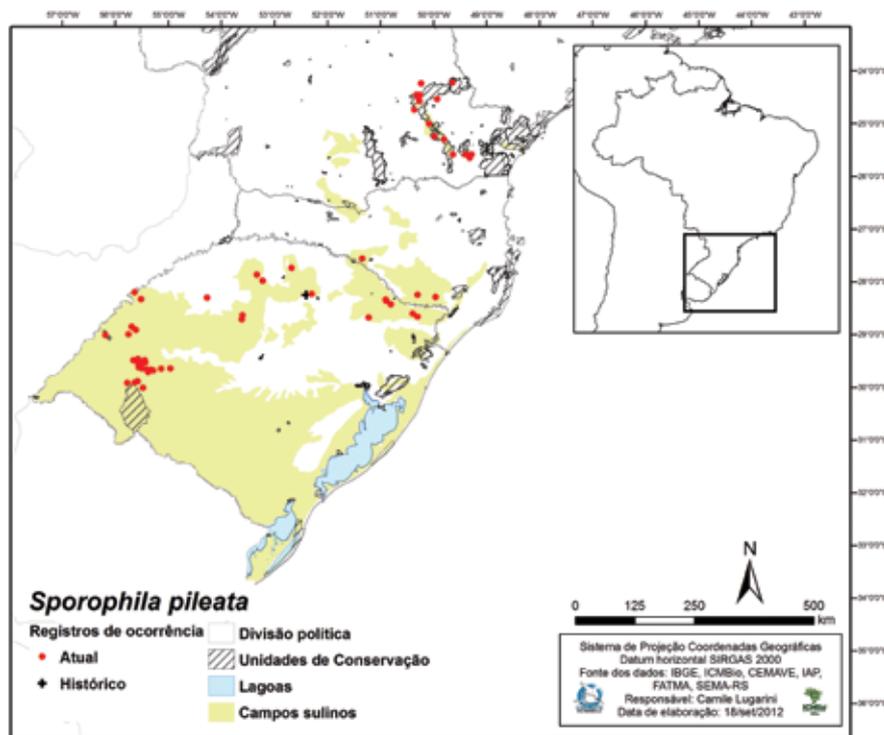


Figura 63 - Registros de ocorrência de caboclinho (*Sporophila pileata*) na área de abrangência do PAN.

## Situação Populacional

**População e tendências:** Tamanho e tendências populacionais não estimados. Há um número considerável de localidades com registros recentes, mas a espécie possui distribuição descontínua ao longo de sua área de ocorrência. É incomum a moderadamente comum localmente. Suspeita-se que esteja em declínio, principalmente em virtude da perda de hábitat, como diversos outros caboclinhos.

**Estimativas populacionais:** Informação não disponível para esta espécie.

## Ameaças

**Principais ameaças (atuais):** A principal ameaça é a crescente perda e degradação dos ambientes campestres e áreas úmidas associadas ao longo de toda a distribuição geográfica da espécie. No Planalto Médio e Missões, os campos naturais já foram quase totalmente convertidos em lavouras de soja ou trigo e as áreas úmidas remanescentes, isoladas em meio aos cultivos, são sistematicamente drenadas ou destruídas para permitir o aumento das áreas agrícolas. Nessas regiões, o uso de agrotóxicos pode estar afetando a espécie. Na porção norte da Campanha e nos Campos de Cima da Serra, o avanço desenfreado das monoculturas de eucalipto e pinus eliminam ou descaracterizam o hábitat da espécie por vastas áreas. Além disso, a expansão do cultivo da soja, a partir do Planalto Médio e Missões, aumenta as taxas de conversão dos campos nativos nessas regiões. Nos Campos Gerais do Paraná, o cenário é similar, uma vez que os cultivos agrícolas consorciados à silvicultura seguem avançando sobre os últimos remanescentes de campos e áreas úmidas. Em áreas



onde os campos não foram convertidos para a agricultura, o sobrepastoreio e o manejo inadequado das pastagens nativas impedem ou restringem a formação de capinzais altos e densos dos quais o caboclinho depende. Além disso, exemplares silvestres ainda são muito perseguidos para a criação em cativeiro. O comércio ilegal de animais silvestres estimula a captura de exemplares na natureza e localmente pode estar contribuindo para o declínio da espécie.

## Estratégias de conservação

**Ações de conservação existentes no Brasil:** Não há ações de conservação com foco nesta espécie.

**Medidas para a conservação:** Implementar e fortalecer mecanismos de incentivo (fiscal ou de mercado) à pecuária extensiva sobre campos naturais como forma de garantir a manutenção dos ecossistemas campestres nativos na região. Encorajar a proteção de ambientes especiais como banhados e campos inundáveis por parte dos produtores. Divulgar e estimular práticas de manejo dos campos nativos que beneficiem a avifauna. Criar novas unidades de conservação na área de ocorrência da espécie. Intensificar as ações de fiscalização contra a drenagem irregular de banhados e a destruição de áreas de preservação permanente. Identificar e proteger os parados migratórios utilizados pela espécie.

## Pesquisa

**Especialistas/Núcleos de pesquisa e conservação no Brasil:** Érika Machado e Luís Fábio Silveira, Museu de Zoologia (USP SP); Carla Fontana e Márcio Reppenning (Laboratório de Ornitologia/MCP/PUCRS).

**Principais lacunas de conhecimento:**

- Diversos aspectos da migração da espécie, principalmente rotas utilizadas, área de dispersão no período não reprodutivo e dependência dos parados migratórios, além de um melhor conhecimento sobre a sazonalidade das diversas populações.
- Biologia reprodutiva e estruturação genética das populações.
- Avaliação dos efeitos de pesticidas sobre as populações que sobrevivem em áreas com intenso uso agrícola.
- Avaliar sua subsistência em áreas de hábitat residual em regiões de intensa produção de grãos, como o Planalto Médio.



# Gubernatrix cristata

**Autores:** Claiton Martins-Ferreira, Márcio Repenning, Rodrigo Vargas Damiani

## Informações taxonômicas

**Nome Científico:** *Gubernatrix cristata* (Figura 64)

**Autor/Ano:** Vieillot, 1817

**Classe:** Aves

**Ordem:** Passeriformes

**Família:** Emberizidae

**Sinonímia:** inexistente

**Fonte taxonômica:** CBRO (2011)



Rodrigo V. Damiani

Figura 64 - Macho de cardeal-amarelo (*Gubernatrix cristata*).

## Nomes comuns

**Português (pt):** cardeal-amarelo

**Inglês (en):** Yellow Cardinal

**Espanhol (sp):** cardenal amarillo

## Avaliação da Espécie

**Categoria atual (MMA 2003) e critério:** CR - A4d; C2a

**Listas regionais:**

Lista/Ano	RJ (1998)	RS (2002)	PR (2004)	ES (2007)	MG (2007)	SP (2008)	PA (2008)	SC (Ignis)
Categoria		EN						

**Situação mundial:**

IUCN (2010): Em perigo		CITES (2010):
Categoria	Critérios	não consta
EN	A2cd + 3cd + 4cd	

## Informações Gerais

**Descrição:** O macho tem peito e costas amarelo brilhante; crista, linha dos olhos e garganta pretos. A sobrancelha e faixa malar do macho são amarelas. Na fêmea, a sobrancelha é branca próximo a testa e amarela na parte final e a faixa malar é branca; a região auricular e o peito são cinzentos. As fêmeas são ligeiramente menores do que os machos. Medem aproximadamente 20 cm e pesam cerca de 46 g. Em ambos os sexos as retrizes centrais escuras contrastam com as externas amarelas, o que os tornam muito conspícuos, sobretudo quando voam. Os juvenis têm crista escura e apresentam plumagem geral cinzenta com estrias finas no peito e dorso e logo após a muda pós-juvenil já se nota diferenças nas plumagens relacionadas ao dicromatismo sexual. Sua voz é alta e musical, composta de uma série de 4-5 assobios.

**Biologia e Ecologia:** Habita bosques abertos, savanas, regiões arbustivas semidescAMPADAS e campos com arbustos, do nível do mar até aproximadamente 700 m de altitude. No Brasil, a espécie foi registrada em áreas abertas com árvores esparsas, cercas-vivas e parque espinilho (uma savana de arvoretas espinhentas e retorcidas típica da extremidade oeste do Rio Grande do Sul). Alimenta-se de sementes, folhas, frutos e insetos que encontra no chão, sendo geralmente vista aos pares ou em pequenos grupos.



Em determinadas regiões da Argentina, entretanto, pode ocasionalmente formar bandos de até 50 indivíduos depois do período reprodutivo. Durante a estação reprodutiva o macho despende grande parte do tempo cantando em poleiro exposto como manifestação de demarcação do território. O casal defende seu território o qual é mantido distante de outros indivíduos conspecíficos. O acasalamento ocorre na primavera e verão austral, de novembro a fevereiro. O ninho é em forma de tigela, construído de gravetos revestidos internamente com fibras, raízes e pelos, e edificado em ramos e forquilhas de árvores, a 3 m de altura em média. A postura é de 2 a 4 ovos. Estes são azuis esverdeados com manchas escuras. O período de incubação compreende cerca de 13 dias. O único registro documentado de reprodução no Brasil provém de um casal monitorado no Parque Estadual do Espinilho e arredores. Há relatos recentes da captura de um macho em Dom Pedrito assim como a observação de um casal reproduzindo por vários anos consecutivos em Lavras do Sul. Este relato somado a outras observações de ninhos ativos por proprietários rurais e caçadores sustentam a ocorrência de reprodução do cardeal-amarelo na região de Lavras do Sul e sugere que ainda existem indivíduos reproduzindo em alguns pontos isolados desta vasta região. Análises genéticas baseadas em microssatélites isolados para a espécie e também no gene ND2 do DNA mitocondrial mostraram que a espécie possui uma boa variabilidade genética sem apresentar, entretanto, estruturação populacional. As populações da Argentina, Uruguai e Brasil parecem compor uma grande população panmítica. Há indícios de baixos níveis de polimorfismos de frequência alta e baixa, indicando uma diminuição no tamanho da população e/ou seleção equilibradora.

## Distribuição Geográfica

**Distribuição:** Ocorre no sul do Brasil, Uruguai e leste da Argentina. Registros brasileiros provêm das porções oeste e sul do Rio Grande do Sul, principalmente junto à fronteira com o Uruguai. O cardeal-amarelo aparentemente foi extinto no litoral sul gaúcho e os poucos registros recentes foram obtidos em alguns pontos da Serra do Sudeste, em Barra do Quaraí e na extremidade noroeste do Estado. O território gaúcho se caracteriza como uma zona de limite distribucional da espécie (Figura 65).

**Estados:** RS.

**Status:** Residente.

**Ocorrência em unidades de conservação:** Parque Estadual do Espinilho (RS)

### Mapa de distribuição:

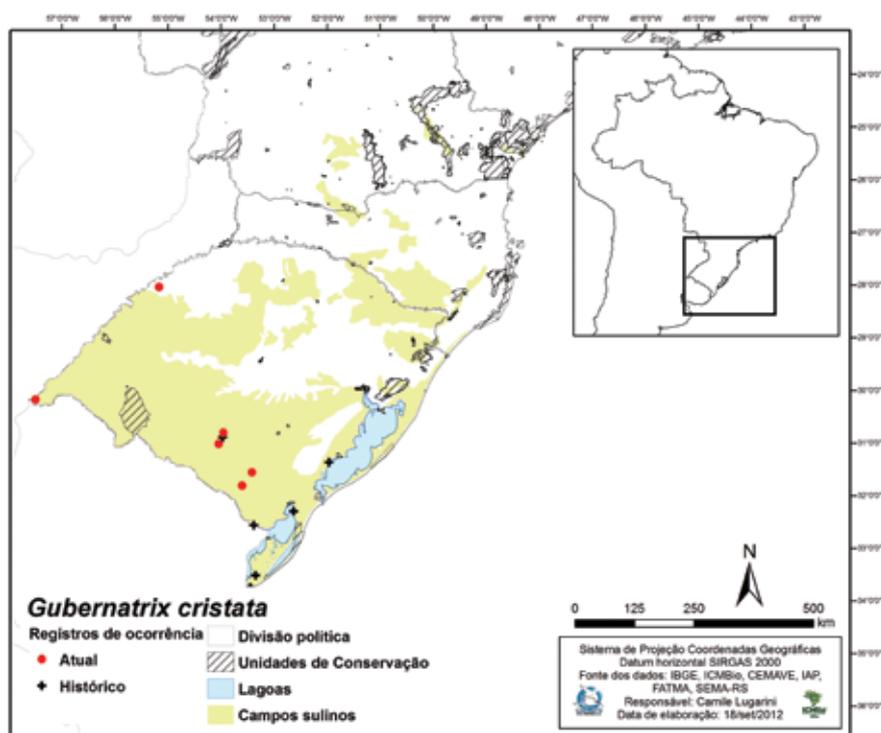


Figura 65 - Registros de ocorrência de Cardeal-amarelo (*Gubernatrix cristata*) na área de abrangência do PAN.



## Situação Populacional

**População e tendências:** O cardeal-amarelo parece ter sido mais comum no passado, conforme sugerem dados de coletas realizadas no litoral do Rio Grande do Sul até meados do Século XX. Essa ave já era escassa no Rio Grande do Sul nas décadas de 1970 e 1980 e atualmente subsiste em números extremamente reduzidos. A pressão de caça sobre a espécie segue forte e a tendência seria sua extinção no Brasil se as providências devidas não forem tomadas para coibir a captura de exemplares silvestres. É provável, ainda, que o Rio Grande do Sul esteja na condição de área sumidouro para indivíduos excedentes de populações reprodutivas do Uruguai e Argentina.

### Estimativas populacionais:

Estimativa	Qualidade do Dado	Fonte	Ano
2500-10000	média	BirdLife International	2000

## Ameaças

**Principais ameaças (atuais):** O cardeal-amarelo é ameaçado pela captura crônica de indivíduos na natureza para criação em cativeiro e abastecimento do mercado ilegal de pássaros silvestres. Locais onde existiam casais reprodutores mantêm o hábitat exatamente igual a décadas e a espécie desapareceu, exclusivamente, pela captura dos indivíduos silvestres. A plumagem vistosa, o canto agradável e a facilidade de captura tornam a espécie uma das mais cobiçadas pelos entusiastas de aves canoras. Visto que a captura envolve o emprego de chamarizes – indivíduos cativos que ao cantar atraem as aves silvestres para as armadilhas –, a proporção de machos territoriais apanhados na natureza acaba sendo maior. A escassez de machos de cardeal-amarelo em algumas populações argentinas é a possível causa para o número cada vez maior de registros de híbridos entre essa espécie e o diuca (*Diuca diuca*). A recente conversão dos campos da serra do Sudeste em plantações de eucalipto constitui uma ameaça adicional à diminuta população brasileira.

## Estratégias de conservação

**Ações de conservação existentes no Brasil:** Designação da IBA RS08 – Região de Pinheiro Machado – por ainda possuir habitats adequados para a sobrevivência da espécie; criação do Projeto Cardeal-Amarelo o qual busca melhor estudar a espécie e firmar parcerias para o estabelecimento de um programa de reprodução em cativeiro e posterior reintrodução.

**Medidas para a conservação:** É preciso intensificar a repressão à captura de indivíduos na natureza e ao comércio clandestino, mediante fiscalização efetiva por parte das instituições competentes e aplicação rigorosa das penas previstas na legislação. Campanhas de educação ambiental que alertem para a situação dramática do cardeal-amarelo devem ser realizadas, de modo a desestimular a captura, o tráfico e a compra de aves silvestres. Também é fundamental executar um zoneamento ecológico-econômico na serra do Sudeste, para limitar o plantio de monoculturas de eucalipto e outras árvores em regiões campestres, assegurando a proteção ao hábitat. A localização de populações de cardeal-amarelo no Brasil e a criação e implementação de unidades de conservação públicas e privadas em áreas de ocorrência da espécie são medidas fundamentais para garantir a sua sobrevivência no País. Implementar e fortalecer mecanismos de incentivo (fiscal ou de mercado) à pecuária extensiva (ovinocultura) sobre campos naturais e em propriedades que garantam a proteção de indivíduos de cardeal-amarelo.



## Pesquisa

**Especialistas/Núcleos de pesquisa e conservação no Brasil:** Claiton Martins-Ferreira, Carla Suer-tegaray Fontana (Laboratório de Ornitologia/MCP/PUCRS), Zoológico de Gramado.

**Principais lacunas de conhecimento:**

- Estudos adicionais relacionados à diversidade e estruturação genética das populações selvagens, especialmente daquelas localizadas na Argentina;
- Estudos relacionados à biologia reprodutiva, necessidades de hábitat, ecologia comportamental, viabilidade populacional e movimentos migratórios regionais.



# Xanthopsar flavus

Autores: Carla Suertegaray Fontana, Rafael Antunes Dias, Giovanni Nachtigall Maurício

## Informações taxonômicas

**Nome Científico:** *Xanthopsar flavus* (Figuras 66 e 67)

**Autor/Ano:** Gmelin, 1788 / **Classe:** Aves / **Ordem:** Passeriformes / **Família:** Icteridae

**Sinonímia:** *Agelaius flavus* / **Fonte taxonômica:** SACC (2005)



Márcio Repenning

Figuras 66 e 67 - Veste Amarela (*Xanthopsar flavus*) em destaque e em grupo.

## Nomes comuns

**Português (pt):** veste-amarela / **Inglês (en):** Saffron-cowled Blackbird

**Espanhol (sp):** dragón, mirlo americano pechiamarillo, tordo amarillo, tordo de cabeza amarilla

## Avaliação da Espécie

**Categoria atual (MMA 2003) e critério:** VU – A4c

**Listas regionais:**

Lista/Ano	RJ (1998)	RS (2002)	PR (2004)	ES (2007)	MG (2007)	SP (2008)	PA (2008)	SC (Ignis)
Categoria		VU						CR

**Situação mundial:**

IUCN (2010): Em perigo		CITES (2010):
Categoria	Critérios	Apêndice 1
VU	A2cde+3cde+4cde; C2a(i)	



## Informações Gerais

**Descrição:** Possui cerca de 18 cm. machos são dotados de coloração mais que as fêmeas. Estes possuem a cabeça, ombros, o uropígio e toda a parte ventral amarelo-ouro que contrasta com preto do dorso, asas e cauda. As fêmeas diferem por apresentar cabeça, dorso e cauda com estrias marrom-esverdeadas e porção ventral e uropígio amarelo-ouro menos brilhante. Os juvenis apresentam plumagem semelhante a das fêmeas. O bico é delgado e preto.



Márcio Repenning

Figura 68 - Adulto de veste-amarela alimentando filhote (*Xanthopsar flavus*).

**Biologia e Ecologia:** Possui hábito gregário, podendo ser encontrada em bandos de mais de 200 aves, embora indivíduos solitários também sejam ocasionalmente observados. Vive em áreas de campo associadas a banhados com presença de gravatás (*Eryngium* spp.) e ciperáceas como *Scirpus giganteus*, dentre outras macrófitas palustres. É considerada residente apesar das grandes flutuações numéricas observadas ao longo do ano em determinadas localidades. Forrageia principalmente no campo nativo, usando os banhados para dormir e reproduzir. Durante o forrageamento, comumente associa-se em bandos mistos com a noivinha-de-rabo-preto (*X. dominicanus*), com menos frequência com o chopim-do-brejo (*Pseudoleistes guirahuro*) e com o dragão (*P. virescens*). Indivíduos podem eventualmente ser encontrados buscando alimento em áreas aradas, cultivos ou restevas. Alimentam-se de insetos e outros invertebrados que encontram, em geral, no campo com vegetação de porte baixo. Reproduzem-se em colônias que podem conter de três a mais de 40 ninhos, construídos em meio à vegetação palustre. A postura é, em média, de três ovos e ocorre de setembro a janeiro, com pico em novembro. Apenas a fêmea constrói o ninho e incuba os ovos. Durante a incubação, o macho alimenta a fêmea e ambos os indivíduos do casal alimentam a prole, podendo contar com o auxílio de outros indivíduos da colônia (Figura 68). No Rio Grande do Sul o sucesso reprodutivo foi estimado entre 31,8 e 36,6%. Entre as causas diretas do insucesso reprodutivo figuram a queima de banhados, o pisoteio de ninhos e filhotes pelo gado, a predação de ovos e jovens e o parasitismo por *Molothrus bonariensis*.

## Distribuição Geográfica

**Distribuição:** Ocorre na porção sul do Paraguai, nordeste da Argentina, Uruguai e extremo sul do Brasil, no Rio Grande do Sul e no sudeste de Santa Catarina. Em Santa Catarina os registros se concentram na porção sudeste, (campos de altitude do Planalto das Araucárias), enquanto no Rio Grande do Sul a espécie ocorre esparsamente ao longo de toda a porção campestre do território (Figura 69).

**Estados:** RS e SC.

**Status:** Residente.

**Ocorrência em unidades de conservação:** Parque Nacional de Aparados da Serra (RS/SC), Parque Nacional da Serra Geral (RS/SC), Parque Estadual do Tainhas (RS) e Refúgio de Vida Silvestre Banhado dos Pachecos (RS).



## Mapa de distribuição:

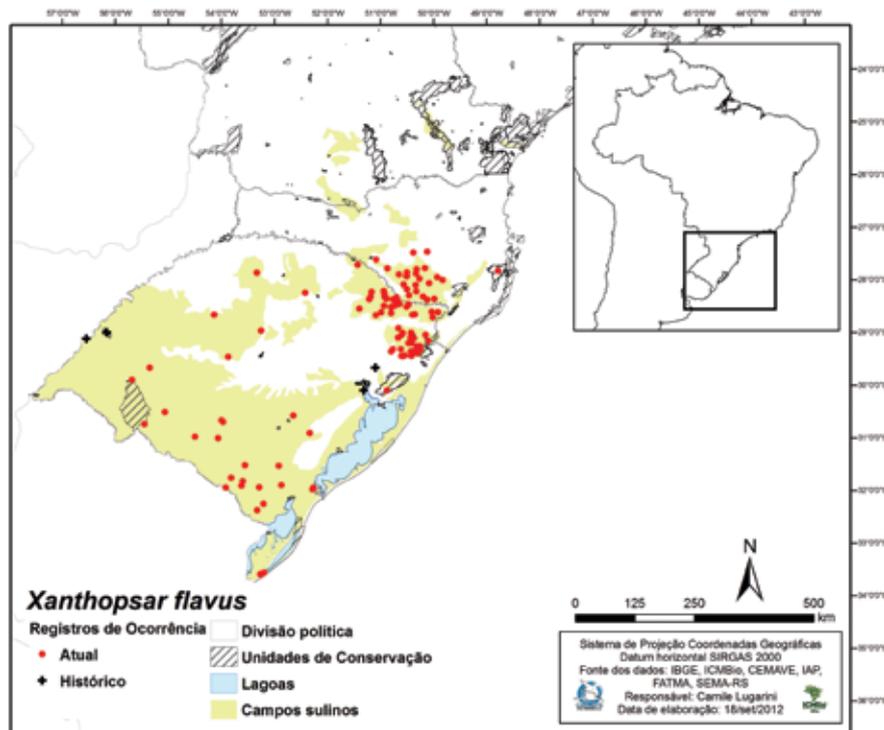


Figura 69 - Registros de ocorrência de veste-amarela (*Xanthopsar flavus*) na área de abrangência do PAN.

## Situação Populacional

**População e tendências:** Suspeita-se de um rápido e contínuo declínio populacional atuando nas diferentes subpopulações. No Paraguai estima-se que existam no máximo 3.000 indivíduos no total e que a população encontra-se em decréscimo. Na Argentina uma população disjunta em Corrientes, provavelmente contínua com a do oeste do Rio Grande do Sul, não ultrapassa 500-1.000 indivíduos. No Uruguai, há redução populacional em alguns locais e colonização em outros. No Rio Grande do Sul não existem censos recentes que permitam avaliar o número de indivíduos, mas as populações no nordeste do estado permanecem, aparentemente, estáveis. As maiores populações ocorrem nos Campos de Cima da Serra e na Serra do Sudeste e Depressão Periférica, mais especificamente na região de Jaguarão, Pedras Altas, Pinheiro Machado, Lavras do Sul e Dom Pedrito. Em Santa Catarina a espécie foi considerada criticamente em perigo com base em uma estimativa de redução populacional igual ou acima de 80% (A2 ace). Entretanto, pode ser numerosa em certos setores como no núcleo de campos da Coxilha Rica em Lages onde grandes colônias reprodutivas têm sido registradas, como é o caso da observação de um bando de 80 indivíduos em Lages, em maio de 2011.

### Estimativas populacionais:

Estimativa	Qualidade do Dado	Fonte	Ano
2500-9999 Indivíduos maduros	média	BirdLife International	2011

## Ameaças

**Principais ameaças (atuais):** Destruição e descaracterização dos campos e banhados necessários para o ciclo de vida da espécie. A conversão dos campos em monoculturas de árvores (e.g. pinus e eucaliptos) e outros cultivos como, por exemplo, arroz, soja, batata e trigo, associados à drenagem de banhados para fins agrícolas e/ou de urbanização, constituem as principais ameaças para a espécie. Esses banhados são comumente drenados e aterrados, destruindo os dormitórios e áreas



reprodutivas da espécie. Adicionalmente a invasão de pinus e o barramento de banhados para o estabelecimento de açudes, também descaracterizam e destroem o ambiente, respectivamente. As queimadas quando realizadas sobre campos em épocas desfavoráveis (primavera ou início do período reprodutivo), diminuem o acesso mais fácil das aves ao alimento, e quando realizadas sobre banhado eliminam ninhos, ovos e filhotes. Entretanto o fogo, assim como o pastejo de gado, se bem manejados, podem manter o campo estruturalmente favorável ao forrageio da espécie. Suspeita-se que tratamentos químicos (inseticidas) permanentemente utilizados nas monoculturas podem estar causando algum efeito sobre as populações, entretanto inexitem estudos a respeito. Por fim, a recente instalação do aterro sanitário do município de Rio Grande (sul do Rio Grande do Sul) junto ao Banhado do Vinte-e-cinco, assim como o plantio de árvores junto ao local de reprodução e a retirada de aterro dos campos para duplicação da BR 392, representam uma ameaça potencial – ainda que de magnitude incerta – para a população local do veste-amarela.

## Estratégias de conservação

**Ações de conservação existentes no Brasil:** A espécie é considerada ameaçada nos níveis nacional, mundial e regional e vem sendo monitorada pontualmente no Rio Grande do Sul (município de São Francisco de Paula) pela Equipe do Laboratório de Ornitologia da PUCRS.

**Medidas para a conservação:** Incentivo a projetos que subsidiem avaliações de parâmetros demográficos da espécie no Rio Grande do Sul e Santa Catarina, como densidade populacional, taxas de sobrevivência, dentre outras; incentivo a estudos sobre a distribuição das diferentes populações e sobre deslocamentos e/ou migrações locais, inclusive averiguando a ocorrência potencial no Parque Nacional de São Joaquim (SC); criação e implementação de unidades de conservação públicas e incentivo a criação de Reservas Particulares do Patrimônio Natural de campos com banhados; fiscalização dessas Unidades; zoneamento ecológico-econômico-turístico nos campos de Santa Catarina e Rio Grande do Sul com o objetivo de não permitir o estabelecimento de florestas, açudes e pequenas barragens em áreas de maior importância para esta espécie. Idealmente, as unidades de conservação devem ser extensas, de modo a incluir toda a área de vida presumível de populações locais. Submeter os projetos de pequenas barragens nas regiões de ocorrência da veste-amarela a um processo de licenciamento que inclua uma avaliação prévia da importância da área para a espécie. Incentivos fiscais e reduções de imposto para pecuaristas que preservam campo nativo, reconhecimento do valor ambiental da carne produzida nessas áreas e subsídios para tornar a carne produzida nessas áreas competitiva em termos de mercados.

## Pesquisa

**Especialistas/Núcleos de pesquisa e conservação no Brasil:** Rafael Antunes Dias (UCPel), Carla Suer-tegaray Fontana (Laboratório de Ornitologia/MCP/PUCRS), Giovanni Nachtigall Maurício (GEEPAA-RS), Virginia Petri (UNISINOS). ONGs Igré-Associação Sócio Ambientalista, SAVE-Brasil e Alianza del Pastizal.

### Principais lacunas de conhecimento:

- Estimativas do tamanho das populações ocorrentes no Rio Grande do Sul e Santa Catarina;
- Informação sobre história natural e demografia;
- Efeitos de atividades agropastoris e industriais sobre as populações conhecidas;
- Efeitos de poluentes e outros fatores relacionados a expansão populacional humana;
- Caracterizar movimentos sazonais locais e migratórios regionais;
- Avaliar a tolerância da espécie à destruição dos campos por cultivos de grãos.



## AMEAÇAS E VETORES DE PRESSÃO COMPARTILHADOS

### Principais Ameaças

#### Dados e Análise

Para a elaboração das fichas das espécies, os autores dos textos (especialistas nos respectivos táxons) foram solicitados a preencher um formulário padronizado modificado a partir do modelo utilizado pela IUCN para a avaliação do estado de conservação das espécies, incluindo um conjunto de tabelas com informações sobre hábitat, distribuição e ameaças, dentre outras.

Com base nas ameaças listadas para cada espécie, os dados foram agrupados e comparados, visando obter um cenário mais amplo e comum a todos os táxons-alvo. Assim, foi possível identificar as ameaças mais relevantes e seus impactos sobre o maior número de táxons-alvo incluídos no recorte geográfico, assim como aquelas impactantes a cada um deles.

Os resultados serviram de base para a seleção dos atores e também para o balizamento dos debates na oficina de planejamento participativo (parte II do PAN). Abaixo segue um cenário geral, identificando grandes padrões e focando essencialmente nas ameaças.

#### Resultados

Diversos fatores atuam em conjunto causando a redução do tamanho populacional das espécies constantes neste Plano. A maior parte dessas ameaças deriva diretamente de atividades antrópicas, sendo a perda e degradação dos habitats o fator de pressão mais impactante, somadas à captura ilegal de animais e introdução de espécies exóticas (voluntária ou acidental), além da poluição que gera impactos negativos sobre a maior parte dos táxons.

A presença do gado e o manejo do fogo são importantes nesses ecossistemas campestres, influenciando na diversidade de espécies e, em certa medida, o limiar entre uso sustentável e degradação advindos destas atividades ainda é insuficientemente conhecido. Compreender e manejar estas atividades de maneiri-

ra efetiva é essencial para a conservação dos ambientes e espécies de aves presentes nos campos naturais.

Adicionalmente, de acordo com o hábitat de cada táxon, foi possível identificar e agupar algumas especificidades:

***Scytalopus iraiensis***: habita áreas de várzea. Sofre principalmente com a utilização dessas áreas para cultivos agrícolas e pastoris, além de serem visadas para retirada de areia para a construção civil e exploração da energia elétrica.

***Drymornis bridgesii*, *Leptasthenura platen-sis*, *Pseudoseisura lophotes*, *Coryphistera alaudina* e *Gubernatrix cristata***: Por estarem associados à vegetação do parque espinilho (Figura 70), savana de algarrobos (*Prosopis nigra*), inhanduvás (*Prosopis affinis*), espinilhos (*Acacia caven*) e outras arvoretas espinhentas típicas da extremidade oeste do Rio Grande do Sul, a destruição e descaracterização das savanas do oeste gaúcho são as principais ameaças às essas espécies. Áreas antes recobertas por essa vegetação foram extensivamente desmatadas para a obtenção de lenha, para desenvolvimento de atividades pecuárias e cultivo de arroz. O pastear do gado, o corte e a queima das arvoretas para a “limpeza” do campo impedem a regeneração das arvoretas, contribuindo para isolar os poucos fragmentos que restam.

***Spartanoica maluroides* e *Asthenes hudsoni***: Os ambientes de capinzal de grande porte requeridos por estas espécies são cada vez mais raros no Rio Grande do Sul. Entre as ameaças a estes ambientes destaca-se o florestamento por pinus e eucaliptos, principalmente no entorno do Parque Nacional Lagoa do Peixe. Além disso, uma série de parques eólicos planejados para o litoral do Rio Grande do Sul podem representar importante ameaça adicional, tanto pela perda e alteração do hábitat como pela possível perturbação.

***Limnocites rectirostris***: Destruição e descaracterização dos banhados com gravatás dos quais depende. Esses banhados são comumente drenados, aterrados ou inundados para a expansão de atividades agropastoris. Em áreas



de pecuária os banhados são frequentemente queimados e o pisoteio constante do gado altera a estrutura da vegetação.

*Culicivora caudacuta*, *Polystictus pectoralis*, *Alectrurus tricolor*, *Xolmis dominicanus*, *Anthus nattereri*, *Sporophila plumbea*, *Sporophila hypoxantha*, *Sporophila rufico llis*, *Sporophila palustris*, *Sporophila cinnamomea*, *Sporophila melanogaster*, *Sporophila*

*pileata* e *Xanthopsar flavus*: O avanço desordenado de monoculturas de grãos (soja, milho, trigo) e a pecuária intensiva certamente tiveram um grande impacto nestas populações, na segunda metade do século passado. Hoje as atividades no Sul do país que mais contribuem para a eliminação de remanescentes de campos nativos habitados pelas espécies são a expansão da soja e da silvicultura com espécies exóticas (pinus e eucaliptos).

Tatiane Uchoa



Figura 70 - Parque Estadual do Espinilho.





**PARTE II**  
**PLANO DE CONSERVAÇÃO**





## 1. PLANEJAMENTO PARTICIPATIVO DO PAN PASSERIFORMES CAMPOS SULINOS E ESPINILHO

Para a elaboração deste PAN foram adotados os seguintes conceitos, com base na Instrução Normativa ICMBIO nº 25/2012:

**OBJETIVO:** Expressa mudança positiva na conservação da espécie ou ambiente, de forma específica aos alvos de conservação e representa uma perspectiva compartilhada dos colaboradores do plano de ação. Reflete um estado ou condição necessária e, sobretudo, possível de se alcançar em cinco anos. Contribui para alcançar a visão de futuro construída de modo a responder as necessidades de conservação da espécie ou ambiente.

**OBJETIVO ESPECÍFICO:** Representa o resultado intermediário para a superação das ameaças aos focos de conservação, sendo mensurável e exequível, contribuindo decisivamente para alcançar o objetivo geral do plano.

**AÇÃO:** É o que deve ser feito para alcançar os objetivos específicos, buscando reverter as ameaças associadas a estes. A ação é específica, mensurável, relevante, exequível em período definido e está situada dentro da esfera de atribuições e competência dos participantes da oficina de planejamento.

**PRODUTO:** Aquilo que é obtido pela realização da ação, sendo mensurável, tangível e comprova a execução da ação.

**PERÍODO:** Data de início e término da implementação da ação. Deve ser indicado mês e ano.

**ARTICULADOR:** Instituição e pessoa responsável por articular a implementação da ação e apresentar o produto. O articulador não é o único responsável pela execução da ação. Esta responsabilidade é compartilhada com os colaboradores. O articulador estava, preferencialmente, presente na oficina de planejamento.

**COLABORADORES:** Pessoas/instituições co-responsáveis pela execução da ação, que auxiliam nas diferentes etapas de sua implementação.

**CUSTO ESTIMADO:** Estimativa dos recursos financeiros necessários para a implementação da ação. A indicação dos custos no plano de ação é importante para dimensionar volume de recursos a serem captados para sua implementação.

O Plano de Ação Nacional (PAN) Passeriformes Campos Sulinos e Espinilho foi concebido considerando iniciativas prévias para a conservação do cardeal-amarelo, das espécies migratórias dos campos naturais constantes no “Memorandum de Entendimiento sobre la Conservación de Especies de Aves Migratorias de Pastizales del sur de Sudamerica y de sus Hábitats” e outras dependentes de conservação com ocorrência na área de Campos Sulinos e Espinilho.

A presença do cardeal-amarelo em números extremamente reduzidos no ambiente natural e a persistente pressão de captura para o tráfico motivaram o planejamento de providências urgentes para tentar recuperar populações viáveis da espécie no ambiente natural. Assim, uma pré-oficina para a elaboração do PAN Campos Sulinos foi realizada nos dias 2 e 3 de agosto de 2011, em Porto Alegre, pelo Centro Nacional de Pesquisa e Conservação das Aves Silvestres – CEMAVE e a Coordenação de Planos de Ação (COPAN/DIBIO/ICMBio), em parceria com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS e Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul – FZB. Esta oficina tratou especificamente de medidas que visam a conservação do cardeal-amarelo por meio da elaboração participativa de protocolos de manutenção e reprodução em cativeiro, de reintrodução, de avaliação sanitária, de identificação de áreas de soltura e de monitoramento pré e pós-soltura, além de estratégias de fiscalização. Todos esses protocolos farão parte do Programa de Cativeiro desta espécie que integra o PAN.



A oficina de planejamento participativo para a elaboração do PAN Campos Sulinos e Espinilho foi realizada nos dias 13 a 16 de setembro de 2011, no Hotel Morro das Pedras Praia Hotel – Florianópolis (SC), contando com a presença de 27 pessoas, representantes de 22 instituições (Tabela 3).

O Objetivo elaborado para o PAN durante a oficina foi: Melhorar o estado de conservação das espécies-alvo do PAN reduzindo a perda, degradação e fragmentação do seu hábitat e a captura ilegal das aves de interesse para manutenção em cativeiro. Foram elaborados os seguintes Objetivos Específicos (Tabela 4):

1. Assegurar a existência de hábitat apropriado para as espécies-alvo do PAN dentro dos sistemas produtivos, áreas protegidas e de domínio público, contemplando 16 ações.
2. Melhorar a capacidade operativa relacionada à inteligência, interlocução entre atores e a capacitação dos órgãos envolvidos na fiscalização ambiental e na implementação de programas de conservação, contemplando 11 ações.
3. Diminuir a taxa de conversão de campos nativos nas áreas de ocorrência das espécies-alvo, contemplando 10 ações.
4. Proteger os remanescentes da formação parque de espinilho existentes fora do Parque Estadual do Espinilho, contemplando 4 ações.
5. Prevenir e controlar a invasão de espécies exóticas que afetem as espécies-alvo, contemplando 3 ações.
6. Desenvolver instrumentos de cooperação internacional para a conservação da formação parque de espinilho, contemplando 2 ações.
7. Implementar o plano de manejo do Parque Estadual do Espinilho, em especial os programas e ações relevantes à conservação dos passeriformes ameaçados, contemplando 5 ações.
8. Promover a divulgação contínua e transversal de informações sobre a importância da conservação das espécies-alvo do PAN a todos os setores/atores, contemplando 4 ações.
9. Propor e fomentar políticas públicas e mecanismos de incentivo não governamentais para a conservação e o restabelecimento da conectividade dos remanescentes da formação parque de espinilho em toda a sua área de ocorrência original, contemplando 4 ações.
10. Aprimorar tecnicamente a edição e implementação de normas relacionadas ao controle e manutenção em cativeiro das espécies-alvo que sofrem captura ilegal, contemplando uma ação.
11. Aumentar o conhecimento científico sobre as espécies-alvo deste PAN, contemplando 2 ações.

Os integrantes do Grupo Estratégico, para acompanhar a implementação do Plano de Ação Nacional para a Conservação dos Passeriformes Ameaçados dos Campos Sulinos e Espinilho – PAN Campos Sulinos e Espinilho, foram escolhidos durante a oficina de planejamento e ficou assim constituído: I - Adrian Eisen Rupp (FURB-SC); II - Cibele Barros Indrusiak (IBAMA-RS); III - Major João José Corrêa da Silva (CABM-RS); IV - Leoncio Pedrosa Lima (REVIS Campos de Palmas – PR); V - Glayson Ariel Bencke (FZB-RS); VI - Rogério Jaworski dos Santos (SAVE Brasil –RS); VII - Oscar Blumetto (Uruguai); VIII - Tatiane Uchoa (PE Espinilho – RS); IX - Beloni Marterer (FATMA); X - Carla Suertegaray Fontana (PUCRS, Igre). A Portaria segue em anexo.

**TABELA 3 - PARTICIPANTES DAS OFICINAS DE PLANEJAMENTO PARTICIPATIVO, FILIAÇÃO E CONTATO.**

REPRESENTANTE	INSTITUIÇÃO	E-MAIL	CIDADE/ESTADO
Adrián Azpiroz	Instituto de Investigaciones Biológicas Clemente Estable	avesuru_1999@yahoo.com	Montevideo/Uruguai
Adrian Eisen Rupp	autônomo	eisenrupp@yahoo.com.br	Pomerode/SC
Agustín Carriquiry	Aves Uruguay	agustin.carriquiry@avesuruguay.org.uy	Montevideo/Uruguai
Alberto Niederauer Becker	Comando Ambiental da Brigada Militar do RS	becker@brigadamilitar.rs.gov.br	Porto Alegre/RS
Andros Tarouco Gianuca	UFSC	agianuca@hotmail.com	Florianópolis/SC
Carla Suertegaray Fontana	PUCRS	carla@puccrs.br	Porto Alegre/RS
Carlos Eduardo Tavares Costa	Polícia Federal	carlos.cetc@dpf.gov.br	Florianópolis/SC
Cibele Barros Indrusiak	IBAMA/RS	cibele.indrusiak@via-rs.net	Porto Alegre/RS
Claiton Martins-Ferreira	PPGBM/UFRRGS e Instituto Neochen de Pesquisa e Conservação Ambiental	gcristata@gmail.com	Porto Alegre/RS
Clarissa Pasche Flores	Comando Ambiental da Brigada Militar do RS Ambiental	clarissa-flores@brigadamilitar.rs.gov.br	Porto Alegre/RS
Cristina Morales	Asociación Guyra Paraguay	cristinam@guyra.org.py	Assunção/Paraguai
Danielle Paludo	CR9 ICMBio	danielle.paludo@icmbio.gov.br	Florianópolis/SC
Gabriela Breda	IBAMA SC	gabriela.breda@ibama.gov.br	Florianópolis/SC
Glaysen Ariel Bencke	Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul	gabbencke@fzb.rs.gov.br	Porto Alegre/RS
Henrique de Sá Ribas	Polícia Militar Ambiental do Estado do Paraná	henriquesribas@hotmail.com	Curitiba/PR
João Pedro Passos Rocha	Polícia Militar Ambiental do Estado do Paraná	tenjoapedro@hotmail.com	Curitiba/PR
Leoncio Pedrosa Lima	RVS dos Campos de Palmas/ICMBio/PR	leoncio.lima@icmbio.gov.br	Palmas/PR
João José Corrêa da Silva	Comando Ambiental da Brigada Militar, RS	polostam@gmail.com	Porto Alegre/RS
Marcel Calvar Agrelo	Ministerio de Ganadería, Agricultura y Pesca del Uruguay, Dirección General de Recursos Naturales Renovables, Uruguay	mcalvar@mgap.gub.uy	Montevideo/Uruguai
Márcio Repenning	PUCRS	mrepensing@gmail.com	Porto Alegre/RS
Marilise Krügel	Universidade Federal de Santa Maria - UDESSM	marilisek@gmail.com	Silveira Martins/RS
Beloni Marterer	FATMA SC	belonimarterer@gmail.com	Florianópolis/SC
Oscar Blumetto	Vida Silvestre Uruguay	blumetto@adinet.com.uy	Montevideo/Uruguai
Rafael Dias	Ecologia UFRGS/ UCPEL	rafael_antunes_dias@yahoo.com.br	Rio Grande/RS
Rodrigo Vargas Damiani	Neochen / Projeto Cardeal Amarelo	rodrigobirds@yahoo.com.br	Campinas do Sul/RS
Rogério Jaworski dos Santos	APROPAMPA – Associação dos criadores de gado, SAVE Brasil/Alianza del pastizal	rogerio.santos@savebrasil.org.br	Bagé/RS
Román J. Baigún	Dirección de Fauna Silvestre, Secretaría de Ambiente y Desarrollo Sustentable, Argentina	rbaigun@ambiente.gob.ar	Buenos Aires/Argentina
Tatiane Uchoa	Parque Estadual do Espinhaço	tatiane-uchoa@sema.rs.gov.br	Barra do Quaraí/RS
<b>FACILITADORES DA OFICINA DE PLANEJAMENTO – PAN PASSERIFORMES CAMPOS SULINOS E ESPINILHO</b>			
Marcelo Lima Reis	Coordenação de Elaboração e Implementação de Planos de Ação Nacionais - ICMBio	mukirabsb@yahoo.com.br, marcelo-lima.reis@icmbio.gov.br	Brasília/DF
Camile Lugarini	CEMAVE - ICMBio	camile.lugarini@icmbio.gov.br	Cabedelo/PB
Antonio Eduardo Barbosa	CEMAVE - ICMBio	antonio-eduardo.barbosa@icmbio.gov.br	Cabedelo/PB
Ivan Salzo	CGPEQ - ICMBio	ivan.salzo@icmbio.gov.br	Brasília/DF
Patricia Pereira Serafini	CEMAVE - ICMBio	patricia.serafini@icmbio.gov.br	Florianópolis/SC



**TABELA 4 - OBJETIVOS ESPECÍFICOS DO PAN CAMPOS SULINOS.**

Objetivos Específicos
Assegurar a existência de habitat apropriado para as espécies-alvo do PAN dentro dos sistemas produtivos, áreas protegidas e de domínio público, contemplando 16 ações
Melhorar a capacidade operativa relacionada à inteligência, interlocução entre atores e a capacitação dos órgãos envolvidos na fiscalização ambiental e na implementação de programas de conservação, contemplando 11 ações
Diminuir a taxa de conversão de campos nativos nas áreas de ocorrência das espécies--alvo, contemplando 10 ações
Proteger os remanescentes da formação parque de espinilho existentes fora do Parque Estadual do Espinilho, contemplando 4 ações
Prevenir e controlar a invasão de espécies exóticas que afetem as espécies-alvo, contemplando 3 ações
Desenvolver instrumentos de cooperação internacional para a conservação da formação parque de espinilho, contemplando 2 ações
Implementar o plano de manejo do Parque Estadual do Espinilho, em especial os programas e ações relevantes à conservação dos passeriformes ameaçados, contemplando 5 ações.
Promover a divulgação contínua e transversal de informações sobre a importância da conservação das espécies-alvo do PAN a todos os setores/atores, contemplando 4 ações.
Propor e fomentar políticas públicas e mecanismos de incentivo não governamentais para a conservação e o restabelecimento da conectividade dos remanescentes da formação parque de espinilho em toda a sua área de ocorrência original, contemplando 4 ações.
Aprimorar tecnicamente a edição e implementação de normas relacionadas ao controle e manutenção em cativeiro das espécies-alvo que sofrem captura ilegal, contemplando uma ação.
Aumentar o conhecimento científico sobre as espécies-alvo deste PAN, contemplando 2 ações.



**MATRIZ DE PLANEJAMENTO  
E MATRIZ DE METAS**





## 2. MATRIZ DE PLANEJAMENTO

OBJETIVO ESPECÍFICO 1								
ASSEGURAR A EXISTÊNCIA DE HÁBITAT APROPRIADO PARA AS ESPÉCIES-ALVO DENTRO DOS SISTEMAS PRODUTIVOS E EM ÁREAS PROTEGIDAS OU DE DOMÍNIO PÚBLICO.								
Nº	AÇÕES	PRODUTO	PERÍODO		ARTICULADOR	CUSTO (R\$)	COLABORADORES	PRIORIDADE
			INÍCIO	FIM				
1.1	Criar o REVIS do Rio Pelotas (CCUC/Casa Civil)	REVIS do Rio Pelotas criado	janeiro-12	junho-12	Danielle Paludo (CR 9 / ICMBio)	0,00	Casa Civil, MMA, ICMBio, Ministério Público Federal, OEMAs do RS e SC, IBAMA	1
1.2	Dar andamento aos processos de criação das seguintes unidades de conservação: Banhado do Maçarico (CCUC) e REVIS do Rio Tibagi (MMA)	Unidades de Conservação criadas	janeiro-12	janeiro-13	Danielle Paludo (CR 9 / ICMBio)	0,00	Eduardo Vélez, Rafael Dias (UCPel), Ana Tomazzoni (Coordenação do SEUC)	2
1.3	Cooperar na captação de recursos para os projetos de pecuária sustentável e certificação promovidos pelo FUNBIO/IBAMA/SENAR-RS, Câmara Setorial da Cadeia da Carne Bovina do RS, e EMATER-RS	Projetos implementados	janeiro-12	janeiro-13 (Contínuo)	Rogério Jaworski dos Santos (SAVE BRASIL)	0,00	IBAMA, FUNBIO, SENAR, Câmara Setorial, FZBRs, EMATER, UFRGS, CEMAVE, PUC-RS	3
1.4	Realizar estudos para identificar índices de lotação pecuária compatíveis com a conservação dos campos nativos	Índices de lotação estabelecidos	janeiro-12	janeiro-15	Rogério Jaworski dos Santos (SAVE BRASIL)	300.000,00	SEBRAE, UFRGS, EMBRAPA-CPPSUL, Glayson A. Bencke (FZB), Marlise Krügel (UFSM)	4
1.5	Articular conjuntamente com legisladores e INCRA a adequação dos instrumentos legais para assegurar índices de lotação pecuária compatíveis com a conservação dos campos nativos	Proposta de instrumento legal encaminhada	janeiro-13	janeiro-16	Rogério Jaworski dos Santos (SAVE BRASIL)	10.000,00	ICMBio, OEMAs, MAPA, INCRA, FARSUL, ONGs (IGRE, Curicaca), FATMA/SC - Coordenação Corredores Ecológicos Chapecó e Timbó	5
1.6	Criar um programa de capacitação de técnicos das agências de extensão rural estaduais para difusão de práticas agropecuárias sustentáveis	Técnicos capacitados	junho-13	junho-14	Rogério Jaworski dos Santos (SAVE BRASIL)	300.000,00	EMATER, SENAR, FZB, UFRGS, PUC-RS, UFSM, UNIPAMPA, UFRGS, EPAGRI, outras Instituições de Ensino e Pesquisa	6
1.7	Implementar as seguintes UCs: REBIO São Donato (RS), REBIO Mato Grande (RS), REVIS Campos de Palmas (PR), PARNA Campos Gerais (PR)	Unidades de conservação implementadas	janeiro-12	janeiro-17	Danielle Paludo (CR 9 / ICMBio)	830.000,00	Ana Tomazzoni (Coordenação do SEUC -SEMA-RS), Chefes das UCs, IAP, Leoncio Pedrosa Lima (RVS CP ICMBio)	7



Nº	AÇÕES	PRODUTO	PERÍODO		ARTICULADOR	CUSTO (R\$)	COLABORADORES	PRIORIDADE
			INÍCIO	FIM				
1.8	Implementar o Parque Estadual do Tainhas e ampliar os seus limites em direção à foz do rio Tainhas e a sudoeste do Passo da Ilha, de modo a incluir campo e banhado	Parque implementado e ampliado	janeiro-12	janeiro-17	Tatiane Uchôa (DUC/SEMA)	240.000,00 (regularização Fundiária)	Daniel (PE Tainhas), Ana Tomazzoni (Coordenação do SEUC -SEMA RS), Carla Suertegaray Fontana (PUCRS), Claiton M. Ferreira (UFRGS)	8
1.9	Implementar o Parque Estadual do Ibitirí e ampliar seus limites no sentido sudeste, a montante do Rio Pelotas e Rio Santana	Parque implementado e ampliado	janeiro-12	janeiro-17	Tatiane Uchôa (DUC/SEMA)		Rafael Dias (UCPel), Carla Suertegaray Fontana (PUCRS), Chefe da UC (atualmente sem chefe), Jefferson DFL/SEMA, Ana Tomazzoni (Coordenação do SEUC)	9
1.10	Elaborar propostas de criação de UC nas seguintes áreas no RS: Reserva Legal do Assentamento Santa Maria do Ibicul (Manoel Viana), Pedras Altas e Campos de Jaguarão	Propostas de criação elaboradas	janeiro-12	janeiro-17	Danielle Paludo (CR 9 / ICMBio)	100.000,00	Rafael Dias (UCPel), Carla Suertegaray Fontana (PUCRS), Marlise Krügel (UFMS), Ana Tomazzoni (Coordenação do SEUC - SEMA RS), Municípios, INCRA.	10
1.11	Avaliar estratégias de conservação para as seguintes áreas prioritárias para a conservação das espécies-alvo deste PAN: Buiçal do Coatepe (Quarai e Alegrete, RS), Campos de Água Doce e Passos Maia (SC), Coxilha Rica (SC), Serrinha de Dom Pedrito/Leões e região dos Três Cerros (Dom Pedrito, RS), Nascentes do Arroio Candiota (Candiota), Ilha da Torotama (Estuário da Lagoa dos Patos, Rio Grande), Várzea do Canal São Gonçalo (Rio Grande, Arroio Grande e Capão do Leão, RS), Campos do Rio Tibagi (Tibagi, PR)	Estudos realizados	janeiro-12	junho-14	Adrian Eisen Rupp	100.000,00	Carla Suertegaray Fontana (PUCRS), Instituições de Ensino e Pesquisa, UNOCHAPECO, Shigueko Ishiy (FATIMA/SC - Coordenação Corredores Ecológicos Chapecó e Timbó), Marcos Bornschein (MATER NATURA), Corredor das Araucárias	11
1.12	Promover sistemas de certificação ambiental para o processo de produção pecuária extensiva nos campos do bioma Mata Atlântica. (Campos de Cima da Serra, Campos Gerais do Paraná, Campos de Palmas e Campos Agua Doce)	Programa de certificação ambiental implementado	junho-12	janeiro-17	Adrian Eisen Rupp	200.000,00	Associação Catarinense de criadores de gado da raça Angus, UDESC	12
1.13	Demandar, junto à SEMA o desenvolvimento de sistemas de reconhecimento oficial aos serviços ambientais no Pampa (Projeto BID-Bens Públicos Regionais dos Campos Nativos do Cone Sul)	Sistemas implementados	janeiro-12	janeiro-15	Rogério Jaworski dos Santos (SAVE BRASIL)	0,00	SEMA-RS	13



Nº	AÇÕES	PRODUTO	PERÍODO		ARTICULADOR	CUSTO (R\$)	COLABORADORES	PRIORIDADE
			INÍCIO	FIM				
1.14	Articular junto à Secretaria de Estado de Desenvolvimento Sustentável para o pagamento de serviços ambientais levando em consideração a manutenção de campos sulinos no estado de Santa Catarina	Programa de pagamento de serviço ambiental sendo realizada levando em consideração os campos sulinos	janeiro-12	janeiro-13	Beloni T. Pauli Marterer (FATMA/SC)	0,00	SDS-SC e SAR-SC, Daniele Palludo	14
1.15	Articular junto a OEMA para o pagamento de serviços ambientais levando em consideração a manutenção de habitat apropriado nos campos sulinos no estado do Paraná e Rio Grande do Sul	Programa de pagamento de serviço ambiental sendo realizada levando em consideração os campos sulinos	janeiro-12	janeiro-17	Leoncio Pedrosa Lima (RVS CP ICMBio)	0,00	Mauro de Moura Britto (IAP), SEMA-RS, Danielle Paludo (CR9 / ICMBio), Vivian Uligh (RAN ICMBio)	15
1.16	Articulação junto aos órgãos fiscalizadores e executores (DNIT e Departamentos Estaduais) para cumprimento da legislação quanto a utilização das áreas de domínio público às margens das rodovias (por exemplo: Planalto Médio do RS, Planalto das Missões)	Áreas de domínio público sem cultivo e moradias	janeiro-12	janeiro-17	Cibele Indrusiak (IBAMA-RS)	0,00	PRF, DNIT, Polícias Rodoviárias Estaduais, Concessionárias, Marilise Krügel (UFSM)	16



**MELHORAR A CAPACIDADE OPERATIVA RELACIONADA À INTELIGÊNCIA, INTERLOCUÇÃO ENTRE ATORES E A CAPACITAÇÃO DOS ÓRGÃOS ENVOLVIDOS NA FISCALIZAÇÃO AMBIENTAL E NA IMPLEMENTAÇÃO DE PROGRAMAS DE CONSERVAÇÃO.**

**OBJETIVO ESPECÍFICO 2**

Nº	AÇÕES	PRODUTO	PERÍODO		ARTICULADOR	CUSTO (R\$)	COLABORADORES	PRIORIDADE
			INÍCIO	FIM				
2.1	Intensificar a interlocução e o trabalho de inteligência para a fiscalização nas localidades de maior pressão para a captura de Sporophila spp (patativas e caboclinhos), prioritariamente nos municípios de Castro, Tibagi, Ponta Grossa e Arapoti no Paraná; nos municípios de Pelotas, Rio Grande, Vacaria e Caxias do Sul no Rio Grande do Sul e em São Joaquim e Lages, Santa Catarina	Operações de fiscalização realizadas	julho-12	dezembro-16	Cibele Indrusiak (IBAMA-RS)	200.000,00	Henrique de Sá Ribas e Alvaro Gruntoski (BPAMB/PM/PR), Gabriela Breda e Elenice Franco (IBAMA-SC), João José Correa da Silva (CABM/RS), Marcelo Duarte (BPMA/RS), Fernando Falcão (IBAMA-RS), Carla Fontana e Márcio Reppening (PUCRS)	1
2.2	Identificar potenciais parceiros e buscar parcerias para locais de destinação em cativeiro e, considerando as diretrizes da SBO, elaborar fluxograma de destino dos animais apreendidos em operações de fiscalização	Documento impresso constando os locais de destinação e o fluxograma a ser enviado para todos os órgãos de fiscalização nas áreas de interesse	janeiro-12	outubro-12	Cibele Indrusiak (IBAMA-RS)	5.000,00	Eduardo Carrano (CETAS PUC/PR), Tânia Muraoka (IBAMA-PR), Gabriela Breda (IBAMA-SC), Carla Fontana e Márcio Reppening (PUCRS)	2
2.3	Oficializar e implementar o Programa de Conservação do carduel-amarelo	Publicação da Portaria e ações implementadas	julho-12	dezembro-16 (contínuo)	Claíton M. Ferreira (UFRGS)	Custo oficialização = 0,00, custo implementação = 350.000,00	João José Correa da Silva (CABM/RS), Patricia Serafini (CEMAVE/ICMBio), Glayson Bencke (FZB), Marcelo Reis (ICMBio), Cibele Indrusiak (IBAMA-RS)	3
2.4	Capacitar agentes de fiscalização para identificação das espécies do PAN que sofrem captura	Cursos de capacitação realizados	agosto-12	dezembro-16	Márcio Reppening (PUCRS)	10.000,00 (1 dia de capacitação em 5 BPMA-3 no RS, 1 em SC e 1 no PR- por ano)	Patricia Serafini (CEMAVE/ICMBio), Claíton M. Ferreira (UFRGS), Glayson Bencke (FZB), Adrian Rupp, Marcos Bormschein, Rafael Dias (UCPel), Giovanni Nachtigall Maurício, Bianca Reinert e Eduardo Carrano (CETAS PUC/PR), Cibele Indrusiak (IBAMA-RS)	4



Nº	AÇÕES	PRODUTO	PERÍODO		ARTICULADOR	CUSTO (R\$)	COLABORADORES	PRIORIDADE
			INÍCIO	FIM				
2.5	Cooptar entidades para participação no Programa de Conservação do Cardeal-amarelo	Número de instituições que adotam os protocolos	março-12	dezembro-16	Claíton M. Ferreira (UFRGS)	10.000,00 (visita a instituições)	Marco Majolo (Zoológico de Gramado), Glayson Bencke (FZB), Gabriela Breda (IBAMA-SC), Cibele Indrusiak (IBAMA-RS)	5
2.6	Realizar levantamento genético do plantel de cardiais-amarelos mantidos em cativeiro por criadores amadoristas (SISPASS)	Número de espécimes de cardeal-amarelo com análise genética concluída	março-13	dezembro-16	Claíton M. Ferreira (UFRGS)	252.000,00 (2600 animais analisados)	Gabriela Breda (IBAMA-SC), Carlos E. T. Costa (DPF-DEMAPH SC), Cibele Indrusiak (IBAMA-RS), Tania Muraoka (IBAMA-PR), Patricia Serafini (CEMAVE-SC)	6
2.7	Utilizar análises genéticas como ferramenta para comprovar paternidade de exemplares de <i>Sporophila melanogaster</i> , <i>S. hypoxantha</i> e <i>S. plumbea</i> mantidos em cativeiro por criadores amadoristas (SISPASS), subsidiando ações de fiscalização	Número de espécimes com análise genética concluída	março-13	dezembro-16	Carla Suertegaray Fontana (PUCRS)	150.000,00 (1000 animais analisados)	Claíton M. Ferreira (UFRGS), Gabriela Breda (IBAMA SC), Carlos E. T. Costa (DPF-DEMAPH SC), Cibele Indrusiak (IBAMA-RS), Tania Muraoka (IBAMA-PR), Patricia Serafini (CEMAVE / ICMBio)	7
2.8	Integrar as ações de inteligência e fiscalização realizadas no Brasil, Uruguai e Argentina	Número de ações integradas realizadas	janeiro-12	dezembro-16	João José Correa da Silva (CABM/RS)	0,00	Carlos E. T. Costa (DPF-DEMAPH SC), Henrique de Sa Ribas (BPAMB/PM/PR), Gabriela Breda (IBAMA-SC), Cibele Indrusiak (IBAMA-RS), Projeto Fronteiras	8
2.9	Criar e disponibilizar aos órgãos de fiscalização um cadastro de ornitólogos que possam auxiliar na identificação de exemplares das espécies-alvo do PAN	Banco de dados disponibilizado	janeiro-12	março-12	Márcio Repenning (PUCRS)	0,00	Patricia Serafini (CEMAVE / ICMBio), Claíton M. Ferreira (UFRGS), Glayson Bencke (FZB), Adrian Eisen Rupp, Marcos Bornschein (Water Natura), Carla Suertegaray Fontana (PUCRS)	9
2.10	Criar uma estratégia de rastreamento das notas fiscais com os órgãos de receita a fim de melhorar o controle do comércio de espécies-alvo do PAN	Estratégia de rastreamento das notas fiscais	março-12	dezembro-16	João José Correa da Silva (CABM/RS)	0,00	Gabriela Breda (IBAMA-SC), Carlos E. T. Costa (DPF-DEMAPH), Cibele Indrusiak (IBAMA-RS), Tania Muraoka (IBAMA-PR), Patricia Serafini (CEMAVE / ICMBio)	10
2.11	Promover a integração internacional dos esforços e iniciativas oficiais de conservação do cardeal-amarelo	Número de ações integradas realizadas	março-13	dezembro-16	Claíton M. Ferreira (UFRGS)	50.000,00	Oscar Blumetto (UR), Román Baigun (AR)	11



OBJETIVO ESPECÍFICO 3  
DIMINUIR A TAXA DE CONVERSÃO DE CAMPOS NATIVOS NAS ÁREAS DE OCORRÊNCIA DAS ESPÉCIES-ALVO.

Nº	AÇÕES	PRODUTO	PERÍODO		ARTICULADOR	CUSTO (R\$)	COLABORADORES	PRIORIDADE
			INÍCIO	FIM				
3.1	Monitorar a conversão de campos nativos no bioma Mata Atlântica	Estabelecimento do Programa de monitoramento	janeiro-12	janeiro-13	Cibele Indrusiak (IBAMA-RS)	0,00	INPE, IBAMA (SISCON), ICMBio, FZB-RS, IAP, FATMA, Instituições de Ensino e Pesquisa, Marcelo Reis (ICMBio)	1
3.2	Articular junto aos órgãos licenciadores para considerar as espécies-alvo deste PAN no licenciamento, exigindo inventários, monitoramento e compensação em campos nativos	Processos de licenciamento em que as espécies-alvo do PAN foram consideradas	janeiro-12	janeiro-17	Cibele Indrusiak (IBAMA-RS)	0,00	MMA, IBAMA, ICMBio, OEAMA's	2
3.3	Articular para assegurar que Reservas Legais contemplem formações campestres nativas no bioma Mata Atlântica	Reservas Legais contemplando formações campestres	janeiro-12	janeiro-17	Beloni T. Pauli Marterer (FATMA)	0,00	MMA, IBAMA, ICMBio, OEAMA's, MAPA, Secretarias de Agricultura dos Estados, Poder Legislativo	3
3.4	Promover o Zoneamento de barramentos (irrigação, abastecimento e geração de energia) nos estados de ocorrência dos Campos Sulinos	Zoneamento estabelecido	janeiro-12	janeiro-15	Glayson A. Bencke (FZB)	25.000,00	MP-RS, FEPAM, Secretarias de Planejamento dos Estados, ICMBio, IBAMA, OEAMA's, Federações de Setores envolvidos, Instituições de Ensino e Pesquisa, MME, Comitê de Bacias Regionais	4
3.5	Finalizar e implementar o zoneamento para Parques edícolas no Rio Grande do Sul e elaborar zoneamentos nos estados de Santa Catarina e Paraná	Zoneamento estabelecido	janeiro-12	janeiro-14	Glayson A. Bencke (FZB)	25.000,00	MP-RS, FEPAM, Secretarias de Planejamento dos Estados, ICMBio, IBAMA, OEAMA's, Federações de Setores envolvidos, Instituições de Ensino e Pesquisa, Jan Karel Mähler Jr, Cristian Joenck, Cristiano Rovedder	5



Nº	AÇÕES	PRODUTO	PERÍODO		ARTICULADOR	CUSTO (R\$)	COLABORADORES	PRIORIDADE
			INÍCIO	FIM				
3.6	Implementar programa de Fiscalização conjunta visando inibir a conversão de remanescentes de campos nativos nos campos da Mata Atlântica especialmente nos Campos de Cima da Serra, Campos Gerais do Paraná, Palmas, Água Doce e Passos Maia	Programa de fiscalização implementado	janeiro-12	janeiro-17	Alberto Niederauer Becker (CABM/RS)	operacional da Polícia	Polícia Ambiental do Paraná, SC, Secretarias Estaduais dos Estados, IBAMA, ICMBio, Polícias Estaduais Ambientais, OEEMA's, Gabriela IBAMA, João Pedro (BPAM/PMPR)	6
3.7	Promover Zoneamento Ecológico-Econômico nos estados de ocorrência dos Campos Sulinos	Zoneamento iniciado	janeiro-12	janeiro-17	Glayson A. Bencke (FZB)	90.000,00	Secretarias de Planejamento dos Estados, ICMBio, IBAMA, OEEMA's, Federações de Setores envolvidos, Instituições de Ensino e Pesquisa, Beloni FATIMA, IAP, Leoncio (ICMBio)	7
3.8	Articular para elaboração ou adequação Planos Diretores dos municípios de Rio Grande, São José do Norte, Santa Vitória do Palmar, Tavares e Mostardas, contemplando a conservação dos campos sulinos onde ocorrem as espécies-alvo deste PAN	Planos diretores adequados	janeiro-12	janeiro-17	João José Correa da Silva (CABM/RS)	0	Prefeituras dos Municípios, OEEMA's, FURG, UFRGS, PARNA Lagoa do Peixe	8
3.9	Promover o ecoturismo, em especial o turismo de observação e fotografia de aves, em áreas de campos nativos	Número de ações realizadas	janeiro-12	dezembro-16	Claiton Martins-Ferreira (UFRGS)	100.000,00	Carla Suertegaray Fontana (PUCRS), Shigueko Ishiy (FATMA/SC - Coordenação Corredores Ecológicos Chapecó e Timbó), Mariiise Krügel (UFSM),	9
3.10	Articular junto ao Poder legislativo a criação de instrumentos legais de redução fiscal para manutenção dos campos nativos	Instrumentos legais de redução fiscal criados	janeiro-12	janeiro-17		0,00	ICMBio, MMA, IBAMA, MAPA, OEEMA's, Secretarias de Agricultura, FARSUL, Cooperativas, Federação das Indústrias	10



OBJETIVO ESPECÍFICO 4  
 PROTEGER OS REMANESCENTES DA FORMAÇÃO PARQUE DE ESPINILHO EXISTENTES FORA DO PARQUE ESTADUAL DO ESPINILHO.

Nº	AÇÕES	PRODUTO	PERÍODO		ARTICULADOR	CUSTO (R\$)	COLABORADORES	PRIORIDADE
			INÍCIO	FIM				
4.1	Reconstituir e documentar o histórico de desmatamento da formação parque espinilho e mapear seus remanescentes atuais na região do Parque Estadual do Espinilho (verificar mapeamento dos remanescentes do bioma Pampa e checar em campo)	SIG atualizado, mapa disponibilizado aos parceiros do PAN	janeiro-12	abril-12	Tatiane Uchôa (DUC/SEMA)	R\$ 12.000,00	DEFAP-SEMA (Geoprocessamento), FZB, RS-Biodiversidade, UFRGS, Aves Uruguay, Vida Silvestre Uruguay	1
4.2	Intensificar a fiscalização sobre as áreas de remanescentes de parque de espinilho	Relatórios de Fiscalização da Região	janeiro-12	dezembro-16	Alberto Niederauer Becker (CABM/R\$)	R\$ 30.000,00	Brigada Militar (Comandante do 2º Batalhão Ambiental), DEFAP, Ministério Público Estadual	2
4.3	Consultar os proprietários de áreas que contenham remanescentes de parque de espinilho para verificar o interesse em criar RPPN	Relatório de consultas	agosto-12	novembro-12	Tatiane Uchôa (DUC/SEMA)	R\$ 6.000,00	Charrua Associação de proprietários de RPPNs do RS, EMATER, Ana Tomazzoni (Coordenação do SEUC)	3
4.4	Em caso de haver interesse, auxiliar os proprietários no levantamento da documentação necessária e na elaboração dos estudos para criação de RPPN	Processos de criação de RPPN abertos	janeiro-13	dezembro-16	Tatiane Uchôa (DUC/SEMA)	R\$ 120.000,00	DEFAP-SEMA, UNIPAMPA, FZB, Charrua Associação de Proprietários de RPPNs do RS, Ana Tomazzoni (Coordenação do SEUC)	4



OBJETIVO ESPECÍFICO 5  
PREVENIR E CONTROLAR A INVASÃO DE ESPÉCIES EXÓTICAS QUE AFETAM AS ESPÉCIES-ALVO.

Nº	AÇÕES	PRODUTO	PERÍODO		ARTICULADOR	CUSTO (R\$)	COLABORADORES	PRIORIDADE
			INÍCIO	FIM				
5.1	Criar e implementar o Programa de prevenção, controle e erradicação de espécies exóticas invasoras no estado do Rio Grande do Sul	Programa implantado	janeiro-12	janeiro-14	Cibele Indrusiak (IBAMA-RS)	50.000,00	Instituto HORUS, SEMA - RS, ICMBio, FZB, Universidades, AGEFLOR	1
5.2	Implementar o Programa de espécies exóticas invasoras do estado de Santa Catarina	Programa implantado	janeiro-12	janeiro-13	Beloni T. Pauli Marterer (FATMA/SC)	35.000,00	ICMBio, Instituto HORUS, SDS-SC, EPAGRI	2
5.3	Articular junto ao programa de espécies exóticas invasoras para intensificação as ações nos campos sulinos no estado do Paraná (Portarias IAP 192/05, 19/09, 125/09)	Programa implantado	janeiro-12	janeiro-13	Leoncio Pedrosa Lima (RVS CP ICMBio)	0,00	Instituto HORUS	3



OBJETIVO ESPECÍFICO 6  
DESENVOLVER INSTRUMENTOS DE COOPERAÇÃO INTERNACIONAL PARA A CONSERVAÇÃO DA FORMAÇÃO DO PARQUE DE ESPINILHO.

Nº	AÇÕES	PRODUTO	PERÍODO		ARTICULADOR	CUSTO (R\$)	COLABORADORES	PRIORIDADE
			INÍCIO	FIM				
6.1	Fomentar a cooperação técnica entre organizações conservacionistas e de pesquisa dos países que compartilham a formação de parque de espinilho/espinal	Oficina e Acordos de Cooperação Técnica em Matéria do Espinilho	janeiro-12	dezembro-14	Patricia Serafini (CEMAVE / ICMBio)	30.000,00	Alejandro Brazeiro - Instituto de Ecología y Ciencias Ambientales (Universidad de la República - Uruguay), Cesar Fagundes - Centro Universitario Regional Este (Universidad de la República Uruguay), Marcelo Pereira (Instituto Plan Agropecuario - Uruguay), Ivan Grela (Forestal Oriental- Uruguay) Pablo Boggiano - Facultad de Agronomía (Universidad de la República - Uruguay), UNIPAMPA, Marilise Krügel (UFMS), Rogério Jaworski dos Santos (Save Brasil), CONICET (Argentina), Vida Silvestre Uruguay, Fundación Vida Silvestre Argentina, SEMA -RS, Aves Argentinas, Aves Uruguay, GRUPAMA	1
6.2	Identificar e analisar os acordos internacionais vigentes entre os países que compartilham a formação de parque de espinilho/espinal e levantar as oportunidades para o estabelecimento de novos instrumentos de cooperação	Estratégia desenvolvida para novos acordos e projetos na área	janeiro-12	dezembro-13	Patricia Serafini (CEMAVE / ICMBio)	17.000,00	Assessoria de Cooperação e Relações Internacionais do Gabinete do Governador do RS, Dirección Nacional de Medio Ambiente de Uruguay, GRUPAMA - Uruguay, Secretaria de Ambiente y Desarrollo Sustentable (Argentina), Provincias de Corrientes e Entre Rios (Argentina, pegar no google o nome das secretarias de meio ambiente), Itamaraty	2



OBJETIVO ESPECÍFICO 5  
PREVENIR E CONTROLAR A INVASÃO DE ESPÉCIES EXÓTICAS QUE AFETAM AS ESPÉCIES-ALVO.

Nº	AÇÕES	PRODUTO	PERÍODO		ARTICULADOR	CUSTO (R\$)	COLABORADORES	PRIORIDADE
			INÍCIO	FIM				
7.1	Realizar campanhas de conscientização e sensibilização sobre a importância do Parque Estadual do Espinilho e as ameaças potenciais à área	Palestras para alunos do ensino fundamental e médio, material de comunicação impresso e distribuído, programas de rádio	janeiro-12	dezembro-16	Rodrigo Vargas Damiani (ONG Neochten)	15.000,00	Comunicação Social da SEMA, Secretária de Meio Ambiente de Barra do Quaraí, UNIPAMPA, GRUPAMA (Uruguay), Tatiane Uchoa (Parque Estadual do Espinilho SEMA), Glayson A. Bencke (FZB), Franco Jonas S. da Rosa, Alberto Niederauer Becker (CABM RS)	1
7.2	Investigar os efeitos da ausência de pastejo sobre as aves ameaçadas no interior do Parque Estadual do Espinilho	Pesquisa executada	janeiro-12	dezembro-16	Glayson A. Bencke (FZB)	120.000,00	FZB - SEMA - RS, Save Brasil, Alianza del Pastizal, Carla Suertegaray Fontana (PUC-RS), Claiton Martins-Ferreira (UFRGS)	2
7.3	Avaliar a extensão da invasão por espécies exóticas, a taxa de propagação e efetividade das medidas de controle no Parque Estadual do Espinilho	Plano de controle executado	janeiro-12	dezembro-16	Tatiane Uchoa (DUC/SEMA)	120.000,00	Marilise Krügel (UFSM), UNIPAMPA,	3
7.4	Implementar um programa de monitoramento dos animais atropelados no Parque Estadual do Espinilho	Relatórios periódicos	janeiro-12	dezembro-16	Tatiane Uchoa (DUC/SEMA)	10.000,00	UNIPAMPA, Inst. Biotécnicas - UFRGS, Márcio, lab. Ornitologia da PUC (Carla)	4
7.5	Treinar monitores da comunidade local para acompanhamento de visitantes no Parque Estadual do Espinilho	10 Monitores capacitados	janeiro-15	julho-15	Tatiane Uchoa (DUC/SEMA)	5.000,00	Comunicação Social da SEMA, Secretária de Meio Ambiente de Barra do Quaraí, UNIPAMPA, GruPAmA (Uruguay)	5



**OBJETIVO ESPECÍFICO 8: PROMOVER A DIVULGAÇÃO CONTÍNUA E TRANSVERSAL DE INFORMAÇÕES SOBRE A IMPORTÂNCIA DA CONSERVAÇÃO DAS ESPÉCIES-ALVO DO PAN A TODOS OS SETORES/ATORES.**

Nº	AÇÕES	PRODUTO	PERÍODO		ARTICULADOR	CUSTO (R\$)	COLABORADORES	PRIORIDADE
			INÍCIO	FIM				
8.1	Elaboração e impressão de materiais de comunicação voltados a diferentes públicos-alvo (divulgação/educação ambiental)	Quantidade de material impresso	julho-12	dezembro-16	Patricia Serafini (CEMAVE/ICMBio)	60.000,0	Claiton M. Ferreira (UFRGS), Henrique de Sá Ribas (BPAMB/PMPR), Gabriela Breda (IBAMA-SC), Márcio Reppening (PUCRS), Glayson A. Bencke (FZB), Carla Suertegaray Fontana (PUCRS), Cibele Indrusiak (IBAMA-RS), Rodrigo Vargas Damiani (ONG NEOCHEN), Rosane Marques (DAT MPE RS), João José Correa da Silva (CABM/RS)	1
8.2	Subsidiar as Assessorias de Comunicação com a mídia na divulgação das ações do PAN Campos Sulinos	Releases publicados (impressos e online)	janeiro-12	dezembro-16	Patricia Serafini (CEMAVE/ICMBio)	0,00	Claiton M. Ferreira (UFRGS), Henrique de Sá Ribas (BPAMB/PMPR), Gabriela Breda (IBAMA-SC), Márcio Reppening (PUCRS), Glayson A. Bencke (FZB), Carla Suertegaray Fontana (PUCRS), Cibele Indrusiak (IBAMA-RS), Rodrigo Vargas Damiani (ONG NEOCHEN), Rosane Marques (DAT MPE RS), João José Correa da Silva (CABM/RS), Marilise Krügel (UFMS)	2



Nº	AÇÕES	PRODUTO	PERÍODO		ARTICULADOR	CUSTO (R\$)	COLABORADORES	PRIORIDADE
			INÍCIO	FIM				
8.3	Realizar ações de educação nas comunidades de ocorrência das espécies-alvo do PAN através de parcerias locais nos municípios apontados na ação 2.1	Número de ações de educação realizadas	janeiro-13	dezembro-16	Rodrigo Vargas Damiani (ONG NEOCHEN)	50.000,00	Claiton M. Ferreira (UFRGS), Henrique de Sá Ribas (BPAMB/PMPR), Gabriela Breda (IBAMA-SC), Márcio Reperning (PUCRS), Glayson A. Bencke (FZB), Carla Suertegaray Fontana (PUCRS), Cibele Indrusiak (IBAMA-RS), Rodrigo Vargas Damiani (ONG NEOCHEN), Rosane Marques (DAT MPE RS), João José Correa da Silva (CABM/RS), Giovanni Nachtigall Maurício, Patricia Serafini (CEMAVE/ICMBio)	3
8.4	Realizar palestras e/ou audiências para sensibilização de representantes dos órgãos judiciais quanto a importância da conservação das espécies-alvo e seus ambientes	Número de palestras ministradas e/ou audiências marcadas	julho-12	dezembro-16	João José Correa da Silva (CABM/RS)	30.000,00	Claiton M. Ferreira (UFRGS), Henrique de Sá Ribas (BPAMB/PMPR), Gabriela Breda (IBAMA-SC), Márcio Reperning (PUCRS), Glayson A. Bencke (FZB), Carla Suertegaray Fontana (PUCRS), Cibele Indrusiak (IBAMA-RS), Rodrigo Vargas Damiani (ONG NEOCHEN), Rosane Marques (DAT MPE RS), Patricia Serafini (CEMAVE / ICMBio), Marlise Krügel (UFSM)	4



**OBJETIVO ESPECÍFICO 9:  
PROPOR E FOMENTAR POLÍTICAS PÚBLICAS E MECANISMOS DE INCENTIVO NÃO GOVERNAMENTAIS PARA A CONSERVAÇÃO E O RESTABELECIMENTO DA CONECTIVIDADE DOS REMANESCENTES DA FORMAÇÃO PARQUE DE ESPINILHO EM TODA A SUA ÁREA DE OCORRÊNCIA ORIGINAL.**

Nº	AÇÕES	PRODUTO	PERÍODO		ARTICULADOR	CUSTO (R\$)	COLABORADORES	PRIORIDADE
			INÍCIO	FIM				
9.1	Gestionar junto à coordenação do Projeto RS-Biodiversidade (SEMA/BIRD) a elaboração e execução de projeto que contemple ações de restauração e o uso sustentável de áreas de formação parque de espinilho em propriedades privadas no entorno do Parque Estadual do Espinilho	Consultor Contratado, Projeto Elaborado e Executado	janeiro-13	janeiro-15	Glayson Bencke (FZB)	75.000,00	FZB, RS-Biodiversidade, SEMA (RS)	1
9.2	Promover o reconhecimento oficial do parque de espinilho/espinhal como uma formação especial e singular no âmbito nacional	Formação espinilho identificada adequadamente nos mapas de bioma e no de vegetação do IBGE	janeiro-12	dezembro-16	Danielle Paludo (CR 9 / ICMBio)	3.000,00	MMA, IBGE (MP), Sociedade Brasileira de Botânica, SAVE Brasil	2
9.3	Avaliar a viabilidade de implantar corredores de parque de espinilho ao longo das faixas de domínio de rodovias e estradas da região	Consultor Contratado, Estudo Técnico Elaborado	janeiro-14	julho-15	Tatiane Uchoa (Parque Estadual do Espinilho - SEMA)	12.000,00	DEFAP-SEMA	3
9.4	Criar plano de incentivo financeiro e fiscal a produtores que mantenham e recuperem áreas de hábitat apropriados as aves típicas da formação parque espinilho em suas propriedades e adotem práticas de manejo compatíveis com a sobrevivência das aves ameaçadas	Plano de Incentivos Elaborado	janeiro-12	dezembro-13	Paola Stumpf (DUC/SEMA)	15.000,00	Ministério da Agricultura, Ministério da Fazenda, Ministério do Planejamento, Ministério do Meio Ambiente, Alianza del Pastizal, Instituto Rio Grandense do Arroz, FEPAM (RS), Departamento de Recursos Hídricos da SEMA (RS)	4



OBJETIVO ESPECÍFICO 10  
APRIMORAR TÉCNICAMENTE A EDIÇÃO E IMPLEMENTAÇÃO DE NORMAS RELACIONADAS AO CONTROLE E MANUTENÇÃO EM CATIVEIRO DAS ESPÉCIES-ALVO QUE SOFREM CAPTURA ILEGAL.

Nº	AÇÕES	PRODUTO	PERÍODO		ARTICULADOR	CUSTO (R\$)	COLABORADORES	PRIORIDADE
			INÍCIO	FIM				
10.1	Subsidiar tecnicamente os órgãos normatizadores em relação às condicionantes necessárias à criação em cativeiro das espécies do PAN	Documentos técnicos	janeiro-12	Fevereiro de 2012 (primeiro documento ver obs.) - contínuo	Gabriela Breda (IBAMA SC)	0,00	João José Correa da Silva (CABM/RS), Claiton Martins-Ferreira (UFRGS), Henrique de Sá Ribas, Elenice Zucuni Franco (IBAMA-SC), Glayson A. Bencke (FZB), Carla Suertegaray Fontana (PUCRS), Cibele Indrusiak (IBAMA-RS), Jan Karel Mähler Jr., Adrian Eisen Rupp, Fernando Straube (Horus)	1



OBJETIVO ESPECÍFICO 11  
AUMENTAR O CONHECIMENTO CIENTÍFICO SOBRE AS ESPÉCIES-ALVO DESTE PAN.

Nº	AÇÕES	PRODUTO	PERÍODO		ARTICULADOR	CUSTO (R\$)	COLABORADORES	PRIORIDADE
			INÍCIO	FIM				
11.1	Realizar e/ou detalhar estudos sobre seleção de hábitat, demografia, biologia reprodutiva, estrutura populacional e migração de aves dos campos sulinos	Estudos publicados ou em andamento	janeiro-12	janeiro-16	Carla Suertegaray Fontana (PUCRS)	100.000,00	Glaysom A. Bencke (FZB), Claiton Martins-Ferreira (UFRGS), Marilise Krügel (UFSM)	1
11.2	Promover a integração dos estudos e das iniciativas de monitoramento do movimento das espécies de aves campestres dos campos temperados do sul da América do Sul	Estudos publicados e iniciativas de monitoramento em conjunto em andamento	agosto-12	janeiro-16	Patricia Serafini (CEMAVE/ICMBio)	40.000,00	Claiton Martins-Ferreira (UFRGS)	2

### 3. MATRIZ DE METAS

OBJETIVOS ESPECÍFICOS	INDICADOR	LINHA DE BASE - LB	META DE MEIO TERMO	META FINAL	MEIO DE VERIFICAÇÃO	FREQUÊNCIA DE MONITORAMENTO	RESPONSÁVEL
1. Assegurar a existência de hábitat apropriado para as espécies-alvo dentro dos sistemas produtivos e em áreas protegidas ou de domínio público	Sistema de reconhecimento oficial aos serviços ambientais no Pampa em propriedades privadas implementado	existência da iniciativa "Instrumentos para o incentivo regional à conservação dos campos nativos naturais em estabelecimentos rurais do cone sul Brasil/Argentina/Paraguai/Uruguai"	Projeto iniciado e em implementação, ao menos dez proprietários contactados	Ao menos dez propriedades rurais privadas aderidas e beneficiadas pelo sistema	Número de propriedades contactadas e número de propriedades que aderiram ao projeto	Bianual	Rogério Jaworski dos Santos (SAVE BRASIL)
1. Assegurar a existência de hábitat apropriado para as espécies-alvo dentro dos sistemas produtivos e em áreas protegidas ou de domínio público	Unidades de Conservação com Plano de Manejo	Duas das sete Unidades de Conservação criadas que estão inseridas nas ações do PAN possuem Plano de Manejo (Parque Estadual Tainhas e Parque Estadual Ibitirritá)	Pelo menos mais uma Unidade de Conservação com Plano de Manejo elaborado	Pelo menos mais duas Unidades de Conservação com Plano de Manejo	Publicação do Plano de Manejo (portaria)	Anual	Danielle Paludo (CEMAVE)
2. Melhorar a capacidade operativa relacionada à inteligência, interlocução entre atores e a capacitação dos órgãos envolvidos na fiscalização ambiental e na implementação de programas de conservação	Agentes de fiscalização capacitados para identificação das espécies do PAN que sofrem captura	Nenhum agente capacitado	Pelo menos 50 agentes de fiscalização capacitados através de treinamento	Pelo menos 100 agentes de fiscalização capacitados através de treinamento	Lista de presença dos cursos - número de agentes capacitados	Bianual	Patricia Serafini (CEMAVE)
2. Melhorar a capacidade operativa relacionada à inteligência, interlocução entre atores e a capacitação dos órgãos envolvidos na fiscalização ambiental e na implementação de programas de conservação	Cardeais-amarelos mapeados e integrantes do Programa de Cativeiro do Cardeal-amarelo	Ausência de informações precisas sobre número de cardeais em cativeiro atualmente e sua localização	Pelo menos 10% dos cardeais mapeados integrando o Programa de Cativeiro do Cardeal-amarelo	Pelo menos 30% dos cardeais mapeados integrando o Programa de Cativeiro do Cardeal-amarelo	Contagem dos cardeais e de instituições mantenedoras integrantes do Programa que os mantêm	Bianual	Claiton M. Ferreira (UFRGS)
3. Diminuir a taxa de conversão de campos nativos nas áreas de ocorrência das espécies-alvo	Zoneamento ecológico econômico (ZEE) dos estados do sul do país contemplando os campos nativos nas normas e restrições de uso	TR em elaboração para o delineamento do ZEE no RS e Programa de ZEE já existente no PR (Decreto nº 7750, de 14 de julho de 2010). Para SC a EPAGR/CHRAM possuem o Zoneamento Agroecológico e Socioeconômico	Pelo menos duas diretrizes nos ZEE com foco na conservação dos campos naturais e suas espécies	Pelo menos cinco diretrizes nos ZEE com foco na conservação dos campos naturais e suas espécies	Publicação das diretrizes	Anual	Glayson A. Bencke (FZB)





OBJETIVOS ESPECÍFICOS	INDICADOR	LINHA DE BASE - LB	META DE MEIO TERMO	META FINAL	MEIO DE VERIFICAÇÃO	FREQUÊNCIA DE MONITORAMENTO	RESPONSÁVEL
4. Proteger os remanescentes da formação parque de Espinilho existentes fora do Parque Estadual do Espinilho	Processos de criação de RPPN abertos	Inexistência de RPPN com formação vegetal parque espinilho	Pelo menos um processo de criação de RPPN aberto	Pelo menos dois processos de criação de RPPN abertos	Número de processos de criação de RPPNs abertos na SEMA	Anual	Tatiane Uchoa (SEMA)
5. Prevenir e controlar a invasão de espécies exóticas que afetam as espécies-alvo	Ações específicas para os Campos Sulinos nos Programas de prevenção, controle e erradicação de espécies exóticas invasoras nos estados do sul do Brasil	Programas elaborados mas sem foco específico fomentado pelo PAN Campos sulinos	Pelo menos uma ação específica para os Campos Sulinos nos Programas de prevenção, controle e erradicação de espécies exóticas invasoras nos estados do sul do Brasil	Pelo menos três ações específicas para os Campos Sulinos nos Programas de prevenção, controle e erradicação de espécies exóticas invasoras nos estados do sul do Brasil	Checar programas de exóticas invasoras nos estados em questão	Anual	Beloni Pauli Marterer (FATMA)
6. Desenvolver instrumentos de cooperação internacional para a conservação da formação parque de Espinilho	Instrumentos de cooperação internacional instituídos	Memorando de Entendimento para a Conservação das Aves dos Campos Naturais (CMS) e Aliança del Pastizal instituídos	Pelo menos mais um instrumento de cooperação internacional instituído	Pelo menos dois instrumentos de cooperação internacional instituídos	Instrumentos instituídos ou publicados	Anual	Patricia Serafini (CEMAVE)
7. Implementar o plano de manejo do Parque Estadual do Espinilho, em especial os programas e ações relevantes à conservação dos passeriformes ameaçados	Ações relevantes para a conservação das espécies foco do PAN Campos Sulinos implementadas no âmbito do Plano de Manejo do Parque Estadual do Espinilho	Ações de educação ambiental sendo conduzidas no âmbito do Plano de Manejo do Parque	Pelo menos uma ação específica para os Campos Sulinos implementada no âmbito do Plano de Manejo do Parque Estadual do Espinilho	Pelo menos três ações específicas para os Campos Sulinos implementadas no âmbito do Plano de Manejo do Parque Estadual do Espinilho	Consulta à monitoria de implementação do Plano de Manejo do Parque Estadual	Bianual	Tatiane Uchoa (SEMA)
8. Promover a divulgação contínua e transversal de informações sobre a importância da conservação das espécies-alvo do PAN a todos os setores/atores	Elaboração de materiais de comunicação voltados a diferentes públicos-alvo (divulgação/educação ambiental)	Nenhum material específico sobre o PAN Campos Sulinos	Pelo menos 500 exemplares de materiais de comunicação voltados a diferentes públicos-alvo (divulgação/educação ambiental) elaborados e distribuídos	Pelo menos 1000 exemplares de materiais de comunicação voltados a diferentes públicos-alvo (divulgação/educação ambiental) elaborados e distribuídos	Número de exemplares elaborados e distribuídos	Anual	Patricia Serafini (CEMAVE)



OBJETIVOS ESPECÍFICOS	INDICADOR	LINHA DE BASE - LB	META DE MEIO TERMO	META FINAL	MEIO DE VERIFICAÇÃO	FREQUÊNCIA DE MONITORAMENTO	RESPONSÁVEL
9. Propor e fomentar políticas públicas e mecanismos de incentivo não governamentais para a conservação e o restabelecimento da conectividade dos remanescentes da formação parque de Espinilho em toda a sua área de ocorrência original	Formação espínholo identificada adequadamente nos mapas de Bioma e no de Vegetação do IBGE	Formação espínholo não identificada adequadamente nos mapas de Bioma e no de Vegetação do IBGE	Pelo menos um documento (ofício) comprovando a articulação junto ao IBGE a fim de levantar os procedimentos necessários a este reconhecimento	Solicitação com justificativa embasada elaborada pela UFRGS, UCPEL e FZB, encabeçando uma petição/demanda específica à SBB que encaminha ao IBGE	Documentos produzidos	Bianual	Danielle Paludo (CR 9 / ICMBio)
10. Aprimorar tecnicamente a edição e implementação de normas relacionadas ao controle e manutenção em cativeiro das espécies-alvo que sofrem captura ilegal	Documentos técnicos produzidos a fim de subsidiar tecnicamente os órgãos normatizadores em relação às condicionantes necessárias à criação em cativeiro das espécies do PAN	Nenhum documento específico sobre o tema	Pelo menos um documento (ofício) encaminhado	Pelo menos três documentos (ofícios) encaminhados	Documentos produzidos	Bianual	Gabriela Breda (IBAMA)
11. Aumentar o conhecimento científico sobre as espécies-alvo deste PAN	Estudos publicados	Estudos em andamento	Pelo menos um estudo publicado sobre o tema	Pelo menos três estudos publicados sobre o tema	Estudos publicados	Bianual	Carla S. Fontana (PUC RS)



## 4. ESTRATÉGIAS PARA A CONSERVAÇÃO DO CARDEAL-AMARELO (*Gubernatrix cristata*)

Espécie de distribuição restrita no Brasil que atualmente subsiste em números extremamente reduzidos nas regiões oeste e sul do Rio Grande do Sul, principalmente junto à fronteira com o Uruguai e Argentina. Atualmente existem cerca de 20 indivíduos no Parque Estadual do Espinilho e entorno imediato. Baseado em relatos e evidências indiretas, estima-se ainda que existam não mais que 30 indivíduos na região da Serra do Sudeste. A pressão de captura sobre a espécie e comércio ilegal seguem intensos e a tendência será sua extinção no Brasil se as providências devidas não forem tomadas para coibir estas atividades. A população em cativeiro no Brasil, concentrada majoritariamente nas mãos de criadores amadoristas, excede a população em vida livre. Contudo, um fato positivo neste contexto é o que sucesso reprodutivo em cativeiro tem sido obtido tanto no Brasil quan-

to no Uruguai e Argentina. Em função do reduzido tamanho da população em vida livre, há necessidade de criar e manejar uma população cativa como estoque de segurança. Observações recentes sugerem ainda a necessidade de identificação de especificidades de habitats para a espécie no Brasil a fim de orientar ações de reintrodução/revigoramento que devem ser efetuadas em médio e longo prazos. Por todos estes motivos, ações do PAN incluíram 2.3 “Oficializar e implementar o Programa de Conservação do cardeal-amarelo” e 2.5 “Cooptar entidades para participação no Programa de Conservação do Cardeal-amarelo”. As estratégias para conservação *ex situ* da espécie; os protocolos necessários ao manejo, manutenção e pareamento dos animais em cativeiro são uma das prioridades deste PAN e devem avançar nos próximos meses.



**PARTE III**  
**IMPLEMENTAÇÃO DO PLANO**





## 1. ESTRATÉGIAS DE MONITORAMENTO E AVALIAÇÃO DA IMPLEMENTAÇÃO DO PLANO DE AÇÃO.

### ACOMPANHAMENTO E ATUALIZAÇÃO DO ANDAMENTO DAS AÇÕES.

Dentro da estratégia de conservação de uma espécie ameaçada a publicação de um Plano de Ação Nacional representa um importante avanço. O próprio trabalho de elaboração do PAN já contribui para a mobilização de diferentes pessoas e instituições, todas focadas na melhora do estado de conservação de uma espécie ou de um grupo de espécies. Entretanto, a publicação do Plano é só um primeiro passo, sendo que o desafio maior é a sua efetiva implementação.

O Plano de Ação Nacional para a Conservação dos Passeriformes Ameaçados dos Campos Sulinos e Espinilho será implementado e monitorado com auxílio de um Grupo Assessor, coordenado pelo Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Aves Silvestres – CEMAVE. O grupo fará o monitoramento com periodicidade anual, verificando o andamento das ações e das dificuldades enfrentadas pelos articuladores e colaboradores.

O coordenador do PAN (CEMAVE/ICMBio) irá solicitar aos articuladores in-

formações sobre o andamento das ações e o alcance dos indicadores. Essa atualização será feita por meio de uma matriz de implementação. Sugere-se que na reunião anual sejam envolvidos os atores institucionais da oficina, assim como outros convidados que sejam importantes para auxiliar na execução das ações.

### AVALIAÇÃO

Deverá ser realizada a avaliação do alcance das metas e o ajuste do plano, com base nos indicadores das ações estabelecidas, aferindo-se o andamento no meio do plano e ao final. Sendo que para cada ação deverá ser apresentada justificativa do não cumprimento ou cumprimento parcial, assim como, os encaminhamentos e ajustes necessários para atingir a sua execução de maneira que soluções sejam buscadas para que a implementação total do PAN se concretize.

Para a avaliação, também é disponibilizada uma matriz no sítio eletrônico do ICMBio. Decorridos os cinco anos, o PAN deverá ser revisado tomando-se por base a sua avaliação final e a revisão da lista de espécies ameaçadas de extinção e, se for o caso, elaborado um novo Plano de Ação Nacional para o grupo em questão.





# MATRIZ DE MONITORIA



OBJETIVOS ESPECÍFICOS	AÇÕES	PRODUTOS	AÇÃO CUJO INÍCIO PLANEJADO É POSTERIOR AO PERÍODO MONITORADO	AÇÃO NÃO CONCLUÍDA NO PRAZO PREVISTO OU AINDA NÃO INICIADA CONFORME PLANEJADO	AÇÃO EM ANDAMENTO COM PROBLEMAS DE REALIZAÇÃO	AÇÃO EM ANDAMENTO NO PERÍODO PREVISTO	AÇÃO CONCLUÍDA	AÇÃO EXCLUÍDA OU AGRUPADA	DESCRIÇÃO DO ANDAMENTO DA AÇÃO
1. Assegurar a existência de habitat apropriado para as espécies-avo dentro dos sistemas produtivos e em áreas protegidas ou de domínio público	1.1 Criar o REVIS do Rio Pelotas (CCUC/Casa Civil)	REVIS do Rio Pelotas criado							Processo foi consultado e está plenamente instruído, aguardando posicionamento e definições quanto ao licenciamento da Usina Hidrelétrica do Paqueta
	1.2 Iniciar ou dar andamento aos processos de criação das seguintes unidades de conservação: Banhado do Maçarico (Federal) e REVIS do Rio Tibagi (MMA)	Unidades de Conservação criadas							Iniciativa de criação de UC no Banhado do Maçarico é Federal, mas ainda encontra-se em fase inicial de estudos (processo não está instruído), trabalhos sobre o assunto da ONG Curicaca e Universidade. REVIS do Rio Tibagi possui processo federal de criação aberto que se encontra no MMA, já teve audiência pública e apresenta como tendência a necessidade de articulação com o MME que opôs-se à criação da UC devido à sobreposição com áreas com lavra de areia e argila, e consulta com o governo estadual do Paraná
	1.3 Cooperar na captação de recursos para os projetos de pecuária sustentável e certificação promovidos pelo FUNBIO/IBAMA/SENAR-RS e Câmara Setorial da Cadeia da Carne Bovina do RS	Projetos implementados							SENAR está em fase de contratação dos técnicos para participar do projeto. Parecer jurídico do IBAMA saiu e próximos passos estão em andamento. Câmara setorial da cadeia da carne bovina é for um de discussão para o assunto no RS. Discussão em andamento
	1.4 Realizar estudos para identificar índices de lotação pecuária compatíveis com a conservação dos campos nativos	Índices de lotação estabelecidos							Já existem índices de lotação para produção estabelecidos para todo o RS. Índice de lotação que contemple a conservação dos campos não existe e não foi iniciado ainda.
	1.5 Articular conjuntamente com legisladores e INCRA a adequação dos instrumentos legais para adotar os índices de lotação pecuária para produção recomendados na literatura (como índices de lotação máxima) ou retirar a exigência do INCRA de lotação mínima	Proposta de instrumento legal encaminhada							Ação não iniciada
	1.6 Criar um programa de capacitação de técnicos das agências de extensão rural estaduais para difusão de práticas agropecuárias sustentáveis	Técnicos capacitados							Ação não iniciada



OBJETIVOS ESPECÍFICOS	AÇÕES	PRODUTOS	AÇÃO CUIJOS INÍCIO PLANEJADO É POSTERIOR AO PERÍODO MONITORADO	AÇÃO NÃO CONCLUÍDA NO PRAZO PREVISTO OU AINDA NÃO INICIADA CONFORME PLANEJADO	AÇÃO EM ANDAMENTO COM PROBLEMAS DE REALIZAÇÃO	AÇÃO EM ANDAMENTO NO PERÍODO PREVISTO	AÇÃO CONCLUÍDA	AÇÃO EXCLUÍDA OU AGRUPADA	DESCRIÇÃO DO ANDAMENTO DA AÇÃO
1. Assegurar a existência de habitat apropriado para as espécies-alvo dentro dos sistemas produtivos e em áreas protegidas ou de domínio público	1.7 Implementar as seguintes UC: REBIO São Donato (RS), REBIO Mato Grande (RS), REVIS Campos de Palmas (PR), PARNA Campos Gerais (PR)	UC implementadas							A REVIS Campos de Palmas iniciou em 2012 a elaboração de seu Plano de Manejo, sede estruturada em conjunto com outras Ucs federais, possui compensação ambiental prevista para pesquisas na UC, conselho... PARNA Campos Gerais implementou seu Conselho Gestor, aumento o número de servidores e terceirizados. Rebio São Donato está em situação precária e com problemas de gestão. Rebio Mato Grande, gestor eleito designado, UC sendo implementada, possui compensação ambiental para implementação da sede e equipamentos.
	1.8 Implementar o Parque Estadual do Taimhas e ampliar os seus limites em direção à toz do rio Taimhas e a sudoeste do Passo da Ilha, de modo a incluir campo e banhado	Parque implementado e ampliado							Esta ação de implementação está no POA da SEMA. Área da sede foi adquirida. Plano de Manejo da UC em implementação. Gestão em andamento, equipe de gestores dinâmica e efetiva.
	1.9 Redefinir os limites do Parque Estadual do Ibitirá com vistas a contemplar áreas importantes para a conservação dos passeriformes ameaçados do PAN (sentido sudeste, montante do Rio Pelotas e Rio Santana, campo de encosta)	Parque implementado e ampliado							A UC já possui equipamentos, materiais, viatura, levantamento fundiário, plano de manejo. Área de 180ha a ser adquirida ampliando a UC em 90 hectares.
	1.10 Elaborar propostas de criação de UC nas seguintes áreas no RS: Reserva Legal do Assentamento Santa Maria do Ibicuí (Márioel Viana), Pedras Altas e Campos de Jaguarão	Propostas de criação elaboradas							Ação não iniciada
1.11 Avaliar estratégias de conservação para as seguintes áreas prioritárias para a conservação das espécies alvo deste PAN: Butiazal do Coalepe (Quaraí e Alegrete - RS), Campos de Água Doce e Passos Mata (SC), Coxilha Rica (SC), Serra da Dom Pedrito/Leões e região dos Três Cerros (Dom Pedrito, RS), Nascentes do Arroio Candiotá (Candiota), Ilha da Toritama (Estuário da Lagoa dos Patos, Rio Grande), Várzea do Canal São Gonçalo (Rio Grande, Arroio Grande e Capão do Leão, RS), Campos do Rio Tibagi (Tibagi, PR)	Estudos realizados								Identificado que a RPPN Fazenda Branquillo existe desde 1996 no município de Dom Pedrito/RS e possui 13 hectares (campos sulinos e mata ciliar), vizinha a esta RPPN, existe a RPPN Fazenda Caneleira que possui 45 hectares protegidos de mata ciliar e campos sulinos também no município de Dom Pedrito/RS. Também em Dom Pedrito, a RPPN Reserva dos Mananciais possui 11,1 hectares e foi criada em 2000, fica próxima das duas anteriores. Outra RPPN Minas do Paredão (município de Piratim) possui 15 hectares de campos sulinos.



OBJETIVOS ESPECÍFICOS	AÇÕES	PRODUTOS	AÇÃO CUJO INÍCIO PLANEJADO É POSTERIOR AO PERÍODO MONITORADO	AÇÃO NÃO CONCLUÍDA NO PRAZO PREVISTO OU AINDA NÃO INICIADA CONFORME PLANEJADO	AÇÃO EM ANDAMENTO COM PROBLEMAS DE REALIZAÇÃO	AÇÃO EM ANDAMENTO NO PERÍODO PREVISTO	AÇÃO CONCLUÍDA	AÇÃO EXCLUÍDA OU AGRUPADA	DESCRIÇÃO DO ANDAMENTO DA AÇÃO
1. Assegurar a existência de habitat apropriado para as espécies-alvo dentro dos sistemas produtivos e em áreas protegidas ou de domínio público	1.12 Promover sistemas de certificação ambiental para o processo de produção pecuária extensiva nos campos do bioma Mata Atlântica (Campos de Cima da Serra, Campos Gerais do Paraná, Campos de Palmas e Campos Água Doce)	Programa de certificação ambiental implementado							ação não iniciada
	1.13 Implementar sistema de reconhecimento oficial aos serviços ambientais no Pampa em propriedades privadas (Projeto BID-Bens Públicos Regionais dos Campos Nativos do Cone Sul)	Sistemas implementados							Projeto iniciado e em andamento. <a href="http://www.pastizalesdesul.rur.worldpress.com">www.pastizalesdesul.rur.worldpress.com</a>
	1.14 Articular junto a Secretaria de Estado de Desenvolvimento Sustentável para o pagamento de serviços ambientais levando em consideração a manutenção de campos sulinos no estado de Santa Catarina	Programa de pagamento de serviço ambiental sendo realizada levando em consideração os campos sulinos							Documento de articulação sendo produzido
	1.15 Articular junto a OEMAs para o pagamento de serviços ambientais levando em consideração a manutenção de habitat apropriado nos campos sulinos no estado do Paraná e Rio Grande do Sul	Programa de pagamento de serviço ambiental sendo realizada levando em consideração os campos sulinos							No PR fizemos uma reunião com o IAP em Curitiba e os projetos de pagamentos por serviços ambientais ainda não consideram as regiões com campos sulinos. Através de contatos telefônicos com chefes de áreas na FATMA em Florianópolis-SC concluímos que existe um problema de entendimento sobre os campos sulinos catarinenses pela FATMA, pois além de não considera-los nos projetos de corredores ecológicos que são fonte de pagamentos por serviços ambientais, não possuem normativas para a conversão de campos nativos, desta forma emitim documento informando que para a conversão de campos nativos não é necessário o licenciamento, assim grande parte dos campos na divisa com o PR estão sendo convertidos em lavouras. Existe uma comissão específica na Assembleia Legislativa do RS que está tratando sobre pagamentos por serviços ambientais.
1.16 Articulação junto aos órgãos fiscalizadores e executores (DNIT e Departamentos Estaduais) para cumprimento da legislação quanto a utilização das áreas de domínio público às margens das rodovias (por exemplo: Planalto Médio do RS, Planalto das Missões)	Áreas de domínio público sem cultivo e moradias								ação não iniciada



OBJETIVOS ESPECÍFICOS	AÇÕES	PRODUTOS	AÇÃO COM O INÍCIO PLANEJADO E POSTERIOR AO PERÍODO MONITORADO	AÇÃO NÃO CONCLUÍDA NO PRAZO PREVISTO OU AINDA NÃO INICIADA CONFORME PLANEJADO	AÇÃO EM ANDAMENTO COM PROBLEMAS DE REALIZAÇÃO	AÇÃO EM ANDAMENTO NO PERÍODO PREVISTO	AÇÃO CONCLUÍDA	AÇÃO EXCLUÍDA OU AGRUPADA	DESCRIÇÃO DO ANDAMENTO DA AÇÃO	
2. Melhorar a capacidade operativa relacionada à inteligência, interlocução entre atores e a capacitação dos órgãos envolvidos na fiscalização ambiental e na implementação de programas de conservação	2.1 Intensificar interlocução e o trabalho de inteligência para a fiscalização nas localidades de maior pressão para a captura de Sporophila spp (patatinhas e caboclinhos), prioritariamente nos municípios de Castro, Tibagi, Ponta Grossa e Araçatuba no Paraná; nos municípios de Pelotas, Rio Grande, Vacaria e Caxias do Sul no Rio Grande do Sul e em São Joaquim e Lages, Santa Catarina	Operações de fiscalização realizadas							ação não iniciada	
	2.2 Identificar potenciais parceiros e buscar parcerias para locais de destinação em cativeiro e, considerando as diretrizes da SBO, elaborar fluxograma de destino dos animais apreendidos em operações de fiscalização	Documento impresso constando os locais de destinação e o fluxograma a ser enviado para todos os órgãos de fiscalização nas áreas de interesse								Lei complementar 140 alterou quem vai fazer a gestão da fauna em cativeiro e os fluxogramas deverão ser elaborados e incorporados pelas OEWAs. Tentativa de contato em locais de destinação e parceiros realizados, contudo poucos resultados até o momento.
	2.3 Oficializar e implementar o Programa de Conservação do cardeal-amarelo	Publicação da Portaria e ações implementadas								Publicação da IV 22 Programa de Cativeiro do ICMBio em março de 2012. Redação da minuta de Programa de Cativeiro do cardeal-amarelo e dos protocolos
	2.4 Capacitar agentes de fiscalização para identificação das espécies do PAN que sofrem captura	Cursos de capacitação realizados								ação não iniciada
	2.5 Cooptar entidades para participação no Programa de Conservação do Cardeal-amarelo	Número de instituições que adotam os protocolos							AGRUPADA	
	2.6 Realizar levantamento genético do plantel de cardeais-amarelos mantidos em cativeiro por criadores amadoristas (SISPASS)	Número de espécimes de cardeal-amarelo com análise genética concluída							AGRUPADA	
	2.7 Desenvolver análises genéticas para comprovar paternidade de exemplares de Sporophila melanogaster, S. hypoxantha e S. plumbea utilizando inclusive animais mantidos em cativeiro.	Número de espécimes com análise genética concluída								



OBJETIVOS ESPECÍFICOS	AÇÕES	PRODUTOS	AÇÃO CUJO INÍCIO PLANEJADO É POSTERIOR AO PERÍODO MONITORADO	AÇÃO NÃO CONCLUÍDA NO PRAZO PREVISTO OU AINDA NÃO INICIADA CONFORME PLANEJADO	AÇÃO EM ANDAMENTO COM PROBLEMAS DE REALIZAÇÃO	AÇÃO EM ANDAMENTO NO PERÍODO PREVISTO	AÇÃO CONCLUÍDA	DESCRIÇÃO DO ANDAMENTO DA AÇÃO	AÇÃO EXCLUÍDA OU AGRUPADA	
2. Melhorar a capacidade operativa relacionada à inteligência, interlocução entre atores e a capacitação dos órgãos envolvidos na fiscalização ambiental e na implementação de programas de conservação	2.8 Integrar as ações de inteligência e fiscalização realizadas no Brasil, Uruguai e Argentina	Número de ações integradas realizadas						Ação conjunta entre Polícia Federal, Polícias Militares e IBAMA (SOBERANIA NACIONAL), integrando atividades de fiscalização entre países: Região de Uruguatana, Quarai. Exército recebeu a atribuição de policiamento nas áreas de fronteira (150 km) através da LC 117. Cibeles para nova redação após informações detalhadas.		
	2.9 Criar e disponibilizar aos órgãos de fiscalização um cadastro de ornitólogos que possam auxiliar na identificação de exemplares das espécies-alvo do PAN	Banco de dados disponibilizado							ação não iniciada	
	2.10 Criar uma estratégia de rastreamento das notas fiscais com os órgãos de receita a fim de melhorar o controle do comércio de espécies-alvo do PAN	Estratégia de rastreamento das notas fiscais								
	2.11 Promover a integração internacional dos esforços e iniciativas oficiais de conservação do cardeal-amarelo	Número de ações integradas realizadas							Oscar Blumetto convidou para evento entre cidadãos no Uruguai. Argentina possui projeto de mapeamento de todas as áreas de ocorrência do cardeal (projeto governamental).	



OBJETIVOS ESPECÍFICOS	AÇÕES	PRODUTOS	AÇÃO CULTO INÍCIO PLANEJADO É POSTERIOR AO PERÍODO MONITORADO	AÇÃO NÃO CONCLUÍDA NO PRAZO PREVISTO OU AINDA NÃO INICIADA CONFORME PLANEJADO	AÇÃO EM ANDAMENTO COM PROBLEMAS DE REALIZAÇÃO	AÇÃO EM ANDAMENTO NO PERÍODO PREVISTO	AÇÃO CONCLUÍDA	DESCRIÇÃO DO ANDAMENTO DA AÇÃO	AÇÃO EXCLUÍDA OU AGRUPADA	
3. Diminuir a taxa de conversão de campos nativos nas áreas de ocorrência das espécies-alvo	3.1 Monitorar a conversão de campos nativos no bioma Mata Atlântica	Estabelecimento do Programa de monitoramento						CSR rotineiramente realiza este monitoramento, contudo abordagem específica para o PAN não foi realizada.		
	3.2 Articular junto aos órgãos licenciadores para considerar as espécie-alvo deste PAN no licenciamento, exigindo inventários monitoramento e compensação em campos nativos	Processos de licenciamento em que as espécies alvo do PAN foram consideradas							A IN 15 de 11/11/2010 já versa sobre averbação de reserva legal recomendando que a mesma seja no mesmo ecossistema da propriedade. Beloni verificou que esta IN vem sendo aplicada contemplando formações campestres. O produto até o momento é o monitoramento da aplicação da IN em SC.	
	3.3 Articular para assegurar que Reservas Legais contemplem formações campestres nativas no Bioma Mata Atlântica	Reservas Legais contemplando formações campestres							O Estado do RS tem recursos para o zoneamento ecológico econômico (ZEE). Não se fariam mais zoneamentos específicos e sim ZEE com metodologia definida estabelecidas nacionalmente. Termo de Referência para estudos está em fase final de elaboração e a recomendação é inserir as prioridades do PAN e Campos Sulinos neste termo de referência para que estejam contempladas nos estudos e nas normas e restrições de uso.	
	3.4 Promover a elaboração dos Zoneamentos Ecológico-Econômicos nos estados de ocorrência dos Campos Sulinos e incluir as estratégias deste PAN (dando enfoque ao zoneamento de barramentos para irrigação, abastecimento e geração de energia)	Zoneamento estabelecido							Várias tentativas de retomada (60% pronto), estão sendo recontratados técnicos	
	3.5 Finalizar e implementar o zoneamento para Parques ecológicos no Rio Grande do Sul e elaborar zoneamentos nos estados de Santa Catarina e Paraná	Zoneamento estabelecido							ação não iniciada	
	3.6 Implementar programa de Fiscalização conjunta visando inibir a conversão de remanescentes de campos nativos nos campos da Mata Atlântica especialmente nos Campos de Cima da Serra, Campos Gerais do Paraná, Palmas, Água Doce e Passos Maia	Programa de fiscalização implementado								



OBJETIVOS ESPECÍFICOS	AÇÕES	PRODUTOS	AÇÃO CUJO INÍCIO PLANEJADO É POSTERIOR AO PERÍODO MONITORADO	AÇÃO NÃO CONCLUÍDA NO PRAZO PREVISTO OU AINDA NÃO INICIADA CONFORME PLANEJADO	AÇÃO EM ANDAMENTO COM PROBLEMAS DE REALIZAÇÃO	AÇÃO EM ANDAMENTO NO PERÍODO PREVISTO	AÇÃO CONCLUÍDA	DESCRIÇÃO DO ANDAMENTO DA AÇÃO	AÇÃO EXCLUÍDA OU AGRUPADA	
3. Diminuir a taxa de conversão de campos nativos nas áreas de ocorrência das espécies-alvo	3.7 Promover Zoneamento Ecológico Econômico nos estados de ocorrência dos Campos Sulinos	Zoneamento iniciado								
	3.8 Articular para elaboração ou adequação Planos Diretores dos municípios de Rio Grande, São José do Norte, Santa Vitória do Palmar, Tavares e Mostardas, contemplando a conservação dos campos sulinos onde ocorrem as espécies alvo deste PAN	Planos diretores adequados							ação não iniciada	
	3.9 Promover o ecoturismo, em especial o turismo de observação e fotografia de aves, em áreas de campos nativos	Número de ações realizadas							ação não iniciada	
	3.10 Articular junto ao Poder legislativo a criação de instrumentos legais de redução fiscal para manutenção dos campos nativos	Instrumentos legais de redução fiscal criados								



OBJETIVOS ESPECÍFICOS	AÇÕES	PRODUTOS	AÇÃO CUJO INÍCIO PLANEJADO É POSTERIOR AO PERÍODO MONITORADO	AÇÃO NÃO CONCLUÍDA NO PRAZO PREVISTO OU AINDA NÃO INICIADA CONFORME PLANEJADO	AÇÃO EM ANDAMENTO COM PROBLEMAS DE REALIZAÇÃO	AÇÃO EM ANDAMENTO NO PERÍODO PREVISTO	AÇÃO CONCLUÍDA	DESCRIÇÃO DO ANDAMENTO DA AÇÃO	AÇÃO EXCLUÍDA OU AGRUPADA
4. Proteger os remanescentes da formação parque de espinilho existentes fora do Parque Estadual do Espinilho	4.1 Reconstituir e documentar o histórico de desmatamento da formação parque espinilho e mapear seus remanescentes atuais na região do Parque Estadual do Espinilho (verificar mapeamento dos remanescentes do bioma Pampa e checar em campo)	SIG atualizado, mapa disponibilizado aos parceiros do PAN						Até o momento nada realizado. Servidores da SEMA (Paola, Alton, Felipe Basco, Leonardo - DLP) irão ao Parque final de novembro para iniciar esta ação.	
	4.2 Intensificar a fiscalização sobre as áreas de remanescentes de parque de espinilho	Relatórios de Fiscalização da Região						A presença dos agentes de fiscalização na região não tem sido ostensiva. Tem sido observados muitos problemas pela falta de fiscalização, especialmente neste início de verão. Entre eles pesca, caça, roubos de cadeados do parque, entrada de pessoas sem autorização e problemas relacionados à proximidade com a fronteira	
	4.3 Consultar os proprietários de áreas que contenham remanescentes de parque de espinilho para verificar o interesse em criar RPPN	Relatório de consultas						ação não iniciada	
	4.4 Em caso de haver interesse, auxiliar os proprietários no levantamento da documentação necessária e na elaboração dos estudos para criação de RPPN	Processos de criação de RPPN abertos						ação não iniciada	



OBJETIVOS ESPECÍFICOS	AÇÕES	PRODUTOS	AÇÃO CUJO INÍCIO PLANEJADO É POSTERIOR AO PERÍODO MONITORADO	AÇÃO NÃO CONCLUÍDA NO PRAZO PREVISTO OU AINDA NÃO INICIADA CONFORME PLANEJADO	AÇÃO EM ANDAMENTO COM PROBLEMAS DE REALIZAÇÃO	AÇÃO EM ANDAMENTO NO PERÍODO PREVISTO	AÇÃO CONCLUÍDA	DESCRIÇÃO DO ANDAMENTO DA AÇÃO	AÇÃO EXCLUÍDA OU AGRUPADA
5. Prevenir e controlar a invasão de espécies exóticas que afetam as espécies-alvo	5.1 Criar e implementar o Programa de prevenção, controle e erradicação de espécies exóticas invasoras no estado do Rio Grande do Sul	Programa implantado						ação não iniciada	
	5.2 Implementar o Programa de espécies exóticas invasoras do estado de Santa Catarina	Programa implantado						O texto do Programa está elaborado e a lista foi publicada em setembro de 2012. A implementação do Programa aguarda sua publicação.	
	5.3 Intensificar as ações para combater a espécies exóticas invasoras nos campos sulinos do estado do Paraná, inclusive realizando articulação junto ao IAP sobre o programa de espécies exóticas invasoras (Portaria IAP 192/05, 19/09, 125/09)	Programa implantado							Foi montado um comitê sobre espécies exóticas invasoras com representantes de Ucs federais da região sul. Não conseguimos encontrar os responsáveis pelo programa durante a visita técnica ao IAP em 2012. Inserção do tema no Plano de Manejo do REVIS-CP que definirá normas para o monitoramento e retirada de Pinus dentro e no entorno desta UC.



OBJETIVOS ESPECÍFICOS	AÇÕES	PRODUTOS	AÇÃO CULJO INÍCIO PLANEJADO É POSTERIOR AO PERÍODO MONITORADO	AÇÃO NÃO CONCLUÍDA NO PRAZO PREVISTO OU AINDA NÃO INICIADA CONFORME PLANEJADO	AÇÃO EM ANDAMENTO COM PROBLEMAS DE REALIZAÇÃO	AÇÃO EM ANDAMENTO NO PERÍODO PREVISTO	AÇÃO CONCLUÍDA	DESCRIÇÃO DO ANDAMENTO DA AÇÃO	AÇÃO EXCLUÍDA OU AGRUPADA
6. Desenvolver instrumentos de cooperação internacional para a conservação da formação parque de espinhilo	6.1 Fomentar a cooperação técnica entre organizações conservacionistas e de pesquisa dos países que compartilham a formação de parque de espinhilo/espinhal	Oficina e Acordos de Cooperação Técnica em Matéria do Espinhilo						Ação em curso, sendo que até o momento as instituições foram informadas apenas sobre a elaboração do PAN Campos Sulinos e Espinhilo, novas e constantes iniciativas de contato devem ter continuidade.	
	6.2 Identificar e analisar os acordos internacionais vigentes entre os países que compartilham a formação de parque de espinhilo/espinhal e levantar as oportunidades para o estabelecimento de novos instrumentos de cooperação	Estratégia desenvolvida para novos acordos e projetos na área							Contatos realizados apenas em relação ao "Memorando de Entendimento de las Aves de los Pasizales" no âmbito da CMS, outros acordos internacionais vigentes ainda não foram abordados.



OBJETIVOS ESPECÍFICOS	AÇÕES	PRODUTOS	AÇÃO CUJO INÍCIO PLANEJADO É POSTERIOR AO PERÍODO MONITORADO	AÇÃO NÃO CONCLUÍDA NO PRAZO PREVISTO OU AINDA NÃO INICIADA CONFORME PLANEJADO	AÇÃO EM ANDAMENTO COM PROBLEMAS DE REALIZAÇÃO	AÇÃO EM ANDAMENTO NO PERÍODO PREVISTO	AÇÃO CONCLUÍDA	DESCRIÇÃO DO ANDAMENTO DA AÇÃO	AÇÃO EXCLUÍDA OU AGRUPADA
7. Implementar o plano de manejo do Parque Estadual do Espinilho, em especial os programas e ações relevantes à conservação dos passeriformes ameaçados	7.1 Realizar campanhas de conscientização e sensibilização sobre a importância do Parque Estadual do Espinilho e as ameaças potenciais à área	Paletas para alunos do ensino fundamental e médio, material de comunicação impresso e distribuído, programas de rádio							
	7.2 Investigar os efeitos da ausência de pastejo sobre as aves ameaçadas no interior do Parque Estadual do Espinilho	Pesquisa executada						Orientado da Carla Fontana está desenvolvendo dissertação de mestrado sobre o tema no Parque Estadual do Espinilho. A defesa de dissertação está prevista para 2014.	
	7.3 Avaliar a extensão da invasão por espécies exóticas, a taxa de propagação e efetividade das medidas de controle no Parque Estadual do Espinilho	Plano de controle executado						ação não iniciada	
	7.4 Implementar um programa de monitoramento dos animais atropelados no Parque Estadual do Espinilho	Relatórios periódicos						Desde abril de 2012 se realizam monitoramentos diários de fauna atropelada na rodovia e estradas vicinais do entorno do parque além de outros trechos da estrada de Barra do Quaraí a Uruguaiana. Projeto em conjunto com UNIPAMPA/URUGUAIANA.	
	7.5 Treinar monitores da comunidade local para acompanhamento de visitantes no Parque Estadual do Espinilho	10 Monitores capacitados						Estão sendo treinados alunos da UNOPAR (curso de Gestão Ambiental) para acompanhamento de alunos da rede pública de ensino da Barra do Quaraí. Assim como alunos do ensino médio, brigada e bombeiros mirins.	



OBJETIVOS ESPECÍFICOS	AÇÕES	PRODUTOS	AÇÃO CULJO INÍCIO PLANEJADO É POSTERIOR AO PERÍODO MONITORADO	AÇÃO NÃO CONCLUÍDA NO PRAZO PREVISTO OU AINDA NÃO INICIADA CONFORME PLANEJADO	AÇÃO EM ANDAMENTO COM PROBLEMAS DE REALIZAÇÃO	AÇÃO EM ANDAMENTO NO PERÍODO PREVISTO	AÇÃO CONCLUÍDA	DESCRIÇÃO DO ANDAMENTO DA AÇÃO	AÇÃO EXCLUÍDA OU AGRUPADA	
8. Promover a divulgação contínua e transversal de informações sobre a importância da conservação das espécies-alvo do PAN a todos os setores/atores	8.1 Elaboração e impressão de materiais de comunicação voltados a diferentes públicos-alvo (divulgação/educação ambiental)	Quantidade de material impresso						Desde a publicação do PAN no início de 2012, material de divulgação referente ao Sumário Executivo do PAN para a Conservação dos Passeriformes Ameaçados dos Campos Sulinos e Espinilho foi elaborado, diagramado e impresso. Foi distribuído a todos os participantes do PAN e outros atores-chave.		
	8.2 Subsidiar as Assessorias de Comunicação com a mídia na divulgação das ações do PAN Campos Sulinos	Releases publicados (Impressos e online)						Desde a publicação do PAN no início de 2012, todas as informações veiculadas no site do ICMBio, ICMBio em foco e o material de divulgação referente ao PAN para a Conservação dos Passeriformes Ameaçados dos Campos Sulinos e Espinilho tem sido elaborado após consulta ao participantes da oficina que elaboraram o PAN. As assessorias de comunicação do ICMBio, IBAMA e outras instituições recebem as informações relativas a este PAN.		
	8.3 Realizar ações de educação nas comunidades de ocorrência das espécies-alvo do PAN através de parcerias locais nos municípios apontados na ação 2.1	Número de ações de educação realizadas								
	8.4 Realizar palestras e/ou audiências para sensibilização de representantes dos órgãos judiciais quanto a importância da conservação das espécies-alvo e seus ambientes	Número de palestras ministradas e/ou audiências marcadas								



OBJETIVOS ESPECÍFICOS	AÇÕES	PRODUTOS	AÇÃO CUJO INÍCIO PLANEJADO É POSTERIOR AO PERÍODO MONITORADO	AÇÃO NÃO CONCLUÍDA NO PRAZO PREVISTO OU AINDA NÃO INICIADA CONFORME PLANEJADO	AÇÃO EM ANDAMENTO COM PROBLEMAS DE REALIZAÇÃO	AÇÃO EM ANDAMENTO NO PERÍODO PREVISTO	AÇÃO CONCLUÍDA	DESCRIÇÃO DO ANDAMENTO DA AÇÃO	AÇÃO EXCLUÍDA OU AGRUPADA
9. Promover e fomentar políticas públicas e mecanismos de incentivo não governamentais para a conservação e o restabelecimento da conectividade dos remanescentes da formação do parque de espinha em toda a sua área de ocorrência original	9.1 Gerenciar junto à coordenação do Projeto RS-Biodiversidade (SEMA/BIRD) a elaboração e execução de projeto que contemple ações de restauração e o uso sustentável de áreas de formação do parque de espinha em propriedades privadas no entorno do Parque Estadual do Espinhaço	Consultor Contratado, Projeto Elaborado e Executado						Foi feita seleção, consultoria foi selecionada, mas ainda não houve contratação por dificuldades administrativas do processo	
	9.2 Promover o reconhecimento oficial do parque de espinha/espinaço como uma formação especial e singular no âmbito nacional	Formação espinha identificada adequadamente nos mapas de Bioma e no mapa de Vegetação do IBGE						ação em processo de articulação com parceiros para elaboração da justificativa	
	9.3 Avaliar a viabilidade de implantar corredores de parque de espinha ao longo das faixas de domínio de rodovias e estradas da região	Consultor Contratado, Estudo Técnico Elaborado						ação não iniciada	
	9.4 Criar plano de incentivo financeiro e fiscal a produtores que mantiverem e recuperem áreas de habitat apropriadas às aves típicas da formação do parque de espinha em suas propriedades e adotem práticas de manejo compatíveis com a sobrevivência das aves ameaçadas	Plano de Incentivos Elaborado						ação não iniciada	

OBJETIVOS ESPECÍFICOS	AÇÕES	PRODUTOS	AÇÃO CUJO INÍCIO PLANEJADO É POSTERIOR AO PERÍODO MONITORADO	AÇÃO NÃO CONCLUÍDA NO PRAZO PREVISTO OU AINDA NÃO INICIADA CONFORME PLANEJADO	AÇÃO EM ANDAMENTO COM PROBLEMAS DE REALIZAÇÃO	AÇÃO EM ANDAMENTO NO PERÍODO PREVISTO	AÇÃO CONCLUÍDA	DESCRIÇÃO DO ANDAMENTO DA AÇÃO	AÇÃO EXCLUÍDA OU AGRUPADA
10. Aprimorar tecnicamente a edição e implementação de normas relacionadas ao controle e manutenção em cativeiro das espécies-alvo que sofrem captura ilegal	10.1 Subsidiar tecnicamente os órgãos normatizadores em relação às condicionantes necessárias à criação em cativeiro das espécies do PAN	Documentos técnicos							



OBJETIVOS ESPECÍFICOS	AÇÕES	PRODUTOS	AÇÃO CUIJO INÍCIO PLANEJADO É POSTERIOR AO PERÍODO MONITORADO	AÇÃO NÃO CONCLUÍDA NO PRAZO PREVISTO OU AINDA NÃO INICIADA CONFORME PLANEJADO	AÇÃO EM ANDAMENTO COM PROBLEMAS DE REALIZAÇÃO	AÇÃO EM ANDAMENTO NO PERÍODO PREVISTO	AÇÃO CONCLUÍDA	DESCRIÇÃO DO ANDAMENTO DA AÇÃO	AÇÃO EXCLUÍDA OU AGRUPADA
11. Aumentar o conhecimento científico sobre as espécies-alvo deste PAN	11.1 Realizar e/ou detalhar estudos sobre seleção de habitat, demografia, biologia reprodutiva, estrutura populacional e migração de aves dos campos sulinos	Estudos publicados ou em andamento						Duas dissertações de mestrado foram concluídas com Sporophlias em 2012, duas dissertações de mestrado estão sendo conduzidas com seleção de habitat de espécies de espinilho (final em 2014) e outra está sendo elaborada com Limnocittes rectirostris. O acompanhamento populacional de Gubernatrix cristata está sendo realizado e um projeto de monitoramento da população silvestre do Parque Estadual do Espinilho está sendo delineado. Um trabalho foi publicado versando sobre a conservação dos campos sulinos. Estudos sendo iniciados também no Parque Estadual do Târnhas.	
	11.2 Promover a integração dos estudos e das iniciativas de monitoramento do movimento das espécies de aves campestres dos campos temperados do sul da América do Sul	Estudos publicados e iniciativas de monitoramento em conjunto em andamento						"A realização da oficina do Pan Campos Sulinos em setembro de 2011 propiciou o encontro presencial de pesquisadores e órgãos públicos de diversos países que já trabalhavam integradamente e de outros que estão iniciando esta cooperação internacional. As discussões sobre o PAN incluindo participantes de todos os países que integram o IMDE Aves de los Pastizales (GMS) fomenta esta maior integração de estudos e iniciativas entre pesquisadores e países. Existe ainda uma iniciativa de cooperação internacional entre Brasil, Argentina, Paraguai, Uruguai e Bolívia formando uma rede para o nemisterio sul de monitoramento de aves de campos. O produto obtido até o momento inclui a publicação: Adrian B. Azpiroz, Juan Pablo Isacchi, Rafael A. Dias, Adrian S. Di Giacomo, Carla Suertegaray Fontana, and Cristina Morales Palarea. Ecology and conservation of grassland birds in southeastern South America: a review. J. Field Ornithol. 83(3):217-246, 2012."	



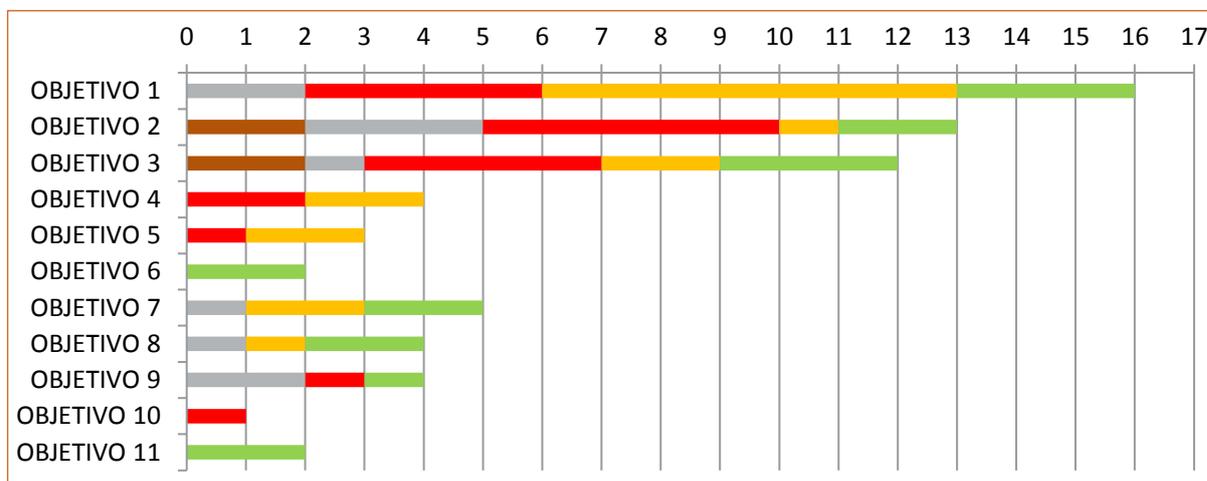
# PAINEL DE GESTÃO DO PAN

## SITUAÇÃO ATUAL DAS AÇÕES

TIPOS DE SITUAÇÃO DAS AÇÕES	MONITORIA	%	PÓS MONITORIA	%
Excluída ou Agrupada			4	
Início planejado posterior	10	16%	9	16%
Não concluída ou Não iniciada	18	29%	18	31%
Em andamento com problemas	17	27%	16	28%
Em andamento conforme previsto	17	27%	15	26%
Concluída	0	0%	0	0%
Ações Novas			0	0%
<b>TOTAL DE AÇÕES DO PAN</b>	<b>62</b>	<b>100%</b>	<b>58</b>	<b>100%</b>
Ações Agrupadas na Monitoria			3	
Ações Excluídas na Monitoria			1	

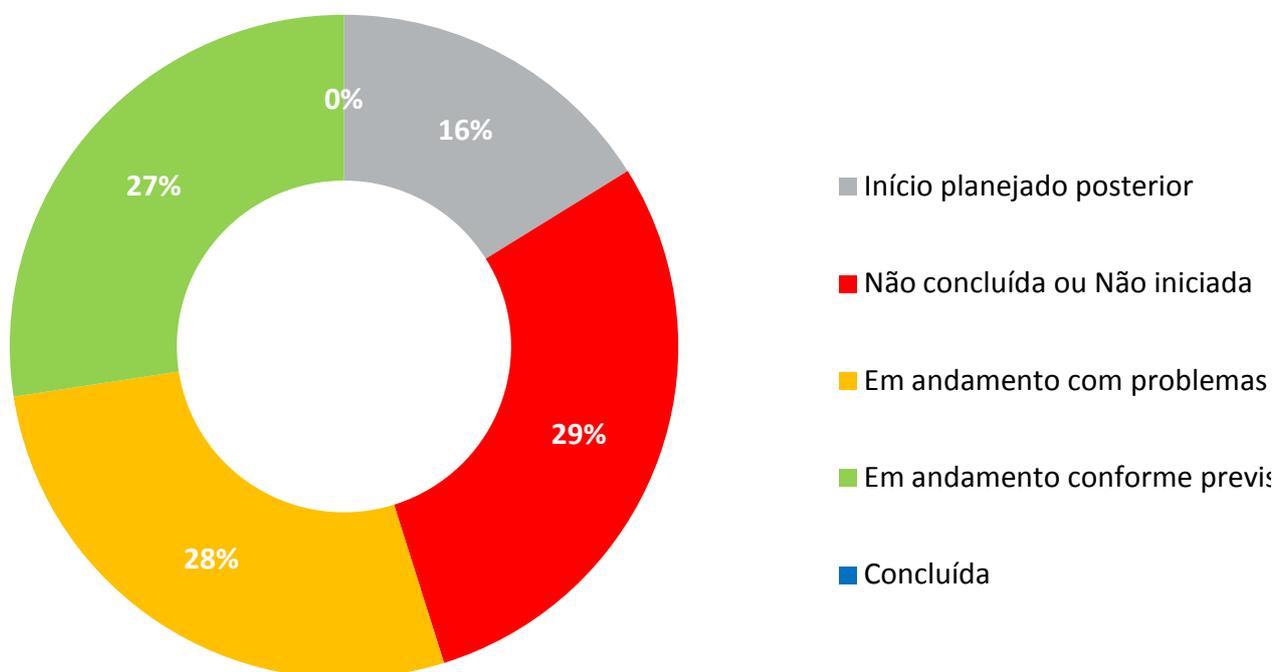
## PAINEL DE OBJETIVOS ESPECÍFICOS DO PAN

OBJETIVOS ESPECÍFICOS	AÇÕES						
OBJETIVO 1	16	0	2	4	7	3	0
OBJETIVO 2	11	2	3	5	1	2	0
OBJETIVO 3	10	2	1	4	2	3	0
OBJETIVO 4	4	0	0	2	2	0	0
OBJETIVO 5	3	0	0	1	2	0	0
OBJETIVO 6	2	0	0	0	0	2	0
OBJETIVO 7	5	0	1	0	2	2	0
OBJETIVO 8	4	0	1	0	1	2	0
OBJETIVO 9	4	0	2	1	0	1	0
OBJETIVO 10	1	0	0	1	0	0	0
OBJETIVO 11	2	0	0	0	0	2	0

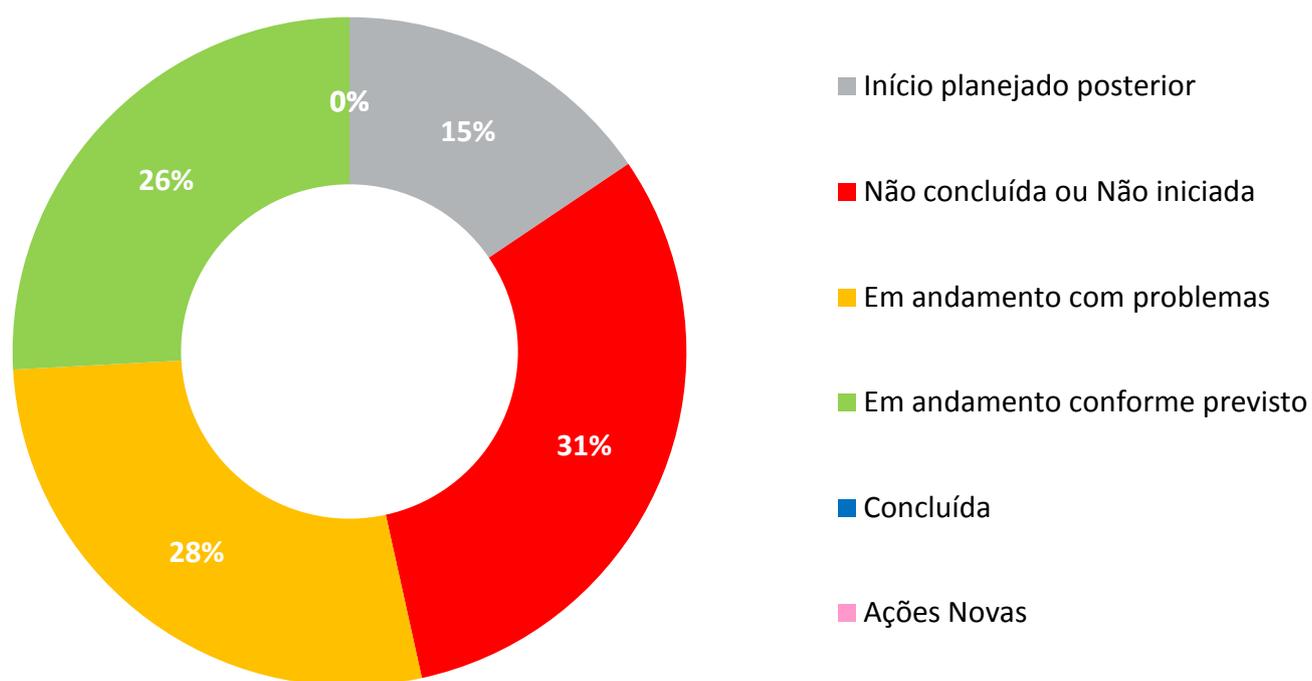




## SITUAÇÃO DO PAN - ANTES DA MONITORIA ANUAL



## SITUAÇÃO DO PAN - APÓS A MONITORIA ANUAL







## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



ALDABE, J.; ROCCA, P.; CLARAMUNT, S. (2009). Uruguay. In: DEVENISH, C.; DÍAZ FERNÁNDEZ, D. F.; CLAY, R. P.; DAVIDSON, I.; YÉPEZ-ZABALA, I. (Eds). **Important Bird Areas Americas - Priority sites for biodiversity conservation**. Quito, Ecuador: BirdLife International, BirdLife Conservation Series, nº 16, p. 383-392

ANJOS, L.; GRAF, V. (1993). Riqueza de aves da Fazenda Santa Rita, região dos Campos Gerais, Palmeira, Paraná, Brasil. **Revista Brasileira de Zoologia**, 10: 673-693.

ANJOS, L.; SCHUCHMANN, K. L.; BERNDT, R. A. (1997). **Avifaunal composition, species richness, and status in the Tibagi River Basin, Parana State, southern Brazil**. *Ornitologia Neotropical*, 8: 145-173.

ANTAS, P. T. Z.; PALO-JR, H. (2009). **Guia de aves: espécies da Reserva Particular do Patrimônio Natural do SESC Pantanal**. Rio de Janeiro: SESC Nacional, 269pp.

ANZA, J. A. (2011). [WA345924, *Xanthopsar flavus* (Gmelin, 1788)]. **Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil**. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/345924>> Acesso em: 08/09/2011.

ALIANZA DEL PASTIZAL. (2011). **Pastizales del Cono Sur: iniciativa de conservación de los pastizales naturales de Cono Sur de Sudamérica**. Disponível em: <http://www.pastizalesdelconosur.org/>. Acesso em 04/07/2011.

ARETA, J. I. (2008). Entre Ríos Seedeater (*Sporophila zelichi*): a species that never was. **Journal of Field Ornithology**, 79 (4): 352-363.

ARETA, J. I.; NORIEGA, J. I.; PAGANO, L.; ROESLER, I. (2011). Unravelling the ecological radiation of the capuchinos: systematics of Dark-throated Seedeater *Sporophila ruficollis* and description of a new dark-collared form. **Bulletin of the British Ornithologists' Club**, 131 (1): 04-23.

ARETA, J. I.; REPENNING, M. (2011). Systematics of the Tawny-bellied Seedeater (*Sporophila hypoxantha*): I. Geographic variation, ecology and evolution of vocalizations. **The Condor**, 113 (3): 554-577.

AZPIROZ, A. B. (2003). **Aves del Uruguay**. Lista e introducción a su biología y conservación. Aves Uruguay-GUPECA, Montevideo, Uruguay, 104pp.

AZPIROZ, A. B.; MENÉNDEZ, J. L. (2008). Three new species and novel distributional data for birds in Uruguay. **Bulletin of the British Ornithologists' Club**, 128 (1): 38-56.

AZPIROZ, A. B.; BLAKE, J. G. (2009). Avian assemblages in altered and natural grasslands in the northern campos of Uruguay. **The Condor**, 111, (1): 21-35.

BARROWS, W. B. (1883). Birds of the lower Uruguay. **Bulletin of the Nuttall Ornithological Club**, 8: 82-94.

BELTON, W. (1985). Birds of Rio Grande do Sul, Brazil. Pt. 2. Formicariidae through Corvidae. **Bulletin of the American Museum of Natural History**, 178 (4): 369-636.

BELTON, W. (1994). **Aves do Rio Grande do Sul: Distribuição e biologia**. Unisinos, São Leopoldo, Brasil, 584pp.

BENCKE, G. A. (2001). **Lista de referência das aves do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul, 104pp.

BENCKE, G. A.; FONTANA, C. S.; DIAS, R. A.; MAURÍCIO, G. N.; MÄHLER-Jr, J. K. F. (2003). Aves. In: FONTANA, C. S., G. A. BENCKE E R. R. REIS (Orgs). **Livro vermelho da fauna ameaçada de extinção no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Editora EDIPUCRS, p.189-479.

BENCKE, G. A.; MAURÍCIO, G. N.; DEVELEY, P. F.; GOERCK, J. M. (Orgs.). (2006). **Áreas importantes para a conservação das aves no Brasil – Parte I: estados do domínio Mata Atlântica**. São Paulo: SAVE Brasil, 494pp.



- BESSA, R. (2008). [WA10794, *Alectrurus tricolor* (Vieillot, 1816)]. **Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil**. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/10794>> Acesso em: 08/08/2011.
- BIRDLIFE INTERNATIONAL. (2011). **Important Bird Areas factsheet: Monumento Natural das Árvores Fossilizadas e Adjacências**. Disponível em: <<http://www.birdlife.org>>. Acesso em 05/07/2011.
- BIRDLIFE INTERNATIONAL. (2011). **Species factsheet: *Anthus nattereri***. Downloaded from <<http://www.birdlife.org>>. Access on: 09/08/2011
- BIRDLIFE INTERNATIONAL. (2011). **Species factsheet: *Gubernatrix cristata***. Downloaded from <<http://www.birdlife.org>>. Access on: 14/07/2011.
- BIRDLIFE INTERNATIONAL. (2011). **Species factsheet: *Scytalopus iraiensis***. Downloaded from <<http://www.birdlife.org>>. Access on: 09/08/2011.
- BIRDLIFE INTERNATIONAL. (2011). **Species factsheet: *Sporophila melanogaster***. Downloaded from <<http://www.birdlife.org>>. Access on: 30/06/2011
- BIRDLIFE INTERNATIONAL. (2011). **Species factsheet: *Sporophila ruficollis***. Downloaded from <<http://www.birdlife.org>>. Access on: 04/07/2011.
- BIRDLIFE INTERNATIONAL. (2000). **Threatened birds of the world**. Lynx Edicions and Birdlife Internacional, Barcelona, Spain, and Cambridge, UK, 864pp.
- BILENCA, D.; CODESIDO, M.; FISCHER, C. G.; CARUSI, L. P. (2009). **Impactos de la actividad agropecuaria sobre la biodiversidad en la ecorregión pampeana**. Buenos Aires: INTA, 42pp.
- BILENCA, D. N.; MIÑARRO, F. O. (2004). **Identificación de áreas valiosas de pastizal (IVPs) en las pampas y campos de Argentina, Uruguay y sur de Brasil**. Fundación Vida Silvestre Argentina, Buenos Aires.
- BORNSCHEIN, M. R.; PICHORIM, P.; REINERT, B. L. (2001). Novos registros de *Scytalopus iraiensis*. **Nattereria**, 2: 29-33.
- BORNSCHEIN, M. R.; REINERT B. L.; PICHORIM, M. (1998). Descrição, ecologia e conservação de um novo *Scytalopus* (Rhinocryptidae) do sul do Brasil, com comentários sobre a morfologia da família. **Ararajuba**, 6 (1): 03-36.
- BRACE, R. C.; HORNBUCKLE, J.; PEARCE-HIGGINS, J. W. (1997). **The avifauna of the Beni Biological Station, Bolivia**. *Bird Conservation International*, 7: 117-159.
- BRANDÃO, T.; TREVISAN, R.; BOTH, R. (2007). Unidades de conservação e os campos do Rio Grande do Sul. **Revista Brasileira de Biociências**, 5 (supl. 1): 843-845.
- BRAZ, V. S.; CAVALCANTI, R. B. (2001). A representatividade de áreas protegidas no Distrito Federal na conservação da avifauna do Cerrado. **Ararajuba**, 9 (1): 61-69.
- BRAZ, V. S. (2008). **Ecologia e conservação das aves campestres do bioma Cerrado**. Tese de Doutorado, Universidade de Brasília, Brasília.
- CAMPAGNA, L.; LIJTMAR, D. A.; KERR, K. C. R.; BARREIRA, A. S.; HEBERT, P. D. N.; LOUGHEED, C. S.; TUBARO, P. L. (2009). DNA barcodes provide new evidence of a recent radiation in the genus *Sporophila* (Aves: Passeriformes). **Molecular Ecology Resources**, 10 (3): 449-458.
- CARDONI, D. A.; MALDONADO, J. E.; ISACCH, J. P.; GREENBERG, R. (2009). **Subtle sexual dimorphism in the Red-Caped Wren-spine tail (*Spartonioca maluroides*) uncovered through molecular sex determination**. *Ornitología Neotropical*, 20: 347-355.
- CARDOSO-SILVA, J. M. (1999). Seasonal movements and conservation of seedeaters of the genus *Sporophila* in South America. *In: Ecology and conservation of grassland birds of the Western Hemisphere*. VICKERY, P. D.; HERKERT, J. R. (Eds.). *Studies in Avian Biology*, nº 19, p.272-280.



CARRANO, E. *Sporophila cinnamomea* (Lafresnaye, 1839). **Livro vermelho da fauna brasileira ameaçada de extinção**. Vol 2. MACHADO, A. B. M.; DRUMMOND, G. M.; PAGLIA, A. P. (Ed.) Brasília: MMA; Belo Horizonte: Fundação Biodiversitas, 2008. p. 540-541

CAVALCANTI, R. B. (1988). **Conservation of birds in the cerrado of central Brazil**. In: Goriup, P.D. (Ed.). Ecology and conservation of grassland birds. Cambridge, U.K.: International Council for Bird Preservation (Techn. Publ.), p.59-66.

CBRO, Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos. (2011). **Lista das aves do Brasil**. Disponível em: <<http://www.cbro.org.br>>. Acesso em: 08/08/2011.

CELSI, C. E.; MONSERRAT, A. L. (2008). La vegetación dunícola en el frente costero de la pampa austral (Partido de Coronel Dorrego, Buenos Aires). **Multequina**, 17: 73-92.

CESTARI, C. (2006). **Novos registros de aves do gênero *Sporophila* para o Pantanal**. Atualidades Ornitológicas, 129: 07-07.

CESTARI, C. (2006). Primeiro registro documentado de *Alectrurus tricolor* para o Pantanal, Brasil. **Revista Brasileira de Ornitologia**, 14 (2) 155-156.

CLARAMUNT, S. (2000). Un problema de conservación, identificación y clasificación de aves: Los “capuchinos” del género *Sporophila*. **Documentos de Divulgación del Museo Nacional de Historia Natural y Antropología**, 2: 01-03.

CODESINO, M.; FRAGA, R. M. (2009). Distributions of threatened grassland passerines of Paraguay, Argentina and Uruguay, with new locality records and notes on their natural history and habitat. **Ornitologia Neotropical**, 20: 585-595.

COLLAR, N. J.; GONZAGA, L. A. P.; KRABBE, N.; MADROÑO NIETO, A.; NARANJO, L. G.; PARKER III, T. A. ; WEGE, D. C. (1992). **Threatened Birds of the Americas: The ICBP/IUCN Red Data Book**. 3th Ed. Cambridge, U.K., International Council for Bird Preservation. 1150pp.

DAMIANI, R. V.; AGNE, C. E.; RESENDE, É. L. (2007). O caboclinho *Sporophila bouvreuil* (Emberizidae) no Planalto Norte do Rio Grande do Sul. In: **Anais do XV Congresso Brasileiro de Ornitologia**, p.143.

DAMIANI, R. V.; RIBEIRO, A. C.; MARTINS-FERREIRA, C. (2009). Projeto Cardeal-Amarelo, resultados preliminares do monitoramento de *Gubernatrix cristata* no Parque Estadual do Espinilho – RS. In: **Anais do XVII Congresso Brasileiro de Ornitologia**, Aracruz. Biogeografia das aves da Mata Atlântica. TEC ART, Aracruz/ES, p. 28.

DAVIS, S. E. (1993). **Seasonal status, relative abundance, and behavior of the birds of Concepción, Departamento Santa Cruz, Bolivia**. Fieldiana Zoology, New Series, 71: 01-33.

DE LUCA, A. C.; DEVELEY, P. F.; BENCKE, G. A.; GOERCK, J. M. (2009). **Áreas importantes para a conservação das aves no Brasil**. Parte II – Amazônia, Cerrado e Pantanal. São Paulo: Save Brasil, 361pp.

DE LA PEÑA, M. R. (1999). **Aves Argentinas: Lista y distribución**. Editorial L.O.L.A., Buenos Aires, Argentina, 95pp.

DIAS, R. A.; GONÇALVES, M. S. S.; BASTAZINI, V. A. G. (2009). **First nesting record of the Bay-Capped Wren-Spintail *Spartonoica maluroides* (Aves, Furnariidae) in Brazil, with nest and nestling descriptions and notes on breeding behavior**. Iheringia Série Zoológica, 99 (4): 449-455.

DI GIACOMO, A. S. (Ed.). (2005). **Áreas importantes para la conservación de las aves en Argentina: Sitios prioritarios para la conservación de la biodiversidad**. Temas de Naturaleza y Conservación, nº 5, Buenos Aires: Aves Argentinas/Asociación Ornitológica del Plata, 514pp.



DI GIACOMO, A. G. (2005). Aves de la Reserva El Bagual. *In.*: DI GIACOMO, A. G.; KRAPOVICKAS, S. F. (Eds.). **Historia natural y paisaje de la Reserva El Bagual**. Temas de Naturaleza y Conservación, 4, p.201-465.

FACCHINETTI, C.; DI GIACOMO, A. G.; REBOREDA, J. C. (2008). **Parental care in Tawny-bellied (*Sporophila hypoxantha*) and Rusty-collared (*S. collaris*) Seedeaters**. The Wilson Journal of Ornithology, 120 (4): 879-883.

FACCHINETTI, C.; MAHLER, B.; DI GIACOMO, A. G.; REBOREDA, J. C. (2011). A study of different plumage maturation stages in the Tawny-bellied Seedeater: Evidence of delayed plumage maturation and cryptic differentiation between juveniles and females. **The Condor**: No prelo. FENALTI, P. R. (2011). [WA378848, *Spartonoica maluroides* (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)]. Wiki Aves - The Encyclopedia of Brazilian Birds. Available online at: <<http://www.wikiaves.com/378848>> Accessed: 07/07/2011.

FILLOY, J.; BELLOCQ, I. (2006). Spatial variations in the abundance of *Sporophila* seedeaters in the southern Neotropics: contrasting the effects of agricultural development and geographical position. **Biodiversity and Conservation**, 15: 3329-3340.

FONTANA, C. S.; ROVEDDER, C. E.; REPENNING, M.; GONÇALVES, M. L. (2009). Estado atual do conhecimento e conservação da avifauna dos Campos de Cima da Serra do sul do Brasil, Rio Grande do Sul e Santa Catarina. **Revista Brasileira de Ornitologia**, 16 (4): 281-307.

FONTANA, C. S.; REPENNING, M.; ROVEDER, C. E. (2009). Fauna terrestre: Aves. *In.*: Boldrini, I. I. (Orgs.). **Biodiversidade dos campos do Planalto das Araucárias – PROBIO**. Brasília: MMA (Cadernos de Biodiversidade, 30), p.159-207.

FRAGA, R.; BATES, J. M. (2005). Two unreported specimens of Ochre-breasted Pipit *Anthus nattereri* from a new Brazilian locality. **Bulletin of the British Ornithologists' Club**, 125 (1): 66-68.

FRANZ, I.; FONTANA, C. S. (2010). First data on the breeding biology of the tawny-bellied seedeater (*Sporophila hypoxantha*) in south Brazilian high altitude grasslands. **Proceedings of the 25th International Ornithological Congress**. 753pp.

GUYRA PARAGUAY. (2005). **Atlas de las Aves de Paraguay**. Asunción. Paraguay. 212pp.

HASS, A. E SILVA, R. S. 2008. *Culicivora caudacuta* (Vieillot, 1818), p. 628-629. *In.*: MACHADO, A. B. M., G. M. DRUMMOND E A. P. PAGLIA (orgs.) (2008). **Livro vermelho da fauna brasileira ameaçada de extinção**. Brasília, DF: MMA; Belo Horizonte, MG: Fundação Biodiversitas.

HAYES, F. E. (1995). **Status, distribution and biogeography of the birds of Paraguay**. New York: American Birding Association, 230pp.

HELLMAYR, K. E. (1938). **Catalogue of Birds of the Americas and adjacent islands**. Part XI. Field Museum of Natural History Publications 430, Zoology Series, Vol III, 400pp.

HIDROBRASIL. (2011). **Monitoramento da fauna. Complexo Eólico Cerro Chato I, II e III**. Relatório Parcial, julho de 2011. Hidrobrasil, Canoas, Brasil.

HUDSON, W. H. (1920). **Birds of La Plata**. Vol. 2, E. P. Dutton & Co., New York, 28pp.

IAP, INSTITUTO AMBIENTAL DO PARANÁ. (2009). **Planos de Conservação para Espécies de Aves Ameaçadas no Paraná**. IAP/Projeto Paraná Biodiversidade, 279pp.

IGNIS, IGNIS PLANEJAMENTO E IN-FORMAÇÃO AMBIENTAL. (2010). **Lista das espécies da fauna ameaçadas de extinção em Santa Catarina**. Disponível em: <<http://www.ignis.org.br/lista>>. Acesso em: 09/08/2011.



ISACCH, J. P.; MARTÍNEZ, M. M. (2001). Estacionalidad y relaciones con la estructura del hábitat de la comunidad de aves de pastizales de paja colorada (*Paspalum quadrifarium*) manejados con fuego en la provincia de Buenos Aires, Argentina. **Ornitología Neotropical**, 12: 345-354.

ISACCH J. P.; HOLZ, S.; RICCI, L.; MARTÍNEZ, M. M. (2004). **Post fire vegetation change and bird use of a salt marsh in coastal Argentina**. *Wetlands*, 2: 235-243.

IUCN. (2011). IUCN **Red List of Threatened Species**. Version 2011.1. <[www.iucnredlist.org](http://www.iucnredlist.org)>. Downloaded on 10/07/2011.

JACOBS, F. P.; VIZENTIN-BUGONI, J.; COIMBRA, M. A. A.; DIAS, R. A. (2010). Breeding biology of the marsh seedeater (*Sporophila palustris*) in southern Brazil. In: MIYAKI, C. Y.; HÖFLING, E.; DONATELLI, R. J. (Orgs.). **Anais do 25th International Ornithological Congress**, p.760.

KIRWAN. G. M.; ARETA, J. I. (2009). **Black-and-tawny Seedeater *Sporophila nigrorufa* in the cerrados of western Mato Grosso, Brazil**. *Neotropical Birding*, 4: 69-72.

KRÜGEL, M. M.; GRESSLER, D. T.; BEHR, E. R.; ACCORDI, I. A.; Pinheiro, G. C. (2008). Recent records of the Bearded Tachuri *Polystictus pectoralis* (Tyrannidae) (Vieillot 1817) in the state of Rio Grande do Sul, Brasil. **Revista Brasileira de Ornitologia**, 16 (4): 366-368.

LEITE, M. V. 2010. [WA104956, *Pseudoseisura lophotes* (Reichenbach, 1853)]. **Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil**. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/104956>> Acesso em: 14 Jul 2011.

LIJTMAYER, D. A.; SHARPE, N. M. M.; TUBARO, P. L.; Loughheed, S. C. (2004). **Molecular phylogenetics and diversification of the genus *Sporophila* (Aves: Passeriformes)**. *Molecular Phylogenetics and Evolution*, 33 (3): 562-579.

LLAMBÍAS, P. E.; FERRETI, V.; CARDONI, D. A.; MALDONADO, J. E. (2009). Breeding success and social mating system of the bay-capped wren-spinetail (*Spartonoica maluroides*). **The Wilson Journal of Ornithology**, 121: 803-807.

LOPES, L. E.; MALACCO, G. B.; FRANC, E.; ALTEFF, A.; VASCONCELOS, M. F.; HOFFMANN, D.; SILVEIRA, L. F. (2009). **Range extensions and conservation of some threatened or little known Brazilian grassland birds**. *Bird Conservation International*, 19: 1-11.

LOPES, L. E.; MALACCO, G. B.; FRANC, E.; ALTEFF, A.; VASCONCELOS, M. F.; HOFFMANN, D.; SILVEIRA, L. F. (2010). **Range extensions and conservation of some threatened or little known Brazilian grassland birds**. *Bird Conservation International*, 20: 84-94.

MACHADO, A. B. M.; DRUMMOND, G. M.; PAGLIA, A. P. (Eds.). (2008). **Livro vermelho da fauna brasileira ameaçada de extinção**. 1ª Ed., Vol. 2, Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversistas, Brasília, DF, Brasil, 1420pp.

MACHADO, É.; SILVEIRA, L. F. (2010). Geographical and seasonal distributions of the seedeaters *Sporophila bouvreuil* and *Sporophila pileata* (Aves: Emberizidae). **Papeis Avulsos Zoológicos**, 50 (32): 517-533.

MACHADO, E.; SILVEIRA, L. F. (2011). Plumage variability and taxonomy of the Capped Seedeater *Sporophila bouvreuil* (Aves: Passeriformes: Emberizidae). **Zootaxa**, 2781: 49-62.

MARCHIORI, J. N. C. (2002). **Fitogeografia do Rio Grande do Sul: enfoque histórico e sistema de classificação**. Porto Alegre: Ed. EST, 2002. 118p.

MARTINS-FERREIRA, C.; FREITAS, T. R. O. (2010). Genetic diversity and population structure of the endangered yellow cardinal *Gubernatrix cristata* and implications to its conservation efforts. In: **25th International Ornithological Congress**, Campos do Jordão, p.868.



MLÍKOVSKÝ, J. (2009). New data on the distribution of the Marsh Tapaculo (*Scytalopus iraiensis*, Rhinocryptidae). **Ornitologia Neotropical**, 20: 143-146.

MMA. (2003). Lista Nacional das Espécies da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção. Anexo à Instrução Normativa no. 3 do MMA, de 25/05/2003, publicada no Diário Oficial da União no. 101, de 28/05/2003, Seção 1, p. 88.

NAROSKY, T.; YZURIETA, D. (1993). **Birds of Argentina e Uruguay**. Buenos Aires, Argentina. 2<sup>th</sup> edition, 346pp.

NUNES, A. P. (2010). Estado de conservação da avifauna ameaçada de extinção ocorrente no Pantanal, Brasil. **Atualidades Ornitológicas**, 157: 85-98.

NUNES, A. P.; TIZIANEL, F. A. T.; TOMAS, W. M. (2006). **Aves ameaçadas de extinção ocorrentes no Pantanal**. Série Documentos, 83: 01-47.

NUNES, A. P.; TIZIANEL, F. A. T.; TOMAS, W. M.; LUPINETTI, C. (2009). Aves da fazenda Nhumirim e seus arredores: Lista 2008. **Boletim de Pesquisa e Desenvolvimento**, 89: 01-44.

OLIVEIRA, G. B. (2010). [WA221389, *Pseudoseisura lophotes* (Reichenbach, 1853)]. **Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil**. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/221389>> Acesso em: 07/09/2011.

PILLAR, V. P.; MÜLLER, S. C.; CASTILHOS, Z. M. S.; JACQUES, A. V. A. (Eds.). (2009). **Campos sulinos: Conservação e uso sustentável da biodiversidade**. Brasília: MMA, 403pp.

PINTO, O. M. O. (1978). **Novo catálogo das aves do Brasil**, 1. São Paulo: Emp. Gráfica da Revista dos Tribunais SA, 124pp.

REMSEN, J. V.; CADENA, C. D.; JARAMILLO, A.; NORES, M.; PACHECO, J. F.; PÉREZ-EMÁN, J.; ROBBINS, M. B.; STILES, F. G.; STOTZ, D. F.; ZIMMER, K. J. (2001). **A classification of the bird species of South America**. **American Ornithologists' Union**. Disponible in <<http://www.museum.lsu.edu/~Remsen/SACCBaseline.html>>. Access on: 21/06/2011.

REMSEN, J. V. (2003). Furnariidae (ovenbirds). In: DEL HOYO, J., ELLIOTT, A. & CHRISTIE, D. A. (Eds.) **Handbook of the birds of the world**, 8. Barcelona: Lynx Edicions.

REPENNING, M. (2006). [WA146021, *Leptasthenura platensis* Reichenbach, 1853]. **Wiki Aves - The Encyclopedia of Brazilian Birds**. Available online at: <<http://www.wikiaves.com/146021>> Accessed: 07/07/2011.

REPENNING, M.; FONTANA, C. S. (2008). Novos registros de aves raras e/ou ameaçadas de extinção na Campanha do sudoeste do Rio Grande do Sul, Brasil. **Revista Brasileira de Ornitologia**, 16: 58-63.

REPENNING, M.; ROVEDDER, C. E.; FONTANA, C. S. (2010). Distribuição e biologia de aves nos campos de altitude do sul do Planalto Meridional Brasileiro. **Revista Brasileira de Ornitologia**, 18 (4): 283-306.

REPENNING, M. (2010). [WA353985, WA256970 *Sporophila ruficollis* Cabanis, 1851]. **Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil**. Disponível em: <http://www.wikiaves.com/353985>. Acesso em: 05/07/2011.

RIDGELY, R. S.; TUDOR, G. (1989). **The Birds of South America: Volume 1: The Oscine Passerines**. Oxford: Oxford University Press, 596pp.

REPENNING, M. (2011). [WA302177, *Limnocites rectirostris* (Gould, 1839)]. **Wiki Aves - The Encyclopedia of Brazilian Birds**. Available online at: <<http://www.wikiaves.com/302177>> Accessed: 07/07/2011.



RIDGELY, R. S.; TUDOR, G. (1989). **The Birds of South America: Volume 1: The Oscine Passerines**. Oxford: Oxford University Press, 596pp.

RIDGELY, R. S.; TUDOR, G. (1994). **The birds of South America, The Suboscines Passerines**. v.2, Austin: University of Texas Press, 940pp.

RITTER, R. (2011). [WA339362, *Drymornis bridgesii* (Eyton, 1850)]. **Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil**. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/339362>> Acesso em: 14/07/2011.

ROCHA, G. (2008). **Aves del Uruguay, el país de los pájaros pintados**. Tomo 3. Montevideo, Ediciones de la Banda Oriental. 135pp.

ROTH, P. R. (2011). [WA360002, *Drymornis bridgesii* (Eyton, 1850)]. **Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil**. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/360002>> Acesso em: 14/07/2011.

ROSÁRIO, L. A. (1996). **As aves em Santa Catarina: distribuição geográfica e meio ambiente**. Florianópolis: FATMA, 326pp.

SALAROLI, B. F. (2010). [WA118403, *Sporophila ruficollis* Cabanis, 1851]. **Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil**. Disponível em: <http://www.wikiaves.com/118403>. Acesso em: 10/7/2011.

SANTOS, R. E. F. (2007). Novo registro documentado do galito *Alectrurus tricolor* (Vieillot, 1816) para o estado do Paraná, Brasil. **Atualidades Ornitológicas**, 140: 12-13.

SANTOS, R. E. F.; SCHERER-NETO, P. (2009). Aves de campos e várzeas. In: Paraná, Instituto Ambiental do. **Planos de Ação para Espécies de Aves Ameaçadas no Paraná**. IAP/Projeto Paraná Biodiversidade. p.197-229.

SCARANO, F. R. 2012. **Biomás Brasileiros – Retratos de um país plural**. Editora Casa da Palavra. 304pp.

SHARPE, R. B. (1888). **Catalogue of the birds in the British Museum**. Vol. 12. London. Taylor and Francis. 871pp.

SHORT, L. L. (1969). Relationships among some South American seedeaters (*Sporophila*), with a record of *S. hypochroma* for Argentina. **Wilson Bulletin**, 81: 216-219.

SICK, H. (1997). **Ornitologia brasileira**. 2ª ed., Nova Fronteira, Rio de Janeiro, Brasil, 862pp.

SILVA, J. M. C. (1999). Seasonal movements and conservation of seedeaters of the genus *Sporophila* in South America. In: VICKERY P. D.; HERKERT, J. R. (Eds.). **Ecology and conservation of grassland birds of the Western Hemisphere**. Lawrence: Cooper Ornithological Society, Studies in Avian Biology, nº19, p.272-280.

SILVEIRA, L. F. (1998). **The birds of Serra da Canastra National Park and adjacent areas**, Minas Gerais, Brazil. *Cotinga*, 10: 55-65.

SOMENZARI, M.; SILVEIRA, L. F.; PIACENTINI, V. Q.; REGO, M. A.; SCHUNCK F.; CAVARZERE, V. (2011). Birds of an Amazonia-Cerrado ecotone in southern Pará, Brazil, and the efficiency of associating multiple methods in avifaunal inventories. **Revista Brasileira de Ornitologia**, 19 (2): 260-275.

SOUSA, N. O. M.; MARINI, M. A. (2007). Biologia de *Culicivora caudacuta* (Aves-Tyrannidae) no Cerrado, Brasília, DF. **Revista Brasileira de Ornitologia**, 15 (4): 569-573.

STRAUBE, F. C.; BORNSCHEIN, M. R.; SCHERER-NETO, P. (1996). **Coletânea da avifauna da região Noroeste do Estado do Paraná e áreas limítrofes (Brasil)**. Arquivos de Biologia e Tecnologia, Curitiba, 39 (1): 193-214.

STRAUBE, F. C.; CARRANO, E.; SANTOS, R. E. F.; SCHERER-NETO, P.; RIBAS, C. F.; MEIJER, A. A. R.; VALLEJOS, M. A. V.; LANZER, M.; KLEMMANN-JÚNIOR, L.; SILVA, M. A.; URBEN-FILHO, A.; ARZUA,



- M.; LIMA, A. M. X.; SOBÂNIA, R. L. M.; DECONTO, L. R.; BISPO, A. A.; JESUA, S.; ABILHÔA, V. (2009). Aves de Curitiba. **Coletânea de registros**. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 280pp.
- STRAUBE, F. C.; KRUL, R.; CARRANO, E. (2005). Coletânea da avifauna na região sul do Estado do Paraná (Brasil). **Atualidades Ornitológicas**, 125: 10-72.
- STRAUBE, F. C.; URBEN-FILHO, A.; KAJIWARA, D. (2004). Aves. In: MIKICH, S. B.; BÉRNILS, R. S. (Eds.). **Livro vermelho da fauna ameaçada no Estado do Paraná**. Curitiba: Instituto Ambiental do Paraná, p.143-496.
- TOBIAS, J. A.; SEDDON, N. (2007). Nine bird species new to Bolivia and notes on other significant records. **Bulletin of the British Ornithologists' Club**, 127 (1): 49-84.
- UEJIMA, A. M. K.; BORNSCHEIN, M. R. (2007). Capítulo 11: Aves dos Campos Gerais. In: MELLO, M. S.; MORO, R. S.; GUIMARÃES, G. B. (Eds.). **Patrimônio Natural dos Campos Gerais do Paraná**. Ponta Grossa: Editora UEPG, p.109-121.
- VASCONCELOS, M. F.; D'ANGELO NETO, S.; KIRWAN, G. M.; BORNSCHEIN, M. R.; DINIZ, M. G.; SILVA, J. F. (2006). Important ornithological records from Minas Gerais state, Brazil. **Bulletin of the British Ornithologists' Club**, 126 (3): 212-238.
- VASCONCELOS, M. F.; MAURÍCIO, G. N.; KIRWAN, G. M.; SILVEIRA, L. F. (2008). Range extension for Marsh Tapaculo *Scytalopus iraiensis* to the highlands of Minas Gerais, Brazil, with an overview of the species' distribution. **Bulletin of the British Ornithologists' Club**, 128 (2): 101-106.
- VICKERY P. D.; TUBARO, P. L.; SILVA, J. M. C.; PETERJOHN, B. G.; HERKERT, J. R.; CAVALCANTI, R. B. (1999). **Conservation of grassland birds in the western hemisphere**. Studies in Avian Biology, 19: 02-26
- VICKERY, P. D.; HERKERT, J. R. (Eds.). (1995). **Ecology and conservation of grassland birds of the western hemisphere**. Studies in Avian Biology, n.9, 299pp.
- VIDOZ, J. Q.; JAHN, A. E.; MAMANI, A. M. (2010). **The avifauna of Estación Biológica Caparú**, Bolivia. Cotinga, 32: 51-68.
- VIZENTIN-BUGONI, J. (2008). [WA455703, *Sporophila palustris* (Barrows, 1883)]. **Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil**. Disponível em: <http://www.wikiaves.com/455703>. Acesso em: 29/09/2011.
- VIZENTIN-BUGONI, J. (2008). [WA455691, *Sporophila cinnamomea* (Lafresnaye, 1839)]. **Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil**. Disponível em: <http://www.wikiaves.com/455691>. Acesso em: 29/09/2011.
- VIZENTIN-BUGONI, J. (2009). [WA451759, *Sporophila ruficollis* Cabanis, 1851]. **Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil**. Disponível em: <http://www.wikiaves.com/451759>. Acesso em: 29/09/2011.
- ZIMMER, K. J.; WHITTAKER, A. (2009). **Records of Hudson's Canastero *Asthenes hudsoni* from Rio Grande do Sul**, Brazil. Cotinga, 31: 44-46.
- WEGE, D. C.; COLLAR, N. J. (1995). **The distribution and conservation status of the Bearded Tachuri *Polystictus pectoralis***. Bird Conservation International, 5: 367-390.
- WILLIS, E. O.; ONIKI, Y. (1990). Levantamento preliminar das aves de inverno em dez áreas do sudoeste de Mato Grosso, Brasil. **Ararajuba**, 01: 19-38.
- WILLIS, E. O.; ONIKI, Y. (1993). New and reconfirmed birds from the state of São Paulo, Brazil, with notes on disappearing species. **Bulletin of the British Ornithologists' Club**, 113 (1): 23-34.
- WILLIS, E. O. (2004). Birds of a habitat spectrum in the Itirapina savanna, São Paulo, Brazil (1982-2003). **Brazilian Journal of Biology**, 64 (4): 901-910.





**ANEXOS**



## PROGRAMA DE CATIVEIRO DO CARDEAL-AMARELO

Considerando que os Planos de Ação Nacionais para a Conservação de Espécies Ameaçadas de Extinção possuem a finalidade de definir ações *in situ* e *ex situ* para conservação e recuperação de espécies, como instrumentos de implementação da Política Nacional da Biodiversidade, é no âmbito dos mesmos que são criados e conduzidos os Programas de Cativeiro de Espécies Ameaçadas, conforme definido pela Instrução Normativa nº 22, de 27 de março de 2012.

Os Programas de Cativeiro vinculados aos PAN são instituídos pelo Presidente do Instituto Chico Mendes, por meio de portaria específica e são criados para atender às demandas individuais de cada espécie identificada no Plano. Para o PAN Campos Sulinos e Espinilho identificou-se a necessidade imediata de criação deste Programa para o cardeal-amarelo (*Gubernatrix cristata*).

O cardeal-amarelo já era considerado escasso no Brasil nas décadas de 1970 e 1980 e atualmente subsiste em números extremamente reduzidos na natureza. A pressão de captura sobre a espécie é intensa e a tendência é a sua rápida extinção no país se providências não forem tomadas para coibir a retirada de exemplares da natureza e para tentar recuperar populações viáveis no ambiente natural.

A reprodução em cativeiro fornece os meios para conservar espécies cujas populações não sejam viáveis na natureza. Populações cativas de espécies ameaçadas são manejadas para reter altos níveis de diversidade genética sobre longos períodos. Minimização do parentesco é a estratégia de manejo genético atualmente recomendada. Neste sentido, a reprodução em cativeiro e reintrodução podem ser vistos como um processo envolvendo seis estágios:

- Declínio da população selvagem e suas consequências genéticas;
- Fundação de uma população em cativeiro;
- Crescimento da população em cativeiro para um tamanho seguro;
- Manejo da população em cativeiro ao longo de gerações;
- Seleção de indivíduos para reintrodução;
- Manejo da população reintroduzida (provavelmente fragmentada) na natureza.

Sendo que três constituem-se no foco principal para o programa de reprodução em cativeiro do cardeal-amarelo:

- 1) Fundação da população em cativeiro;
- 2) Crescimento dessa população;
- 3) Manejo dessa população ao longo de gerações

Em cada uma das três fases o foco é dado em diferentes prioridades:

### **Fundação**

- Pesquisa básica para desenvolver técnicas de criação e esforços para assegurar a reprodução dos fundadores.

### **Crescimento**

- Rápida reprodução e expansão da população para múltiplas instalações.

### **Manutenção**

- A população é mantida a zero crescimento populacional, em um tamanho determinado pelos objetivos genéticos do programa.

## FASE DE FUNDAÇÃO

### **Estabelecimento da população fundadora**

Fundadores potenciais podem vir de diferentes fontes ou ser de fontes desconhecidas. O processo de fundação determina as características genéticas e, em última análise, afeta o valor de



conservação da população em cativeiro. Sendo o objetivo desse programa abranger a diversidade genética encontrada nas populações selvagens e minimizar o subsequente endocruzamento, então uma amostra totalmente representativa dos fundadores é necessária. O objetivo atual do manejo de espécies em cativeiro é manter 90% da diversidade genética por 100 anos. Isso pode acarretar alguns trade-offs econômicos. Com poucos fundadores, o custo inicial de obter indivíduos é minimizado, mas são necessárias grandes populações para manter a variabilidade genética e evitar endocruzamento. Os custos subsequentes serão muito maiores. Com um número de fundadores maior, o custo inicial é maior, mas o custo subsequente é reduzido, gerando economias substanciais em longo prazo. Devido a isso a IUCN recomendou que populações em cativeiro fossem fundadas antes que as populações selvagens caiam abaixo de 1.000 indivíduos. Os benefícios disso são:

- 1) A capacidade de obter fundadores selvagens com baixos níveis de endogamia;
- 2) Remoção de animais será menos prejudicial para as populações selvagens do que quando elas são menores;
- 3) Proporciona tempo para desenvolver técnicas de criação em cativeiro adequadas.

O Programa de Cativeiro do Cardeal-amarelo encontra-se em fase final de elaboração, sendo que protocolos de manutenção e reprodução em cativeiro, de reintrodução, de avaliação sanitária, de identificação de áreas de soltura e de monitoramento pré e pós-soltura para a espécie tem sido elaborados, de forma participativa, desde agosto de 2011. Este programa conterà as ações estratégicas para conservação *ex situ* da espécie; os protocolos necessários ao manejo, manutenção e pareamento dos animais em cativeiro; o Livro de Registro Genealógico da população cativa, quando couber; e os relatórios anuais contemplando, além dos resultados de execução das ações estratégicas, as movimentações e pareamentos realizados e análises de viabilidade demográfica e genética da população cativa. O Instituto Chico Mendes manterá em seu portal eletrônico informações sobre os Programas de Cativeiro instituídos, assim como a lista dos mantenedores participantes.



## PORTARIA Nº 78, DE 3 DE SETEMBRO DE 2009

O PRESIDENTE DO INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE, no uso de suas atribuições, Considerando a Portaria nº 214, de 8 de julho de 2009, que delega competência ao Presidente do Instituto Chico Mendes para denominar, fixar os locais de funcionamento e estabelecer atribuições aos Centros Especializados previstos no Art.3º,V,a do Anexo I do Decreto nº 6.100 de 26 de abril de 2007; Considerando a necessidade de geração de conhecimento científico aplicado à conservação da biodiversidade, assim como para o uso e conservação dos recursos naturais nas Unidades de Conservação federais; Considerando a necessidade de execução de ações planejadas para conservação de espécies ameaçadas de extinção constantes das listas oficiais nacionais, principalmente nas áreas naturais não protegidas como Unidades de Conservação; Considerando a necessidade de identificação das unidades organizacionais descentralizadas dedicadas à pesquisa científica e à execução de ações planejadas para conservação da biodiversidade, para efeito de nomeação de cargos, lotação de servidores, provisão de recursos de manutenção e locação de bens patrimoniais; resolve:

Art. 1º- Criar os Centros Nacionais de Pesquisa e Conservação abaixo denominados, com o objetivo de reconhecê-los como unidades descentralizadas às quais compete produzir por meio da pesquisa científica, do ordenamento e da análise técnica de dados o conhecimento necessário à conservação da biodiversidade, do patrimônio espeleológico e da sócio-biodiversidade associada a povos e comunidades tradicionais, bem como executar as ações de manejo para conservação e recuperação das espécies constantes das listas oficiais nacionais de espécies ameaçadas, para conservação do patrimônio espeleológico e para o uso dos recursos naturais nas Unidades de Conservação federais de Uso Sustentável;

I - Centros com expertise técnico-científica em biomas, ecossistemas ou manejo sustentado dos recursos naturais.

a. Centro Nacional de Pesquisa e Conservação da Biodiversidade Amazônica - CEPAM, sediado no município de Manaus, no estado do Amazonas, com o objetivo de realizar pesquisas científicas e ações de manejo para conservação e recuperação de espécies ameaçadas e para o monitoramento da biodiversidade do bioma Amazônia e seus ecossistemas, assim como auxiliar no manejo das Unidades de Conservação federais do citado bioma;

b. Centro Nacional de Pesquisa e Conservação da Biodiversidade do Cerrado e Caatinga – CECAT, sediado em Brasília, no Distrito Federal, com o objetivo de realizar pesquisas científicas e ações de manejo para conservação e recuperação de espécies ameaçadas e para o monitoramento da biodiversidade dos biomas Cerrado e Caatinga, com ênfase nas espécies da flora, invertebrados terrestres e polinizadores, assim como auxiliar no manejo das Unidades de Conservação federais do Cerrado e da Caatinga, especialmente por meio de estudos de vegetação;

c. Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Cavernas - CECAV, sediado em Brasília, no Distrito Federal, com o objetivo de realizar pesquisas científicas e ações de manejo para conservação dos ambientes cavernícolas e espécies associadas, assim como auxiliar no manejo das Unidades de Conservação federais com ambientes cavernícolas;

d. Centro Nacional de Pesquisa e Conservação da Socio-biodiversidade Associada a Povos e Comunidades Tradicionais - CNPT, sediado em São Luis, município de São Luis, estado do Maranhão, com objetivo de promover pesquisa científica em manejo e conservação de ambientes e territórios utilizados por povos e comunidades tradicionais, seus conhecimentos, modos de organização social, e formas de gestão dos recursos naturais, em apoio ao manejo das Unidades de Conservação federais.

II - Centros com expertise técnico-científica em grupos taxonômicos;

a. Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Tartarugas Marinhas - TAMAR, sediado em Arembepé, município de Camaçari, no estado da Bahia, com o objetivo de realizar pesquisas científicas e ações de manejo para conservação e recuperação de espécies ameaçadas de tartarugas marinhas, assim como atuar na conservação da biodiversidade marinha e costeira, com ênfase nas espécies de peixes e invertebrados marinhos ameaçados, e auxiliar no manejo das Unidades de Conservação federais marinhas e costeiras;

b. Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Peixes Continentais - CEPTA, sediado no município de Pirassununga, no estado de São Paulo, com o objetivo de realizar pesquisas científicas e ações de manejo para conservação e recuperação de espécies ameaçadas de peixes continentais, assim como atuar na conservação



da biodiversidade aquática dos biomas continentais, com ênfase nos Biomas Pantanal e Amazônia, e auxiliar no manejo das Unidades de Conservação federais com ecossistemas dulcícolas;

c. Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Mamíferos Aquáticos - CMA, sediado no município de Itamaracá, no estado de Pernambuco, com o objetivo de realizar pesquisas científicas e ações de manejo para conservação e recuperação de espécies ameaçadas de mamíferos aquáticos, assim como atuar na conservação de espécies migratórias, na conservação da biodiversidade dos ecossistemas recifais, estuarinos e de manguezais, e auxiliar no manejo das Unidades de Conservação federais marinhas, costeiras e da bacia Amazônica;

d. Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Primatas Brasileiros - CPB, sediado no município de João Pessoa, no estado da Paraíba, com o objetivo de realizar pesquisas científicas e ações de manejo para conservação e recuperação de espécies ameaçadas de primatas brasileiros, assim como atuar na conservação das espécies ameaçadas de mamíferos terrestres, na conservação da biodiversidade do bioma Mata Atlântica e auxiliar no manejo das Unidades de Conservação federais;

e. Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Aves Silvestres - CEMAVE, sediado no município de Cabedelo, no estado da Paraíba, com o objetivo de realizar pesquisas científicas e ações de manejo para conservação e recuperação de espécies de aves ameaçadas, assim como atuar na conservação das espécies migratórias, na conservação da biodiversidade dos biomas continentais, marinhos e costeiros e auxiliar no manejo das Unidades de Conservação federais;

f. Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Mamíferos Carnívoros - CENAP, sediado no município de Atibaia, no estado de São Paulo, com o objetivo de realizar pesquisas científicas e ações de manejo para conservação e recuperação de espécies ameaçadas de mamíferos carnívoros continentais, assim como atuar na conservação dos mamíferos terrestres ameaçados, na conservação dos biomas continentais e auxiliar no manejo das Unidades de Conservação federais;

g. Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Répteis e Anfíbios - RAN, sediado no município de Goiânia, no estado de Goiás, com o objetivo de realizar pesquisas científicas e ações de manejo para conservação e recuperação de espécies ameaçadas de répteis e anfíbios, assim como atuar na conservação dos biomas continentais, costeiros e marinhos e auxiliar no manejo das Unidades de Conservação federais;

§ 1º - Os Centros Nacionais de Pesquisa e Conservação buscarão implementar as parcerias necessárias com instituições científicas e acadêmicas para maximizar a consecução dos seus objetivos.

§ 2º - Os Centros Nacionais de Pesquisa e Conservação poderão dispor de Bases Avançadas para sua atuação, que contarão necessariamente com patrimônio, quadro de servidores do Instituto e responsáveis devidamente designados;

Art. 2º - Considera-se Base Avançada unidade física do Instituto Chico Mendes, mantida em estrutura própria ou formalmente cedida, localizada em sítio estratégico para execução de ações de pesquisa e conservação afetas aos Centros Nacionais de Pesquisa e Conservação, podendo ser compartilhada com instituições parceiras mediante acordos específicos formalmente estabelecidos.

§ 1º - Para os efeitos desta portaria, consideram-se os seguintes tipos de Base Avançada:

I - Base Avançada, quando vinculada a apenas um Centro Nacional de Pesquisa e Conservação e instalada em estrutura física exclusivamente definida para este fim;

II - Base Avançada Multifuncional, quando instalada em estrutura física partilhada com outro Centro Nacional de Pesquisa e Conservação ou unidade descentralizada do Instituto Chico Mendes; e

III - Base Avançada Compartilhada, quando vinculada a um ou mais Centros Nacionais de Pesquisa e Conservação e instalada em estrutura física de instituições parceiras, mediante acordo de cooperação formalmente estabelecido para este fim.

§ 2º - As Bases Avançadas Multifuncionais poderão ser instaladas na sede de Centros Nacionais de Pesquisa e Conservação, na sede de Coordenação Regional ou em Unidade de Conservação federal;

§ 3º - Nos casos previstos no parágrafo anterior, o funcionamento da Base Avançada Multifuncional se dará mediante um plano de trabalho anual aprovado pelo chefe do Centro Nacional de Pesquisa e Conservação, pelo chefe da unidade descentralizada e chancelado pela Diretoria de vinculação do Centro, no início de cada exercício, com o correspondente relatório de atividades ao final do mesmo;

§ 4º - O funcionamento das Bases Avançadas e Bases Avançadas Compartilhadas se dará mediante plano de trabalho aprovado pelo Chefe do Centro Nacional de Pesquisa e Conservação e chancelado pela Diretoria de vinculação do Centro, no início de cada exercício e com o correspondente relatório de atividades no final do mesmo;

I - Os planos de trabalho das Bases Avançadas Compartilhadas deverão guardar coerência com os planos de trabalhos integrantes dos acordos de parcerias firmados.

§ 5º - Só serão instaladas Bases Avançadas Multifuncionais em Unidades de Conservação federais quando sua área de atuação extrapolar os limites geográficos da Unidade e zona de amortecimento, caso contrário tal atuação será de competência da Unidade de Conservação federal, com orientação do Centro Nacional de Pesquisa e Conservação;



§ 6º - As Bases Avançadas Compartilhadas mantidas por parceiros serão automaticamente extintas ao final do acordo de cooperação celebrado para este fim e os bens e servidores lotados transferidos para outra unidade do Instituto Chico Mendes.

Art. 3º - Ficam igualmente criadas as Bases Avançadas listadas nos Anexos I, II e III Parágrafo Único - Os Anexos I, II e III poderão ser alterados a qualquer momento por necessidade de estabelecimento de novas bases ou extinção das atuais.

Art. 4º - O regimento interno do Instituto Chico Mendes detalhará as atribuições dos Centros Nacionais de Pesquisa e Conservação ora criados e seus limites de atuação.

Art. 5º - As Bases Avançadas Compartilhadas previstas nesta portaria, que não são ainda objeto de instrumento de acordo de parceria devidamente firmado ou que já expiraram, terão o prazo de 90 (noventa dias) dias para publicação dos mencionados instrumentos;

Parágrafo único - As Bases mencionadas no caput deste artigo não poderão ter servidores públicos federais lotados nessas unidades até a sua formalização oficial.

Art. 6º - O Centro Nacional de Pesquisa e Conservação da Biodiversidade do Cerrado e Caatinga - CECAT absorverá a estrutura do Centro Nacional de Orquídeas, Plantas Ornamentais, Medicinais e Aromáticas - COPOM, que fica automaticamente extinto.

Parágrafo único - a estrutura que representa o Orquidário Nacional fica excluída da estrutura a ser absorvida pelo Centro Nacional de Pesquisa e Conservação da Biodiversidade do Cerrado e Caatinga - CECAT.

Art. 7º - Revogam-se as disposições em contrário.

Art. 8º - Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação.

RÔMULO JOSÉ FERNANDES BARRETO MELLO  
Presidente do Instituto Chico Mendes

#### ANEXO I

Bases Avançadas:

- a. Base Avançada do CNPT em Rio Branco, município de Rio Branco, estado do Acre;
- b. Base Avançada do CEMAVE no município de Jeremoabo, município de Jeremoabo, no estado da Bahia;
- c. Base Avançada do TAMAR em Vitória, no município de Vitória, no estado do Espírito Santo e
- d. Base Avançada do TAMAR em Almofala, no município de Itarema, no estado do Ceará.

#### ANEXO II

Bases Avançadas Multifuncionais:

- a. Base Avançada Multifuncional do CMA no Piauí, na Área de Proteção Ambiental do Delta do Parnaíba, no município de Cajueiro da Praia, no estado do Piauí;
- b. Base Avançada Multifuncional do CMA na Paraíba, na Área de Proteção Ambiental da Barra do Rio Mamanguape, no município de Rio Tinto, no estado da Paraíba;
- c. Base Avançada Multifuncional do CMA de Fernando de Noronha, no Parque Nacional Marinho de Fernando de Noronha, Distrito Estadual de Fernando de Noronha, no estado de Pernambuco, especializada em pesquisa, monitoramento e conservação da biodiversidade de ecossistemas recifais;
- d. Base Avançada Multifuncional do CMA no Rio de Janeiro, na Reserva Extrativista Arraial do Cabo, no município de Arraial do Cabo, no estado do Rio de Janeiro; e. Base Avançada Multifuncional do CMA, em Santa Catarina, na Estação Ecológica de Carijós, no município de Florianópolis, no estado de Santa Catarina;
- f. Base Avançada Multifuncional do CNPT, em Santa Catarina, na Estação Ecológica de Carijós, no município de Florianópolis, no estado de Santa Catarina;
- g. Base Avançada Multifuncional do CNPT na Chapada dos Guimarães, no Parque Nacional da Chapada dos Guimarães, no município de Chapada dos Guimarães, no estado do Mato Grosso;
- h. Base Avançada Multifuncional do CNPT em Goiânia, na sede do RAN, no município de Goiânia, estado de Goiás;
- i. Base Avançada Multifuncional do CECAV no Parque Nacional da Chapada dos Guimarães, no município de Chapada dos Guimarães, no estado de Mato Grosso;
- j. Base Avançada Multifuncional do CECAV de Lagoa Santa, na área de Proteção Ambiental de Carste de Lagoa Santa, no município de Lagoa Santa, no estado de Minas Gerais;
- k. Base Avançada Multifuncional do CEMAVE, em Santa Catarina, na Estação Ecológica de Carijós, no município de Florianópolis, no estado de Santa Catarina;
- l. Base Avançada Multifuncional do CEMAVE de Brasília, no Parque Nacional de Brasília, em Brasília, no Distrito Federal;



- m. Base Avançada Multifuncional do RAN de Lagoa Santa, na Área de Proteção Ambiental do Carste de Lagoa Santa, no município de Lagoa Santa, no estado de Minas Gerais;
- n. Base Avançada Multifuncional do CEPTA no Pantanal, no Parque Nacional do Pantanal Matogrossense, município de Poconé, no estado de Mato Grosso;
- o. Base Avançada Multifuncional do CEPTA na Reserva Biológica União, município de Casemiro de Abreu, no estado do Rio de Janeiro;
- p. Base Avançada Multifuncional do CEPTA no Araguaia, na Área de Proteção Ambiental dos Meandros do Araguaia, município de São Miguel do Araguaia, no estado de Goiás;
- q. Base Avançada Multifuncional do CENAP no Parque Nacional do Iguaçu, município de Foz do Iguaçu, no estado do Paraná;
- r. Base Avançada Multifuncional do TAMAR de Pirambu, na Reserva Biológica de Santa Izabel, no município de Pirambu, no estado de Sergipe;
- s. Base Avançada Multifuncional do TAMAR de Regência, na Reserva Biológica de Comboios, no município de Linhares, no estado do Espírito Santo e
- t. Base Avançada Multifuncional do TAMAR de Fernando de Noronha, no Parque Nacional Marinho de Fernando de Noronha, Distrito Estadual de Fernando de Noronha, no estado de Pernambuco.

### ANEXO III

#### Bases Avançadas Compartilhadas:

- a. Base Avançada Compartilhada do CMA no Pará, no município de Belém, no estado do Pará;
- b. Base Avançada Compartilhada do CMA em São Luis, no município de São Luis, estado do Maranhão;
- c. Base Avançada Compartilhada do CMA em Alagoas, no município de Porto das Pedras, no estado de Alagoas;
- d. Base Avançada Compartilhada do CECAV no Rio Grande do Norte, no município de Natal, no estado do Rio Grande do Norte;
- e. Base Avançada Compartilhada do RAN no Mato Grosso do Sul, no município de Campo Grande, no estado do Mato Grosso do Sul;
- f. Base Avançada Compartilhada do TAMAR em Itajaí, no município de Itajaí, no estado de Santa Catarina, especializada em pesquisa e ações de conservação para as espécies ameaçadas do bioma marinho;
- g. Base Avançada Compartilhada do TAMAR da Praia de Pipa, no município de Tibau do Sul, no estado do Rio Grande do Norte;
- h. Base Avançada Compartilhada do TAMAR da Praia do Forte, no município de Mata de São João, no estado da Bahia;
- i. Base Avançada Compartilhada do TAMAR de Guriri, no município de São Mateus, no estado do Espírito Santo;
- j. Base Avançada Compartilhada do TAMAR de Ubatuba, no município de Ubatuba, no estado de São Paulo;
- k. Base Avançada Compartilhada do TAMAR na Barra da Lagoa, no município de Florianópolis, no estado de Santa Catarina;
- l. Base Avançada Compartilhada do TAMAR de Sitio do Conde, município de Conde, no estado da Bahia;
- m. Base Avançada Compartilhada do TAMAR de Costa do Sauipe, no município de Mata de São João, no estado da Bahia e
- n. Base Avançada Compartilhada do TAMAR em Povoação, município de Linhares, no estado do Espírito Santo.



## PORTARIA CONJUNTA MMA E ICMBIO Nº 316, DE 9 DE SETEMBRO DE 2009

O Ministro de Estado do Meio Ambiente e o Presidente do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - INSTITUTO CHICO MENDES, no uso de suas atribuições, e tendo em vista o disposto na Lei nº 10.683, de 28 de maio de 2003, e nos Decretos nºs 6.100, de 26 de abril de 2007 e 6.101, de 26 de abril de 2007, e Considerando os compromissos assumidos pelo Brasil na Convenção sobre Diversidade Biológica-CDB, ratificada pelo Decreto Legislativo nº 2, de 3 de fevereiro de 1994 e promulgada pelo Decreto nº 2.519, de 16 de março de 1998, particularmente aqueles explicitados no art. 7º, alínea "b" e "c"; 8º, alínea "f"; e 9º, alínea "c"; Considerando o disposto nas Leis nºs 5.197, de 3 de janeiro de 1967, 6.938, de 31 de agosto de 1981, 9.985, de 18 de julho de 2000, 10.650, de 16 de abril de 2003, 11.516, de 28 de agosto de 2007 e no Decreto nº 4.340, de 22 de agosto de 2002; e Considerando os princípios e diretrizes da Política Nacional da Biodiversidade, constantes do Decreto nº 4.339, de 22 de agosto de 2002, resolvem:

Art. 1º Aplicar os seguintes instrumentos de implementação da Política Nacional da Biodiversidade voltados para a conservação e recuperação de espécies ameaçadas de extinção:

I - Listas Nacionais Oficiais de Espécies Ameaçadas de Extinção, com a finalidade de reconhecer as espécies ameaçadas de extinção no território nacional, na plataforma continental ou na zona econômica exclusiva brasileira, para efeitos de restrição de uso, priorização de ações de conservação e recuperação de populações;

II - Livros Vermelhos das Espécies Brasileiras Ameaçadas de Extinção, contendo, entre outros, a caracterização, distribuição geográfica, estado de conservação e principais fatores de ameaça à conservação das espécies integrantes das Listas Nacionais Oficiais de Espécies Ameaçadas de Extinção;

III - Planos de Ação Nacionais para a Conservação de Espécies Ameaçadas de Extinção, elaborados com a finalidade de definir ações *in situ* e *ex situ* para conservação e recuperação de espécies ameaçadas;

§ 1º O processo de atualização das Listas Nacionais Oficiais de Espécies Ameaçadas de Extinção observará, no que couber, as listas estaduais, regionais e globais de espécies ameaçadas de extinção.

§ 2º As Listas Nacionais Oficiais de Espécies Ameaçadas de Extinção serão atualizadas continuamente, devendo ocorrer uma revisão completa no prazo máximo de dez anos.

§ 3º Os três instrumentos de implementação da Política Nacional da Biodiversidade mencionados acima são complementares, na medida em que as Listas reconhecem as espécies na condição de ameaçadas, os Livros Vermelhos detalham as informações que embasaram a inclusão das espécies nas Listas e os Planos de Ação estabelecem as medidas a serem implementadas para a efetiva conservação e recuperação das espécies ameaçadas, visando reverter o processo de ameaça a que cada espécie encontra-se submetida.

Art. 2º Reconhecer os Grupos Estratégicos para Conservação e Manejo de Espécies Ameaçadas de Extinção, criados no âmbito do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - Instituto Chico Mendes com a finalidade de colaborar na elaboração e implementação dos Planos de Ação Nacionais para a Conservação de Espécies Ameaçadas de Extinção, com abrangência nacional.

Parágrafo único. Os Planos de Ação Nacionais deverão incluir também Programas de Conservação em Cativeiro de Espécies Ameaçadas de Extinção, com o objetivo de manter populações *ex situ*, genética e demograficamente viáveis, como fonte para promover a recuperação *in situ* de espécies ameaçadas de extinção.

Art. 3º Caberá ao Instituto Chico Mendes a coordenação da atualização das Listas Nacionais Oficiais das Espécies da Fauna Brasileira Ameaçadas de Extinção e a coordenação da elaboração, publicação e implementação dos Planos Nacionais para a Conservação de Espécies da Fauna Ameaçadas de Extinção.

Art. 4º Os Planos de Manejo das Unidades de Conservação Federais contemplarão ações para conservação e recuperação de populações de espécies constantes das Listas Nacionais Oficiais de Espécies Ameaçadas de Extinção, em consonância com os Planos de Ação Nacionais para a Conservação de Espécies Ameaçadas de Extinção.



Art. 5º Caberá ao Ministério do Meio Ambiente a avaliação e publicação das Listas Nacionais Oficiais de Espécies Ameaçadas de Extinção.

Art. 6º O Ministério do Meio Ambiente e o Instituto Chico Mendes envidarão esforços para assegurar a implementação dos Planos de Ação Nacionais para a Conservação de Espécies Ameaçadas de Extinção.

Art. 7º Esta Portaria Conjunta entra em vigor na data de sua publicação.

CARLOS MINC  
Ministro de Estado do Meio Ambiente

RÔMULO JOSÉ FERNANDES BARRETO MELLO  
Presidente do Instituto Chico Mendes



## PORTARIA Nº 21, DE 17 DE FEVEREIRO DE 2012

Aprova o Plano de Ação Nacional para a Conservação dos Passeriformes Ameaçados dos Campos Sulinos e Espinilho – PAN Passeriformes dos Campos Sulinos e Espinilho, contemplando 15 espécies ameaçadas de extinção, estabelecendo seu objetivo geral, objetivos específicos, ações, prazo de execução, abrangência e formas de implementação e supervisão.

O PRESIDENTE DO INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE - INSTITUTO CHICO MENDES, nomeado pela Portaria nº 532, de 30 de julho de 2008, da Ministra de Estado Chefe da Casa Civil da Presidência da República, publicada no Diário Oficial da União de 31 de julho de 2008, no uso das atribuições que lhe são conferidas pelo art. 21, inciso I, do Anexo I da Estrutura Regimental aprovada pelo Decreto nº 7.515, de 08 de julho de 2011, publicado no Diário Oficial da União do dia subsequente; Considerando a Instrução Normativa MMA nº 03, de 27 de maio de 2003, que reconhece 627 espécies da fauna brasileira como ameaçadas de extinção, de acordo com seus anexos; Considerando a Resolução MMACONABIO nº 03, de 21 de dezembro de 2006, que estabelece metas para reduzir a perda de biodiversidade de espécies e ecossistemas, em conformidade com as metas estabelecidas no Plano Estratégico da Convenção sobre Diversidade Biológica; Considerando a Portaria Conjunta MMA/ICM nº 316, de 09 de setembro de 2009, que estabelece os planos de ação como instrumentos de implementação da Política Nacional da Biodiversidade; Considerando a Portaria ICM nº 78, de 03 de setembro de 2009, que cria os centros nacionais de pesquisa e conservação do Instituto Chico Mendes e lhes confere atribuições. Considerando o disposto no Processo nº 02070.002937/2011-82,

### RESOLVE:

Art. 1º Aprovar o Plano de Ação Nacional para a Conservação dos Passeriformes Ameaçados dos Campos Sulinos e Espinilho - PAN Passeriformes dos Campos Sulinos e Espinilho.

Art. 2º O PAN Passeriformes dos Campos Sulinos e Espinilho tem como objetivo geral melhorar o estado de conservação das espécies-alvo do PAN, reduzindo a perda, a degradação e a fragmentação do seu habitat e a captura ilegal das aves de interesse para manutenção em cativeiro.

§1º - O PAN Passeriformes dos Campos Sulinos e Espinilho abrange 15 (quinze) espécies ameaçadas de extinção, quais sejam: *Scytalopus iraiensis* (macuquinho-davárzea); *Drymornis bridgesii* (arapaçu-platino); *Leptasthenura platensis* (rabudinho); *Spartonoica maluroides* (boininha); *Pseudoseisura lophotes* (coperete); *Coryphistera alaudina* (corredor-crestudo); *Asthenes hudsoni* (joão-platino); *Limnocites rectirostris* (arredio-do-gravatá); *Culicivora caudacuta* (papa-moscas-do-campo); *Polystictus pectoralis* (papa-mosca-canela); *Alectrurus tricolor* (galito); *Xolmis dominicanus* (noivinha-de-rabopreto); *Anthus nattereri* (caminheiro-grande); *Sporophila plúmbea* (patativa); *Sporophila hypoxantha* (caboclinho-de-barriga-vermelha); *Sporophila ruficollis* (caboclinho-de-papo-escuro); *Sporophila palustris* (caboclinho-de-papobranco); *Sporophila cinnamomea* (caboclinho-de-chapéu-cinzentos); *Sporophila melanogaster* (caboclinho-debarriga-preta); *Sporophila pileata* (caboclinho-coroado); *Gubernatrix cristata* (cardeal-amarelo); *Xanthopsar flavus* (veste-amarela).

§2º - Para atingir o objetivo previsto no caput, o PAN Passeriformes dos Campos Sulinos e Espinilho, com prazo de vigência até fevereiro de 2017 e com supervisão e monitoria anual, possui os seguintes objetivos específicos:

I - Assegurar a existência de habitat apropriado para as espécies-alvo dentro dos sistemas produtivos e em áreas protegidas ou de domínio público;



- II - Melhorar a capacidade operativa relacionada à inteligência, interlocução entre atores e a capacitação dos órgãos envolvidos na fiscalização ambiental e na implementação de programas de conservação;
  - III - Diminuir a taxa de conversão de campos nativos nas áreas de ocorrência das espécies-alvo;
  - IV - Proteger os remanescentes da formação parque de espinilho existentes fora do Parque Estadual do Espinilho;
  - V - Prevenir e controlar a invasão de espécies exóticas que afetam as espécies-alvo;
  - VI - Desenvolver instrumentos de cooperação internacional para a conservação da formação parque de espinilho;
  - VII - Implementar o plano de manejo do Parque Estadual do Espinilho, em especial os programas e ações relevantes à conservação dos passeriformes ameaçados;
  - VIII - Promover a divulgação contínua e transversal de informações sobre a importância da conservação das espécies-alvo do PAN a todos os setores/atores;
  - IX - Propor e fomentar políticas públicas e mecanismos de incentivo não governamentais para a conservação e o restabelecimento da conectividade dos remanescentes da formação parque de espinilho em toda a sua área de ocorrência original;
  - X - Aprimorar tecnicamente a edição e implementação de normas relacionadas ao controle e manutenção em cativeiro das espécies-alvo que sofrem captura ilegal;
  - XI - Aumentar o conhecimento científico sobre as espécies-alvo do PAN.
- § 3º - Deverão ser indicadas as metas para alcance de cada objetivo específico previsto nos incisos acima.

Art. 3º - Caberá ao Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Aves Silvestres - CEMAVE a coordenação do PAN Passeriformes dos Campos Sulinos e Espinilho, com supervisão da Coordenação Geral de Manejo para Conservação da Diretoria de Pesquisa, Avaliação e Monitoramento da Biodiversidade.

Parágrafo único. O Presidente do Instituto Chico Mendes designará um Grupo Assessor para acompanhar a implementação e realizar monitoria do PAN Passeriformes dos Campos Sulinos e Espinilho.

Art. 4º - O PAN Passeriformes dos Campos Sulinos e Espinilho deverá ser mantido e atualizado na página eletrônica do Instituto Chico Mendes.

Art. 5º - Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação.

RÔMULO JOSÉ FERNANDES BARRETO MELLO



## PORTARIA DE 02 DE MARÇO DE 2012

O PRESIDENTE DO INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE - INSTITUTO CHICO MENDES, nomeado pela Portaria nº 532, de 30 de julho de 2008, da Ministra de Estado Chefe da Casa Civil da Presidência da República, publicada no Diário Oficial da União de 31 de julho de 2008, no uso das atribuições que lhe são conferidas pelo art. 21, inciso I, do Anexo I da Estrutura Regimental aprovada pelo Decreto nº 7.515, de 08 de julho de 2011, publicado no Diário Oficial da União do dia subsequente; Considerando a Instrução Normativa MMA nº 03, de 27 de maio de 2003, que reconhece 627 espécies da fauna brasileira como ameaçadas de extinção, de acordo com seus anexos; Considerando a Resolução MMA-CONABIO nº 03, de 21 de dezembro de 2006, que estabelece metas para reduzir a perda de biodiversidade de espécies e ecossistemas, em conformidade com as metas estabelecidas no Plano Estratégico da Convenção sobre Diversidade Biológica; Considerando a Portaria Conjunta MMA/ICM nº 316, de 09 de setembro de 2009, que estabelece os planos de ação como instrumentos de implementação da Política Nacional da Biodiversidade;

Considerando a Portaria ICM nº 78, de 03 de setembro de 2009, que cria os centros nacionais de pesquisa e conservação do Instituto Chico Mendes e lhes confere atribuição;

Considerando a Portaria ICM nº 21, de 17 de fevereiro de 2012, que aprova o Plano de Ação Nacional para a Conservação dos Passeriformes Ameaçados dos Campos Sulinos e Espinilho – PAN Passeriformes dos Campos Sulinos e Espinilho; Considerando o disposto no Processo nº 02070.002937/2011-82, resolve: Nº76- Art. 1º Instituir o Grupo Assessor para acompanhar a implementação e realizar monitoria do Plano de Ação Nacional para a Conservação dos Passeriformes Ameaçados dos Campos Sulinos e Espinilho - PAN Passeriformes dos Campos Sulinos e Espinilho, com a seguinte composição:

- I - Patricia Pereira Serafini, do Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Aves Silvestres - CEMAVE, na qualidade de Coordenadora;
- II - Tatiane Uchoa, do Parque Estadual Espinilho - RS, na qualidade de Coordenadora Executiva;
- III - Adrian Eisen Rupp, da Fundação Universidade Regional de Blumenau - FURB-SC;
- IV - Beloni Marterer, da Fundação do Meio Ambiente de Santa Catarina - FATMASC;
- V - Carla Suertegaray Fontana, da Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul - PUCRS;
- VI - Cibele Barros Indrusiak, do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis - IBAMA-RS;
- VII - Glayson Ariel Bencke, da Fundação Zoo-Botânica do Rio Grande do Sul - FZB-RS;
- VIII - João José Corrêa da Silva, do Comando Ambiental da Brigada Militar do Rio Grande do Sul - CABM-RS;
- IX - Leôncio Pedrosa Lima, do Refúgio de Vida Silvestre dos Campos de Palmas - REVIS Campos de Palmas;
- X - Oscar Blumetto (Uruguai);
- XI - Rogério Jaworski dos Santos, da SAVE Brasil - RS.

Art. 2º - Caberá ao Grupo Assessor acompanhar a implementação e realizar monitoria do PAN Passeriformes dos Campos Sulinos e Espinilho, em conformidade com a sistemática estabelecida pela Coordenação Geral de Manejo para Conservação do Instituto Chico Mendes.

Art. 3º - A participação no Grupo Assessor do PAN Passeriformes dos Campos Sulinos e Espinilho não ensejará qualquer tipo de remuneração e será considerado serviço de relevante interesse público.

Art. 4º - Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação.

RÔMULO JOSÉ FERNANDES BARRETO MELLO



## INSTRUÇÃO NORMATIVA Nº 22, DE 27 DE MARÇO DE 2012

Estabelece os procedimentos para os Programas de Cativeiro de Espécies Ameaçadas.

A PRESIDENTE SUBSTITUTA DO INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE, designada pela Portaria nº 411, de 29 de outubro de 2010, publicada no Diário Oficial da União do dia 01 de novembro de 2010, no uso das atribuições que lhe são conferidas pelo art. 21, inciso I, do Anexo I do Decreto nº 7.515, de 08 de julho de 2011, publicado no Diário Oficial da União do dia subsequente; Considerando o Decreto nº 3.607, de 21 de setembro de 2000, que dispõe sobre a implementação da Convenção sobre Comércio Internacional das Espécies da Flora e Fauna Selvagens em Perigo de Extinção - CITES, e dá outras providências, alterado pelo Decreto nº 7.515, de 8 de julho de 2011; Considerando os artigos da Lei Complementar nº 140, de 8 de dezembro de 2011, art. 18, art. 8º, incisos XVIII e XIX, art. 7º, inciso XX, art. 4º e art. 2º, inciso II; Considerando o art. 2º, incisos XXIII e XXIV, Anexo I do Decreto nº 7.515, de 8 de julho de 2011; e Considerando a Portaria Conjunta MMA/ICM nº 316, de 09 de setembro de 2009, que estabelece os Planos de Ação Nacionais para a Conservação de Espécies Ameaçadas de Extinção - PAN, elaborados com a finalidade de definir ações in situ e ex situ para conservação e recuperação de espécies, como instrumentos de implementação da Política Nacional da Biodiversidade, resolve:

Art. 1º - A presente instrução normativa regulamenta o disposto no inciso XXIII do art. 2º do Anexo I do Decreto nº 7.515, de 08 de julho de 2011.

Art. 2º - Os procedimentos para a criação dos Programas de Cativeiro de Espécies Ameaçadas são estabelecidos na presente instrução normativa.

Art. 3º - Os Programas de Cativeiro de Espécies Ameaçadas têm por finalidade definir, coordenar e implementar as estratégias de conservação ex situ para revigoramento demográfico e genético da espécie de acordo com as diretrizes e ações previstas nos Planos de Ação Nacionais para a Conservação de Espécies Ameaçadas de Extinção - PAN publicados por este Instituto.

Parágrafo único. Os Programas de Cativeiro serão criados para atender às demandas individuais de cada espécie identificadas nos Planos de Ação Nacionais para a Conservação de Espécies Ameaçadas de Extinção - PAN.

Art. 4º - O Programa de Cativeiro de Espécies Ameaçadas conterá:

- I - as ações estratégicas para conservação ex situ da espécie;
- II - protocolos necessários ao manejo, manutenção e pareamento dos animais em cativeiro;
- III - Livro de Registro Genealógico da população cativa, quando couber; e IV - relatórios anuais contemplando, além dos resultados de execução das ações estratégicas, as movimentações e pareamentos realizados e análises de viabilidade demográfica e genética da população cativa.

Art. 5º - O Programa de Cativeiro de Espécies Ameaçadas será apoiado por um Grupo de Trabalho instituído no ato de criação do Programa, podendo conter:

- I - Um Coordenador do Programa de Cativeiro de Espécies Ameaçadas;
- II - Um Consultor de Manejo;
- III - Um Consultor Genealógico;
- IV - Representantes das instituições mantenedoras participantes do programa designados pelo coordenador do programa;
- V - Pesquisadores e pessoas de notório saber sobre a espécie; e



VI - O Centro Nacional de Pesquisa e Conservação que tiver no seu escopo a espécie beneficiada pelo programa de cativeiro.

Art. 6º - O Centro Nacional de Pesquisa e Conservação que tiver no seu escopo a espécie beneficiada pelo programa de cativeiro proporá à Diretoria de Pesquisa, Avaliação e Monitoramento da Biodiversidade - DIBIO a criação do Grupo de Trabalho.

Parágrafo único. A Diretoria de Pesquisa, Avaliação e Monitoramento da Biodiversidade - DIBIO, ouvindo a Coordenação Geral de Manejo para a Conservação - CGESP, encaminhará minuta de portaria de criação do Grupo de Trabalho à Presidência do Instituto Chico Mendes, para assinatura e publicação no Diário Oficial da União.

Art. 7º - O Coordenador do Centro Nacional de Pesquisa e Conservação assinará o Termo de Adesão ao Programa de Cativeiro e o Acordo de Empréstimo ao Programa em Cativeiro e aprovará os relatórios anuais do programa.

Art. 8º - O Programa de Cativeiro por espécie será instituído pelo Presidente do Instituto Chico Mendes, por meio de portaria específica.

§ 1º - A proposta de Programa de cativeiro deverá ser elaborada pelo coordenador do Plano de Ação Nacional para a Conservação de Espécies Ameaçadas de Extinção - PAN, identificando os membros do Grupo de Trabalho e os mantenedores, e encaminhada à Diretoria de Pesquisa, Avaliação e Monitoramento da Biodiversidade - DIBIO, ouvida a Coordenação Geral de Manejo para a Conservação - CGESP.

§ 2º - O Instituto Chico Mendes manterá em seu portal eletrônico informações sobre os Programas de Cativeiro instituídos, bem como a lista dos mantenedores participantes.

Art. 9º - A participação da instituição mantenedora dependerá da assinatura do Termo de Adesão de acordo com o Anexo I desta Instrução Normativa e comprovação de regularidade perante o órgão ambiental competente.

§ 1º - Nos casos de mantenedores localizados no exterior, a Autoridade Científica CITES no Brasil deverá consultar a Autoridade Científica no país de destino do espécime sobre as condições de regularidade do mantenedor.

§ 2º - O Instituto Chico Mendes, unilateralmente, rescindir os termos assinados com as partes, excluindo-as do programa de cativeiro, caso haja comprovação de irregularidades ambientais.

Art. 10 - O Coordenador do Programa de Cativeiro de Espécies Ameaçadas terá as seguintes atribuições:

- I - coordenar execução das ações do Programa;
- II - coordenar a elaboração e atualização dos protocolos de manejo ex situ;
- III - articular o cumprimento do Protocolo de Manejo e o atendimento às recomendações do Consultor de Manejo;
- IV - articular o atendimento às recomendações de pareamento;
- V - elaborar Relatório Anual do Programa; e
- VI - recomendar à Diretoria de Pesquisa, Avaliação e Monitoramento da Biodiversidade - DIBIO, por meio da Coordenação Geral de Manejo para a Conservação - CGESP, a entrada ou saída de mantenedores.

Art. 11 - O Consultor de Manejo terá as seguintes atribuições:

- I - elaborar o Protocolo de Manejo para a espécie;
- II - orientar e supervisionar a adoção das medidas de manejo estabelecidas no protocolo;
- III - identificar indivíduos da espécie com potencial de integrar o programa;
- IV - identificar instituições mantenedoras para participar do programa; e
- V - recomendar ao Coordenador do Programa indicação para a entrada ou saída de mantenedores.

Art. 12 - O Consultor Genealógico terá as seguintes atribuições:

- I - elaborar e manter o Livro de Registro Genealógico da Espécie;
- II - avaliar a viabilidade genética da população da espécie em cativeiro; e
- III - recomendar ao Coordenador do Programa de Cativeiro de Espécies Ameaçadas os pareamentos necessários.

Parágrafo único. Nos Programas onde não houver a figura do Coordenador Genealógico, a função deste será assumida pelo Coordenador de Manejo.



Art. 13 - Os mantenedores que participarão do Programa de Cativeiro de Espécies Ameaçadas terão as seguintes atribuições:

- I - manter espécimes pertencentes ao Programa, seguindo estritamente os protocolos estabelecidos;
- II - acatar as recomendações de movimentação e pareamento dos espécimes do Programa;
- III - providenciar a licença de transporte e demais exigências legais para transferência dos espécimes;
- IV - nos casos de importação, exportação ou re-exportação deverá ser observado o que está estabelecido pela Convenção sobre o Comércio Internacional de Espécies da Flora e Fauna Selvagens em Perigo de Extinção - CITES;
- V - promover a coleta de material biológico quando requerido pelo Consultor Genealógico;
- VI - facilitar o acesso do Consultor de Manejo e Consultor Genealógico ao plantel;
- VII - não vender, permutar, doar ou ceder quaisquer espécimes participantes do Programa de Cativeiro de Espécie Ameaçada; e
- VIII - enviar ao Consultor de Manejo e ao Consultor Genealógico os dados por eles requeridos.

Art. 14 - A participação no Programa de espécimes de propriedade privada, comprovadamente nascidos em cativeiro, estará condicionada à assinatura de Acordo de Empréstimo (Anexo II) entre o proprietário do espécime e o Instituto Chico Mendes.

Parágrafo único. Os mantenedores participantes do Programa poderão incluir, a qualquer tempo, espécimes comprovadamente nascidos em cativeiro, observando o caput deste artigo.

Art.15 - Espécimes vinculados a Termo de Depósito/Auto de Infração lavrados pela autoridade competente poderão participar do Programa de Cativeiro de Espécies Ameaçadas.

Parágrafo único. Quando os espécimes forem de relevância para o programa o Coordenador do Programa poderá solicitar ao agente de fiscalização responsável a liberação administrativa ou providências para a liberação judicial dos espécimes.

Art. 16 - O mantenedor que participar dos Programas em Cativeiro não estará isento das suas obrigações com as instituições governamentais que licenciaram o seu empreendimento.

Art. 17 - Revoga-se a Instrução Normativa Instituto Chico Mendes nº 07, de 16 de junho de 2008.

Art. 18 - Os casos omissos serão decididos pelo Presidente do Instituto Chico Mendes, ouvida a Diretoria de Pesquisa, Avaliação e Monitoramento da Biodiversidade - DIBIO.

Art. 19 - Esta Instrução Normativa entra em vigor na data de sua publicação.

SILVANA CANUTO MEDEIROS



## ANEXO I: TERMO DE ADESÃO AO PROGRAMA DE CATIVEIRO.

	SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE Diretoria de Pesquisa, Avaliação e Monitoramento da Biodiversidade - DIBIO  TERMO DE ADESÃO AO PROGRAMA DE CATIVEIRO
---	---

DADOS DO PROGRAMA:	
Nome:	
Portaria:	

DADOS DA INSTITUIÇÃO (MANTENEDOR):	
Nome:	
Endereço:	
Telefone:	
e-mail:	

RESPONSABILIDADE DA INSTITUIÇÃO (MANTENEDOR): Está definido na IN
<ol style="list-style-type: none"><li>1. Cumprir todas as diretrizes estabelecidas no Programa;</li><li>2. Receber e manter espécimes pertencentes ao programa, seguindo estritamente os protocolos estabelecidos;</li><li>3. Ser responsável pela manutenção dos animais do táxon de que trata este Termo que estão sob sua guarda, provendo acomodações, alimentação e cuidados veterinários adequados ao bem estar dos animais, em conformidade com protocolos de manejo em cativeiro estabelecidos para a espécie aprovados pelo programa;</li><li>4. Acatar as recomendações de movimentação dos espécimes do programa, que estão na sua instituição (sob sua guarda e responsabilidade), somente realizando a movimentação de plantel e cruzamentos de espécimes após recomendação e orientação oficial do Coordenador do Programa;</li><li>5. Providenciar a emissão da licença de transporte e demais exigências legais para transferência dos espécimes, assim como arcar com as despesas decorrentes;</li><li>6. Prover, em tempo real, ao Consultor de Manejo, todas as informações sobre eventos relevantes como, saída de animais, doenças, dentre outras;</li><li>7. Fornecer anualmente ao Consultor Genealógico todos os dados necessários para elaboração e atualização do Livro de Registro Genealógico: entrada de animais (nascimentos, transferências), saídas de animais (óbitos, furtos, fugas e transferências), marcação, sexo, idade, procedência, registro na instituição, entre outros;</li><li>8. Promover a coleta de material biológico para análise genética e sanitária e enviar aos especialistas do programa para análise e arcar com as despesas decorrentes;</li><li>9. Proceder a necropsia de todos os animais do táxon de que trata este Termo que vierem a óbito e seguir as diretrizes do Programa em relação a coleta de material biológico e destinação da carcaça.</li><li>10. Permitir e facilitar o acesso dos participantes do programa e a sua equipe, às suas instalações e aos dados sobre seu plantel;</li><li>11. Efetuar o aprimoramento contínuo da instituição, por meio da modernização de instalações, equipamentos e treinamento de pessoal.</li></ol>



CONDIÇÕES ACORDADAS:
<ol style="list-style-type: none"><li>1. O signatário reconhece que os espécimes deste táxon, oriundos do território brasileiro e seus descendentes, estão sob a tutela do Governo Brasileiro e concorda com os termos deste Termo, tendo como objetivo a conservação da espécie;</li><li>2. Caso o signatário já mantenha espécimes do táxon objeto deste Termo quando da sua formalização e que sejam oriundos do território brasileiro ou descendentes, deverá informar ao Coordenador do programa, para verificar interesse de compor o programa de cativeiro;</li><li>3. Este Termo não autoriza o uso de material biológico para acessar informação de origem genética, contida no todo ou parte dos espécimes do táxon objeto deste termo. Caso haja interesse em acessar ou identificar informação de origem genética, a instituição mantenedora obriga-se a comunicar o fato ao Instituto Chico Mendes a fim de obter autorização específica nos termos da legislação brasileira vigente;</li><li>4. A instituição que receber ou mantiver os espécimes do táxon objeto deste Termo, em nenhuma hipótese será considerada provedora dos recursos genéticos inerentes aos espécimes.</li><li>5. O presente Termo permanecerá em vigor por tempo indeterminado, podendo ser extinto segundo entendimento formal entre as partes;</li><li>6. Este Termo não poderá ser estendido ou transferido a terceiros, bem como quaisquer direitos ou privilégios por ele conferidos;</li><li>7. Na impossibilidade do signatário cumprir este Termo, a instituição será excluída do Programa de Cativeiro e os espécimes sob sua guarda serão destinados segundo orientação do Coordenador do Programa;</li></ol>

ASSINATURA:
Local: _____ Data: _____ de _____ de _____
Coordenação do Centro Nacional de Pesquisa e Conservação _____ Representante Legal da Instituição (Mantenedor)

Documentos a serem pensados:

- Registro da Instituição no Cadastro Técnico Federal (para instituições nacionais);
- Comprovação de existência (CNPJ, ata de fundação);
- Designação de responsabilidade do representante legal;
- Documentos do representante legal (CPF, Identidade);
- Carta de intenção da instituição para compor o programa;
- Memorial descritivo das instalações destinadas ao programa;



## ANEXO II: ACORDO DE EMPRÉSTIMO AO PROGRAMA DE CATIVEIRO.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE  
INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE  
Diretoria de Pesquisa, Avaliação e Monitoramento da Biodiversidade - DIBIO  
ACORDO DE EMPRÉSTIMO AO PROGRAMA DE CATIVEIRO

### DADOS DO PROGRAMA:

Nome:

Portaria:

### DADOS DA INSTITUIÇÃO (MANTENEDOR):

Nome:

Endereço:

Telefone:

e-mail:

### DADOS DO REPRESENTANTE LEGAL:

Nome:

Endereço:

Telefone:

e-mail:

### DADOS DO ESPÉCIME:

Nome Científico

Nome Comum

Sexo:

Marcação:

Tipo/descrição:

Número/código:

Nº no Livro de Registro Genealógico:

Características especiais:



CONDIÇÕES ACORDADAS:

1. O signatário reconhece o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, como a autoridade brasileira responsável pelo Programa de Cativeiro da espécie de que trata este Acordo;
2. O signatário reconhece que os espécimes do táxon de que trata este Acordo serão manejados conforme as diretrizes estabelecidas pelo Programa de Cativeiro instituído pelo ICMBio, do qual passará a ser participante;
3. O signatário concorda que os espécimes do táxon de que trata este Acordo e que estão sob sua guarda, não serão vendidos, negociados ou utilizados em qualquer tipo de transação comercial;
4. A instituição que receber ou mantiver os espécimes do táxon objeto deste Acordo, em nenhuma hipótese será considerada provedora dos recursos genéticos inerentes aos espécimes;
5. A instituição mantenedora será responsável pela manutenção dos animais do táxon de que trata este Acordo, ficando sob sua guarda, provendo acomodações, alimentação e cuidados veterinários adequados ao bem estar dos animais, em conformidade com protocolos de manejo em cativeiro estabelecidos pelo Programa para a espécie e reconhecidos pelo ICMBio;
6. O proprietário receberá relatório técnico anual sobre todos os eventos relevantes ocorridos com os animais sob sua guarda, do táxon de que trata este Acordo (posturas, nascimentos, óbitos, transferências, fugas, patologias, furto e roubo);
7. Todos os animais do táxon de que trata este Acordo que vierem a óbito deverão ser necropsiados; no caso do óbito de embriões, o ICMBio poderá requisitar a coleta de material biológico para análise genética;
8. No caso da detecção de qualquer problema que ponha em risco os animais do táxon de que trata este Acordo sob sua guarda, o signatário será comunicado imediatamente. O ICMBio não poderá ser responsabilizado em caso de óbito ou qualquer problema que ponhas em risco os animais;
9. O presente Acordo permanecerá em vigor por tempo indeterminado, podendo ser extinto segundo entendimento formal entre as partes;
10. Este Acordo não poderá ser estendido ou transferido a terceiros, bem como quaisquer direitos ou privilégios por ele conferidos.

ASSINATURA:

Local:

Data:

de

de

Coordenação do Centro Nacional de Pesquisa  
e Conservação

Representante Legal da Instituição (Mantene-  
dor)

Documentos a serem apensados:

- Registro da Instituição no Cadastro Técnico Federal (para instituições nacionais);
- Comprovação de existência (CNPJ, ata de fundação);
- Designação de responsabilidade do representante legal;
- Documentos do representante legal (CPF, Identidade);
- Comprovação de posse ou tutela do espécime (nota fiscal de aquisição, licença CITES, outros).



## INSTRUÇÃO NORMATIVA Nº 25, DE 12 DE ABRIL DE 2012

Disciplina os procedimentos para a elaboração, aprovação, publicação, implementação, monitoria, avaliação e revisão de planos de ação nacionais para conservação de espécies ameaçadas de extinção ou do patrimônio espeleológico.

O PRESIDENTE DO INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE - INSTITUTO CHICO MENDES, nomeado pela Portaria nº 304, de 28 de março de 2012, da Ministra de Estado Chefe da Casa Civil da Presidência da República, publicada no Diário Oficial da União de 29 de março de 2012 e no uso das atribuições que lhe confere o Art. 21, Anexo I do Decreto nº 7.515 de 8 de julho de 2011, publicado no Diário Oficial da União do dia subsequente, que aprovou a Estrutura Regimental do Instituto Chico Mendes e deu outras providências; Considerando os compromissos assumidos pelo Brasil na Convenção sobre Diversidade Biológica - CDB, ratificada pelo Decreto Legislativo nº 2, de 03 de fevereiro de 1994, e promulgada pelo Decreto nº 2.519, de 16 de março de 1998, particularmente aqueles explicitados no art. 8º, alínea "f"; e 9º, alínea "c"; Considerando os princípios e diretrizes da Política Nacional da Biodiversidade, constantes do Decreto nº 4.339, de 22 de agosto de 2002; Considerando a Portaria Conjunta MMA/ICMBio nº 316, de 09 de setembro de 2009, que estabelece os Planos de Ação Nacionais para a Conservação de Espécies Ameaçadas de Extinção como um dos instrumentos de implementação da Política Nacional da Biodiversidade; Considerando a Portaria MMA nº 358, de 30 de setembro 2009, que institui o Programa Nacional de Conservação do Patrimônio Espeleológico, que tem como objetivo desenvolver estratégia nacional de conservação e uso sustentável do Patrimônio Espeleológico brasileiro; Considerando o inciso XIX do Artigo 2º do Decreto nº 7.515 que atribui ao Instituto Chico Mendes a promoção e execução das ações de conservação do patrimônio espeleológico brasileiro e sua biodiversidade associada; Considerando o inciso XX do Artigo 2º do Decreto nº 7.515 que atribui ao Instituto Chico Mendes a elaboração e implementação de Planos de Ação Nacionais para a conservação e o manejo das espécies ameaçadas de extinção no Brasil e espécies dependentes de conservação; Considerando as proposições apresentadas no processo nº 02070.003477/2011-18; resolve:

### CAPÍTULO I DAS DISPOSIÇÕES PRELIMINARES

Art. 1º - A presente instrução normativa estabelece os procedimentos para elaboração, aprovação, publicação, acompanhamento da implementação, monitoria, avaliação e revisão dos Planos de Ação Nacionais para Conservação de Espécies Ameaçadas de Extinção ou do Patrimônio Espeleológico, no âmbito do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade.

§ 1º - Esta norma regulamenta os incisos XIX e XX do artigo 2º do Anexo I do Decreto Federal nº 7.515, de 08 de julho de 2011.

§ 2º - Os Planos de Ação Nacionais para Conservação de Espécies Ameaçadas de Extinção ou do Patrimônio Espeleológico - PAN são instrumentos de gestão, construídos de forma participativa, a serem utilizados para o ordenamento das ações para a conservação de seres vivos e ambientes naturais, com um objetivo definido em escala temporal.

Art. 2º - O processo de elaboração e implementação dos PAN deve considerar:

I - Os princípios do planejamento estratégico e tático com a definição clara do patamar de melhoria no estado de conservação dos táxons e ambientes foco dos planos de ação, que se deseja alcançar em determinado tempo;

II - Envolvimento de atores que tenham relevância para a redução das ameaças;



- III - Estabelecimento de relação causal entre objetivo geral, objetivos específicos, e ações com foco nas principais ameaças a serem reduzidas ou suprimidas;
- IV - Indicação de ações factíveis definidas no horizonte temporal do plano;
- V - Estabelecimento de indicadores e metas para verificação dos planos de ação;
- VI - Transparência e publicidade na elaboração, implementação, monitoria, avaliação, revisão e divulgação do plano;
- VII - Estabelecimento de processo contínuo de monitorias, avaliações e revisões;
- VIII - Busca compartilhada com as instituições parceiras dos meios para a implementação dos planos de ação.

## CAPÍTULO II DA ELABORAÇÃO, APROVAÇÃO E PUBLICAÇÃO

Art. 3º - A elaboração do PAN obedecerá às seguintes etapas seqüenciais, devidamente documentadas:

- I - Aprovação do propósito do plano;
- II - Levantamento e organização das informações para elaboração do plano;
- III - Definição dos objetivos e das ações do plano por meio da elaboração da matriz de planejamento, conforme Anexo I;
- IV - Aprovação do PAN; e
- V - Publicação dos PAN no formato de sumário executivo e livro.

Art. 4º - As propostas de propósito de PAN deverão ser apresentadas pelos Centros Nacionais de Pesquisa e Conservação do Instituto Chico Mendes.

§ 1º - As propostas deverão apresentar o propósito do plano, indicando sua abrangência: espécies e região ou ambientes alvos, contextualização das ameaças e oportunidades, estimativa de custos e equipe responsável para elaboração do PAN.

§ 2º - A Coordenação-Geral de Manejo para Conservação - CGESP poderá requerer dos Centros Nacionais de Pesquisa e Conservação que apresentem propostas de propósito para elaboração de PAN.

§ 3º - Propostas de PAN apresentadas por outras instituições deverão ser submetidas aos Centros Nacionais de Pesquisa e Conservação para avaliar a sua pertinência, cabendo aos mesmos a responsabilidade pela aplicação da metodologia adotada pelo Instituto Chico Mendes, caso sejam aceitos.

§ 4º - As propostas serão submetidas para aprovação da Coordenação-Geral de Manejo para Conservação.

§ 5º - Para cada proposta de PAN aprovada, o Coordenador do Centro de Pesquisa e Conservação poderá nomear, por meio de Ordem de Serviço, o responsável pela coordenação dos trabalhos.

§ 6º - Para cada proposta de PAN aprovada, deverá ser aberto processo administrativo no Centro Nacional de Pesquisa e Conservação para registro de todas as etapas do processo.

Art. 5º - A etapa de levantamento e organização das informações para elaboração do PAN deverá ser coordenada pelo Centro de Pesquisa e Conservação e poderá contar com o apoio de pesquisadores e outras instituições.

§ 1º - Nesta etapa, deverão ser incluídas informações relevantes à conservação dos táxons, biomas, ecossistemas ou demais ambientes naturais, unidades de conservação de ocorrência, considerando os componentes estruturais, econômicos, sociais, históricos, bióticos e abióticos, no intuito de identificar, com o máximo de precisão, os fatores de ameaça e os riscos, de forma a minimizar ou anular seus efeitos, assim como potencialidades de conservação.

§ 2º - Até sessenta dias antes da oficina de planejamento participativo, deverá ser apresentada à Coordenação-Geral de Manejo para Conservação minuta do texto, com destaque para as informações relativas às ameaças e atores importantes, para subsidiar a definição da estrutura metodológica e participantes da oficina.

Art. 6º - A etapa de definição das ações estratégicas deverá ser coordenada pelo Centro de Pesquisa e Conservação, com a supervisão da Coordenação-Geral de Manejo para Conservação.

§ 1º - Esta etapa deverá ser realizada por meio de oficina de planejamento participativo com especialistas, representantes de organizações governamentais e não governamentais, da sociedade civil organizada e de pessoas físicas.

§ 2º - Em até sessenta dias antes da data prevista para a oficina deverá ser realizada reunião preparatória com a Coordenação-Geral de Manejo para Conservação, para aprovação da lista de participantes, logística, custos, programação e equipe de coordenação e facilitação da oficina de planejamento participativo.

§ 3º - Caberá ao Centro de Pesquisa e Conservação enviar os convites até trinta dias antes da realização do evento e confirmar junto à Coordenação-Geral de Manejo para Conservação a lista dos participantes até vinte dias antes da oficina.

§ 4º - Durante a oficina, deverão ser analisadas as ameaças ao foco de conservação e ser preenchida a matriz de planejamento, conforme disposto nos Anexos I e II, e definidos os membros do Grupo Assessor.

§ 5º - Em até trinta dias após a oficina deverá ser enviado à Coordenação-Geral de Manejo para Conservação



relatório síntese do evento, cópia da lista de participantes, a matriz de planejamento e minuta do sumário executivo do plano de ação.

Art. 7º - A aprovação do PAN será feita por meio de Portaria do Presidente do Instituto Chico Mendes, informando o nome do plano, as espécies ou ambientes alvos, região de abrangência, objetivo geral, objetivos específicos e prazo de vigência.

§ 1º - Para aprovação do PAN, o Centro de Pesquisa e Conservação deverá encaminhar, em até 30 dias após a realização da oficina de planejamento, à Coordenação-Geral de Manejo para Conservação processo administrativo com nota técnica, minuta de portaria e a documentação produzida ao longo do processo, contendo: proposta de propósito aprovada, relatório da reunião preparatória, relatório síntese da oficina de planejamento participativo, lista de participantes da oficina e matriz de planejamento.

§ 2º - Após análise e validação pela Coordenação-Geral de Manejo para Conservação, o processo deverá ser submetido à apreciação da Diretoria de Pesquisa, Avaliação e Monitoramento da Biodiversidade.

§ 3º - As minutas de portarias do PAN com a manifestação e concordância da Diretoria de Pesquisa, Avaliação e Monitoramento da Biodiversidade serão submetidas à Procuradoria Federal Especializada - PFE, para análise jurídica, e posteriormente encaminhadas à Presidência do Instituto.

Art. 8º - Todos os PAN deverão ser publicados na forma de sumário executivo e livro.

§ 1º - O sumário executivo deverá ser publicado em até noventa dias após a oficina, contendo no mínimo o nome do plano, propósito, estado de conservação, mapa de abrangência do PAN, principais ameaças, unidades de conservação de ocorrência, o objetivo geral, as principais metas e o extrato da matriz de planejamento com objetivos específicos, números de ações por objetivo específico, custos estimados e instituições parceiras.

§ 2º - O livro do PAN deverá ser publicado em até trezentos e sessenta dias após a oficina, contendo no mínimo: contextualização sobre as espécies ou ambientes alvos, estado de conservação, mapa de abrangência do PAN, principais ameaças, unidades de conservação de ocorrência, objetivo geral, objetivos específicos, matriz de planejamento, matriz de metas, participantes, instituições envolvidas no processo, portaria de aprovação do PAN e portaria do Grupo Assessor.

§ 3º - A versão eletrônica do livro do PAN deverá ser disponibilizada no portal do Instituto Chico Mendes na rede mundial de computadores em até trezentos e sessenta dias após a oficina.

### CAPÍTULO III

#### DA IMPLEMENTAÇÃO, MONITORIA, AVALIAÇÃO E REVISÃO

Art. 9º - A implementação dos PAN é de responsabilidade conjunta do Instituto Chico Mendes, de organizações governamentais - municipais, estaduais e federais - e não governamentais, da sociedade civil organizada, de especialistas e de pessoas físicas importantes para a conservação.

Art. 10 - O Instituto Chico Mendes estabelecerá, por meio de Portaria específica, um Grupo Assessor para implementação, monitoria e avaliação de cada PAN.

§ 1º - Caberá ao Grupo Assessor monitorar a execução das ações, consolidar informações na Matriz de Monitoria, conforme disposto no Anexo III, e propor ajustes e adequações no PAN ao longo de sua execução.

§ 2º - Caberá ao Grupo Assessor, com o apoio de colaboradores indicados, consolidar informações na Matriz de Metas do plano de ação com metas de alcance dos objetivos específicos em até 60 dias após a oficina de planejamento.

§ 3º - O Grupo Assessor deverá encaminhar, pelo menos uma vez ao ano, a Matriz de Monitoria do PAN atualizada ao Centro Nacional de Manejo e Conservação, que por sua vez a encaminhará à Coordenação-Geral de Manejo para Conservação.

§ 4º - O Grupo Assessor deverá se reunir ordinariamente pelo menos uma vez a cada dois anos, convidando, sempre que necessário, outros especialistas e instituições.

§ 5º - O Grupo Assessor poderá revisar a Matriz de Planejamento ajustando ações, produtos, articuladores, períodos, colaboradores e custos estimados, devendo encaminhar ao Centro Nacional de Manejo e Conservação para submeter à aprovação da Coordenação-Geral de Manejo para Conservação.

§ 6º - O Grupo Assessor poderá excluir ou incluir novas ações, promover ajustes nos objetivos específicos e metas, devendo encaminhar ao Centro Nacional de Manejo e Conservação para submeter à aprovação da Coordenação-Geral de Manejo para Conservação.

§ 7º - Para o desempenho de suas funções o Grupo Assessor poderá propor à Coordenação-Geral de Manejo para Conservação a realização de reuniões com especialistas, reuniões extraordinárias e reuniões de revisão do PAN.

Art. 11 - O Grupo Assessor será constituído por um coordenador, que será o coordenador do PAN, e membros.

§ 1º - O Coordenador do PAN deverá ser do Centro de Pesquisa e Conservação proponente, conforme designado pelo Coordenador do Centro.



§ 2º - O Centro, coordenador do plano, poderá designar um colaborador como Coordenador-executivo do PAN para apoiar o coordenador do plano na organização da informação e na interlocução com os membros do Grupo.

§ 3º - Os membros do Grupo Assessor são colaboradores identificados no âmbito da elaboração do PAN e serão responsáveis pela monitoria da execução de ações, da monitoria e avaliação do alcance das metas estabelecidas nos planos e pela busca dos meios necessários para o alcance dos objetivos específicos e do objetivo geral do PAN.

§ 4º - O Coordenador do Centro deverá encaminhar o convite e a resposta de aceite dos membros à Coordenação-Geral de Manejo para Conservação visando à publicação de portaria para oficializar o grupo, em até 30 dias do término da oficina de planejamento participativo do plano de ação.

§ 5º - A participação no Grupo Assessor é considerada como atividade de caráter relevante e não implicará remuneração.

Art. 12 - A vigência do PAN não poderá exceder a dez anos.

§ 1º - Poderá ser realizada revisão de meio termo do PAN, por meio de reunião presencial, para avaliação de sua implementação e ajustes na Matriz de Planejamento e na Matriz de Metas.

§ 2º - As alterações de meio termo do PAN deverão ser objeto de Portaria específica, nos termos estabelecidos nesta Instrução Normativa.

§ 3º - Ao final do prazo de vigência do Plano, deverá ser elaborado um relatório de avaliação final e realizada oficina para avaliação dos resultados e metas alcançados e recomendação para revisão ou elaboração de novos planos.

#### CAPÍTULO IV DAS DISPOSIÇÕES FINAIS

Art. 13 - Os PAN poderão identificar a necessidade de instituição de programas de conservação pelo Instituto Chico Mendes.

§ 1º - As propostas de programas deverão ser encaminhadas pelo Coordenador do PAN à Coordenação-Geral de Manejo para Conservação acompanhada de carta de proposição pelo responsável pelo programa de conservação e parecer do Grupo Assessor referendando a proposta.

§ 2º - Caberá à Coordenação-Geral de Manejo para Conservação avaliar a pertinência para inclusão como um anexo ao PAN.

§ 3º - A Coordenação-Geral de Manejo para Conservação poderá propor à Diretoria de Pesquisa, Avaliação e Monitoramento da Biodiversidade a formalização do programa por meio da publicação de portaria específica do Instituto, considerando a sua importância para o PAN, complexidade e instituições envolvidas.

Art. 14 - O Instituto Chico Mendes deverá capacitar regularmente seus servidores para a elaboração, implementação, monitoria e avaliação dos PAN, em especial nos métodos de facilitação de oficinas de planejamento e monitoria participativos.

Art. 15 - O Instituto Chico Mendes deverá manter em seu sítio eletrônico informação atualizada sobre o estado de implementação de cada PAN.

Art. 16 - Ficam convalidados todos os PAN aprovados pelo Instituto Chico Mendes anteriormente à publicação desta Instrução Normativa.

Parágrafo único. Estes PAN deverão ser revisados para adequação a esta Instrução Normativa.

Art. 17 - Todos os grupos de acompanhamento dos PAN aprovados pelo Instituto Chico Mendes anteriores à publicação desta Instrução Normativa passam a vigorar com o nome Grupo Assessor.

Art. 18 - Esta Instrução Normativa entra em vigor na data de sua publicação.

ROBERTO RICARDO VIZENTIN



## Anexo I - Matriz de Planejamento

NOME DO PLANO DE AÇÃO:

OBJETIVO GERAL DO PLANO DE AÇÃO:

Nº	Ação	Produto	Período		Articulador	Colaboradores	Custo estimado (R\$)	Observação
			Início	Fim				

Definições dos termos da Matriz de Planejamento:

- **Objetivo Geral do Plano de Ação:** Deve expressar mudança positiva na conservação das espécies ou ambientes, de forma específica aos alvos de conservação e representar uma perspectiva compartilhada dos colaboradores do plano de ação. Deve refletir um estado ou condição necessária e, sobretudo, possível de se alcançar em cinco anos. Contribui para alcançar a visão de futuro construída de modo a responder as necessidades de conservação das espécies ou ambiente.
- **Objetivo Específico:** Representa o resultado intermediário para a superação das ameaças aos focos de conservação, devendo ser mensurável e exequível, contribuindo decisivamente para alcançar o objetivo geral do plano.
- **Ação:** É o que deve ser feito para alcançar os objetivos específicos, buscando reverter as ameaças associadas a estes. A ação deve ser específica, mensurável, relevante, exequível em período definido e estar situada dentro da esfera de atribuições e competência dos participantes da oficina de planejamento. Sempre que possível, deverá ser indicado onde a ação será realizada.
- **Produto:** Aquilo que é obtido pela realização da ação. Deve ser mensurável, tangível e comprovar a execução da ação.
- **Período:** Data de início e término da implementação da ação. Deve ser indicado mês e ano.
- **Articulador:** Instituição e pessoa responsável por articular a implementação da ação e apresentar o produto. O articulador não é o único responsável pela execução da ação. Esta responsabilidade é compartilhada com os colaboradores. O articulador deverá, preferencialmente, estar presente na oficina de planejamento. Em caso de não estar presente, deve-se comprovar sua confirmação por meio de carta convite e aceite. Poderá haver a substituição do articulador em concordância com o Grupo Assessor.
- **Colaboradores:** Pessoas/instituições co-responsáveis pela execução da ação, que auxiliam nas diferentes etapas de sua implementação. Preferencialmente, os colaboradores deverão estar presentes na oficina de planejamento. Poderá haver a alteração dos colaboradores pelo Coordenador do Grupo Assessor, em concordância com os demais membros do Grupo. Os colaboradores citados, que não estiverem presentes na oficina e não forem consultados, deverão apresentar um asterisco antes do nome e deverá
- constar a seguinte legenda no rodapé da página: “\*Colaborador potencial”.
- **Custo estimado:** Estimativa dos recursos financeiros necessários para a implementação da ação. A indicação dos custos no plano de ação é importante para dimensionar volume de recursos a serem captados para sua implementação.
- **Observação:** Inserir, quando necessário, informações relevantes à execução da ação.



## Anexo II - Matriz de Metas

NOME DO PLANO DE AÇÃO:
OBJETIVO GERAL DO PLANO DE AÇÃO:

PLANEJADO							MONITORIA			REPROGRAMAÇÃO
Objetivo Específico	Indicador	Linha de base	Meta	Meio de verificação	Frequência de monitoria	Responsável	Data	Medição	Responsável pela informação	Ajustes na meta

Recomendações Gerais:
-----------------------

Definições dos termos da Matriz de Metas:

- **Objetivo Específico:** Deverão ser listados os objetivos específicos constantes na matriz de planejamento.
- **Indicador:** Instrumento que possibilita aferir o alcance dos objetivos do Plano de Ação. O indicador deve ser objetivo, específico e viável de mensuração em termos de recursos e tempo.
- **Linha de base:** Mensuração do indicador no início do trabalho. Deve ser indicada a data de mensuração da linha de base.
- **Meta:** Corresponde ao ponto onde se quer chegar, em determinado tempo, em relação ao alcance de um objetivo. A meta representa um objetivo quantificado a partir de indicadores que mostram o quanto se alcançou a partir da realização de ações. As metas do PAN devem indicar o alcance dos objetivos específicos. Esquemáticamente uma meta é composta por: quantificação em número ou percentual, o indicador e o prazo de alcance.
- **Meio de verificação:** Instrumento de medida do indicador (exemplos: questionário, observação direta em campo, mapeamentos, diagnósticos, dentre outros).
- **Frequência de monitoria:** Inserir as datas (mês e ano) de monitoria do indicador. Os indicadores do PAN devem ser monitorados pelo menos duas vezes durante a sua execução, correspondendo à metade do período de realização do plano e ao seu final.
- **Responsável:** Nome, cargo e instituição de quem será responsável por monitorar o indicador.
- **Data:** data (mês/ano) em que foi realizada a medição da meta.
- **Medição:** meta alcançada até o momento.
- **Responsável pela informação:** informar o nome da pessoa e a instituição que apresentou a informação sobre a execução da meta para preenchimento da matriz.
- **Ajustes na meta:** corresponde aos ajustes a serem feitos no campo "PLANEJADO" da matriz de metas, considerando a avaliação do Grupo Assessor, em razão de problemas na execução da meta e para melhor executá-la. Poderão ser reprogramados: indicador, linha de base, meta, meio de verificação, frequência de monitoria e responsável.
- **Recomendações Gerais:** Registrar sugestões e recomendações do Grupo Assessor que são relevantes à execução do plano de ação. Deve ser feita uma análise geral do plano de ação, indicando os pontos positivos e negativos, e sugerindo medidas a serem adotadas para superar as dificuldades de execução.



## Anexo III – Matriz de Monitoria

NOME DO PLANO DE AÇÃO:

OBJETIVO GERAL DO PLANO DE AÇÃO:

OBJETIVO ESPECÍFICO:											
PLANEJADO			MONITORIA							REPROGRAMAÇÃO	
Ação	Produto	Articulador	Período		Situação da ação na data do monitoramento	Descrição do andamento da ação	Produto obtido	Problemas enfrentados que justificam a não execução ou execução parcial da ação	Responsável pela informação sobre o andamento da ação	Ajustes nos campos de planejamento da ação	
			Início	Fim							
					Aguarda da ação prazo de início	Início ou andamento atrasado	Andamento com problema	Andamento no prazo	Concluída		

Recomendações Gerais:

- Definições dos termos da Matriz de Monitoria:
- Situação da ação na data da monitoria: Indica o estágio de implementação na data em que está sendo realizada a monitoria do PAN. As ações poderão ser classificadas em cinco categorias:
  - » Aguarda prazo de início (cor cinza): Ação cujo início de execução planejado é posterior ao período monitorado.
  - » Início ou andamento atrasado (cor vermelha): Ação não concluída no prazo previsto ou não iniciada na data planejada. Este tipo de ação requer uma avaliação se deverá ser mantida ou alterada.
  - » Andamento com problema (cor amarela): Ação cujo prazo de conclusão ainda não expirou, mas que, de acordo com o andamento de sua execução, não será possível concluir no prazo estipulado. Este tipo de ação requer uma reprogramação de período ou maior engajamento do articulador e colaboradores.
  - » Andamento no prazo (cor verde): Ação cujo prazo de conclusão ainda não expirou e, considerando o grau de execução, será finalizada dentro do prazo estipulado. Este tipo de ação não necessita de reprogramação.
  - » Concluída (cor azul): Ação finalizada. Este tipo de ação não necessita de reprogramação.
- Descrição do andamento da ação: Registrar as atividades realizadas ao longo da implementação da ação que contribuem diretamente para a elaboração do produto.
- Produto obtido: Registrar o(s) produto(s) obtido(s) com o término da execução da ação.
- Problemas enfrentados que justificam a não execução ou execução parcial da ação: Registrar os problemas enfrentados que justificam a não execução ou execução parcial da ação, visando identificar e aperfeiçoar a estratégia de execução para suplantá-los.
- Responsável pela informação sobre o andamento da ação: Informar nome da pessoa e instituição que apresentou a informação sobre a execução da ação para preenchimento da matriz.
- Ajustes nos campos de planejamento da ação: Corresponde aos ajustes a serem feitos na matriz de planejamento, considerando a avaliação do Grupo Assessor, em razão
- de problemas na execução da ação e para melhor executá-la. Poderão ser reprogramados: texto da ação, produto, período, articulador, colaboradores e custo estimado.
- Recomendações Gerais: Registrar sugestões e recomendações do Grupo Assessor que são relevantes à execução do plano de ação. Deve ser feita uma análise geral do plano de ação, indicando os pontos positivos e negativos, e sugerindo medidas a serem adotadas para superar as dificuldades de execução.